

FUNDAÇÃO
ULYSSES
GUIMARÃES



EUCLIDES DA CUNHA

conhecimento como condição para a construção do país



O PENSAMENTO POLÍTICO **BRASILEIRO**

2ª EDIÇÃO

BRÁSILIA
Fundação Ulysses Guimarães

2013

Editora

Fundação Ulysses Guimarães

Coordenação Geral

Eliseu Lemos Padilha

Organização

Elisiane da Silva

Gervásio Rodrigo Neves

Liana Bach Martins

Colaboração

Fundação Ulysses Guimarães - RS

Alexandre Rovinski Almoarqueg

Eduardo Bataglio Krause

Arte e diagramação

Riciély Soares

Revisão

Jolie de Castro Coelho

Revisão de texto

Tayana Moritz Tomazoni

T447

Euclides da Cunha: conhecimento como condição para a construção do país /
Organizado por: Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins.
– Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2012. (Coleção O Pensamento Político
Brasileiro; v.5).

310 p.

ISBN 978-85-64206-03-8 (Coleção completa)

ISBN 978-85-64206-07-6

1. Política: Brasil. I. Silva, Elisiane da. II. Neves, Gervásio Rodrigo. III. Martins,
Liana Bach. IV. Fundação Ulysses Guimarães. V. Título.

CDU 32(81)

Bibliotecária: Márcia Piva Radtke.

CRB 10/1557

Agradecimentos

JOÃO CANDIDO PORTINARI, Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Fundador e Diretor-Geral do Projeto Portinari, por ceder à Fundação Ulysses Guimarães o retrato de Euclides da Cunha, desenhado a nanquim bico-de-pena e nanquim pincel, por Candido Portinari em 1944.

MARCIA ZOLADZ, por ceder à Fundação Ulysses Guimarães o texto de Roberto Ventura.

Sumário

| | |
|---|-----|
| Palavra do presidente da Fundação..... | 09 |
| Euclides da Cunha e a República..... | 13 |
| I – Cronologia da época (1866/1909)..... | 37 |
| II – Cronologia de Euclides da Cunha..... | 43 |
| III – Pensamento de Euclides da Cunha..... | 51 |
| III.1 – Artigos de Euclides da Cunha..... | 51 |
| III.1.1 – Em viagem..... | 53 |
| III.1.2 – Heróis de ontem..... | 55 |
| III.1.3 – A pátria e a dinastia..... | 59 |
| III.1.4 – Revolucionários..... | 63 |
| III.1.5 – Atos e palavras..... | 67 |
| III.1.6 – Dia a Dia..... | 87 |
| III.1.7 – Cartas ao Redator do Jornal..... | 115 |
| III.1.8 – A nossa Vendaia..... | 119 |
| III.1.9 – O Brasil Mental..... | 133 |
| III.1.10 – As secas do Norte..... | 157 |
| III.2 – Programa de “o proletário” e mensagem aos trabalhadores..... | 175 |
| III.3 – Discurso de Posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro..... | 177 |
| III.4 – Obra <i>Contrastes e Confrontos</i> | 181 |
| III.4.1 – O Marechal de Ferro..... | 181 |
| III.4.2 – Anchieta..... | 189 |
| III.4.3 – Garimpeiros..... | 193 |

| | |
|--|-----|
| III.4.4 - Solidariedade sul-americana..... | 201 |
| III.4.5 - O ideal americano..... | 207 |
| III.4.6 - A esfinge..... | 213 |
| III.4.7 - Nativismo provisório..... | 221 |
| III.5 - Castro Alves em seu tempo..... | 227 |
| III.6 - Obra <i>À margem da História</i> | 257 |
| III.6.1 - “Brasileiros”..... | 257 |
| III.6.2 - Viação sul-americana..... | 275 |
| III.7 - A última entrevista..... | 299 |
| Bibliografia..... | 309 |

Palavra do presidente da Fundação

Nossa coletânea *O Pensamento Político Brasileiro* é enriquecida com este quinto volume, que possibilita um pouco do magistral Euclides da Cunha.

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, embora tivesse pensado em ingressar nas atividades políticas parlamentares, certamente com prestigiados apoios, dedicou-se – apesar de suas muitas dificuldades materiais – a observar, pensar e a expressar o que via, superando as emoções com a razão. Nesse trabalho árduo – que ele soube enfrentar –, conseguiu refazer seus juízos por meio da vigorosa crítica resultante de minuciosas e integradas observações. Foi o trabalho de um intelectual atuante.

A elaboração, e por que não a reelaboração de *Os sertões*, a partir de suas reportagens para o jornal *O Estado de São Paulo*, foi obra de pura observação e crítica, com primeira edição paga pelo próprio autor. Obra que, na observação de Silvio Romero, “*nada deve à crítica indígena: porque esta não o compreendeu cabalmente*”.

Não publicamos aqui trechos de *Os sertões*, porque ela é obra que deve ser integralmente lida, pensada, absorvida e criticada no contexto de sua época. A formação do brasileiro passa, com certeza, pela leitura de *Os sertões*. O que transcrevemos*, por meio do trabalho da comissão organizadora desta coleção, são traços e passagens da intensa vida intelectual de Euclides, sempre vinculada à outra atividade profissional, desde sua adolescência até sua trágica morte aos 43 anos de idade.

*Os textos de Euclides da Cunha transcritos nesta segunda edição da coletânea *O Pensamento Político Brasileiro* são os mesmos apresentados na primeira edição. Todavia, tivemos de realizar a correção de alguns erros resultantes de diagramação, o que não alterou a transcrição dos escritos originais de Euclides da Cunha constantes nas fontes das quais extraímos os textos.

Apesar da opção pelo relato de passagens, os textos aqui apresentados não compõem uma “seleta”; são, na verdade, fragmentos selecionados que, quando reunidos, identificam um intelectual absolutamente original, um *“escritor fortalecido pelo traquejo científico, enriquecido pela cultura sociológica, aguçado pela especialização geográfica”*, como observou Gilberto Freyre.

Tenho a satisfação de apresentar, em nome da Fundação Ulysses Guimarães, a republicação, neste livro, do ensaio de Eduardo Ventura que, ao falecer muito jovem, em agosto de 2002, deixou registrado no seu computador os originais, ainda em trabalho, do livro que recebeu o título de *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. O livro foi, então, organizado para publicação pela Editora Companhia das Letras a partir do esforço da jornalista Márcia Soladz, viúva de Eduardo Ventura, e do empenho dos amigos Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. Essa generosidade, na verdade essa solidariedade diante do esforço de divulgação do pensamento político de Euclides da Cunha, deve ser respondida com o nosso agradecimento, reconhecimento que também se dirige a João Candido Portinari, por oferecer o retrato desenhado por seu pai para compor a capa deste livro.

Para fechar com chave de ouro este texto, fazemos um registro: propiciamos aqui, neste volume, o encontro de três paulistas eméritos, três almas que bem retratam o espírito brasileiro: Euclides da Cunha, Candido Portinari e Ulysses Guimarães. Sem dúvida um encontro que revela que a coragem, o amor, o trabalho e a solidariedade com o povo brasileiro brotam naturalmente de cada um desses partícipes da história nacional.

Boa leitura.

Eliseu Padilha
Presidente da Fundação Ulysses Guimarães



Euclides da Cunha e a República¹

Roberto Ventura²

A REVISÃO DA REPÚBLICA é central na obra de Euclides da Cunha, revelando uma preocupação que o autor manteve ao longo da vida. Está presente nos artigos que escreveu para jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, de 1888 a 1892, e na maior parte de seus livros. Discutiu o regime republicano não só em *Os Sertões* (1902), narrativa crítica da guerra de Canudos, como em *Contrastes e Confrontos* (1907). Também realizou essa discussão na terceira parte de *À Margem da História* (1909), em que tratou da história política no período entre duas proclamações: a da Independência e a da República.

Passou da militância pela República à descrença nos rumos do novo regime, numa mudança que se deu em pouco mais de dez anos, de 1886 a 1897, entre o início dos estudos militares e a cobertura da guerra de Canudos. Sua saída do Exército, em 1896, foi parte de seu crescente distanciamento frente à

¹ Texto por Roberto Ventura no seminário da Área de História Cultural realizado em 29 de abril de 1994 no IEA-USP Estud. av. vol.10, nº 26 São Paulo, Jan./Apr. 1996.

² Pesquisador, professor e ensaísta de literatura, nascido no Rio de Janeiro em 1957. Um dos principais estudiosos da obra de Euclides da Cunha no país. Mestre pela PUC-RJ; doutorados na USP e na Universidade de Rühr, em Bochum, na Alemanha. Foi articulista da Folha entre 1988-1990 e professor da Universidade de São Paulo em 1999, quando se tornou livre docente. Colaborava com diversas publicações acadêmicas. Sua primeira obra de importância foi *História e Dependência: Cultura e Sociedade em Manoel Bonfim* (1984), em parceria com Flora Süssekind. Três anos depois publicou *Escritores, Escravos e mestiços em um País Tropical*, também sobre a formação da crítica literária no país e sobre os principais debates intelectuais na virada do século XIX para o XX. Depois vieram *Estilo Tropical* (1991), *Folha Explica Casa-Grande & Senzala* (2000) e o póstumo *Folha explica Os sertões* (2002). Morreu vítima de um acidente de carro no interior do estado de São Paulo em 2002.

corporação e à República, que os cadetes da Escola Militar e os jovens oficiais tinham ajudado a fundar. Resultou também de sua inaptidão para a carreira militar, que exigia o respeito, ainda que cego, às hierarquias corporativas, mesmo nos casos em que a autoridade se impunha pela força e pelo arbítrio. Este distanciamento se revelou em Os sertões, em que denunciou as tropas republicanas pelo massacre dos habitantes de Canudos, seguidores do beato Antônio Conselheiro.

Na Praia Vermelha

Euclides ingressou em 1886 na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, centro de irradiação de ideias positivistas e republicanas. Foi aluno de Benjamin Constant, professor de cálculo, positivista não ortodoxo, um dos líderes do golpe da proclamação. Foi desligado da carreira militar em dezembro de 1888 por ato de insubordinação durante a revista das tropas pelo ministro da Guerra. O comandante da Escola, o general Clarindo de Queirós, tinha proibido os cadetes de participarem de manifestação ao propagandista republicano Lopes Trovão, que retornava ao Rio, vindo da Europa. Para impedir a saída dos jovens da escola, foi marcada inspeção das tropas pelo ministro. Euclides, com 22 anos, saiu de forma durante a revista, atirando ao chão o sabre-baioneta após tentar sem sucesso parti-lo sobre a perna, e interpelou o ministro Tomás Coelho sobre a política de promoções no Exército.

O ambiente na Escola Militar era de insatisfação e rebeldia, tanto por causa das simpatias republicanas dos cadetes, quanto pela ausência de promoções para o posto de alferes-aluno desde 1885, devido aos cortes no orçamento do Ministério da Guerra nos últimos anos da monarquia. O

título de alferes-aluno era concedido aos alunos aprovados com boas notas nos dois anos iniciais do curso. Além de ser o primeiro posto com fardamento especial, representava a ascensão por mérito próprio, com aumento substancial nos vencimentos. Era, segundo um colega de Euclides, o depois general Augusto Tasso Fragoso, “a maior aspiração e a maior glória do estudante militar”³.

Com o atraso nas promoções, o governo ignorava os direitos de três turmas de alunos, prejudicando sobretudo os que vinham de famílias remediadas, como Euclides, sem recursos para frequentar as escolas preferidas pelos filhos das elites, como a Escola Politécnica no Rio de Janeiro, ou as Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife. Euclides tinha se matriculado na Politécnica em 1885 e acabou se transferindo, por razões econômicas, para a Escola Militar, já que esta oferecia soldo, além de alojamento, comida e parte dos uniformes.

O futuro autor de *Os sertões* foi o centro de uma controvérsia, que se somou aos muitos atritos, desde 1884, entre o Exército e o governo, sobre o direito dos militares de darem livre expressão às suas ideias. A *Gazeta de Notícias* divulgou o incidente, logo comentado por outros jornais. A Província de S. Paulo referiu-se ao ocorrido em artigo com o bem-humorado título de “Trovoada militar”, em alusão ao republicano Lopes Trovão. O jornal paulista considerava, porém, o fato da maior gravidade, indicativo das disposições antimonárquicas dos militares.

O governo tentou abafar o episódio, afirmando que se tratara apenas do acesso nervoso de um estudante muito esforçado. O senador Silveira Martins, que presenciara o protesto de Euclides, leu, no Congresso, carta do ministro da Guerra,

³ CASTRO, Celso. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995, p. 42 e ss.

que negava a significação política do ato e dizia não ter sido atingido pela arma. Já o deputado Joaquim Nabuco disse, na Câmara, que o governo não deveria permitir que uma instituição mantida pelo Estado se tornasse um foco de agitação revolucionária.

Outras minúcias do episódio se tornaram objeto de debates na imprensa e no parlamento. Discutia-se se Euclides havia conseguido, ou não, partir a arma sobre a perna ou o joelho, como se tal ato tivesse um valor simbólico de quebra da lealdade com a monarquia. O dramaturgo Artur de Azevedo ironizou a controvérsia em crônica no Diário de Notícias: “Quem falou verdade nessa questão da Escola Militar? A Gazeta de Notícias? O governo? O sr. Silveira Martins? O sr. Joaquim Nabuco? De que lado está a deusa nua com um espelinho na mão? O aluno Euclides da Cunha quebrou a baioneta, ou amolgou o sabre? Arremessou a arma aos pés do sr. ministro da Guerra ou quis com ela furar a pança de S. Ex.?...”⁴.

Sob o pretexto de incapacidade física, Euclides foi desligado do Exército, após seu pai ter interferido junto ao Imperador para que não fosse aplicada a pena de enforcamento prevista no código militar. Contou, muitos anos mais tarde, ao político e diplomata Gastão da Cunha, que seu protesto fazia parte de um plano de rebelião, estabelecido com outros colegas, para proclamar a República. Pretendiam revoltar toda a escola, prender o ministro da Guerra e marchar até o palácio de São Cristóvão, onde acreditavam que pudessem prender o Imperador e fundar um novo regime político⁵.

⁴ Cit. por Eloy Pontes. *A vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938, p. 79.

⁵ Diário de Gastão da Cunha. Manuscrito. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1907 (Rio de Janeiro, Coleção Miguel Gastão da Cunha).

Propaganda política

Euclides ganhou certa notoriedade com o incidente. Foi convidado por Júlio Mesquita, para escrever coluna política nas páginas de *A Província de S. Paulo*, que deu origem ao atual *O Estado de S. Paulo*, então engajado na causa republicana. Estreou na imprensa diária com artigos de proselitismo político, em que atacava o Imperador e a família real e pregava a necessidade de revolução política. Acreditava ser inevitável a substituição da monarquia pela República, em conformidade com as leis gerais da evolução política.

Seu primeiro artigo, “A pátria e a dinastia”, saiu em 22 de dezembro de 1888. Comentava a transferência de tropas para o Mato Grosso sob o comando do marechal Deodoro da Fonseca, presidente do Clube Militar, enviado para um mal disfarçado exílio político. A ação do governo de dispersar o Exército para enfraquecê-lo não impediria, segundo Euclides, a lei da evolução de seguir o seu curso “fatal” e “inexorável”: “Desiluda-se pois, o governo; a evolução se opera na direção do futuro”⁶.

Acreditava ser inevitável a passagem da monarquia à República. Sua formação positivista e evolucionista o levava à crença fatalista em uma série linear de etapas do desenvolvimento humano. A República seria introduzida ou pela via pacífica, de forma evolutiva, ou com o uso da força, pela via revolucionária. Escreveu em uma série de artigos de janeiro de 1889: “sabemos que a República se fará hoje ou amanhã, fatalmente como um corolário de nosso desenvolvimento; hoje, calma, científica, pela lógica, pela convicção: amanhã... Amanhã será preciso quebrar a espada do senhor Conde d’Eu”⁷.

⁶ Euclides da Cunha. *A pátria e a dinastia* (22 dez. 1888). In: *Obra completa*, v. 1. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, p. 545.

⁷ Id. *Atos e palavras* (15 jan. 1889). In: *Obra completa*, v. 1, Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, p.555.

Procurou precisar sua concepção de República, mas não foi além de definições vagas e genéricas de “governo do povo pelo povo”. Acreditava que tal governo teria de ser “naturalmente aristocrático”, como resultado de uma democracia dos talentos: “E o governo de todos por alguns – mas estes são fornecidos por todos”⁸. Tal conceito de uma aristocracia do mérito era cara aos militares, cuja carreira trazia possibilidades, bastante raras à época, de ascensão social por mérito próprio. Sem entrar em detalhes sobre forma e sistema de governo, retomava a acepção genérica de República como “coisa pública”, baseada na soberania do povo, que delegava o poder a representantes eleitos.

Euclides saudou, em 1º de janeiro de 1889, o novo ano com o artigo intitulado “89”. Fazia o paralelo entre 1789, ano da Revolução Francesa, e 1889, com as comemorações de seu centenário. Julgava necessária uma revolução política, como a ocorrida na França, capaz de apressar a evolução para a República⁹.

A Revolução Francesa esteve presente no imaginário dos republicanos brasileiros. Jornais, como a Gazeta de Notícias e A Província de S. Paulo, publicaram, em 1889, narrativas de episódios da derrubada do Antigo Regime na França, retiradas das obras de Taine, Michelet e Aulard. O aniversário da queda da Bastilha era comemorado, no Rio e em São Paulo, com passeatas ao som da Marselhesa, a canção revolucionária preferida dos cadetes da Escola Militar.

Tal paralelo entre a Revolução Francesa e a República brasileira teve trágicas consequências, oito anos depois, na guerra de Canudos, quando o governo, o Exército e, em

⁸ Id., *ibid.* (11 jan. 1889), p. 551.

⁹ Id. *ibid.* (1 jan. 1889), p. 547 e ss.

parte, o próprio Euclides acreditaram estar lutando, nos confins da Bahia, contra a restauração monárquica. Esta é a tônica dos dois artigos “A nossa Vendeia”, que Euclides publicou em O Estado de S. Paulo, em março e julho de 1897, antes de ser enviado como correspondente ao local do conflito. Comparou Canudos à Vendeia, sublevação camponesa, monarquista e católica, ocorrida na Revolução Francesa, de 1793 a 1795.

A comparação garantia, pela crença na repetição da história, a certeza da vitória sobre os rebeldes do Conselheiro: “Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova”¹⁰. Cinco anos depois, em Os sertões, Euclides criticou tal confronto entre Canudos e a Vendeia, ao descartar a ideia de uma conspiração monárquica e mostrar que a rebelião dos seguidores de Antônio Conselheiro era muito mais mística e religiosa do que propriamente política.

Em “Um velho problema”, ensaio que publicou no Estado em 1º de maio de 1904, dia do trabalho, manifestou sua adesão ao socialismo científico de Karl Marx, com argumentação evolucionista semelhante à que empregara antes contra a monarquia. Acreditava que as “indicações inabaláveis” de Marx eram o resultado de uma “análise rigorosa dos materiais objetivos”. Julgava agora que a Revolução Francesa tinha traído seus ideais ao não ter colocado limites à propriedade burguesa e ter sido incapaz de promover uma distribuição mais equitativa da riqueza. Previa assim a futura superação da sociedade burguesa por meio da revolução socialista, cujo triunfo era “inevitável”: “Garantem-no as leis positivas da sociedade”. A Revolução Francesa tinha oferecido ainda

¹⁰ Id. A nossa Vendeia (14 mar. 1897). In: *Canudos: diário de uma expedição*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939, p. 167.

“o espetáculo singular de repudiar, desde os seus primeiros atos, os seus próprios criadores”, referindo-se à devoração dos líderes pelo processo político, o que poderia ser aplicado também à República brasileira¹¹.

Ruína dos ideais

Euclides só soube da proclamação da República na manhã do dia seguinte, 16 de novembro, através dos jornais e de um colega da Politécnica, que voltara a cursar após o desligamento do Exército. O colega, sobrinho do major Sólon Ribeiro, contou-lhe os detalhes da revolução e o convidou para reunião, à noite, na casa do tio. Esteve, na tarde do mesmo dia, no quartel-general, com o marechal Deodoro da Fonseca, líder do movimento, nomeado presidente do novo regime. Foi recebido afetuosamente como o cadete que tentara quebrar a espada e que contribuía para a causa nas páginas da Província. Deodoro queria que Euclides fosse reintegrado às armas e voltasse a usar farda, para reparar a injustiça que sofrera há quase um ano. Euclides conseguiu um cavalo para ir até a Escola Militar e pegar um uniforme emprestado nos cabides dos alojamentos. Voltou ao quartel-general, para se juntar aos antigos colegas que desfilavam pela cidade, com roupa e quepe bem maiores do que seu número, num desajuste simbólico de seu desconforto na carreira militar¹².

¹¹ Id. Um velho problema (1 maio 1904). In: *Contrastes e confrontos (1907)*. Porto, Magalhães & Moniz, 1913, p. 314 e ss.

¹² Olímpio de Souza Andrade. *História e interpretação de Os sertões*. São Paulo, EDART, 1966, p. 49-50. Félix Pacheco. Dois egressos da farda: o sr. Euclides da Cunha e o sr. Alberto Rangel (1909). In: Alberto Rangel et al. *Por protesto e adoração*. In memoriam de Euclides da Cunha. São José do Rio Pardo, Grêmio Euclides da Cunha, 1919.

Euclides retornou ao Exército após a proclamação, com o apoio do major Sólon e de seus colegas da Escola Militar, que encaminharam pedido de reintegração a Benjamin Constant, seu antigo professor, ministro da Guerra do governo provisório. Encontrou-se com Benjamin no dia 17 para falar de sua volta à carreira, sendo readmitido dois dias depois. Logo recebeu, no dia 21, a esperada promoção a alferes-aluno, que dera origem a seu protesto um ano antes.

Matriculou-se, em janeiro de 1890, na Escola Superior da Guerra e prestou exames para concluir, em março, o curso de artilharia. Foi promovido a segundo-tenente, em abril, cinco meses após a proclamação, beneficiado pela política de rápidas promoções para os cadetes e jovens oficiais próximos a Deodoro, tornada possível com a reforma dos oficiais superiores, mesmo que aptos a continuar na ativa. Concluiu o curso de estado-maior e engenharia em janeiro de 1892, quando se formou bacharel em matemática e ciências físicas e naturais e recebeu a promoção a primeiro-tenente, seu último posto na carreira.¹³

Euclides, com 23 anos, conheceu Ana, sua futura mulher, então com 14 anos, no dia seguinte à proclamação, na reunião na casa do major Frederico Sólon Sampaio Ribeiro, um dos oficiais de maior atuação no golpe militar. Casaram-se em setembro de 1890, após a sua promoção para o posto de segundo-tenente. Sólon tinha participado das reuniões de preparação do movimento desde o início de novembro, estando presente em dois encontros decisivos, em 11 novembro, na casa do marechal Deodoro da Fonseca, em que foi escolhido o ministério do governo provisório, e no largo de São Francisco, no dia 14, com Quintino Bocaiúva e Benjamin Constant, em que foi decidida a antecipação do golpe para

¹³ Repartição de Ajudante General. Coleção das Ordens do Dia. Rio de Janeiro, 1890-1893.

o dia seguinte, devido aos rumores de que o governo fazia preparativos para deter a rebelião.

Ante a hesitação de Benjamin, que queria adiar o golpe por alguns dias, Sólon tomou, junto com Bocaiúva, a decisão de precipitar os acontecimentos. Espalhou boatos, no final da tarde de 14 de novembro, sobre a iminente prisão de Deodoro e de Benjamin e o envio de forças policiais contra a 2ª brigada em São Cristóvão, de modo a levantar as tropas contra o governo. Era o comandante de um dos regimentos de cavalaria sediados em São Cristóvão, que se dirigiu ao Campo de Santana – hoje Praça da República – na madrugada de 15 de novembro, para prender os ministros reunidos no quartel-general e derrubar o governo. Foi ainda o portador, em 16 de novembro, da mensagem do governo provisório a d. Pedro II, que comunicava a sua deposição e o banimento do país, tendo acompanhado, na madrugada do dia 17, o embarque da família real rumo a Lisboa¹⁴.

A primeira carta de Euclides de que se tem notícia foi escrita ao pai, o fazendeiro Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, em 14 de junho de 1890. Tratava de assuntos políticos e sentimentais. Anunciava o casamento com Ana, filha do major Sólon. A conselho do sogro, tinha se afastado de algumas ligações políticas e não mais escrevia para o jornal Democracia, em que criticara, poucos meses antes, as primeiras medidas do novo governo. Para ele, o país estava entrando em um “desmoralizado regime da especulação”, que permitia “pensar-se em tudo”, “menos na Pátria”.

¹⁴ Quintino Bocaiúva. Como se fez a República. In: *A ilustração brasileira (Rio de Janeiro)*, n. 12, p. 211-213, 15 nov. 1909. Anfriso Fialho. *História da fundação da República no Brasil*. Brasília, Ed. da Univ. de Brasília, 1983. Tobias Monteiro. *Pesquisas e depoimentos para a história*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSE, 1982.

Atacava ainda, na carta ao pai, Benjamin Constant, seu antigo ídolo, pelo qual fora capaz de se sacrificar e que agora nomeava parentes e conhecidos: “perdeu a auréola, desceu à vulgaridade de um político qualquer, acessível ao filhotismo, sem orientação, sem atitude, sem valor e desmoralizado”. Via, por toda parte, corrupção e decomposição capazes de aniquilar as mais sólidas individualidades: “Eu creio que se não tivesse a preocupação elevada e digna que me nobilita, teria de sofrer muito, ante esse descabro assustador, ante essa tristíssima ruína de ideais longamente acalentados...”¹⁵

Nos artigos publicados em *Democracia*, de março a junho de 1890, atacara alguns atos do governo provisório, como o decreto que concedia a d. Pedro II um adiantamento pelo espólio de seus bens, que o ex-Imperador altivamente recusou. Para Euclides, o dinheiro da República iria servir para subvencionar a monarquia que havia sido abatida, deportada e banida em hora feliz para o país. Os mesmos sentimentos de desolação e tristeza, confessados ao pai, transparecem nesses artigos: “A luta (...) começa a perder a sua feição entusiástica e a inocular-nos o travor das primeiras desilusões”¹⁶.

Para combater tamanha desesperança, tomava, como guia, a verdade luminosa dos ideais elevados e da retidão de caráter, “linha reta”, que procurou traçar ao longo da existência. Exprimia por meio de tal imagem, frequente nas cartas aos amigos e familiares, a fidelidade aos princípios éticos

¹⁵ Euclides da Cunha. Carta ao pai (Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha). Rio de Janeiro, 14 jun. 1890 (São José do Rio Pardo, Casa de Cultura Euclides da Cunha). In: Oswaldo Galotti e Walnice Nogueira Galvão (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo, EDUSP, no prelo.

¹⁶ Id. O ex-Imperador (3 mar. 1890). Sejamos francos (18 mar. 1890). In: *Obras completas*. v. 1, p. 567-569.

aprendidos com o pai, que entravam em choque, muitas vezes, com as exigências da vida profissional ou política.

A política financeira dos ministros da Fazenda do marechal Deodoro da Fonseca, Rui Barbosa e Barão de Lucena, provocou uma euforia especulativa, chamada de encilhamento, em analogia à preparação dos cavalos antes da corrida. Rui Barbosa autorizou, em 17 de janeiro de 1890, os bancos privados a emitirem dinheiro, dando início a uma série de decretos que foi modificando ao longo de sua gestão. As medidas trouxeram inflação galopante, desconhecida no país desde a década de 1820, com desvalorização da moeda, especulação com títulos e papéis, abertura e fechamento de empresas fantasmas. Diversos contemporâneos de Rui criticaram o decreto como um ato escandaloso de favorecimento às empresas do Conselheiro Mayrink, que recebia não só privilégios bancários como inúmeras facilidades para negócios com terras públicas e contratos de construção. O banco de Mayrink passou a ostentar, a partir do final de 1890, o nome muito significativo de Banco da República...¹⁷.

Em 3 de novembro de 1891, o marechal Deodoro fechou o Congresso, que rejeitara a proposta do governo de conceder nova autorização ao Banco da República para emissão de moeda. O ato de Deodoro foi chamado à época de golpe da Bolsa. Os deputados pretendiam ainda derrubar o veto oposto à lei sobre crimes de responsabilidade, o que tornaria possível denunciar o próprio presidente da República. O golpe da Bolsa foi seguido pelo contragolpe da Marinha, no dia 23 do mesmo mês, que derrubou Deodoro e levou à Presidência seu vice-presidente, o marechal Floriano Peixoto.

¹⁷ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Rui: o homem e o mito*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. CARONE, Edgar. *A República Velha: instituições e classes sociais*.

Euclides da Cunha participou, de forma secundária, do contragolpe de 23 de novembro, comparecendo a algumas reuniões de preparação da conspiração na casa do vice-presidente. Após a vitória do contragolpe, Floriano enviou o então coronel Sólon a São Paulo para depor o governo estadual que apoiara o golpe de Deodoro. Floriano chegou a convidar Euclides para ocupar cargo político, mas este recusou a oferta, pedindo apenas o que a lei previa para os recém-formados da Escola Superior de Guerra: um estágio na Estrada de Ferro Central do Brasil¹⁸.

Sólon foi promovido ao posto de general em 10 de abril de 1892. No mesmo dia, um grupo de civis e oficiais organizou uma manifestação a Deodoro, com o objetivo de reconduzi-lo à Presidência. O movimento foi financiado pelo grupo que rodeava o Barão de Lucena, ex-ministro da Fazenda, e os banqueiros Conde de Figueiredo e Conselheiro Mayrink, cujos negócios foram prejudicados pela nova política financeira do governo de Floriano. Foi rápida a reação do governo, prendendo e banindo suspeitos, deportados para pontos distantes da Amazônia. Alguns dias antes, em 5 de abril, treze generais haviam assinado manifesto, em que exigiam novas eleições presidenciais e denunciavam a deposição dos governos estaduais. Todos os signatários foram mandados para a reserva.

O jornal jacobino Figaro, de Medeiros de Albuquerque, publicou uma charada com um boato que envolvia Sólon na conspiração de 10 de abril: “Um dos 7 sábios da Grécia / General Manque / Denuncia feminina / 400 contos”¹⁹.

¹⁸ Euclides da Cunha. O marechal de ferro (29 jun. 1904). In: *Obra completa*, v. 1, p. 106-110. Id. Carta a Lúcio de Mendonça, 1904. In: *Obra completa*, v. 2, p. 640-641.

¹⁹ Túlia Teixeira Ribeiro. *Boato*. Manuscrito (Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

Diversos boatos acusavam Sólon de ter traído o golpe, apropriando-se do dinheiro destinado a subornar as tropas contra o governo. Os rumores diziam ainda que a conspiração fora denunciada pela condessa de Leopoldina, mulher do conde, que se encontrava foragido devido à falência da estrada-de-ferro que dirigia. Sólon foi objeto de investigação secreta, mas acabou inocentado de envolvimento na conspiração em fevereiro de 1893, após ter exigido pelos jornais um conselho de guerra.

Euclides defendia, neste mesmo momento, pela imprensa, a legalidade do governo do marechal Floriano, envolvido na controvérsia jurídica sobre a legalidade de seu mandato como vice-presidente. Escrevia não mais como revolucionário, mas como situacionista, que via na permanência de Floriano no poder a possibilidade de consolidação da República. Mostrava-se favorável, em artigos publicados no Estudo em março e abril de 1892, a uma “política conservadora”, capaz de garantir o “estabelecimento da ordem”. Atacou os opositores de Floriano, que comparava aos camponeses rebeldes da Vendaia: “A República brasileira tem também a sua Vendaia perigosa.” Mas tinha certeza da vitória do governo, recorrendo ao mesmo paralelo histórico que iria aplicar mais tarde a Canudos: “A República vencê-los-á, afinal, como a grande revolução à Vendaia”...²⁰

A Revolta da Armada estourou, em 6 de setembro de 1893, na capital da República, opondo a Marinha e o Exército, que se enfrentaram até março do ano seguinte. Euclides atuou, como tenente, a serviço das forças legais, encarregado de construir trincheiras e fortificações no Rio. Floriano ordenou a prisão de seus opositores, dentre eles, o general Sólon

²⁰ Euclides da Cunha. Dia a dia (5 e 6 abr. 1892). In: *Obra completa*, v. 1, p. 591-594.

Ribeiro, suspeito de envolvimento com os rebeldes. Sólon, então deputado, havia apresentado projeto de lei à Câmara, incompatibilizando os militares com os cargos políticos, com o objetivo de barrar a candidatura de Floriano às eleições presidenciais em 1894. Foi mantido encarcerado por cerca de um ano e só foi inocentado no final do governo de Floriano.

A revolta repercutiu na carreira militar e na vida familiar de Euclides, que teve atritos e divergências com os sogros, Túlia e Sólon, por conta de possíveis questões políticas. Durante a prisão de Sólon, escreveu a Túlia, pedindo que o seu nome não fosse mais pronunciado na casa dos sogros. Desejava ser completamente esquecido... Sentia-se vítima de “calúnias” e de uma “surda e traiçoeira conspiração”. Fazia ainda um dramático desabafo: “Depois da triste desilusão que sofri, só tenho uma ambição; afastar-me, perder-me na obscuridade a mais profunda (...). Quando se terminar a agitação da nossa terra eu realizarei ainda melhor este objetivo, procurando um recanto qualquer dos nossos sertões”²¹.

Confessava, um mês antes, em carta ao pai: “Meu pai, eu sinto o maior abatimento”. Sofria de tosse insistente, causada pela tuberculose, e dizia levar uma vida miserável, sem higiene ou alimentação regular, por conta desta “maldita revolta que a tantos tem feito sofrer”. Devido aos combates em Niterói e no Rio de Janeiro, não tinha conseguido obter licença médica.²²

Euclides não chegou a visitar o sogro na prisão, recolhido na Fortaleza da Conceição em condições precárias, junto com

²¹ U. Carta a Túlia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro, 7 jan. 1894. In: Oswaldo Galotti e Walnice Nogueira Galvão (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*.

²² Id. Carta ao pai (Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha). Rio de Janeiro, 11 dez., 1893 (São José do Rio Pardo, Casa de Cultura Euclides da Cunha). In: Oswaldo Galotti e Walnice Nogueira Galvão (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*.

outros inimigos de Floriano. Nas cartas escritas do cárcere, o general se queixava a Túlia do genro “imprestável”, incapaz de ir vê-lo ou mesmo de lhe escrever. Como o governo impunha severas restrições às visitas aos presos políticos, era difícil, senão impossível, que um oficial do Exército, a serviço do governo, recebesse permissão para se encontrar com um general opositor preso. Ainda assim teve a coragem e a ousadia de solicitar, em outubro de 1893, entrevista ao marechal Floriano, para pedir garantias de vida para o general Sólon, pois corriam notícias de que havia sido ordenado o seu fuzilamento.

Só escreveu a Sólon em junho de 1894, nove meses após sua prisão, para lhe recomendar que não aceitasse a transferência anunciada para Mato Grosso. O próprio Euclides já se encontrava fora do Rio, transferido para a pequena cidade de Campanha, no interior de Minas Gerais, como punição por duas cartas enviadas à Gazeta de Notícias, em fevereiro de 1894, em que protestou contra a execução dos prisioneiros políticos, pedida pelo senador João Cordeiro.

Desgostoso com a carreira militar, pediu licença do Exército em 1895 e reforma no ano seguinte no posto de tenente, com direito à terça parte do soldo. Trabalhou como engenheiro estadual em São Paulo até 1904, e como chefe da expedição ao Purus e cartógrafo do Itamaraty de 1904 a 1909. Enfrentou inúmeras dificuldades, trazidas pelas sucessivas viagens e pelos limitados vencimentos que mal cobriam o orçamento doméstico. Só encontrou colocação profissional estável, com residência fixa, ao ingressar no Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional, como professor de lógica em julho de 1909, menos de um mês antes da morte.

A República em Os sertões

A crítica de Euclides aos desvios da política republicana se radicalizou em *Os sertões*, publicado em 1902, em que acusou os governos federal e estadual e sobretudo o Exército pelo genocídio dos habitantes de Canudos. Narrava a guerra de Canudos, travada no sertão da Bahia de novembro de 1896 a outubro de 1897, cujos momentos finais presenciara, cinco anos antes, como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*.

O livro surpreendeu tanto pelo cuidado estilístico e literário, com uma escrita altamente expressiva e imagética, quanto pela amplitude dos assuntos tratados. Além de relatar a guerra, o engenheiro-escritor mostrava ambições de historiador e de cientista, abordando o clima e a vegetação do semiárido, a raça, o homem e os costumes do sertão, a formação de Canudos e a biografia do Conselheiro. Discutia ainda a fundação da República por meio de um golpe militar e os problemas que tal origem trouxera ao novo regime. Criticava, de forma aguda, quer o militarismo dos primeiros governos, quer o liberalismo artificial de uma Constituição que as elites civis violentavam por meio de fraudes e manipulações eleitorais.

Tais posições políticas o aproximavam dos políticos reunidos em torno de Júlio Mesquita e de *O Estado de S. Paulo*, no qual dera início à sua atividade jornalística. Foi este jornal que o enviou a Canudos como correspondente de guerra. Foi ainda com *O Estado* que o escritor mais colaborou, com artigos políticos e ensaios históricos ou científicos.

Júlio Mesquita foi um dos líderes, junto com Alberto Sales, antigo dono da Província, da dissidência paulista, que reuniu, de 1901 a 1906, políticos que se opunham às fraudes eleitorais

²³ Paulo Duarte. *Júlio Mesquita*. São Paulo, HUCITEC, 1977.

inauguradas com a política dos governadores do presidente Campos Sales (1898-1902). O deputado Júlio Mesquita pregou, por meio de seu jornal, a revisão da Constituição, como forma de corrigir o falseamento do sistema representativo. Atuou ainda na campanha civilista de 1909, que lançou a candidatura de Rui Barbosa, em oposição ao marechal Hermes da Fonseca, vitorioso nas eleições presidenciais de 1910.²³

Euclides criticou, em *Os Sertões*, a ação do Exército, no interior da Bahia, contra os seguidores do Conselheiro. A guerra prolongou, para ele, a “desordem” criada por Floriano, para combater outra “desordem”: a Revolta da Armada. Canudos teria sido o resultado da instabilidade dos primeiros anos de uma República, decretada “de improviso” e introduzida como “herança inesperada” ou “civilização de empréstimo”, que copiava os códigos europeus. Em trecho de *Os sertões*, que não foi incluído na versão final do livro, observou que o novo regime fora incapaz de romper com o passado: “A República poderia ser a regeneração. Não o foi. (...) a velha sociedade não teve energia para transformar a revolta feliz numa revolução fecunda”²⁴.

Sua crítica à República trazia implícita a revisão de suas próprias posições políticas, marcadas pela adesão a um conjunto de crenças científicas e filosóficas, que se materializaram no movimento republicano. O positivismo do filósofo francês Auguste Comte e o evolucionismo do inglês Herbert Spencer foram as duas concepções científicas e filosóficas a que Euclides aderira, no final da década de 1880, como cadete da Escola Militar e jovem oficial do Exército no início dos anos 90. A Revolução Francesa serviu a Euclides

²⁴ Euclides da Cunha. Manuscrito inédito de *Os sertões* (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional). Publicado em: Leopoldo Bernucci. *A imitação dos sentidos*: prólogos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo, EDUSP, 1995.

e a muitos dos republicanos de inspiração para a derrubada do “Antigo Regime” no Brasil, representado pela realeza hereditária e por uma monarquia constitucional acusada de arbítrio político.

Esta mistura de credos – Revolução Francesa e filosofias positivista e evolucionista – fortalecia sua fé no caráter redentor das revoluções políticas, na evolução da humanidade através de uma série linear de etapas históricas. A República surgia, aos seus olhos e aos de seus colegas da Escola Militar, como a salvação da nação brasileira, que traria a reparação da honra da corporação, cujos cadetes e jovens oficiais se sentiam indignados com os baixos salários e com a lentidão nas promoções.

Mas a República era também a mulher amada com que os cadetes sonhavam. Esta personificação feminina da República, meio revolucionária e meio romântica, foi um dos traços que os republicanos brasileiros importaram da Revolução Francesa. Euclides e seus colegas tinham predileção pela poesia romântica e admiravam Victor Hugo, cuja morte foi pranteada na Escola Militar. Já em 1883, Euclides, aluno do Colégio Aquino no Rio, escreveu uma série de poemas com o título de Ondas, que enaltecem heróis da Revolução Francesa e trazem marcas românticas como a valorização do indivíduo, capaz de fazer e transformar a história.²⁵

Sua revisão da República resultou de uma longa e sofrida reelaboração, em que deixava transparecer certa dose de culpa ou remorso pelo silêncio cúmplice a que precisou se submeter. Tanto em Os sertões, como nos ensaios “A esfinge”

²⁵ José Murilo de Carvalho. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Os poemas de *Ondas* foram parcialmente publicados em: Euclides da Cunha. *Obra completa*, v. 2.

e “O marechal de ferro”, em que criticou o autoritarismo político de Floriano, irrompe uma escrita represada e remoída, que só pôde ser traçada sob a luz fria da reflexão, depois de extintos os fatos e muitos de seus personagens. Defrontou-se, no calor da hora, com a impossibilidade de erguer a voz ou de brandir a pena contra os desmandos de um regime político, em que desapareciam os contornos entre heróis e bandidos, entre civilização e barbárie.

Ao cobrir a guerra de Canudos, Euclides silenciou sobre o horror da guerra. Deixou-se cegar pela máquina de propaganda da imprensa e do governo, para a qual contribuiu com artigos exaltados, que se encerravam com os brados patrióticos de “viva a República” ou “a República é imortal”. Passou quatro anos, após o término do conflito, preenchendo centenas de folhas de papel com sua letra minúscula, para ordenar o caos e superar o vazio trazidos sob o impacto da “região assustadora”, como escreveu no poema “Página vazia”. Seguiu revendo, na mente, as imagens comoventes da “guerra despiedada e aterradora”²⁶.

A violência do conflito ultrapassou todos os limites morais que o repórter de O Estado de S. Paulo podia suportar. Passou fome e enfrentou privações, que faziam vítimas dos dois lados, tanto entre os soldados, quanto entre os canudenses. Presenciou as atrocidades contra os prisioneiros, que foram degolados, e cujas mulheres e crianças foram estupradas e traficadas. Tamanha violência trouxe a eclosão de sua crítica à República, com a denúncia da guerra de Canudos, e o projeto, depois interrompido, de escrever um livro sobre a Revolta da Armada.

²⁶ Id. Página vazia (out. 1897). In: *Obra completa*, v. 2. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p. 656.

Euclides abandonou o livro sobre a revolta, quando foi nomeado pelo Barão do Rio Branco, em 1904, para chefiar a expedição de reconhecimento do Alto Purus, na fronteira entre o Acre e o Peru. Sua atenção intelectual se voltou então para a Amazônia, assunto de outra obra também inacabada, com o título de Um paraíso perdido. Fazia referência ao poema épico de John Milton, *Paradise lost* (1674), sobre a queda de Adão e sua expulsão do paraíso.

A visão do pesadelo

Euclides foi um eterno insatisfeito com as condições materiais e intelectuais do exercício de suas atividades profissionais, tanto como cadete ou oficial do Exército de 1886 a 1895, ou engenheiro estadual em São Paulo até 1904, quanto na chefia da expedição ao Purus em 1905 ou adido ao Ministério das Relações Exteriores até 1909. Além de entrar em choque com as determinações dos chefes ou superiores, ressentia-se com toda e qualquer ocupação que lhe roubasse o tempo que gostaria de dedicar à leitura e à escrita. Arrastou consigo a incômoda contradição entre a face pública de escritor consagrado e a busca inglória de emprego mais propício à atividade literária. Conviveu com tal dilema até poucas semanas antes de sua morte, quando conseguiu ingressar no Colégio Pedro II, como professor de Lógica, após tumultuado concurso.

Em carta para Oliveira Lima, embaixador do Brasil em Washington, comentou as dificuldades do concurso. Observava, com amarga ironia, que estava em uma “situação maravilhosa”: “A ver navios! Nem outra coisa faço nesta adorável República, loureira de espírito curto que me

deixa sistematicamente de lado”²⁷. Residia na casa em Copacabana, cujos fundos davam para a praia, e ficava a ver navios, enquanto se preparava para o concurso... Referia-se às inúmeras tentativas, todas frustradas, de obter posição profissional mais compatível com suas inclinações artísticas e científicas.

Tentara, sem sucesso, entrar para a Escola Politécnica de São Paulo como professor, mesmo contando com o apoio de Júlio Mesquita e da turma do Estado. Pensou em ingressar na política, como candidato a deputado por São Paulo ou Minas Gerais, com a ajuda de Mesquita ou do amigo Francisco Escobar. Trabalhou no Itamaraty de 1904 a 1909, como chefe de expedição e depois como cartógrafo, mas já perdera o sonho de entrar para a carreira diplomática, e até a esperança de obter cargo estável, já que o Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, não chegou a apoiar qualquer dessas pretensões.

Mas não ficou, no fim da vida, totalmente desassistido pela República que ajudara a fundar. Conseguiu ser nomeado para o Colégio Pedro II, apesar de classificado em segundo lugar, graças ao seu renome de escritor, membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico. Contou ainda com a indispensável influência do Barão do Rio Branco e do escritor Coelho Neto, que interferiu a seu favor junto ao presidente da República, Nilo Peçanha, que preteriu o filósofo Farias Brito, que obtivera a primeira colocação²⁸.

²⁷ Id. Carta a Oliveira Lima. Rio de Janeiro, 18 jun. 1909. Cf. Thomas E. Skidmore e Thomas H. Holloway. *New light on Euclides da Cunha: letters to Oliveira Lima, 1903-1909*. In: *Luso-Brazilian Review* (Madison), v. 8, n. 1, p. 30-55, Sommer 1971, p. 50. Parte da carta encontra-se em: *Euclides da Cunha, Obra completa*, v. 2, p. 707.

²⁸ Id. Carta a Gastão da Cunha. Rio de Janeiro, 8 ago. 1909 (Rio de Janeiro, Coleção Miguel Gastão da Cunha). Henrique Maximiano Coelho Neto. Carta a Nilo Peçanha, 3 jul. 1909 (Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional). Cf. Josué Montello. *Uma correspondência literária*. In: *Uma palavra depois de outra*. Rio de Janeiro, 1969.

O livro que pretendia escrever sobre a Revolta da Armada daria prosseguimento à sua revisão da República. Os ensaios “O Marechal de Ferro” e “A Esfinge”, reunidos em *Contrastes e confrontos*, são fragmentos desta obra. Ao construir trincheiras no porto do Rio durante a revolta, presenciou a inspeção das obras pelo marechal Floriano Peixoto, que apareceu incógnito no meio da noite, vestido à paisana. O marechal de ferro surgia, para ele, como “esfinge”, em cuja face enigmática via inscritos os destinos da República: “À meia penumbra da claridade em bruxoleios, lobriguei um rosto imóvel, rígido e embaciado, de bronze (...) – um busto de duende, em relevo na imprimadura da noite, e diluindo-se no escuro feito a visão de um pesadelo”²⁹.

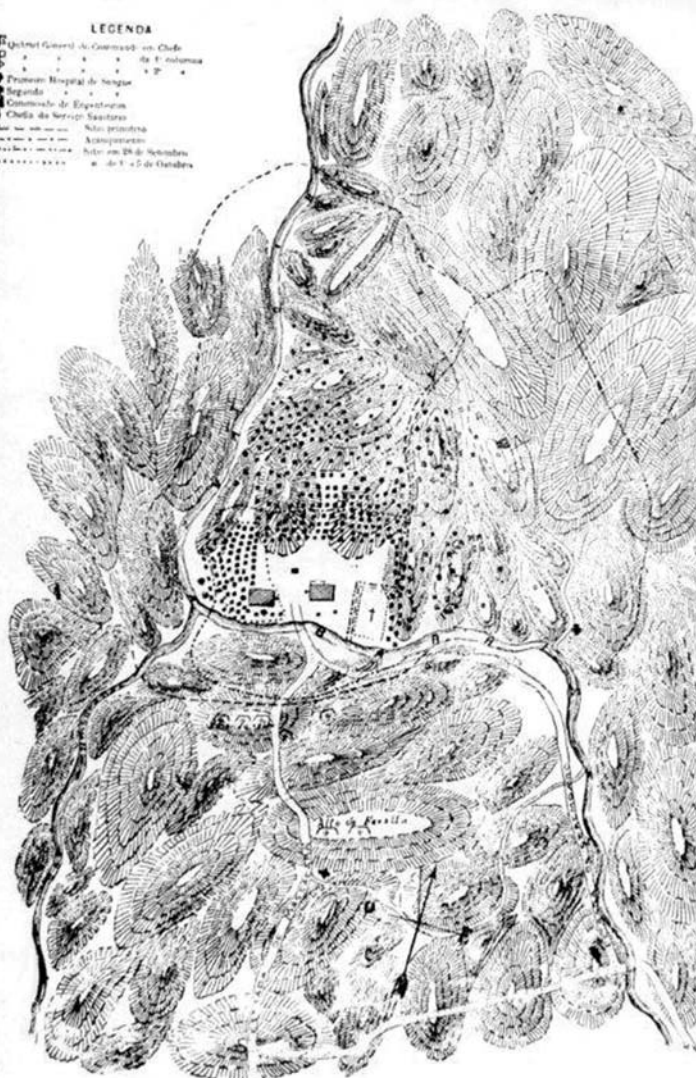
Floriano foi, na visão de Euclides, a esfinge da República, capaz de decidir os rumos políticos pela dubiedade de suas ações. Chefe das forças da monarquia, foi também o aliado, com o qual contaram Deodoro e outros militares rebeldes no momento da proclamação. Vice-presidente de Deodoro, conspirou abertamente contra ele e preparou o contragolpe de novembro de 1891, que tiraria o velho marechal do poder.

Euclides se deparou com tal visão do pesadelo na Revolta da Armada e na guerra de Canudos, em que assistiu à derrocada dos sonhos e ideais da juventude. Percebeu tal visão no rosto sinistro do marechal Floriano ou na expressão resignada dos prisioneiros degolados em Canudos. Testemunha e intérprete dos caminhos e descaminhos da República, sua biografia se confunde com a história social e política.

²⁹ Id. A esfinge. In: *Contrastes e confrontos* (1907), p. 281.

LEGENDA

- | | | | |
|---|--------------------------------------|---|-------------------------|
| □ | Quilombo General de Canudos em Chuva | □ | Alto principal |
| □ | " " " " " " " " " " " " | □ | Alto secundario |
| □ | " " " " " " " " " " " " | □ | Alto em 28 de Setembro |
| □ | " " " " " " " " " " " " | □ | " " " " " " " " " " " " |
| □ | Primeiro Hospital de Sangue | | |
| □ | Segundo " " " " | | |
| □ | Comando de Engenharia | | |
| □ | Chiesa de Nossa Senhora | | |
| □ | Alto principal | | |
| □ | Alto secundario | | |
| □ | Alto em 28 de Setembro | | |
| □ | " " " " " " " " " " " " | | |



I – Cronologia da época (1866/1909):

| | MUNDO | BRASIL |
|------|---|---|
| 1866 | | O Exército paraguaio é destruído na Batalha do Tuiuti. |
| 1867 | Fundação do Império Austro-Húngaro. | Retirada da Laguna. Brasileiros fracassam na tentativa de penetrar na Província do Mato Grosso, tomada pelos paraguaios. |
| | Rússia vende o Alasca para os Estados Unidos, por US\$ 7,2 milhões. | Inauguração da ferrovia Santos-Jundiaí. |
| 1868 | | Caxias organiza o ataque final aos paraguaios, conhecido por Dezenbrada — série de batalhas, entre elas a do Itororó e a do Avaí. |
| 1869 | Têm início as obras do Canal de Suez, no Egito. | Aliados da Guerra do Paraguai entram em Assunção e selam a vitória. |
| 1870 | Começa a Guerra franco-prussiana, em disputa pela sucessão do trono do império espanhol. | Fim da Guerra do Paraguai, com a morte de Solano Lopez. |
| | Unificação italiana, com a anexação dos Estados Pontifícios ao Reino da Itália. | Manifesto Republicano, no Rio de Janeiro. |
| 1871 | Tratado de Frankfurt encerra a Guerra Franco-Prussiana, resultando na cessão das regiões francesas da Alsácia e da Lorena para a Prússia. | Lei do Ventre Livre liberta os filhos de escravos nascidos no Brasil. |
| | Fundação do Império Alemão. | |
| 1872 | | Início da Questão Religiosa: devido à interdição das irmandades ligadas à maçonaria. |
| 1873 | | Fundação do Partido Republicano na Convenção de Itu. |
| 1874 | | Primeiros imigrantes italianos chegam a São Paulo. |
| | | Eclode a Revolta dos Muckers, na colônia alemã de Sapiroanga, no Rio Grande do Sul. |

| | | |
|-------------|---|--|
| 1875 | | Fundação das colônias de Conde D'Eu e Princesa Isabel, na região nordeste do Rio Grande do Sul, com imigrantes italianos em regime de pequena propriedade. |
| 1876 | Invenção do telefone, por Graham Bell. | |
| 1878 | Invenção da lâmpada elétrica, por Edson. | |
| 1879 | Início da Guerra do Pacífico (século 19) confrontando o Chile às forças de Peru e Bolívia. | |
| | Alemanha forma aliança com o Império Austro-Húngaro. | |
| 1880 | | Joaquim Nabuco funda a Sociedade Brasileira contra a Escravidão e torna-se o maior porta-voz do abolicionismo. |
| 1881 | | Concessão do direito de votar e ser votado aos acatólicos e estrangeiros naturalizados: Lei Saraiva. |
| 1882 | Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro formam a Tríplice Aliança. | A borracha passa a obter destaque na economia nacional. |
| 1883 | | Fundação da Confederação Abolicionista. |
| 1884 | Começa a guerra sino-francesa, motivada por disputas comerciais e territoriais. | Libertação dos escravos pelo Amazonas e Ceará. |
| 1885 | Conferência colonial internacional, em Berlim, resulta em divisão dos territórios extraeuropeus. | Libertação dos escravos com mais de sessenta anos: Lei dos Sexagenários. |
| | Karl Benz cria em Mannheim o primeiro motor movido a gasolina e aperfeiçoa a "carroagem sem cavalos". | |
| 1886 | | Tem início a chamada Questão Militar, que coloca o Exército contra o Império |
| 1887 | | Assinados convênios entre Brasil e Europa para a vinda de mão-de-obra. |
| 1888 | Grã-Bretanha e Alemanha iniciam a partilha da África Oriental. | Lei Áurea: a Princesa Isabel assina a lei que liberta os escravos (13 de maio). |
| | | Discurso de Benjamin Constant na Escola Militar lança a "senha pública" para o golpe que derrubaria a monarquia. |
| 1889 | Primeiro congresso socialista, em Paris, quando é fundada a Segunda Internacional Operária. | Proclamação da República pelo mal. Deodoro da Fonseca, com a partida para o exílio da família real brasileira. |

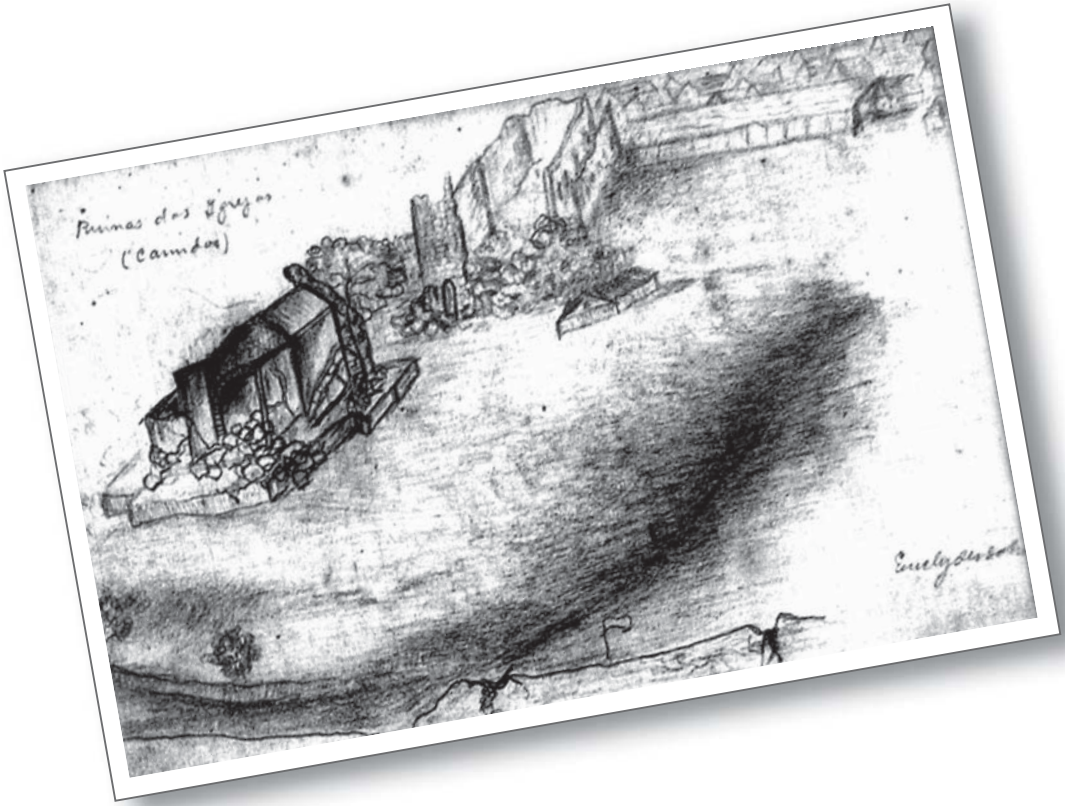
| | | |
|------|--|---|
| 1890 | Novos acordos entre a Inglaterra, França e Alemanha na corrida imperialista. | Rui Barbosa ordena que todos os registros sobre a escravidão no Brasil sejam queimados. Em 13 de maio de 1891 os arquivos são destruídos. |
| | | Devido ao caos econômico causado pela Política do Encilhamento, o ministro Rui Barbosa pede demissão. |
| 1891 | Encíclica Rerum Novarum, Papa Leão XIII, apontada como um dos marcos na conquista dos operários por melhores condições de trabalho. | Promulgação da Constituição Republicana, instituindo o voto a todo homem alfabetizado, exceto religiosos e soldados. |
| | | Congresso Nacional aprova lei que permite o <i>impeachment</i> do presidente. O marechal Deodoro fecha o Congresso e o almirante Custódio de Melo, a bordo do encouraçado Riachuelo, ameaça bombardear o Rio de Janeiro (Primeira Revolta da Armada). Deodoro renuncia em favor do vice Floriano Peixoto, que governará até 1894. |
| 1893 | A Nova Zelândia torna-se o primeiro país do mundo a conceder o direito de voto a mulheres. | Inicia-se a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, articulada contra o governo positivista de Julio de Castilhos. |
| | Crise econômica nos Estados Unidos, principal consumidor do café brasileiro. | A Segunda Revolta da Armada eclode no Rio de Janeiro e é severamente reprimida pelo governo de Floriano Peixoto. |
| 1894 | Guerra entre China e Japão, com a derrota chinesa, que cede a Ilha de Formosa aos japoneses. | Eleição do primeiro Presidente civil, Prudente de Moraes. |
| | Acordo Rússia-França: renúncia da Tríplice Entente, em resposta à Tríplice Aliança. | |
| 1895 | | É selada a paz entre republicanos e federalistas no Rio Grande do Sul. |
| 1896 | O escritor judeu-húngaro Theodor Herzl lança o livro "O Estado Judeu". Herzl ficará conhecido como fundador do sionismo. | Primeira expedição militar contra o Arraial de Canudos, na Bahia, liderado por Antonio Conselheiro. |
| | Henry Ford constrói o protótipo do seu primeiro automóvel. | |
| 1897 | | Destruição de Canudos pelo exército. |
| 1898 | Guerra entre Espanha e Estados Unidos, com a vitória americana e anexação do Havaí. Estados Unidos compram Cuba, Porto Rico, Guam e Filipinas. | Campos Sales é eleito presidente do Brasil. Política do "funding-loan", com a valorização da moeda brasileira (mil-réis). |

| | | |
|-------------|--|--|
| 1898 | Convenção franco-inglesa, com a delimitação das fronteiras africanas. | |
| 1899 | Acordo anglo-russo sobre a partilha da China. Contrários, os americanos estabelecem o princípio da "porta aberta" na China. Tem início a Guerra dos Boxers, quando populares chineses revoltam-se contra as delegações estrangeiras. | |
| 1900 | Os Boxers são derrotados pelas potências estrangeiras e o governo chinês é obrigado a fazer concessões. | Início da Política dos Governadores e do coronelismo. |
| 1901 | Austrália, possessão britânica, torna-se federação com a união de suas seis províncias. | |
| 1902 | Fim da Guerra dos Bóeres, com a conquista do Transvaal (África do Sul) pela Grã-Bretanha. | Rodrigues Alves é eleito presidente da República. |
| | Cuba proclama-se uma república. | Euclides da Cunha publica sua obra Os sertões. |
| 1903 | Estados Unidos adquirem a zona do Canal do Panamá. | Triunfo da Revolução no Acre. Plácido de Castro torna-se governador do novo Estado. Em novembro é assinado o Tratado de Petrópolis, com a incorporação do Acre e a indenização da Bolívia. |
| 1904 | Disputa pela Manchúria deflagra a Guerra Russo-Japonesa. | O prefeito Pereira Passos inicia os trabalhos de remodelação urbana do Rio de Janeiro. |
| | "Entente Cordiale" (acordo amigável) entre França e Grã-Bretanha concede ao primeiro país soberania sobre o Marrocos, e ao segundo sobre o Egito. | Devido à aprovação da lei de vacinação obrigatória contra a varíola, em 31 de outubro, explode revolta popular na capital do país contra a vacina e as medidas de saneamento (11 de novembro). |
| 1905 | "Domingo Vermelho", em São Petersburgo. Revolta contra o regime czarista. | |
| 1906 | Santos Dumont voa com o 14-Bis, em Paris. | Convênio de Taubaté define uma política de valorização do café, com a definição de preços mínimos e a compra de estoques pelo governo federal. |
| | | Affonso Penna assume a Presidência do país. |
| | | Grande número de greves operárias eclode nas principais cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre. |

| | | |
|-------------|--|--|
| 1907 | Lumiere inventa a fotografia em cores | A Amazônia é ligada telegraficamente ao Rio de Janeiro, por uma comissão chefiada pelo Major Cândido Rondon. |
| | Segunda conferência de paz de Haia. | Pela primeira vez o Brasil participa de uma conferência internacional, como a de Haia. Destaca-se o chanceler brasileiro Ruy Barbosa, com a tese de igualdade jurídica entre os estados. |
| 1908 | Áustria anexa a Bósnia-Herzegovina. | É aprovada a lei do serviço militar obrigatório. |
| | | O navio Kasato Maru aporta em Santos trazendo a primeira leva de imigrantes japoneses: 168 famílias. |
| 1909 | Acordo franco-alemão sobre o Marrocos. | O vice-presidente Nilo Peçanha assume a chefia do governo após a morte de Afonso Pena. |
| | | Campanha Civilista: Ruy Barbosa é lançado como candidato à Presidência em oposição a Hermes da Fonseca. |

Pinas das Igrejas
(Camões)

Enry 2000



II – Cronologia de Euclides da Cunha

1866 – Nasce em 20 de janeiro, na Fazenda Saudade, em Santa Rita do Rio Negro (atual Euclidelândia), município de Cantagalo, Rio de Janeiro. Primeiro filho de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e de Eudóxia Moreira da Cunha. Manuel Rodrigues era baiano e poeta, pertencia à geração romântica de Castro Alves e seus versos possuíam inspiração humanitária e social.

1869 – D. Eudóxia morre de tuberculose, deixando Euclides com três anos e Adélia com um ano. As crianças foram morar em Teresópolis, com a tia Rosinda Gouveia.

1871 – Com a morte da tia Rosinda, as crianças partem com seu pai para São Fidélis (RJ), onde passam a residir com a tia Laura Garcez, casada com o coronel Magalhães Garcez, na fazenda S. Joaquim.

1874 – Aos oito anos de idade, Euclides inicia seus estudos no Colégio Caldeira, do exilado político português Francisco José Caldeira da Silva, situado na cidade de São Fidélis.

1877-1878 – O pai de Euclides da Cunha pretendia levá-lo para o Rio de Janeiro, para continuar os estudos nos melhores colégios. Entretanto, por sugestão da avó, muda-se para Salvador e estuda no Colégio Bahia, do professor Carneiro Ribeiro.

1879 – Com 13 anos, retorna ao Rio sob os cuidados do tio, Antônio Pimenta da Cunha, estudando nos colégios Anglo-Americano, Vitória da Costa e Meneses Vieira.

1883-1884 – Termina seus estudos de humanidades no Colégio Aquino, tornando-se aluno de Benjamin Constant,

que terá influência em sua formação. Escreve no jornalzinho escolar *O Democrata*. O seu primeiro artigo tem por temática a natureza e o equilíbrio ecológico, e a defesa desta causa o acompanharia por toda a vida, inserida nos seus artigos jornalísticos, na conferência *Castro Alves e seu tempo* e nos seus livros: *Os Sertões*, *Contrastes e Confrontos* e *À Margem da História*.

Escreve poesias numa caderneta, que titulóu *Ondas*, datada de 1884. Sobre essa produção, Euclides salientaria “tratar-se de obra dos quatorze anos”. Apesar da veia poética do autor, seu pai detectava nele aptidão para as Ciências Exatas.

1885 – Com 19 anos, entra para o curso de Engenharia, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Entretanto, era uma escola cara, que não condizia com as possibilidades econômicas da família.

1886 – Assenta praça na Escola Militar (Praia Vermelha), gratuita, que lhe daria, também, o título de engenheiro. Reencontra, como professor, Benjamin Constant, integrando-se ao movimento republicano e seguindo a doutrina positivista de seu mestre.

1887 – Euclides colabora com a *Revista da Família Acadêmica*.

1888 – Em 4 de novembro, ocorre o “episódio do sabre”, quando o ministro da Guerra, Tomás Coelho, visita a Escola Militar. Os alunos em forma saúdam a autoridade monárquica. Ao passar diante de Euclides da Cunha, este atira a arma aos pés do ministro. O ato de indisciplina leva o cadete à prisão, de onde logo depois é transferido para o Hospital Militar do Castelo, pois o laudo médico atestara esgotamento nervoso por excesso de estudo. Euclides confirma-se republicano perante os juízes e é transferido para a Fortaleza de São João, onde aguarda o conselho de guerra. O julgamento não se

realiza e Euclides da Cunha é perdoado pelo Imperador. Em 11 de dezembro, sua matrícula é cancelada.

Parte para São Paulo, onde passa a colaborar no jornal *A Província de São Paulo*, escrevendo sob o pseudônimo de Proudhon (escritor francês [1809 - 1865], um dos teóricos do Socialismo Utópico). Fica no jornal até maio do ano seguinte.

1889 – Euclides presta exames na Escola Politécnica e é aprovado. Colabora com textos para o jornal *Gazeta de Notícias*.

Após a proclamação da República, Euclides é reintegrado na Escola Militar, com a influência dos professores Rondon e Benjamin Constant. Dias depois, é promovido a alferes-aluno.

Euclides escreve para a série *A Pátria e a Dinastia*, no jornal *A Província de São Paulo*.

1890 – Em janeiro, matricula-se na Escola Superior de Guerra e no mês seguinte, conclui o Curso de Artilharia.

De março a junho, publica seus artigos no jornal *Democracia*, de orientação republicana. O alferes-aluno opõe-se ao movimento que pretendia trazer de volta o Imperador e critica a primazia dos interesses pessoais em detrimento da nação. Ataca a imprensa católica e os programas da Faculdade de Direito, defendendo o Positivismo.

Em 14 de abril, é promovido ao cargo de segundo-tenente, escrevendo, neste dia, uma carta ao pai. Por meio dela registra seu desencanto pelos homens da República, dentre os quais seu professor Benjamin Constant, e promete afastar-se do jornal e de tudo mais.

Em 10 de setembro, casa-se com Anna Emília Ribeiro, filha do major Solon Ribeiro, que conhecera durante encontros republicanos com seu pai.

1891 – Euclides conclui o Curso da Escola Superior de Guerra, recebendo o título de bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais.

1892 – Em janeiro, é promovido a primeiro-tenente de Artilharia e designado para coadjuvante de ensino teórico na Escola Militar.

De 29 de março a 6 de julho escreve para o jornal *O Estado de S. Paulo*, tratando de novos temas, como o Socialismo. Em julho foi nomeado assistente de ensino técnico na Escola Militar da Praia Vermelha.

1893 – Em setembro é designado para cumprir estágio como engenheiro recém-formado na Estrada de Ferro Central do Brasil, no mesmo período em que a Marinha pretendeu depor Floriano Peixoto (Revolta da Armada).

Euclides dirige as obras de fortificações das trincheiras da Saúde para proteção da capital após a eclosão da Revolta da Armada, em 6 de setembro.

Nasce Solon, o primeiro filho de Euclides e Anna.

1894 – Adversário do presidente Floriano Peixoto, Euclides publica, no jornal *Gazeta de Notícias*, em 18 e 20 de fevereiro, duas cartas com o título *A Dinamite*, nas quais condena as ideias do senador cearense João Cordeiro, que “*pedia fuzilamento dos manifestantes presos, como vingança aos florianistas mortos*”. Condenava a posição do senador, “*não o desejando nem como companheiro de lutas*”. Enfim defende “*o Estado democrático*” e a não violência.

1895 – Euclides é transferido para a pequena cidade mineira de Campanha, onde constrói e inaugura a estrada de ferro. Viaja pelo interior de São Paulo como superintendente de Obras Públicas do Estado, cargo que exerce até 1903.

Nasce Euclides Filho, seu segundo filho.

1896 – No mês de julho Euclides é reformado do Exército do posto de tenente e é nomeado engenheiro-ajudante de 1ª classe da Superintendência de Obras Públicas de São Paulo.

Tem início a Revolta de Canudos.

1897 – Euclides escreve dois artigos sob o título *A nossa Vendeia*, comparando os combatentes da Guerra de Canudos aos revoltosos da Revolta de Vendeia, durante a Revolução Francesa. Júlio de Mesquita, do jornal *O Estado de S. Paulo*, convida-o para acompanhar a campanha de Canudos como correspondente. Nomeado adido ao Estado-Maior do Ministério da Guerra, Euclides segue para Canudos, lá chegando em 16 de setembro. Em Canudos acompanhou de perto o desenrolar dos acontecimentos resultantes da luta entre os jagunços e o exército. Envia para o jornal as suas reportagens, que posteriormente iriam transformar-se no seu grande livro.

1898 – Euclides começa a escrever *Os Sertões*, e publica o artigo *Excerto de um livro inédito*.

Continua seu trabalho como engenheiro em São Paulo, fixando-se na cidade de São José do Rio Pardo. Ali atua na reconstrução da ponte que havia desabado, ao mesmo tempo em que redige seu livro, incentivado pelo seu grande amigo, Francisco Escobar.

1900 – Conclui seus dois trabalhos em São José: *A ponte* e *Os Sertões*, e tenta inutilmente publicar sua obra em São Paulo.

1901 – Nasce seu terceiro filho, Manuel Afonso. Transfere-se para a cidade de São Carlos, no interior de São Paulo.

1902 – Em janeiro, Euclides muda-se com a família para Lorena, onde continua trabalhando como engenheiro responsável pela construção de uma ponte.

Após várias tentativas de publicar seu livro na cidade de São Paulo, consegue fazê-lo no Rio de Janeiro pela Laemmert & Cia., lançando-o em dezembro.

1903 – Com elogios da crítica e do público, a primeira edição de *Os Sertões* esgota-se em fevereiro. Em julho, publica a segunda edição.

Com o falecimento de Valentim Magalhães, Euclides é eleito para a vaga na Academia Brasileira de Letras, em 21 de setembro, e toma posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 20 de novembro.

1904 – Euclides é nomeado chefe de seção da Comissão de Saneamento de Santos. Percorre Santos e Guarujá. Pede demissão da Superintendência de Obras Públicas de São Paulo três meses depois.

Por intermédio de amigos, Euclides é nomeado chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus para auxiliar no litígio de fronteira entre o Brasil e o Peru. Parte em 13 de agosto no vapor *Alagoas* e chega a Manaus em 30 de dezembro.

1905 – Reunidas as comissões Brasil-Peru, a expedição parte de Manaus, em 5 de abril, em direção às nascentes do Rio Purus. Concluem os trabalhos e regressam no final do ano.

1906 – De volta ao Rio de Janeiro, em fevereiro, Euclides entrega seu relatório ao Ministério do Exterior, publicado

no mês de julho sob o título Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus. Torna-se adido do Gabinete do Barão do Rio Branco.

Euclides toma posse na Academia Brasileira de Letras. Nasce seu quarto filho, Mauro, que falece uma semana depois.

1907 – Publicação de *Contrastes e Confrontos*, reunidos por um editor português, e do ensaio *Peru versus Bolívia*.

No dia 2 de dezembro, realiza a Conferência *Castro Alves* e seu tempo no Centro Acadêmico XI de Agosto, em São Paulo.

1908 – Incidente diplomático com Zeballos, que tenta envolver Euclides numa confusão.

Prepara o livro *À Margem da História*, que será publicado após sua morte.

1909 – Euclides concorre com Farias Brito a uma cadeira de professor de Lógica no Colégio Pedro II (RJ), em cuja banca estiveram Raja Gabaglia, Paulo de Frontin e Paula Lopes. Euclides é nomeado professor em julho de 1909.

Em 15 de agosto, na Estação de Piedade, Estrada Real de Santa Cruz, Euclides é morto pelo amante de sua esposa, Dilermando de Assis.



ACAMPAMENTO DENTRO DE CAGSDOS.

III – Pensamento de Euclides da Cunha

III.1 – Artigos

III. 1.1 – Em viagem³⁰

(folhetim)

Meus colegas:

Escrevo-vos às pressas, desordenadamente...

Guiam-me a pena as impressões fugitivas das multicores e variegadas telas de uma natureza esplendida, que a *tramway* me deixa presenciar de relance quase.

É majestoso o que nos rodeia - No seio dos espaços palpita coruscante o grande motor da vida; envolta na clâmide cintilante do dia, a natureza ergue-se brilhante e sonora numa expansão sublime de canções, auroras e perfumes... A primavera cinge do seio azul da mata um colar de flores e o sol, oblíquo e cálido, num beijo ígneo acende na frente granítica das cordilheiras uma aureola de lampejos... por toda a parte a vida...; contudo uma ideia triste nubla-me este quadro grandioso - lançando para a frente o olhar, avisto ali, curva sinistra, entre o cloro azul da floresta, - a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na frente da natureza...

Uma ruga, sim! Ah! Taxem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre. O progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade não vive sem ela... sim meus colegas, não será dos céus que há de partir o

³⁰ Primeiro trabalho de Euclides da Cunha. Artigo publicado no jornal *O Democrata* – publicação dos alunos do Colégio Aquino, em 4 de abril de 1884.

grande “BASTA” (botem B bem grande!) que ponha fim a esta comédia lacrimosa a que chamam vida; mas sim de Londres; não finir-se-á o mundo ao rolar a última lágrima, e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra...

Tudo isto me revolta, me revolta, vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!

Mas... eis-me enredado em digressões inúteis... Basta de filosofias!...

O meu cargo de correspondente (?) ordena-me que escreva de modo a fazer rir (!)... ter espírito! eis o meu impossível: trago in mente (deixem passar o latim) o ser mais desenxabido que uma missa (perdoai-me ó padres!)...

III.1.2 – Heróis de ontem

Afastemo-nos um instante da harmonia festiva que circunda os vencedores do presente e concentremo-nos, recordando os nomes dos combatentes do passado.

Nunca se nos impôs tanto esta necessidade; na transição que sofre a nossa pátria rapidamente nivelada a toda a deslumbrante grandeza do século atual, pela realização de sua reforma liberal; nesse instante supremo de nossa história, em que se inicia a unificação de todos os direitos, a harmonia de todas as esperanças e a convergência de todas as atividades; hoje, que os nossos ideais são, de fato, os verdadeiros e os únicos materiais para a prodigiosa construção da civilização da pátria - nós, os operários do futuro, e que devemos em breve - atirar na ação toda a fortaleza de nossa vitalidade - todos os brilhos de nosso espírito - todas as energias de nosso caráter, não devemos olvidar os heróis de ontem, de cujas almas partiu o movimento inicial desta deslumbrante ascensão, dessa soberana elevação moral...

Olvidá-los, mais do que uma ingratidão, seria um erro, seria desconhecer que os grandes ideais dessas fronteiras olímpicas disseminam-se por todos os corações, difundem-se em todos os cérebros, e levados pela tradição, presos nos elos inquebráveis da solidariedade humana, revivem, continuamente crescentes - no seio das sociedades.

A luz - a grande luz imaculada e sublime que circunda a data mais gloriosa de nossa história e traça - irradiando para o futuro - o itinerário da nossa nacionalidade, não defluiu da

³⁰ Artigo publicado na *Revista da Família Acadêmica*. Ano I, n. 1. Rio de Janeiro, 13 março 1888, p. 227-229.

mentalidade dos brilhantes patriotas do presente; veio de longe, cintilou no seio de muitas gerações e as fronteiras dos pensadores de hoje foram apenas as lentes ideais que a refrataram - aumentada - sobre a sociedade.

E isso - somente isso - explica o ter sido tão calma, uma transformação tão radical e que tão profundamente alterou o nosso organismo social; em geral - a história o diz - esses grandes males cedem somente aos cáusticos tremendos da revolução, desaparecem somente quando afogados pela brutalidade - algumas vezes benéfica - das paixões indomáveis do povo e mui recentemente ainda, na América do Norte, para poder aniquilá-los, o brilho do pensamento de Lincoln aliou-se à cintilação da espada de Ulisses Grant...

Entre nós porém - não deu-se uma revolução - operou-se uma evolução.

Não houve um abalo - porque respeitou-se uma lei.

Particularizam-se alguns termos na fórmula geral do progresso, por isto esta reconstrução não necessitou de uma destruição anterior e por sobre toda esta enorme transformação paira, deslumbrante, retilínea e firme a lógica inabalável da história.

E de tudo isto nos são credores os grandes filhos da pátria - animados hoje da existência imortal da história, e por isso é bem natural que remontando-nos ao passado, procuremos nas inscrições dos seus túmulos imaculados - a senha do futuro!

Recordemo-nos pois das almas soberanas onde se germinou essa generosa ideia da liberdade, que após elevar todas as fronteiras, imergiu em nossa civilização - tendo como último ponto de apoio a sua força desmesurada - um coração de princesa!...

José Bonifácio, Eusébio de Queirós, Paranhos - sintetizam admiravelmente todos os pensadores que melhor emprestaram-lhe energia e brilho; Ferreira de Meneses, Tavares Bastos e Luís Gama - definem perfeitamente os grandes corações, bastante grandes para conterem as dores cruciantes de muitas gerações e pátrias; Gonçalves Dias, Castro Alves e Varela - foram os brilhantes educadores de nossos corações que se engrandeceram dilatados pelo calor ideal emanado dos brilhos de suas estrofes imortais...

Ante esses nomes a ideia que fazemos da consciência nacional, justifica um silêncio - profundamente eloquente.

No dia de hoje eles deviam ser lembrados, não tanto por um impulso de gratidão mas pelo grande ensinamento que disto nos advém - por isto é que os recordamos - afastando-nos - por um instante - da alegria ruidosa e festiva que no dia de hoje aclama - a regeneração da pátria.

Euclides da Cunha, primeiro-tenente.



Ano 7
Fundado em 1890
N.º 1000

Publicado em São Paulo
Toda sexta-feira
Cada número custa
100 réis
Ano 7
N.º 1000

A PROVINCIA DE SÃO PAULO

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OBRIGATORIA
REDACTORES: AMÉRICO DE CAMARGO E F. MARCEL PASTENA
LIMPOGRAFIA: 1918 ANO 1896

N.º 1
Fundado em 1890
N.º 1000

Abastecimento de trigo de nossa zona | Prognóstico sobre o preço do café | Notícias de comércio e indústria de 1918

As notícias de São Paulo e do Estado de São Paulo são as seguintes: O trigo de nossa zona está sendo abastecido com facilidade, graças ao bom tempo que se fez durante a colheita. O preço do café está em queda, devido ao excesso de oferta no mercado. As notícias de comércio e indústria de 1918 mostram um crescimento significativo em várias áreas, apesar das dificuldades econômicas.

PROVINCIA DE SÃO PAULO

As notícias de São Paulo e do Estado de São Paulo são as seguintes: O trigo de nossa zona está sendo abastecido com facilidade, graças ao bom tempo que se fez durante a colheita. O preço do café está em queda, devido ao excesso de oferta no mercado. As notícias de comércio e indústria de 1918 mostram um crescimento significativo em várias áreas, apesar das dificuldades econômicas.

RELATÓRIO MAGDALENA

Relatório sobre a situação econômica e social da região de Magdalena, destacando os desafios enfrentados pela população e as perspectivas para o futuro.

III.1.3 – A pátria e a dinastia³²

Os últimos acontecimentos demonstram eloquentemente que o governo atual, apeado ao terreno infecundo dos expedientes, abandonou consciente da própria esterilidade a verdadeira política, desviando de todo o seu espírito da elaboração elevada das verdades sociológicas imediatamente, adaptadas à direção positiva da nossa nacionalidade. Ignorante, diante das noções mais rudimentares do direito constitucional e, além disto, profundamente incompatibilizado com o elevado destino da política americana, a sua posição até então indefinida - perante a civilização - começa a assumir um caráter nimiamente agressivo. No entretanto, nenhuma quadra melhor se apresentaria a receber o influxo, a ação poderosa de uma política francamente progressista que aproveitando e orientando racionalmente a vitalidade da Pátria, criasse, através da comunhão necessária dos interesses a grandiosa harmonia, a ligação indispensável de seu futuro ao de suas coirmãs da América. Nada disto, porém, sequer intentou realizar.

Erguido ao poder a fim de ser, felizmente, o redator autômato da vontade popular, literalmente expressa no decreto de 13 de Maio; coagido pela própria evolução da sociedade - a ser grande; orientado - quando devia orientar; nivelado, quase involuntariamente, às ideias de seu tempo - o governo não soube ou não quis aproveitar a grandeza ocasional em que se achou e longe de seguir o único programa civilizador de que pode dispor - conservar melhorando -, emergiu agora da inércia em que depercia, para implantar no seio da sociedade, que lhe confiou o futuro,

³² Artigo publicado no jornal *A Província de São Paulo* em 22 de dezembro de 1888.

abruptamente, uma apreensão séria que se refletirá do modo mais deplorável, em todos os ramos de sua atividade.

Como explicar esse imprevisto movimento de armas, agora - em que se devia iniciar a convergência de todas as atividades para a luta prodigiosa da paz e do trabalho?...

Não acreditamos que seja uma medida de ordem puramente administrativa - nem que o governo inspirando-se nas teorias do eminente criador do poder moderador -pretenda entregando aos cidadãos armados, à guarda nacional, a segurança interior do estado, investir a força arregimentada de sua verdadeira função que é defendê-lo no exterior. Esta medida seria precipitada sobre ser extemporânea. A guarda nacional é entre nós um mito - e que o não fosse pior ocasião não se poderia apresentar, para esse movimento assustador de dez mil baionetas na direção de uma fronteira - já de si fortalecida pela debilidade da nação limítrofe.

Se pretende fazer sentir nos destinos das nacionalidades em litígio a sua influência, no peso da espada de um marechal ilustre - patenteia um triste retrocesso mental, fere de frente o direito constitucional, que negando-lhe a faculdade de declarar a guerra impede-lhe, portanto, de originar-lhe causas e indica limpidamente ter a mentalidade trancada ao maior ideal da política moderna, feito pela sistematização de todos os princípios generosos, em que a supremacia mental inspira e onde a fortaleza das ideias concorre vitoriosamente com o frágil vigor das espadas.

Colocou, além disto, de um lado ou doutro dos próximos beligerantes, ou entre ambos, dez mil homens, dez mil temperamentos, expostos a todas as emoções, à magia e às esperanças da glória e dos combates - é ocasionar a guerra, o estéril dispêndio no exterior - agora - em que assoberba-o, crescente, no interior - a anarquia econômica!

Pretenderá dar ao nosso século - o escândalo de uma guerra de conquista?...

Acreditamos que não. A causa, a verdadeira causa talvez - da ação teatral do governo - já está de há muito desvendada.

Sentindo desaparecer dia a dia, o automatismo que por tanto tempo aniquilou a orientação digna da maioria dos atos da sociedade brasileira; compreendendo, diante do espírito nacional vigorosamente alentado por novas aspirações, a fragilidade do cômodo regime que o sustenta; notando - o que é mais sério - que a frente do soldado, banhada nas correntes iluminadas do espírito contemporâneo, ousava cometer um delito, não previsto pelo conde de Lippe - racionar, o que transmudava-o numa força, força que se traduzia num movimento desassombrado e harmônico com o da sociedade; temendo, sobretudo, esse consórcio do pensamento com a espada - aliança que coloca esta ao lado do futuro e da liberdade - o governo resolveu antepor à política da Pátria a política imperial. E adotou a norma banal de dispensar para enfraquecer. Dispensa o exército, e tendo-o assim, não podendo destruir-lhe no cérebro a noção digna que começa a ter do futuro - excita-lhe a ambição com a imagem encantadora de futuras glórias.

Quanta ilusão, porém, em tudo isto!...

Desiluda-se o governo. A civilização é o corolário mais próximo da atividade humana sobre o mundo; emanada imediatamente de um fato, que assume hoje na ciência social o caráter positivo de uma lei - a evolução - o seu curso, como esta, é fatal, inexorável, não ha tradições que demorem-lhe a marcha, nem revoluções que a perturbem - tanto assim é que atravessando o delírio revolucionário de 93 e tendo pela frente - impugnadora - a espada de Bonaparte, onde irradiavam

as gloriosas tradições do maior povo do mundo - emerge-o tranquilo no vasto deslumbramento do século XIX.

Desiluda-se pois, o governo; a evolução se opera na direção do futuro - e quer o governo queira, quer não, embora voltado para o passado, caminhará com ela, para a frente, mas como os covardes - recuando.

III.1.4 – Revolucionários³³

O republicano brasileiro deve ser, sobretudo, eminentemente revolucionário.

Expliquemos o paradoxo.

A noção elevada de Pátria despida da feição sentimental que a caracterizava, assume hoje as proporções de uma brilhante concepção cerebral, em que entram como elementos únicos, necessários e claramente correlativos, as concepções do tempo e do espaço.

Mais, talvez, do que filho de uma região, o homem da modernidade é filho do seu tempo.

Vinculado ao território pelas tradições e pela família, a humanidade que é a generalização desta, e a história, que é a síntese racional daquelas, vinculam-no a seu século.

Da perfeita harmonia dessas concepções resulta o homem moderno.

Compreender a Pátria, isolando qualquer desses elementos, é incompatibilizar-se com o movimento evolutivo do progresso; é partir do egoísmo infecundo e criminoso de Bismarck ao altruísmo exagerado - ao cosmopolitismo não menos infecundo de Anarcasis Cloots, declarando-se cidadão do mundo!

A marcha das sociedades traduz-se melhor pelo equilíbrio dinâmico destas duas concepções.

Devemos aos esforços comuns das gerações passadas a altitude prodigiosa de sua individualidade; preso pelas

³³ Artigo Publicado no jornal *A Província de São Paulo* em 29 de dezembro de 1888.

impressões do presente ao território da Pátria - o cidadão moderno, na elevação enorme em que o princípio geral da relatividade o obriga a colocar seu espírito - desde que pense no futuro - elevação a que só atingiu pela ciência - dominado pelo cosmopolitismo desta irmana-se forçosamente a seus coevos.

É uma fraternidade que se estabelece pelo cérebro e pelo coração; é um sentimento orientado pelo raciocínio, cuja existência se demonstra com a mesma frieza, tão positivamente como um princípio de mecânica e do qual a feição mais característica se chama - civilização.

É esta, de fato, a nossa Pátria no tempo.

Negá-la é negar a função mais elevada da ciência; da ciência que além de estabelecer, pelo desenvolvimento filosófico de suas teorias, a vasta solidariedade do espírito humano, sob a sua forma empiricamente útil, como arte subordinada inteiramente a esta solidariedade, às grandes exigências da vida moderna.

Pois bem, a política do século XIX chama-se democracia; de há muito a colaboração de todas as ciências e das tendências naturais de nosso temperamento, despiu-a do frágil caráter de uma opinião partidária, para revesti-la da fortaleza da lógica inquebrantável de uma dedução científica. Em sociologia, eu creio que, observando-se o sistema social, chega-se a ela tão naturalmente como Lagrange à fórmula geral da dinâmica. Assim, não é uma forma de governo que se adota, é um resultado filosófico que se é obrigado a adotar: forma-se um democrata como se faz um geômetra, pela observação e pelo estudo; e, nessa luta acirrada dos partidos, por fim o republicano não vencerá - convencerá; e tendo enfim dominado os adversários, não os enviará à guilhotina, mandá-los-á para a escola. A democracia é, pois, uma teoria científica inteiramente desenvolvida, simboliza

uma conquista de inteligência, que a atingiu na Sociologia depois de se ter avigorado pela observação metódica da vasta escala da fenomenalidade inferior; síntese final de todas as energias racionais (podemos assim dizer), que impulsionaram as evoluções políticas de todas as nacionalidades, e definindo - na Política - o fastígio da mentalidade humana, é hoje impossível, com abstração dela, uma compreensão exata da civilização.

Pois bem, se tudo isto se dá, se de fato ninguém deve fugir à ação de seu tempo e se a democracia é a forma de governo mais em harmonia com ele - é claro que lutarmos pela sua realização, equivale a lutarmos para que se complete o nosso título de cidadãos - porque ela é, de fato, o complemento moral da Pátria.

Essa luta, porém, é francamente reacionária.

Nem deve, nem pode deixar de ser assim.

Não podendo entregar o seu desenvolvimento à vagarosa evolução do espírito popular; descrente da política do seu país, em que a maioria dos estadistas estuda “para saber errar convenientemente”: agindo, além disto, num Estado que realiza o deplorável fenômeno histórico de possuir sessenta anos de vida política e quase mil de inervação monárquica, porque, importando o trono da dinastia de Bragança, adquiriu todo o velho carrancismo das dinastias portuguesas; por outro lado, impelindo pelas tradições de sua terra - repletas de um majestoso rumor revolucionário - cheia de encantadora magia dos mais belos exemplos, desde o estoicismo heroico de Tiradentes à heroica abnegação de Nunes Machado - o republicano brasileiro deve ser forçosamente revolucionário.

Demais - digamo-lo ousadamente -, a própria orientação filosófica que o dirige, obriga-o a destruir.

Destruir - para construir.

Ora, destruir, no organismo social o tóxico lentamente infiltrado, é aplicar os antídotos violentos dos casos desesperados.

Por mais refletido que seja - ou, melhor, por isso mesmo - o republicano, desde que as suas ideias exerçam assim a função de reagentes - que lhe preparam o terreno próprio à realização dos ideais, que têm unicamente a existência subjetiva de seu espírito - é forçado a revesti-las do máximo vigor e desassombro extremo. Descansem, porém, os que se assustam com este título: Revolucionários - ele, além de exprimir uma louvável tendência a nivelar-se a seu século, realiza o verdadeiro tipo de propagandista, não de uma opinião política, mas de uma necessidade social.

Este epíteto - ele não o adota ad libitum - aceita-o; aceita-o como corolário inevitável do conflito da ação positiva de seu espírito sobre a influência negativa do regime antigo. Inteligente - se ao estado atual de seu país obriga-o a ser inflexivelmente enérgico - o estado atual de seu tempo obriga-o a ser calmo; é alguma coisa semelhante ao temperamento tempestuoso de Danton dentro da disciplina mental de Condorcet: e quando amanhã de larga expansão à sua vitalidade, vê-lo-ão, rígido e inexorável, despedaçar, com o mesmo golpe, o trono e a guilhotina.



III.1.5 – Coluna *Atos e palavras*

I - 10 de janeiro de 1889³⁴

Como preâmbulo a esta seção - definamo-nos.

Não nos destinamos à imprensa.

Os artigos aqui escritos exprimirão parêntesis abertos em nosso estudo e torná-los-emos reflexos dele.

Excluimos o estilo campanudo e arrebicado. A ideia que nos orienta tem o atributo característico das grandes verdades - é simples.

Estudá-la é uma operação que requer mais que as fantasias da imaginação - a frieza do raciocínio.

Analisá-la, dia a dia, é uma coisa idêntica à análise da luz: é preciso que se tenha no estilo a contextura unida, nítida e impoluta dos cristais.

Lutar por ela, desenvolvê-la, fixá-la no seio da nossa nacionalidade é fazer todo instante, continuamente - apelo à orientação segura do pensamento.

Nessa luta ideal, pois, apaixonar-se é enfraquecer-se.

Indignar-se é tornar-se indigno.

* * *

A democracia, que é antes de tudo uma ideia altamente séria, começa a receber o ataque grotesco dos garotos assalariados.

³⁴ Artigo publicado na coluna *Atos e palavras*, do jornal *A Província de São Paulo*, em 10 de janeiro de 1889.

Não podendo feri-la num combate leal, frente a frente, a plutocracia mal disfarçada declara-lhe a campanha do descrédito.

A vitória consistirá nisto - desmoralizar.

Diante da palavra de Silva Jardim põe escandalosamente a navalhada dos capangas.

Ante a postura retilínea de Quintino Bocaiúva - as contorções tristemente ridículas do senhor Patrocínio.

Em frente da Pátria - a guarda negra.

Diante de tudo isto, o republicano, o revolucionário brasileiro, não só pelo antagonismo natural da posição, mas sobretudo pela própria essência de seus princípios, deve-se conservar austero e inflexível.

Precisa destruir e tendo espírito bastante para reconhecer que a verdade é nas sociedades decadentes elemento de destruição - adota-a.

De fato, para defender-se e ofender basta-lhe isto - dizer a verdade.

Di-la-emos.

Para sermos invencíveis na posição que ocupamos basta-nos registrar os atos e palavras dos partidos que se digladiam.

Fá-lo-emos, contudo, através do nosso temperamento.

Escreveremos um depoimento libelo.

Seremos - testemunha e juiz.

II - 11 de janeiro de 1889³⁵

Temos como desigual qualquer luta com nossos adversários. Sugere-nos esta afirmativa a consciência da própria força.

Não vai nela violação de modéstia.

Ante a fortaleza do pensamento, a extensão das ideias exerce função idêntica ao comprimento das alavancas ante a força material - multiplica-a.

Desiludam-se os que acreditam que somos motores da propaganda republicana; ela é que nos impulsiona para o futuro e todo o nosso trabalho - na imprensa ou na tribuna - consiste em transmitir à pátria o movimento que nos impele a fazê-la caminhar conosco.

Nosso *desideratum* é este - propagar, comunicar um movimento adquirido.

Não nos preocupa a ideia de o conseguirmos ou não.

Sentimo-nos fortes - e isto nos basta.

Sentimos a firmeza positiva de nossas ideias e isto nos consola; porque se amanhã, por uma disposição qualquer de circunstâncias, tiverem de cair, terão a queda aparente dos astros - assim como estes desaparecem no horizonte para surgirem em outro, em vista do próprio movimento da Terra - porque eles não caem - aquelas se obscurecem num século - para surgirem em outro - em vista do próprio movimento das sociedades - porque elas não morrem...

* * *

³⁵ Artigo publicado na coluna *Atos e palavras*, do jornal *A Província de São Paulo*, em 11 de janeiro de 1889.

Os antagonistas da propaganda republicana pertencem a diversas categorias.

É uma coisa difícil classificá-los.

Vão desde o áulico de recente data - em geral ex-demagogo, ex-petroleiro - tristemente desfrutável que ainda há pouco fulminava com letras maiúsculas o trono, a tirania etc., na melopeia monótona de uns alexandrinos defeituosos - ao conservador de velha data - austero, rígido, mas teimoso, imperterritamente imóvel ante o choque das ideias - como a estátua de Glauco ante o embate das ondas...

Qualquer, porém, é extremamente fraco, o que mais ainda nos fixa a convicção de que travamos um combate desigual.

A evidência disto manifesta-se na argumentação de que usam e abusam desapiedadamente.

Sem lógica - porque os princípios que adotam, por extremamente arbitrários, não comportam conclusões positivas e racionais, apegam-se a uns velhos argumentos, gastos, moídos e remoídos pelos prelos de todos os tempos e lugares... mudam-lhes o colorido do estilo para parecerem novos.

Certos de que são extremamente fracos, fazem com eles uma espécie notável de guerra de emboscada - assim é que quase sempre os vemos surgindo de uns períodos obscuros e impenetráveis, eivados de uma adjetivação caprichosa e de uma tecnologia arbitrária.

Sempre envoltos numa frase sonora - o que atesta claramente ser ela, antes de tudo - oca.

Ora se utilizam da mesma balela - que consiste em apontar na história as repúblicas infelizes - e, afoitos, impõem à pobre inteligência uma peregrinação imensa pelos séculos afora - quando, sem abandonarem o seu

tempo, encontram as grandes repúblicas da Europa e da América.

Ora, tomando ingenuamente ao pé da letra a fórmula “governo do povo pelo povo”, entendem que este, atrasado como está, não se pode governar. É um triste argumento este.

Esta fórmula diz que todo cidadão pode se tornar apto para dirigir.

O governo republicano - digamo-lo sem temor - é naturalmente aristocrático - os pergaminhos dessa nobreza, porém, ascendem numa continuidade admirável, das oficinas às academias.

É o governo de todos por alguns - mas estes são fornecidos por todos.

Outros, porém, dão uma altitude especial à argumentação, encarando a ideia de uma maneira mais original e mais séria.

Assim fazendo, confessam que ensarilham as armas ante o sistema geral de seus princípios.

Vão mais longe - adotam-no inteiramente ante as duas ciências superiores - Moral e Sociologia - de onde se derivam as noções positivas do dever e do direito.

Reconhecem que possui todos os elementos de ordem e que se presta à organização geral da sociedade.

Concluem daí forçosamente - que é superior a todos. Mas combatem-no porque prevê as anomalias de sua adaptação empírica - aceitam a sua dinâmica - julgam-na inconveniente.

É sempre mau fazer-se juízo antecipado.

De mais, a sociologia é uma ciência que começa, e, portanto, incapaz de realizar a previsão no campo dos fenômenos que estuda.

Na frase de Kant - qualquer noção da realidade deve se basear na experiência. Ninguém pode afirmar as concreções anômalas do sistema republicano.

A bem disto, como se aceita a sua estática e repele-se a sua dinâmica?

Se a julgam própria ao estabelecimento da ordem, por que não a seu desenvolvimento - o progresso - que é menos difícil?

Que espécie de argumentação é esta - consistindo em atribuir uma função má a um órgão reconhecido bom, quando aquela depende unicamente deste?

A própria biologia diz que isso é um contrassenso.



III - 12 de janeiro de 1889³⁶

Por nossa parte recebemos também, com sincera satisfação, o aparecimento da guarda negra.

Este fato, aparentemente assustador - indica-nos unicamente a subordinação necessária dos acontecimentos às leis necessárias.

Toda reação é oposta à ação.

Ante o batalhão sagrado do futuro, iluminado e audaz, ela devia aparecer escura e obscura.

Não compreendemos, contudo, o entusiasmo que tem despertado em alguns, nem o temor que tem infundido em outros.

³⁶ Artigo publicado na coluna *Atos e palavras*, do jornal *A Província de São Paulo*, em 12 de janeiro de 1889.

Achamos igualmente exagerados os ditirambos harmoniosos e os artigos violentos, que lhe têm pairado em torno.

Temo-la por intensamente fraca, por ser enormemente ridícula.

Essa pobre gente, assim tragicomicamente postada ao lado do trono, não tem por certo a audácia indomável dos *thugs* nem certamente - nas veias - sinistro - o veneno embriagador do *haschisch*.

Um jornalista da corte apontou-a como causa provável de um conflito de raças - como o que se deu e não terminou ainda de todo nos Estados Unidos. Não cremos que isto se dê.

Como tudo o que é anormal, isto não é geral.

Demais, a raça negra, em sua essência nimamente afetiva, harmoniza-se admiravelmente à latina, profundamente vinculada à nossa sociedade - constituindo-a quase; a separação que deveria preceder a esse conflito teria o caráter de uma extirpação - o que é impossível.

Três séculos de contínua exploração e subordinação forçada - não conseguiram abastardar-lhe o gênio, e, durante esse tempo, ela aliou às nossas mais gloriosas tradições o nome de seus filhos.

Não a confundamos com a guarda negra.

Esta simboliza, na tez denegrada, uma espécie tristíssima de eclipse total da moralidade e da inteligência.

Aquela tem na história, como dinamômetro à sua fortaleza, a espada impetuosa de Henrique Dias e a sua verdadeira cor irradiou na frente iluminada de Luís Gama.

Afinal a guarda negra não deve inspirar ódio, nem medo - inspira compaixão. Deve-se ver nela a parcela mais infeliz de sua raça.

Liberta de uma exploração odiosa, pelo decreto de 13 de maio, caiu pelo mesmo decreto noutra exploração.

Saiu da exploração dos senhores para a exploração dos escravos.

E criou-se, afirmam, não para o atacar, mas para resistir; entretanto, vê-se bem, que de si mesma ela é um ataque à ordem da sociedade, pela infração flagrante da moral, revestida como está de um caráter escandaloso - o da ociosidade legalizada.

Criou-se para resistir; não sabemos a quem.

Uma vaidade natural - impede-nos de conjeturar sequer que seja uma resistência a nossos atos. Na posição em que nos achamos, não nos podem atingir os trágicos de Offenbach.

Aceitamos impávidos o combate mais brilhante e mais rude das ideias.

Obedecemos mais que aos impulsos da razão; à fórmula antiga

“querer é poder”

substituímos a fórmula profundamente elevada.

“dever é poder.”

Acreditar, pois, um só instante que são nossos adversários, equivale a abdicarmos voluntariamente de nossa honra e de nosso brio.

O seu aparecimento, contudo, nos satisfaz plenamente - é a primeira manifestação da força material - é a primeira manifestação de fraqueza.



IV - 15 de janeiro de 1889³⁷

O Sr. D. Pedro de Alcântara ali a um grande espírito um grande coração, afirmam convictos os tiribulários de seu reinado. Façamos um esforço - admitamos isto.

Empiricamente, esta hipótese é a mais valiosa que possuímos, a fim de atingirmos a demonstração da tese que advogamos.

Ampliada pelo estudo, robustecida pelo vigor de seu temperamento exuberante de meridional, a sua inteligência percorreu por certo, inteira, a curva desmesurada com a qual Vico simboliza o curso da evolução humana.

A ciência foi, sem dúvida, a Ariadne salvadora que o orientou, nessa romagem olímpica através do tumulto das gerações desaparecidas; para isto, subordinou, certamente, seu espírito à disciplina inviolável, fazendo-o ascender, metódica e brilhantemente, da simplicidade admirável dos princípios gerais da matemática à espantosa complicação dos fenômenos sociais.

Inclinado à astronomia - grande astrônomo, segundo propalam - deve possuir no pensamento brilho e amplitude para seguir a órbita imensa e iluminada dos mundos...

Erudito e profundo - tem por vezes deixado esta nossa terra retrógrada e inculta, para seguir, ansioso, a deslumbrante miragem da civilização, que lhe acena do alto das capitais da Europa; e lá, ombreando-se aos diretores do espírito contemporâneo, asseveram, os brilhos de sua coroa têm-se obscurecido ante a cintilação de sua frente...

³⁷ Artigo publicado na coluna *Atos e palavras*, do jornal *A Província de São Paulo*, em 15 de janeiro de 1889.

Democrata, sonhador e cavalheiro - abraçou como a um companheiro de armas ao heroico atleta da liberdade - ao velho mais moço do mundo - que, ao morrer, nos legou, a nós sonhadores também, o seu grande ideal, na grandiosa harmonia de seus alexandrinos imortais.

Ainda há pouco, uma república sul-americana manifestou desejos de galardoá-lo com uma dádiva riquíssima e S.M. - correto e delicado - pediu que lhe mandassem antes, dentro dos livros de seus escritores, a sua alma profundamente artística e elevada de nacionalidade inteligente e civilizada.

Ante este fato - entoaram-lhe as loas habituais; o velho turíbulo oficial fervorosamente agitado - encheu o ambiente moral da pátria - com as suas emanações puríssimas e purificadoras, e mais uma vez ante as multidões, S.M. apareceu tendo na frente em vez de uma coroa - um nimbo imaculado e casto.

Pois bem - justamente porque S.M. é um homem de espírito -, justifica-se a posição dos únicos homens de espírito desta terra.

Justamente porque o Imperador é bom - devem aumentar-se os esforços dos que entendem como uma coisa demonstrada - que o Império é mau.

Como homem de espírito - compreende que os fenômenos sociais são fenômenos naturais de uma ordem mais elevada, mais especial e mais complicada e que, assim como não se violam aqueles, não se violam estes; pode certamente descortinar - no campo da sociologia descritiva - através da desarmonia secular das raças e das sociedades, a marcha retilínea e imutável das leis naturais da civilização. Sabe que há uma lógica diretora dos acontecimentos - lógica que nos faz ver nos períodos aparentemente os mais sombrios da história, as épocas mais brilhantes da humanidade -

que nos faz descortinar através do despotismo da Idade Média, o renascimento prodigioso das crenças e das ideias, que, em breve, irromperiam na modernidade, envoltas no fulgor das teses admiráveis de Lutero... Tem consciência de que as ideias são funções que definem um certo estado de organização social; sabe e acreditamos que a própria fisiologia lhe ensinou isto, que, se elas se incompatibilizam com os órgãos produtores, extinguem-se por si mesmas, pela reação natural dos meios em que aparecem - mas que se definem positivamente o estado destes, para destruí-los - será preciso destruí-los, o que é naturalmente impossível. Ninguém destrói uma sociedade; ninguém a faz parar sem abalos; seria absurdo este idêntico ao de quem pretendesse supor a imobilização instantânea da Terra, sem que esta explodisse e se volatilizasse num segundo... Os próprios cortesãos, pois, fazem com que vejamos S.M. como um elevado espírito inteiramente absorvido na observação dos acontecimentos atuais, procurando talvez descortinar-lhe a feição filosófica e civilizadora e vendo se o seu desenvolvimento se harmoniza com as leis do que Spencer chama - História Natural das Sociedades.

Podemos, pois, agir desassombadamente - sem temer que se anteponham à fortaleza de nossas ideias os ferros dos janízaros.

O adversário mais interessado em nossa derrota conhece a fragilidade, a nulidade desses meios e, além de espírito, tem coração bastante, para impedir que, por meio deles, se dilacere inutilmente o grande seio da pátria.

Baseando-nos, pois, na hipótese de ser o senhor D. Pedro um grande espírito e um grande coração, concluímos logicamente que ser hoje revolucionário - é ser oportunista! Esta posição não exprime somente a coerência necessária entre os nossos atos e nossas ideias - patenteia também de nossa parte um grande interesse pela ordem posterior da sociedade.

Porque sabemos que a República se fará hoje ou amanhã, fatalmente como um corolário de nosso desenvolvimento; hoje, calma, científica, pela lógica, pela convicção: amanhã...

...Amanhã será preciso quebrar a espada do senhor Conde d'Eu.



V - 18 de janeiro de 1889³⁸

A anarquia...

Arrebatados na corrente prodigiosa das novas ideias, e dos novos ideais, na vertigem de uma queda iminente, os advogados da grande causa perdida que se nos antepõem apegam-se a esta palavra com uma sofreguidão de naufragos; ela constitui a posição de equilíbrio dos movimentos desordenados das suas ideias, e quando - na imprensa ou na tribuna - a inteligência extingue-se-lhes afogada no próprio vazio dos períodos, numa tristíssima pobreza de argumentos sérios - é ela que consegue levantá-los ao nível da discussão.

Diante das ideias que tonificam vigorosamente o organismo da pátria, e que se traduzem no movimento ascensional, deslocam-na assustadora e imensa, provocando a discórdia no seio das instituições, opondo tropeços à administração do governo, estabelecendo o antagonismo dos interesses, destruindo o crédito, exaurindo as fontes de trabalho, obscurecendo as noções elevadas da justiça e perturbando lamentavelmente a serenidade da consciência pública. Em falta de inteligência, expandem amplamente a imaginação -

⁰¹ Artigo publicado na coluna *Atos e palavras*, do jornal *A Província de São Paulo*, em 18 de janeiro de 1889.

pintam-na inteiramente estendida por toda a vastidão do país, destruindo a coesão que deve presidir os esforços das classes laboriosas, empanando o brilho imaculado das leis, ameaçando o presente pela dispersão violenta de todos os elementos de ordem; levando ainda além a sua missão maldita; insinuando-se no seio das academias - ameaçando o futuro...

E atribuem-na aos republicanos.

Quanta injustiça, porém, em tudo isto. Nós podíamos perfeitamente levantar esta palavra que se nos atira como um argumento inquebrável; podíamos revestir-nos do título de anarquistas, como revestimo-nos altivamente do qualificativo nobilíssimo de revolucionários - bastava-nos para isto um apelo à lógica invencível do pensador mais original do nosso século - Proudhon - e, embora paradoxal a teoria que ele sustenta, abroquelados nela, seríamos invencíveis ante a força liliputiana dos que nos atacam.

Não o queremos, porém - reconhecemos também que a anarquia, justamente pelo fato de se aproximar da liberdade absoluta - não pode existir porque não deve existir; a própria orientação filosófica que possuímos impõe-nos a todo instante a subordinação racional às leis; ante o estado atual da civilização, reconhecemos que o mais livre não é o mais assomado e sim o mais inteligente; a consciência do homem moderno forma-se pela subordinação constante de sua inteligência às leis positivas da ciência e atualmente revolta-se contra o que está racionalmente estabelecido; indica, antes de tudo - ignorância.

Na posição em que nos achamos nivelados, pela altitude de nossas ideias, à civilização do nosso tempo, inteiramente subordinado às leis que regulam o desenvolvimento natural da sociedade, somos por certo revolucionários, porque a força que transmitimos ao sistema social, em conflito com a sua deplorável fraqueza - produz naturalmente a perturbação, o desequilíbrio.

Isto, porém, justamente porque exprime uma revolta contra o estado atual das coisas, patenteia uma elevada e digna subordinação aos princípios que racionalmente regulam a organização e desenvolvimento de nossa pátria.

A anarquia não parte de nosso lado; deriva-se da nossa ação, é certo - mas justamente por isso, como reação, nos é oposta; ela é que nos ataca - nas ruas, no parlamento e na imprensa - com a brutalidade dos capangas, como as injúrias inconscientes dos pseudorrepresentantes da pátria e com a descortesia escandalosa dos jornalistas sem critério.

A anarquia não penetrou nas academias, insinuando-se no ânimo da mocidade; desde a matemática à sociologia, toda a ciência opõe-se-lhe vitoriosamente, cada página dos livros é-lhe uma barreira insuperável, podem nelas existir talvez revolucionários, altivos e audazes, temperamentos que se expandem violentamente, altivamente e dignamente, e falamos por experiência própria - mas quando isto se dá, quando se manifesta esse desequilíbrio lamentável entre as paixões e as ideias, por sobre o delírio espantoso de nossa alma, se alevantam serenos e imaculados os grandes ideais que a iluminam, como se alevantam tranquilos e grandes os brilhos das constelações sobre o delírio pavoroso das tempestades...



VI - 23 de janeiro de 1889³⁹

Sem cedermos de nossas convicções, antes subordinados a elas, inteiramente, afirmamos, com os nossos adversários,

³⁹ Artigo publicado na coluna *Atos e palavras*, do jornal *A Província de São Paulo*, em 23 de janeiro de 1889.

que o partido republicano não existe. De fato, não restringimos as nossas ideias a um tão estreito círculo de ação; entre as forças que nos alentam - por escusado temos demonstrar - que não entram as que efêmeras e frágeis se adaptam, contudo, melhor à existência de uma parcialidade política.

A nossa evolução mental precedeu necessariamente a um elevadíssimo desenvolvimento emocional e por isso as nossas próprias paixões têm um caráter mais geral e mais nobre.

Não constituímos uma agremiação de indivíduos, que impele violentamente uma opinião para esmagar um trono - afastamo-nos deste pelo impulso de uma ideia. Certos, profundamente convictos, de que o regímen atual é em sua essência estacionário, para destruí-lo, para livrarmo-nos dele, basta-nos uma coisa simplíssima - fazer caminhar a pátria!...

Somos alguma coisa mais que um partido, embora relativamente pouco numerosos, aumentados pela extensão dos princípios e pela sua generalidade, podemos afirmar - sem que se veja nisso um exagero de frase - que constituímos a molécula integrante de uma nova sociedade...

A propaganda republicana teoricamente tem, antes de tudo, o caráter doutrinário de um apostolado; cingida do sistema geral de seus princípios, tem para impeli-la a força que se deriva da inteira adaptação destes às necessidades atuais; empiricamente, longe de exprimir a atividade de uma facção partidária, é o reflexo, no mundo político, de um movimento social ou, antes, de uma transformação; como tudo na natureza, as nacionalidades se transformam e ela representa o estado intermediário, de transição - entre uma decomposição e uma recomposição.

De fato, obedecendo à própria lei da concorrência vital, que preside ao desenvolvimento universal da vida, há, sob os brilhos da constelação do Cruzeiro - uma sociedade que

se decompõe, à proporção que em seu próprio seio, mais robusta e maior, uma outra se desenvolve.

Como os indivíduos e numa escala maior - as nacionalidades obedecem fatalmente às exigências sempre crescentes da vida, e, nesse combate eterno e prodigioso, em que têm de apelar para todos os ramos da atividade, concorrendo violentamente com os que, por demasiado fracos, se inabilitam à realização de seus elevados destinos, abdicam forçosamente da própria existência.

À nossa nacionalidade - confessamos pesarosamente - nunca foi necessário o apelo à própria energia para viver, enquanto ao resto das nações, o futuro constituía um problema imenso, ante o qual tornava-se-lhes indispensável, constantemente, enrijar a própria organização, na rudeza disciplinadora dos trabalhos industriais, a que precedem forçosamente os esforços da inteligência; protegida pela natureza, bastava-lhe - para viver - adotar a forma primitiva da atividade humana. Além disto, barbarizada e egoísta, assumiu ante o movimento geral da civilização uma posição singular, divorciando-se da humanidade por meio de um escândalo - a escravidão; perdendo assim o movimento progressista do conjunto, desprotegida ante o maquiavelismo de uma velha política, automatizada, sem energia própria, movendo-se sem progredir, circularmente, ao impulso das tradições - em torno de uma dinastia - pela própria natureza desse movimento, adquiriu como única força a repulsão aos elevados princípios que tendiam a impulsioná-lo retilineamente para o futuro. Durante todo este século cresceu, não pelo íntimo desenvolvimento de sua organização - mas por superposição de camadas, como os corpos inorgânicos, sem que atestasse nisso um acréscimo de vida - e hoje, assoberbada pela própria grandeza de um destino que não pôde realizar, terá de refundir-se à luz

vivificante dos novos ideais e reviver unicamente no que tiver de bom em uma outra mais robusta e digna.

A sua sorte acha-se de todo aliada à da monarquia e quando, amanhã, partido o último dente da medonha engrenagem política, que há tempo tempo realiza a inglória tarefa do esmagamento completo das grandes ideias - aquela cair - o advento da República não indicará a vitória de um partido - exprimirá o renascimento de uma sociedade.



VII - 24 de janeiro de 1889⁴⁰

Decididamente, fazemos mal em levar a sério a reação contra os acontecimentos atuais.

Nessa jornada ideal para o futuro - cadenciada ao ritmo febril de nossos corações - chegamos a crer que não fica bem - a nós, moços - esse tom dogmático e austero, ante a hilariante degradingolade do velho regime.

Porque razão, ante os velhos LaPalisse dessa nossa política, homens que na proximidade do túmulo tão bem sabem rir e desfrutar a vida - havemos de enterrar nas rugas prematuras da fronte as encantadoras fantasias da mocidade?

Não, decididamente não nos serve a compostura rígida e impenetrável; a frase meditada e severa; a sinceridade na emissão grandiosa das ideias e a espontânea e desassomburada franqueza - para combater essa gente.

Ante ela, não vale realmente a pena a gravidade

⁴⁰ Artigo publicado na coluna *Atos e palavras*, do jornal *A Província de São Paulo*, em 24 de janeiro de 1889.

sistemática que adotamos e que envelhece a nossa mocidade. É preciso que a compartilhemos também um pouco da salutar alacridade que anima; que demos ao estilo a flexibilidade interessante dos acrobatas e dos cortesãos; que façamos espírito sobre as ruínas da pátria; que estabeleçamos larga importação de calembourgs, dentro dos romances franceses e lancemos também ao trapézio ideal da fantasia, como um clown destemido, o pensamento tão precocemente levado aos retiros tristonhos da meditação...

Ante o estado atual das coisas, para que ridicularizarmos as próprias paixões; para que criarmos impiedosamente o descrédito das próprias mágoas?...

Ainda há pouco, ao sabermos do malogro da conferência que pretendia realizar um médico ilustre - o qual tem a imensa infelicidade de ser republicano -, sentimo-nos assoberbados pela violência da maior indignação e expandimo-la amplamente sobre muitas folhas de papel, através das mais severas considerações e do contínuo estrepitar de uns adjetivos virulentos, fulminantes. Foi um trabalho perdido. Raciocinando com mais espírito, vimos nesse acontecimento um fato naturalíssimo.

É exato que a nossa Constituição estabelece plena liberdade de pensamento, mas ela, que nos foi imposta pela insignificante espada de um pequeno Bonaparte, bem pode ser violada pelo cacete, talvez mais forte, de qualquer capanga. Longe vai o tempo em que - aterrorizados pelas visagens truanescas dos corifeus governamentais, pensávamos na expansão violentíssima das grandes almas revolucionárias e heroicas. Chegamos a sentir necessidade de um Danton - tempestuoso e nobre - capaz de transmitir ao povo, através da fortaleza de sua palavra, todo o vigor de seu temperamento: evocamos mentalmente

os vultos lendários quase das grandes revoluções; mas hoje, melhor orientados, temo-los por desnecessários.

A velha sociedade extingue-se naturalmente, comicamente até, e se há alguém cuja presença devesse se achar em meio dos acontecimentos atuais, esse é o grande gênio da alta comédia - Molière...

Assim, pois, sintamo-nos felizes com toda gente.

Afirmam, por aí, que somos poucos, que nos achamos sós; ainda bem, alentados pela serenidade imperturbável e boa dos fortes, assistamos ao interessante espetáculo do nosso mundo político, sós e bem altos - da eminência fulgurante do ideal...

Proudhon⁴¹

⁴¹ Pseudônimo utilizado pelo autor na coluna *Atos e palavras*.



UM TRECHO DAS CAATINGAS.

III.1.6 – Coluna Dia a Dia

31 de março de 1892⁴²

Um dia pelos meandros da tortuosa política imperial sentiu-se ressoar - magnífica e augusta - a voz de alguém entoando uma sinistra oração fúnebre “sobre os esquifes que passavam”, em direção às trágicas necrópoles da honra e do civismo.

E nessa sociedade, dizem-me os homens desse tempo, que vivia sob o fatalismo bíblico da divina providência; aonde esta mística abstração dos crentes adquirira uma realidade quase objetiva, guardando a tranquilidade do colosso americano, cuja imensa paz era uma imensa anquilose; na velha sociedade monárquica, que tivera até então, pela própria inconsistência, a propriedade fatal de esterilizar todos os esforços, todos os impulsos dos heróis em prol dos grandes princípios que fazem a honra das nações - começou-se afinal a compreender toda a dolorosa tristeza dessas derrotas morais, em que tudo é perdido, ficando unicamente como um irrisão ou um castigo - a vida.

E fora a palavra vitoriosa de um crente, de um batedor de novos ideais, que, galvanizando-a, lhe estimulara a curiosidade ao menos de presenciar a queda dos homens que eram os mais altos fatores da sua prosperidade.

Recordando o fato, longe está de nós a intenção ou a tarefa de apontarmos idênticos esquifes em demanda das mesmas necrópoles.

Por uma fatalidade, que é a da lei desconhecida e

⁴² Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 31 de março de 1892.

cruel que impõe, no desdobramento da existência social, a véspera tristíssima das crises aos dias de civilização e de glórias - hoje, eles passam por aí em maior número talvez, mais lamentáveis.

Dantes ainda havia uma certa solenidade nesses grandes desastres, e tivemos políticos que se fizeram memoráveis a partir do dia em que rolaram das eminências do poder. Essas grandes quedas abriram largos parêntesis na existência geral e eram largamente comentadas.

Hoje, são uma coisa comum em que ninguém repara. Habitamo-nos a esta singular desdita e não se procura sequer saber qual a sinistra *morgue*, de onde partem tantos féretros anônimos.

Após o contragolpe de 23 de novembro, a reação triunfante da honra nacional, iniciou-se a trágica *degringolade* dos que pela traição à fé republicana tiveram logicamente sobre as cabeças o gume da justiça revolucionária.

De um mesmo embate a reação atirara por terra os criminosos e os cúmplices do crime. Alguns dias tentaram a majestade da queda; a maioria, porém esvaiu-se silenciosamente na multidão, abroquelada na própria niilidade.

Esses, porém, não entristecem tanto; vitimou-os o próprio erro, a falsa compreensão das ideias que supunham possuir, e resta-lhes ainda a absolvição dos que definem o homem, como um enigma, um conjunto de qualidades disparatadas que vão da suprema fraqueza ao heroísmo romântico.

Às vezes as sociedades, como os planetas, têm os seus polos antagônicos, e para que um se inunde de luz faz-se indispensável ao outro a imersão na sombra: os homens de 3 de novembro subordinaram-se à fatalidade da própria

posição, antagônica à dos que, num esforço épico e formidável, almejavam todo o brilho do ideal republicano.

O que, porém entristece e bate e assombra e aniquila a toda a gente é esta coisa incompreensível, a queda dos que nunca subiram, dos que por uma lamentável depressão mental - numa espécie de suicídio psicológico - matam as próprias ideias e nessa perigosa posição de oposicionista - que pode ser brilhante e digna e altamente simpática - se esterilizam inutilmente.

No entanto, era necessário até que do lado oposto ao governo partisse, alevantada e fulgurante, a voz de alguém que soubesse pensar.

Os próprios diretores da política atual têm bastante espírito para não acreditarem que estejamos no melhor dos mundos: - a história das sociedades está cheia dos erros inerentes ao próprio desenvolvimento que surgem ao impulso do próprio engrandecimento, como no fenômeno das interferências luminosas, as raias escuras, do conflito das luzes.

Animada de um poderoso espírito de crítica e de análise, uma oposição robusta pode atingir a perfeição de governar indireta mas eficazmente.

Infelizmente, isto não se dá. Chamam oposição à aglomeração fortuita de alguns indivíduos animados de despeitos comuns.

Não existe uma arregimentação estabelecida à luz de um princípio - tendendo a um objetivo determinado, porém a ação dispersiva de um bárbaro egoísmo a satisfazer.

E nessa luta, em que não existe o apelo constante às consciências, mas a constante exploração da própria vaidade, esgotam-se por aí alguns homens, inutilmente, inconscientes de que a oposição é uma grande escola para o talento e para o caráter.

Não se fixam por uma expansão do pensamento ao meio em que atuam, não o observam, não o estudam; todo o esforço mental que descolam não vai além da observação concreta do que aparece, e enquanto a sociedade se agita por um maior acréscimo de vida, por um acúmulo de novas e indestrutíveis forças, condensada na solidez dos princípios, e através do vasto renascimento da vida nacional, surgem, irradiando para os mais altos destinos, todas as atividades; enquanto tudo isto se dá cada qual compreende que a vida atual, adaptação ao meio republicano, impõe a tarefa duríssima e nobre da elevação constante da existência pessoal; enquanto se opera assim o fato de uma imensa regeneração - eles se extinguem.

É doloroso.



5 de abril de 1892⁴³

Por mais incruenta que tenha sido, a nossa transformação política foi radical e seus efeitos se evidenciam a cada passo.

Basta considerar-se a distância entre a política marasmática do Império e os princípios atuais.

Não passamos de uma maneira contínua da antiga Constituição para a de hoje. Separam-nas, a grandeza de conquistas realizadas por outras sociedades, através de lutas, em que não tomamos parte.

Enquanto as nacionalidades do ocidente da Europa e na América - os Estados Unidos - sob o domínio, muitas vezes,

⁴³ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 5 de abril de 1892.

das maiores crises, levantaram os princípios que nos decoram hoje - prolongávamos dolorosamente ao último quartel do século XIX, a inatividade colonial.

Erguemo-nos afinal, sem termos combatido, para partilharmos da vitória.

Tudo que temos hoje é uma dádiva generosíssima do nosso século.

Sejamos sinceros.

A nossa história patenteia o tristíssimo fato de uma sociedade esmagando, pela própria passividade, aos seus melhores filhos.

Da Inconfidência à Confederação do Equador, o historiador não sabe o que admirar mais, se o aparecimento de tão grandes heróis em tal sociedade, ou se a indiferença de tal sociedade ante homens tão ilustres.

Nunca tivemos essa indispensável continuidade de ideias e atos, que salva, através dos séculos e das crises, todos os esforços dos que lutam.

Extinguiam-se nos patíbulo, juntamente com a vida, os altos pensamentos dos mártires da nossa história. De sorte que a evolução democrática, que se poderia ter iniciado com os revolucionários do século passado, é uma coisa recente; vem de 1870, com a brilhante e ousada minoria que nunca mais a abandonou.

E o advento da República exprime afinal a conquista realizada por essa minoria brilhantíssima sobre uma maioria indiferente.

Pormais incruenta, pois, que tenha sido essa transformação política, ela conduziu-nos a uma fase delicadíssima de adaptação às instituições republicanas.

Atravessamos, inegavelmente, um período de transição inevitável.

Faz-se preciso, por consequência, sobre todo este estado de coisas, o influxo vigoroso de uma política exclusiva e eminentemente conservadora, que ampare, nessa brusca ascensão para uma existência maior e melhor, uma nacionalidade que lutou muito pouco para atingi-la.

O objetivo fundamental dessa política dever ser, a todo o transe, o estabelecimento da ordem e sabe-se quanto é difícil semelhante tarefa, nessas quadras perigosas, em que o próprio balanceamento dos espíritos favorece as piores causas e a gestação de todas as explorações.

O lema da nossa bandeira é uma síntese admirável do que há de mais elevado em política.

Precisamos, porém não invertê-lo, o que seria um desastre; quanto antes, pois, é necessário que todo o progresso, que relativamente já temos, se assente sobre a base indestrutível da consolidação da República.

Não temos, felizmente, divergências religiosas ou políticas tão profundas que dificultem muito o estabelecimento da ordem material. Traçadas limpidamente as órbitas de todas as atividades, basta que sobre elas paire a vigilância severa das leis.

É o que se tem feito felizmente.

Digam o que disserem, o governo enveredou com brilhantismo pela única política, capaz no momento atual de estabelecer as garantias da paz e acompanhamo-lo desassombradamente, nós, que no fato de uma ampla adaptação ao sistema democrático vemos mais do que uma conquista política - a grande regeneração de uma sociedade.

Seguiremos para o século futuro, robustos e grandes; neste século, cuja deslumbrante grandeza escapa às mais ousadas deduções da sociologia, através das vitórias da ciência e da indústria, a pátria brasileira redimir-se-á; e obedecendo à grandeza do próprio destino assumirá, enfim, a hegemonia das nações latinas...

Todo um século de inatividade terá compensado em alguns anos de lutas civilizadoras - e um grande futuro será afinal a absolvição para um passado estéril.



6 de abril de 1892⁴⁴

É fácil esta luta de guerrilheiros, com o aproveitamento de todas as encostas, de todos os barrancos ocasionalmente oferecidos e oferecendo continuidade ao inimigo, como suprema tática - o deserto.

É o extremo recurso dos fracos que procuram a vitória - um vasto fracionamento do combate.

Para isto todas as armas são úteis e todos os companheiros bons.

Esta luta singular em que se vence afinal ao vencedor, pela niilidade das próprias vitórias, tem na história as mais disparatadas feições.

Romanesca e gloriosa, salvando a Espanha - onde a legenda napoleônica iniciou a sua página dolorosa -, ela é

⁴⁴ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 6 de abril de 1892.

selvagem e condenável na Vendeia, transformada inteira numa emboscada - ante os homens de 1889.

A Vendeia preocupava mais aos grandes revolucionários, do que a Europa inteira apresentando-se a despenhar-se sobre a República, numa avalanche de lutas formidáveis.

Enviaram, para abatê-la, o seu melhor general, Hoche; e o grande exército, que mais tarde passaria triunfalmente pela Europa, recebeu a sua mais larga cicatriz, daqueles adversários impalpáveis, que punham-lhe em frente uma única trincheira - a sombra misteriosa das suas florestas.

A República brasileira tem também a sua Vendeia perigosa.

Não fazemos, nesta aproximação histórica, a injustiça de compararmos em tudo, aos perturbadores de hoje os rudes bretões, que se fizeram os últimos cavalheiros da velha monarquia derruída, enquanto abrigava-se no estrangeiro, acobardada, a aristocracia francesa.

Rebelados e ousados, extinguindo, numa desordem maravilhosa, a admirável simetria dos batalhões republicanos, procurando a vitória através dos incêndios e das ciladas - ligava-lhes entretanto os corações o liame indestrutível de um sentimento comum.

Não encontramos isto nos que, unicamente pela maneira por que perturbam o começo da República, se equiparam aos heroicos vendeianos.

Falamos da maneira a mais geral.

Se houvesse uma ideia, um princípio, um objetivo qualquer, o mais insignificante, do lado dos que - de norte a sul do país - parece terem tomado a deliberação infeliz de sistematizar a anarquia - à luz dessa ideia ou desse

princípio, por mínimo que fossem - já se teria travado a discussão mais franca.

Nada disto, porém.

Existe apenas a determinação de atirar por terra tudo o que está feito; o desalojar as posições, para realizarem um único ideal - ocupá-las.

E o propósito disto, diuturnamente, os despiedados prelos realizam o esmagamento do bom-senso ou remoem uma estafada retórica revolucionária, expluindo de umas velhas frases sonoras e vazias.

Estabelece-se, francos, a exploração e o aproveitamento dos menores acidentes, muitos dos quais naturalíssimos, nessa grandiosa translação de toda uma sociedade para um regime melhor.

Ainda há pouco acirrou-se escandalosamente o sentimentalismo do povo acerca de um fato insignificantíssimo; foi mesmo tentada uma questão religiosa e não se assustaram eles ante a eventualidade do grave aparecimento do clericalismo - o constante pesadelo de Gambetta quando restaurava a França.

E assim seguidamente, aliados de todos os males que surgem, o mínimo incidente que aparece é como seteira, de onde nos espingardeiam.

A República vencê-los-á, afinal, como a grande revolução à Vendaia, com uma diferença fundamental, porém - a glória do republicano francês foi verdadeiramente brilhante, graças à própria grandeza dos vencidos...

Quando, porém, entre nós, no último barranco esboroadado, rolar o último adversário, nós que não temos dedicações pessoais no governo, como se insinua deslealmente, que

vemos nos homens do poder símbolos abstratos da realidade, dos princípios que adotamos, nós não teremos o triunfo, mas uma triste lição acerca de todos os perigos, capaz de produzir a indisciplina dos sentimentos e das ideias.

Que nos sirva de consolo este ensinamento por vir - já que no presente invade-nos a máxima tristeza, vendo transportado para as lutas ideais do pensamento a tática extravagante de substituir a batalha - por um vasto, um indefinido, um profundamente doloroso deserto tristíssimo de ideias...



7 de abril de 1892⁴⁵

Seguimos com a pátria para a eminência fulgurante do ideal republicano, como quem vigia a abrupta e aspérrima encosta de um vulcão andino...

À medida que sobe, atravessando sucessivamente todos os climas da terra, distraído pela rápida mutação dos grandes panoramas, desde a flora exuberante do equador à vegetação rudimentar dos polos, o naturalista adquire um novo encanto em troca de um maior perigo.

E quando bem alto, envolto na reflexão maravilhosa das geleiras, o assalta todo o deslumbramento das grandes alturas iluminadas e um desmesurado horizonte incita-lhe os mais ousados sonhos à fantasia, é-lhe preciso calar o brado entusiástico que lhe irrompe do peito, para que se não despertem as avalanchas impetuosas, adormidas em torno, uma passividade traidora.

⁴⁵ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 7 de abril de 1892.

Nós vamos assim.

Arrebatados, como todos, na impetuosa corrente dos ideais modernos que se aprestam, nesta agitada véspera do século XX, a todas as conquistas da atividade humana, inscrevemo-los contudo no círculo inextensível de uma política conservadora e altamente cautelosa, única capaz de evitar a perda, a dispersão dos princípios e ideias já adquiridas.

Da mesma sorte que a mais ligeira oscilação atmosférica transmuda a silenciosa calma das grandes altitudes numa tempestade violenta - compreendemos todos os perigos que existem, de uma maneira implícita, nos incidentes os mais insignificantes.

Subordinamo-nos, pois - com uma constância inquebrável - a esta orientação, a única apta para conduzir-nos, sem maior perigo, ao futuro.

Não se pensa, porém assim unanimemente. Há uma nota tristemente discordante, destoando nesta harmonia de sentimentos e ideias e capaz - talvez - de produzir os mais lamentáveis desastres.

Antagônicos aos que, cientes de toda a delicadeza do atual período - envidam o máximo esforço para que se realize afinal o indispensável equilíbrio das ideias, dos interesses e uma aspiração política comum - levantam-se a todo o instante, açulando a discórdia, os que têm todo o interesse na perturbação geral.

Segundo notícias ontem recebidas, alguns generais - intimaram o Vice-Presidente da República, para realizar quanto antes a eleição presidencial.

É um fato contristador, este.

É realmente lamentável que a agitação que até há pouco

tempo se desmoralizava, pelos próprios agitadores, tenha agora o apoio de nomes conhecidos de homens, que já tiveram prestígio.

Não acreditamos, entretanto, que se levantem as avalanchas que tememos - na altura em que nos achamos.

É preciso, porém que o governo, fortalecido pelo prestígio inegável da lei, seja inexorável cumprindo-a.

Na fase atual qualquer vacilação na repreensão dos crimes políticos é pior por sua vez um crime maior.

Seguiram já para as amarguras de um prestígio os rudes e inconscientes revoltados, de cuja boa-fé se ludibriou tristemente para uma revolta abortada.

Sofremos consequências de um ataque criminoso às leis e à ordem; tivemos, entretanto a atenuante da própria rudeza.

No caso presente o atentado contra a ordem é maior, graças ao prestígio mesmo dos que o fazem.

É preciso que se faça sentir quanto antes por parte do governo a repreensão mais enérgica para que não continuemos por mais tempo à mercê de todos os desmandos, de toda a insânia e toda a desorientação dos que não temem a enorme queda - nossa e da pátria.



8 de abril de 1892⁴⁷

O manifesto dos generais, com tanto aqodamento aceito pela oposição, é de uma incoerência pasmosa.

Não resiste à mais vulgar análise. É um erro, e, o que é mais sério - um crime.

Começam pedindo ao governo o termo de intervenção militar, e não se lembram de que o fato mesmo desse pedido, revestido do valor de uma alta hierarquia de classe, constitui, por si mesmo, uma intervenção bastante séria na ação governamental; é, pois, uma incoerência.

Recordam o estado anárquico dos Estados e o critério que devem possuir de homens experimentados, numa longa vida sulcada de lutas, o próprio critério que têm deve convencê-los de que puseram, por esta maneira, ao lado da anarquia - sempre pronta a explorar tudo -, implicitamente, um prestígio que fora melhor se aplicasse a intenções mais aproveitáveis; é, portanto, um erro.

Terminam pedindo a eleição presidencial; não discutimos esta questão agora - a verdade, porém, é que um tal pedido, feito ostensivamente, embora sob uma forma respeitosa, é um atentado à ordem, é mais um balanço em toda a agitação que por aí vai; é, nas quadras normais, uma falta disciplinar, no período gravíssimo, porém, por que passamos - é um crime.

Suponhamos que o governo cede a esta imposição disfarçada; procuremos por uma demonstração *ad absurdum* a evidenciação do próprio absurdo que pretendem.

⁴⁶ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 8 de abril de 1892.

Ante esta subordinação à força, desmoralizar-se-ia, abdicaria, abandonaria forçosamente o poder. A legalidade, a extralegalidade, restaurar-se-ia, mais uma vez, graças - não esqueçamos isto - à intervenção militar. Como consequência inevitável - nova anarquia nos Estados, novas reações, novas lutas ainda intensas, até que se fizesse precisa uma hiperlegalidade, oriunda da mesma fonte, em substituição da extralegalidade combatida...

E neste deplorável círculo vicioso, voltando sempre, para corrigirmos um erro, ao começo do mesmo erro - teríamos uma tristíssima acumulação de desastres, quando o que precisamos e o que queremos é a larga estrada ascensional, e retilínea, que nos afaste de tudo isto.

O governo não cederá, porém; cerca-o impenetrável e magnífica uma barreira ideal - o fulgor das espadas e dos espíritos mais heroicos e desassombrados da pátria.

Abandonar, em meio, à missão reconstrutora, equivale a romper, illogicamente, a solidariedade que mantém com a feição nobre da nossa nacionalidade.

Subordinar-se a imposições de quem quer que seja, por mais encobertas que sejam, equivale a decretar, tacitamente, a própria fraqueza.

Permitir o impune campear dos que, por quaisquer meios, imprimem estimulantes à anarquia dispersiva - que é o inimigo comum -, equivale a faltar à sua missão principal, é, moralmente - extinguir-se.

O governo não cederá e prestigiará a lei.

Um número fatídico de generais não profanará a data, por vir, do próximo dia da nossa inteira regeneração política e social.

Volvam em torno o olhar todos os demolidores, os que por uma cisão estabelecida com as aspirações comuns realizam o fato estranho de se expatriarem sem o abandono do país - e verão que os dedicados à atual ordem de coisas têm a predisposição heroica dos predestinados - e são, em meio das lutas do presente, como a síntese, a miniatura da grande nacionalidade brasileira do futuro.



10 de abril de 1892

Mocidade caturra, a nossa...

Somos, no banquete espiritual, uma espécie de importunos convivas, corretamente vestidos de preto, em que a fronte moça se perde nas rugas de uma velhice precoce e o gesto comedido e austero é quase um escândalo, ante o despreocupado donaire, o desempenho feliz, toda a inquieta elegância dos voltairianos *fin de siècle*, dedicados heroicamente à oposição sistemática.

Arredados por outras preocupações - tudo o que vibra e vive em torno, chega até nós como um eco, um eco longínquo, incapaz de imprimir-nos à inervação a prodigiosa dinâmica dos sentimentos, através da qual simultaneamente esvai-se e se regenera-se a vida.

Tumultua a sociedade; e enquanto eles - os fortes, os felizes, os moços - os analistas incansáveis do nosso meio - aproveitam afanosamente tudo o que ascende da vasa, graças à fermentação geral - nós, os velhos de cabelos pretos, seguimos a parábola ousada de uma utopia, indiferentes ou irônicos.

⁴⁷ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 10 de abril de 1892.

Mocidade caturra e ingrata.

Há poucos dias se expandiu lírica e dolorosamente a sentimentalidade geral; não criminoso e bárbara se erguera crispada sobre a frente silente do Cristo; o telégrafo, vibrando eletricamente a comoção geral, transmitira aos mínimos recantos do mundo o espantoso crime; agitou-se no túmulo a carcaça desguarnecida de Torquemada; os réus confessos de ateísmo fizeram-se Madalenas soluçantes e trocaram, por momentos, os altos coturnos pretensiosos pelas sandálias humílimas dos penitentes; fez-se precisa a reparação, e a reparação se fez - amplamente - com as tochas, convictamente vibradas, nas costas de meia dúzia de infiéis rebeldes; e no meio de tudo isto, nós, ou tivemos uma ironia esfaceladora, farpeando, despiedada, aos crentes de última hora, *capazes de pintar bigodes no rosto imaculado de Maria*, ou a razão frigidíssima, condenando o fato em si e os seus inquietos exploradores.

Ontem novo germe de comoção geral. Entrada triunfante de uma falange regeneradora, envolta numa grande onda de luz, destilada de velhas espadas, brunidas no revérbero quente e fulgurante das batalhas. Expluíram ditirambos apaixonados. Vasto renascimento de esperanças estoladas. Uma magnífica aura guerreira - feita de vibrações heroicas de clarins, rutilações de metralha e resfolegar ruidoso de heróis - iniciou-se majestosa. O Grande Velho desceu de Petrópolis e o cobarde e incorruptível fiscal da confiança estrangeira, apresentou-se, aterrado, para um salto descensional e grave.

E enquanto tudo isto se dava, quando por uma espécie notável de endosmose uma grande febre de lutas penetrava as veias dos mais indiferentes - nós não tínhamos a postura, a linha admiravelmente romântica deles, dos valentes, a nossa

vida não oscilou, combalida, num grande desequilíbrio do sistema nervoso - antes, num impulso perfeitamente burguês e prosaico, voltamo-nos para esta velharia - a lei.

Dois fatos capitais, de transcendente importância - inteiramente perdidos.

Decididamente somos ingratos, caturras e despiedados.



13 de abril de 1892⁴⁸

A situação é esta: de um lado, um grupo de indivíduos que intenta a subversão da ordem, e, de outro, um governo que se faz respeitar.

Estão definidas as posições. Não, porém, à luz de uma ideia ou de um princípio político.

Muito recente, a política republicana não teve ainda tempo de diferenciar-se em partidos.

Há uma causa mais geral e profunda, justificando o aparecimento constante dos que, tão lamentavelmente, rotulam todos os nossos defeitos, os mais condenáveis.

As sociedades, como as espécies, evoluem através de um perene conflito entre o adaptar-se a novas condições de vida e hereditariedade conservadora, que as contrabate e repele. Ora, a adaptação do regímen democrático é uma coisa difícil; torna-se portanto mais cômodo, aos que se forram ao império de uma orientação segura, o entrarem para as agitações políticas com todas as qualidades adquiridas.

⁴⁸ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 13 de abril de 1892.

A sociedade monárquica não nos legou, certamente, esse respeito ao prestígio da autoridade, mais necessário ainda às repúblicas do que ao cesarismo.

Ela não nos ensinou a vermos, numa admirável harmonia com as leis, a única força dos que governam. Daí, esta tendência para assaltá-las, esta nevrose de desmoralizá-las hoje - no seio da República -, onde são inexoráveis e soberanas.

Daí, toda esta intermitência de crise e o aparecimento dessa espécie de criminosos - vítimas dos que atiram contra a estabilidade do meio atual, inconscientemente quase, impulsionados pelo meio anterior.

E uma coisa que se dá, no início de todas as reformas e a anistia, que nestas ocasiões quase sempre ampara os agitadores vencidos, é, verdadeiramente - uma absolvição dos erros do passado, que eles representam.

Felizmente, estes vícios hereditários, breves, se extinguem - por isto que, mesmo pelo muito depauperarem os que herdaram, facultam-lhes as maiores derrotas.

Evidenciou-se isto agora.

Toda uma conspiração - incubada há meses, que aliciara adeptos em todas as classes, que se construía recrutando todos os ódios e todos os despeitos e tivera afinal artes de se decorar, no último momento, com a auréola de um herói - explodiu - com o resultado negativo de entregar à justiça que a realizaram.

É uma coisa nova; parece que estamos destinados atualmente a fornecer casos originais à história. Esta aponta-nos inúmeros fatos de revoltas esmagadas, sob cargas impetuosas de regimentos e explosões de metralha; é novo porém o fato de uma conspiração que sai à rua e se dissolve a pranchadas, como uma arruaça qualquer de irresponsáveis.

Seria, entretanto, uma inverdade dizer que falta a muitos dos atuais perturbadores ativez ou coragem individual; a verdade, a tristíssima verdade, exuberantemente comprovada, é que nada existe capaz de debilitar mais os fortes, do que o agremiarem-se sem a fortaleza moral de uma ideia.

A união, nestes casos, faz a fraqueza; aumenta a intensidade do atentado, na razão inversa das probabilidades de vencer.

A vitória do governo não desperta hinos triunfais - foi a correção de um erro e realizou-se felizmente, com extrema facilidade.

Que o afastamento temporário dos agitadores facultem [sic] a consolidação da ordem e o alevantamento desta pátria digna de melhores dias.



1º de maio de 1892⁴⁹

Extraordinário amanhecer o de hoje nas velhas capitais da Europa...

Como que assaltada por uma síncope, subitamente, se paralisa a complicadíssima vida da mais alta civilização; todo o movimento das grandes sociedades, toda a espantosa atividade de um século e a admirável continuidade dessa existência moderna tão poderosa e tão vasta, se extinguem, aparentemente, esvaindo-se em vinte e quatro horas de inatividade sistemática.

⁴⁹ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1º de maio de 1892.

Abandonam os cérebros dos políticos os interesses nacionais mais urgentes; desaparecem por um dia todas as fronteiras; reconciliam-se incorrigíveis ódios seculares de governos - e aqueles exércitos formidáveis, que a todo instante ameaçam abalar a civilização, num espantoso duelo, formam silenciosos, pela primeira vez, sob uma mesma bandeira...

Tudo isto porque o anônimo extraordinário que é o maior colaborador da história, o Povo, que trabalha e que sofre - sempre obscuro -, entende, nessa festiva entrada da primavera, deixar por momentos as ásperas ferramentas e sonhar também como os felizes, pensar, ele que só tem um passado, no futuro.

O escravo antigo, que ia nos circos romanos distrair o humor tigrino dos reis, num pugilato desigual e trágico com as feras; o servo da gleba, o vilão cobarde que atravessou a Idade Média, à sombra dos castelos sob o guante do feudalismo; que tem alimentado com o sangue a alma destruidora das guerras; ele - a matéria-prima de todas as hecatombes, seguindo sempre acurvado a todos os jugos - transfigura-se realmente, alentado por uma aspiração grandiosa e apresenta esta novidade à história - pensa!

Deu todas as energias ao progresso humano, sempre inconsciente da própria força, e quando no fim do século XVIII uma grande aura libertadora perpassou a terra, ele se alevantou, aparentemente apenas - para trazer, às costas, até os nossos dias - a burguesia triunfante.

Cansado de escutar todas as teorias dos filósofos ou os devaneios dos sonhadores, que de há muito intentam-lhe a regeneração - desde os exageros de Proudhon às utopias de Luís Blanc -, ele inicia por si o próprio alevantamento.

E para abalar a terra inteira basta-lhe um ato simplíssimo - cruzar os braços. E que triste e desoladora perspectiva esta - de vastas oficinas e ruidosas fábricas desertas, sem mais a

movimentação fecunda do trabalho - e as profundas minas, abandonadas, abrindo para os céus as gargantas escuras - num tenebroso bocejo...

Se entrarmos na análise dos cambiantes que tem assumido o socialismo, temo-lo como uma ideia vencedora.

O quarto estado adquirirá, por fim, um lugar bem definido na vida universal.

Nem se lhe faz para isto preciso agitar o horror da anarquia ou fazer saltar a burguesia a explosões de dinamite. Fala todas as línguas e é de todas as pátrias.

Toda a sua força está nessa notável arregimentação, que ora desponta à luz de uma aspiração comum; a anarquia é justamente o seu ponto vulnerável - quer se defina por um caso notável de histeria - Luísa Michel, ou por um caso vulgar de estupidez - Revachol.

Não existe, talvez, um só político proeminente hoje, que se não tenha preocupado com esse grave problema - e o mais elevado deles, o menos inglês dos pensadores britânicos, Gladstone, cedendo à causa dos homerulers o espírito robusto - é, verdadeiramente, um socialista de primeira ordem.

Realmente, a vitória do socialismo bem entendido exprime a incorporação à felicidade humana dos que foram sempre dela afastados. Em nossa pátria - moça e rica - chegamos às vezes a não o compreender - transportando-nos porém aos grandes centros populosos, observando todas as dificuldades que assoberbam a vida ali, sentimos quão criminosa tem sido a exploração do trabalho. Ali, onde o operário mal adquire para a base material da vida, a falsíssima lei de Malthus parece se exemplificar ampla e desoladora. Preso a longas horas de uma agitação

automática, além disto cerceado da existência civil, o rude trabalhador é muito menos que um homem e pouco mais que uma máquina...

Os governos da Europa hão de transigir porém; hão de entabular os preliminares da paz, pelas concessões justas e inevitáveis que terão de fazer.

Nós assistimos ao espetáculo maravilhoso da grande regeneração humana.

Pela segunda vez se patenteia, na História, o fato de povos que se fundem num sentimento comum - e não sabemos qual mais grandioso, se o quadro medieval das Cruzadas, ou se esta admirável cruzada para o futuro.

Seja qual for este regime por vir, traduza-se ele pela proteção constante do indivíduo pela sociedade, como pensa Spencer, ou pelas inúmeras repúblicas, em que se diferenciará o mundo, segundo acredita Aug. Comte - ele será, antes de tudo, perfeitamente civilizador.

Que se passe sem lutas este dia notável. O socialismo, que tem hoje uma tribuna em todos os parlamentos, não precisa de se despenhar nas revoltas desmoralizadas da anarquia.

Que saia às ruas das grandes capitais a legião vencedora e pacífica; e levante altares à esperança, nessa entrada iluminada de primavera, sem que se torne preciso ao glorioso vencido - o Exército - abandonar a penumbra em que lentamente emerge à medida que sobe a consciência humana.



22 de junho de 1892⁵⁰

Infelizmente somos obrigados a confessar que têm motivos de sobra, para os maiores júbilos e alentadora alegria, os que diuturnamente alfineteiam - inofensivos mas perseverantes - a rígida armadura do atual governo.

Por uma casualidade, nimiamente favorável aos minúsculos Bayards da oposição, ele está a estas horas entre dois fogos. Mato Grosso, apesar de vastíssimo, já estava afinal exaurido para a exploração política; a problemática, a quase ideal república transatlântica, volatizava-se, como um sonho, e mal se constituía base a essa retórica estrugidora, através da qual reverbera a paixão oposicionista, que se nos afigurava prestes a desaparecer, esvaída e exangue, à mingua de desastres; as jeremiadas, calculadamente entoadas em torno das agruras e sofrimentos dos desterrados, iam-se também, e a pouco e pouco, deperecendo, extinguindo, ante outras coisas mais urgentes e mais sérias. Ameaçavam-nos já alguns prenúncios de ordem, solidamente estabelecida, em uma certa estabilidade no prestígio admirável das leis.

Há, porém, um deus para eles; deus que não é por certo inofensivo e benfazejo, mas misterioso e assustador, como os que apavoram as gentes indianas; espécie de Shiva impiedoso, que lhes creia infatigavelmente a sombra protetora dos desastres, a aliança perene com todas as calamidades.

Realmente, a estas horas, deve haver um vasto restrugir de cantos festivos e ovações delirantes, nos arraiais dos que soem bater-se unicamente abroquelados pelas ruínas da pátria.

⁰¹ Artigo publicado na coluna *Dia a Dia*, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 22 de junho de 1892.

O governo acha-se entre dois fogos; agita-se o Rio Grande, Pernambuco agita-se; a conflagração do Norte responde à conflagração do Sul; os homens de 1817 acordam aos brados dos valentes de 1835; tudo isto pode ter consequências gravíssimas. A desordem no seio da pátria é correlativa com a desconfiança do estrangeiro. Em compensação porém o governo pode oscilar, vacilam as posições - e por sobre toda essa ruínia anelada avulta uma adorável perspectiva de lugares vagos, de posições a ocupar...

Deve haver, pois, a estas horas, no *rez-de-chaussée* da política nacional, um grande restrugir de contos, festivais e ovações delirantes.

Toda esta alacridade há de passar, porém, rapidíssima, efêmera, como tantas outras. Demais, ela não nos assusta; a energia dos governos faz-se muitas vezes no seio agitado das revoltas; a agitação rio-grandense, porém, inegavelmente a mais perigosa, não se generalizará.

A vitória de Júlio de Castilhos, vitória que com a maior sinceridade aplaudimos, não só está muito longe de traduzir a reação vitoriosa contra o atual estado de coisas, como é uma sólida garantia da paz. É preciso que não se envolva, em paralelos criminosos, o moço ilustre que é a mais alta esperança do Rio Grande, e que é verdadeiramente um forte - na triste série de governantes depostos, frágeis e sem ideais.

Para qualquer, rudimentarmente conhecedor da política do Sul, a sua vitória exprime, sobretudo, a derrota de um partido que, nas condições atuais de nosso país, pode ser considerado o inimigo comum - o *gasparismo*. Sob este ponto de vista, o advento dos castilhistas é o maior benefício que se poderia fazer às instituições republicanas, levantando-as, vitoriosas, no mesmo lugar em que parece terem-se asilado

os últimos restos de esperança na restauração monárquica. Tão compenetrado disto parece estar o governo que, tendo no Rio Grande a metade do Exército, e podendo, sem violar a Constituição, que prevê o caso de agitações nos Estados, intervir - guarda a mais inteira, a mais completa neutralidade, não perturbando pelas armas a marcha triunfal das ideias republicanas naquele Estado.

Iludem-se, pois, mais uma vez, os que batem palmas as agitações que surgem; a do Rio Grande é altamente salutar, a do Norte inteiramente local e insignificante. Não é desta vez ainda que o ideal *mazorca* irromperá triunfante sobre a ordem desmantelada.

Há por certo, nestes dois acontecimentos, motivos para que se expanda o lirismo oposicionista; de fato, cada um deles pode originar novas e aventurosas explorações; não terão porém outra consequência.

Acabávamos de traçar estas linhas, quando um telegrama, acima de toda a suspeição, nos dá a notícia, já esperada, de que o governo de Júlio de Castilhos presta o mais franco apoio à política do governo central.

Decididamente começamos mal e este artigo - felizmente podemos confessar que não têm, absolutamente não têm, motivos para maiores júbilos a alentadora alegria, os que diuturnamente alfineteiam - inofensivos mas perseverantes - a rígida armadura do governo atual.



29 de junho de 1892⁵¹

É velha entre nós, a campanha contra o positivismo. Se houvéssemos a intenção de enumerar, entre as coisas profundamente tristes destes tempos, tudo o que se tem escrito acerca da nova filosofia, certo esquissariamos uma Coreia fantástica, feita de toda uma imensa agitação, todo um incoerente tripudiar de filósofos desocupados, de clérigos iracundos e cronistas trocistas.

Renunciamos à empresa: fugimos ao espetáculo espantoso, dessa espécie de psicólogo *sabbat* de ideias arvesadas, teorias desvairadas e utopias delirantes, com o mesmo espanto e terror que possuíam as crédulas almas das gentes medievais, ante os bailados demoníacos, que a imaginação lhes criava - na encosta solitária das montanhas ou à sombra silenciosa das catedrais...

Ultimamente erigiram Huxley contrarregra formidando e monótono e incorreto melodrama de maldições - e o eminente fisiologista, cujo espírito, aliado ao de Haeckel, teve lucidez para através dos mais íntimos recessos da matéria descortinar a feição primordial da vida, dando a base física do plasma à complicadíssima e admirável arquitetura da existência universal - Huxley, talvez nem saiba, em seu retiro, na sua grande abstração de sábio, que tem entre nós tão inesperada missão. Imagina-se Turenne, correto, brilhante e cavalheiro - a comandar um esquadrão de tártaros...

Está bem visto que não nos propomos, por demasiado frágeis, à empresa de terçar armas pela religião, positiva, à

⁵¹ Artigo publicado na coluna Dia a Dia, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 29 de junho de 1892.

qual não pertencemos, porque, neste iniciar da vida, um ideal filosófico nos é ainda uma aspiração, destinada a realizar-se mais tarde e definindo a altitude máxima da consciência, surgindo de um amplo conhecimento do mundo.

Por ora seguimos sem Deus, sem chefes; não corremos riscos de revogarmos amanhã o que pensamos hoje.

Nada mais deplorável do que esse viver automático dos que se agitam de pronto, a mercê das teorias filosóficas; preferimos seguir lentamente, na formação desse mundo interior, indefinido e vasto, e que constitui afinal o único prêmio, real e inalienável, de todos os esforços de nossa inteligência e de nossa afetividade.

Temos entretanto pelo genial instituidor da Filosofia Positiva, à luz da qual estudamos, admiração bastante para que nos seja difícil soffrear o espanto ante a maneira por que o impugnam, maneira que não se traduz por um combate, franco e desassombrado, mas que é como um apedrejamento.

É doloroso o quadro dessa campanha intransigente e cega, movida sobretudo pelos que parecem possuir elevação bastante, para compreenderem toda a grandeza do pensador, que foi como o herdeiro feliz de todas as criações da elaboração mental do século XVIII e que, sem exagero o dizemos, traduziu Descartes para o século XIX e instituiu a síntese subjetiva.

É realmente inexplicável tamanho combate contra o filósofo eminente cujo maior crime parece estar no aniquilamento da metafísica; cuja maior falta consiste em ter nobilitado a concepção social do conjunto humano - substituindo aos intermediários subjetivos, imaginosos e intangíveis, que aquela estabelecia entre o mundo e o homem, a noção altamente filosófica da Humanidade.

Por uma circunstância notável, a serenidade imperturbável e até certo ponto altiva, do pequeno grupo de positivistas, contrasta visivelmente com todo o aqodamento impugnador. Não vão à imprensa, não vão às tribunas; trabalham, lutam e pensam - alheios a todo o esgotamento inútil e à ação dispersiva das polêmicas estéreis.

Daí a simpatia de que são credores - mesmo daqueles que como nós se acham muito afastados das crenças que os impulsionam.

A biografia de Benjamin Constant, por Teixeira Mendes, livro em que se reflete admiravelmente a alma diamantina do fundador da República, exemplifica o que dissemos.

Enquanto acirradamente o imprecavam, através das doutrinas que adota, esse moço ilustre, perfeitamente incompreendido pela massa geral dos seus contemporâneos e que guarda um grande e obstinado silêncio ante todos os ataques - reconstruía, lenta e conscienciosamente, em toda a sua grandeza, a individualidade talvez a mais pura da nossa História.

Será, por acaso, tão perniciosa e condenável a filosofia que intenta e realiza tais empresas?

Pela nossa parte, respeitamos profundamente os que consideram a veneração pelos grandes homens como o “problema capital dos nossos tempos”, já que verdadeiramente as grandes individualidades do passado são as que velam melhor sobre o destino dos que seguem, demandando o futuro...

III.1.7 - Cartas ao Redator do Jornal

A Dinamite – I

Rio, 18 de fevereiro de 1894

Sr. Redator

Em carta ontem publicada, dirigida ao redator *d'O Tempo*, o sr. João Cordeiro manifestou sentimentos de tal natureza, que, caso passem em silêncio, provocarão um grande e doloroso espanto no futuro, definindo pela pior maneira a feição atual da sociedade brasileira.

É muitíssimo justo que se deem a um amigo parabéns pelo malogro de um atentado covarde como aquele que, segundo se afirma, foi ideado à redação de *O Tempo*. É, porém, profundamente condenável aliar-se à justíssima condenação de um crime uma represália talvez ainda mais criminosa. Assim é que o sr. João Cordeiro sugeriu o alvitre singular e bárbaro de lançar-se mão das mesmas armas criminosas e reduzir a retalho as prisões onde estão os rebeldes, etc..., caso não se possa conseguir o fuzilamento dos dinamitistas. Confesso, sr. Redator, que uma tal proposição, ousadamente atirada à publicidade, num país nobilitado pela forma republicana, deve cair de pronto sob a revolta imediata dos caracteres, que na fase dolorosa que atravessamos tenham ainda o heroísmo da honestidade.

É necessário ainda que este protesto parta justamente dos arraiais daqueles que, pelo fato mesmo de lutarem sob a égide da lei, se consideram bastante fortes, para não descerem

⁵² Carta dirigida ao jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 18 de fevereiro de 1894.

a selvaticezas de tal ordem. E o que faço, desafiando embora a casuística singular que por aí impera, mercê da qual é fácil estabelecer-se a suspeição em torno das individualidades mais puras, tornando-as passíveis dos piores juízos.

Este protesto não exprime a quebra de solidariedade com os companheiros ao lado dos quais tenho estado; exprime simultaneamente um dever e um direito.

De fato, quem quer que tenha uma compreensão mais ou menos lúcida do seu tempo, deve procurar evitar a revivescência do barbarismo antigo; quem quer que seja medianamente altivo, pode afastar a camaradagem deprimente de quem almeja o morticínio sem os perigos do combate.

Euclides da Cunha, engenheiro militar.



A Dinamite - II⁵³

Rio, 20 de fevereiro de 1894

Sr. Redator

A fim de reduzir corolários illogicamente deduzidos da minha carta anterior, peço mais uma vez lugar nas colunas do vosso jornal, afirmando-vos que não renovarei este apelo ao vosso cavalheirismo, porque não devo malbaratear em polêmicas que se tornem pessoais o tempo que devo empregar trabalhando pelo meu país. Afeito a proceder retilineamente, não temo os perigos das posições definidas, e afirmo mesmo que, por maiores que sejam aqueles, estas são sempre as mais cômodas.

⁵³ Carta dirigida ao jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 20 de fevereiro de 1894.

As conseqüências que aprouve à redação d'*O Tempo* tirar das minhas palavras são tão profundamente irritantes e falsas, que exigem uma réplica imediata. Não sei que modalidades deva assumir a minha linguagem para fazer compreender aos que comigo lutam pela mesma causa com sentimentos diversos, que também condeno inexoravelmente a turbamulta perigosa que irrompe atualmente de todas as sociedades, planeando o mais condenável ataque a todo o capital humano, e tentando macular, cobrir com uma fumarada de incêndio o vasto deslumbramento do nosso século. Por isso mesmo que os condeno, é que entendo que eles devem cair esmagados pela reação de todas as classes; mas por isso mesmo que odeio os seus meios de ação repilo-os, entendendo que a reação pode perfeitamente, com maior intensidade, definir a serenidade vingadora das leis.

É necessário que tenhamos a postura corretíssima dos fortes! Não é invadindo prisões que se castigam criminosos. Nada mais falível e relativo do que esta justiça humana condecorada pela metafísica com o qualificativo de absoluta. Há nos sentimentos que ambos tributamos à República uma diferença enorme: S. Exa. tem por ela um amor tempestuoso e cheio de delírios de amante, eu tenho por ela os cuidados e a afeição serena de um filho.

Persisto, pois, na deliberação fortemente tomada de o não considerar como um companheiro de lutas.

O futuro dirá quem melhor cumpriu o seu dever.

Euclides da Cunha, primeiro-tenente.

III.1.8 - A nossa Vendeia

1 Parte⁵⁴

O relatório apresentado em 1888 pelo sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendegó, os trabalhos do ilustre professor Caminhoá e algumas observações de Martius e Saint-Hilaire fazem com que não seja de todo desconhecida a região do extremo norte da Bahia determinada pelo vale do Irapiranga ou Vaza-Barris, rio em cuja margem se alevanta a povoação que os últimos acontecimentos tornaram histórica - Canudos.

Pertencente ao sistema huroniano, ou antes, erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano, pela ocorrência simultânea de quartzitos e gnaisses graníticos característicos, o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez mais do que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas.

Embora com a regularidade que lhes é inerente passem sobre ele impregnados de umidade adquirida em longa travessia do Atlântico, na direção de noroeste, os ventos alísios - a ação benéfica destes é em grande parte destruída, simultaneamente, pela disposição topográfica e pela estrutura geognóstica da região.

Assim é que falta a esta, talvez, correndo em direção paralela à costa, uma alta cadeia de montanhas - destinadas

⁵⁴ Artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 14 de março de 1897.

na física do globo a individualizar os climas, segundo a expressão sempre elegante de Humboldt - na qual refletindo ascendam aquelas correntes às altas regiões aonde um brusco abaixamento de temperatura, determinado pela dilatação num meio rarefeito, origine a condensação dos vapores e a chuva.

A observação do relevo da nossa costa justifica em grande parte esta hipótese despreziosamente formulada. De fato, terminada a majestosa escharpa oriental do planalto central do Brasil, a serra do Mar, que desaparece na Bahia, diferenciada em serras secundárias, acentua-se de modo notável para o norte a depressão geral do solo de ondulações suaves, patenteando num ou noutro ponto apenas, sem continuidade, as massas elevadas do interior.

Por outro lado, a estrutura geognóstica daquela região, composta em grande parte de rochas dotadas de alto poder absorvente para o calor, determina naturalmente a ascensão quase persistente de grandes colunas de ar, ardentíssimas, que dissipam os vapores ou afastam as nuvens que encontram.

Da concorrência de tais fatos, acreditamo-lo, resulta provavelmente a causa predominante das secas que periodicamente assolam aquelas paragens, estendendo-se com maior intensidade aos estados limítrofes do interior.

Daí a aridez característica, em certos meses, dos sertões do Norte.

Nessas quadras a relva requeimada, através da qual, como única vegetação resistente, coleiam cactos flageliformes reptantes e ásperos, dá aos campos, revestidos de uma cor parda intensa, a nota lúgubre da máxima desolação; o solo fende-se profundamente, como se suportasse a vibração interior de um terremoto; as árvores desnudam-se, despidas das folhagens, com exceção do juazeiro de folhas elípticas

e coriáceas, - e os galhos que morreram ficam por tal modo secos que, em algumas espécies, basta o atrito de um sobre outro para produzir-se o fogo e o incêndio subsequente de grandes áreas.

E sobre as chapadas desertas e desoladas alevantam-se quase que exclusivamente os mandacarus (cereus) silentes e majestosos; árvores providenciais em cujos galhos e raízes armazenam-se os últimos recursos para a satisfação da sede e da fome ao viajante retardatário - cactáceas gigantes que, revestidas de grandes frutos de um vermelho rutilante e subdividindo-se com admirável simetria em galhos ascendentes, igualmente afastados, patenteiam a conformação típica e bizarra de grandes candelabros firmados sobre o solo... “Então”, diz Saint-Hilaire, “um calor irritante acabrunha o viajante, uma poeira incômoda alevanta-se sob seus passos e algumas vezes mesmo não se encontra água para mitigar a sede. Há toda a tristeza de nossos invernos com um céu brilhante e os calores do verão.”

Sem transição apreciável, entretanto, a estas secas intensas e nefastas, sucedem, bruscamente às vezes, as quadras chuvosas e benéficas: impetuosas correntes rolam sobre o leito de rios que dias antes ainda completamente secos davam ideia de largas estradas tortuosas, lastradas de quartzito fragmentado e grés duríssimo, conduzindo a lugares remotos do sertão.

E sobre os campos, em cujo solo depauperado vingavam apenas bromélias resistentes e cactos esguios e desnudos, florescem o umbuzeiro (Spondias tuberosa) de saboroso fruto e folhas dispostas em palmas; a jurema (acacia) predileta dos caboclos e os mulungus interessantíssimos em cujos ramos tostados e sem folhas desdobram-se como flâmulas festivas de grandes flores de um escarlate vivíssimo e deslumbrante.

“O ar que então se respira”, diz o ilustre professor Caminhoá, “tem um aroma dos mais agradáveis e esquisitos. Uma temperatura de 16° a 18° à noite e pela manhã obriga a procurar agasalho aos que poucos dias antes dormiam ao relento e com calor. As aves que tinham emigrado para as margens e lugares próximos dos rios e mananciais voltam a suas habitações. Foi ali que compreendemos quanto é bem dado aos papagaios o nome específico de *festivus*. Com efeito, quando chegam os bandos destas aves a gritarem alegremente, acompanhadas de um sem-número de outras, começam logo a se animar aquelas paragens e como que a natureza desperta.

“Então, o sertanejo é feliz e não inveja nem mesmo os reis da Terra!”

Como se vê naquela região, intermitentemente, a natureza parece oscilar entre os dois extremos - da maravilhosa exuberância à completa esterilidade. Este último aspecto, porém, infelizmente, parece predominar.

A este inconveniente alia-se um outro, derivado da disposição geral do terreno. Assim é que de todo contraposta à topografia habitual dos nossos campos do Sul - ligeiramente ondulados e descambando em suaves declives para os inúmeros vales que os rendilham, caracterizam-se aqueles pelas linhas duras e incisivas das fundas depressões, terminando os tabuleiros bruscamente em escarpas abruptas, separando-se os cerros por desfiladeiros estreitos, flanqueados de grotas cavadas a pique...

Com muito maior intensidade que no Sul observa-se ali a ação modificadora dos elementos sobre a terra.

Nos lugares em que a ação mecânica das águas determinando uma erosão mais enérgica faz despontar a rocha granítica subjacente, observa-se quase sempre um

fenômeno interessante. Esta última apruma-se, largamente fendida em direções quase perpendiculares dando a ilusão de lanços colossais e semiderruídos de ciclópica muralha, nos quais as lajes enormes dispõem-se às vezes umas sobre outras, com admirável regularidade. Este fato, largamente observado por Livingstone nas baixas latitudes africanas, traduz a inclemência do meio.

Patenteia a alternativa persistente do calor dos dias ardentíssimos e o frio da irradiação noturna de onde resulta a disjunção da rocha em virtude deste jogo perene de dilatações e contrações.

Estes rudes monumentos, aos quais não se equiparam talvez os dolmens da Bretanha, quebram em grande parte a monotonia da paisagem avultando, solenes, sobre o plano das chapadas...

É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão, que se agitam nos tempos de paz e durante as estações das águas, na azáfama ruidosa e álcacre das vaquejadas os rudes sertanejos completamente vestidos de couro curtido - das amplas perneiras ao chapéu de abas largas - tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rês alevantada, e pendente, à cinta, a comprida faca de arrasto, com que investe e rompe intrincados cipoais.

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam.

O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendaia o fanatismo religioso

que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império.

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O chouan fervorosamente crente ou o tabaréu fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.

A justeza do paralelo estende-se aos próprios reveses sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendaia - heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas...

Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins.

Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova.



2 Parte⁵⁵

Sob este título, há tempos, ao chegar a notícia de lamentável desastre, descrevemos palidamente a região onde nesta hora, com extraordinário devotamento, batem-se as forças republicanas.

Adotemo-lo de novo.

Infelizmente prevíamos os perigos futuros e aquela

⁵⁵ Artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 17 de julho de 1897.

aproximação histórica, então apenas esboçada, acentua-se definitivamente.

A situação não pode, entretanto, surpreender a ninguém.

Os tropeços que se antolham às forças da República, a morosidade das operações de guerra e os combates mortíferos realizados, surgem naturalmente das próprias condições da luta, como um corolário inevitável.

O nosso otimismo impenitente, porém, que preestabelecera às marchas das colunas do general Artur Oscar, a celeridade e o destino feliz das legiões de César, mal sofria uma nova desilusão e caracteriza como um insucesso, como um prenúncio inequívoco de derrota, o que nada mais é do que um progredir lento para a vitória.

Esquecemo-nos de exemplos modernos eloquentíssimos. A Inglaterra enfrentando os zulus e os afgãs, a França em Madagáscar e a Itália recentemente, às arrancadas com os abissínios, patenteiam-nos entretanto revesses notáveis de exércitos regulares aguerridos e bravos e subordinados a uma disciplina incoercível, ante os guerrilheiros inexpertos e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desaparecendo, intangíveis quase, num dédalo impenetrável de emboscadas.

A profunda estratégia europeia naquelas paragens desconhecidas é abalada por uma tática rudimentar pior do que a tática russa do deserto.

De fato, nada pode perturbar com maior intensidade o mais seguro plano de campanha do que esse sistema de guerra que sem exagero de frase se pode denominar - a tática da fuga - na qual, adaptadas de um modo singular ao terreno e invisíveis como misteriosas falanges de duendes, as forças antagonistas irrompem inopinadamente de todas as quebradas, surgem

de modo inesperado nas anfractuosidades das serras, nas orlas ou nas clareiras das matas e, fugindo sistematicamente à batalha decisiva, diferenciam e prolongam a luta, numa sucessão ininterrupta de combates rápidos e indecisos.

A organização mais potente de um exército, que é um organismo superior com órgãos e funções perfeitamente especializadas, vai-se, assim, em sucessivas sangrias, deperecendo até a dinâmica completa, ante as hostes adversárias, de uma organização rudimentar, cuja força está na própria inconsistência, cujas vantagens estão na própria inferioridade e que, desbaratados hoje, revivem amanhã, dos próprios destroços, como pólipos.

Ora, quem observa, esclarecido embora por escassas informações, a disposição topográfica desse trecho dos sertões da Bahia, para o qual se dirige agora toda a atenção do nosso país, reconhece de pronto, que ele se presta de modo notável à guerra de recursos com todo o seu cortejo de reveses.

Sem um sistema orográfico definido, na significação rigorosa do termo, a região caracteriza-se, de um modo geral, pela feição caótica e acidentada que lhe imprimiu o tumulto das águas nas épocas remotas em que a ação violenta destas, arrastando as camadas de grés que a revestiam, desnudou-a em muitos pontos, aprofundando-se em outros segundo a resistência variável das rochas até aos terrenos mais antigos.

Daí o seu aspecto bizarro e selvagem.

Em que pese a sua imobilidade aparente, a natureza, ali, nas linhas vivas dos plateaux que terminam bruscamente em paredões a prumo, separados pelos vales profundos a que ladeiam escarpas abruptas e a pique, cindida pelas quebradas ou pelos

desfiladeiros que recortam as serras, aprumando-se mais longe em afloramentos imensos de gnaisses “cujas formas fantásticas recordam ruínas ciclópicas” - parece haver estereografado toda a desordem, toda a ação violenta e atumultuada dos elementos que a assaltaram.

A serra do Aracati, agremiação incoerente de serrotes contornando as caatingas que se desdobram, até o Irapiranga, na direção média de NE, inflete vivamente antes de chegar a Monte Santo, numa direção perpendicular à anterior e subdividindo-se em morros isolados, mas próximos, determina entre aquela localidade e a de Canudos a linha mais acidentada, talvez, de toda a zona.

Prolongando-se para o norte, ao atingir o morro da Favela, eixo das operações do nosso exército, os grandes acidentes de terreno derivam para leste e depois para o norte e subsequentemente para noroeste, como que estabelecendo em torno de Canudos um círculo de cumeadas, cortado pelo Vaza-Barris em Cocorobó.

A marcha do exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas.

Não é difícil aquilatar-se a imensa série de obstáculos que a perturba.

Por outro lado, na quadra atual, sob o influxo das chuvas, revestem-se os amplos tabuleiros, as encostas das serras e o fundo dos vales, de uma vegetação exuberante e forte, vegetação intensamente tropical, cerrados extensos impenetráveis, em cujo seio a trama inextricável das lianas se alia aos acúleos longos e dilacerantes dos cactos agrestes.

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgraçoso chapéu de abas largas e afeiçoado aos

arriscados lances da vida pastoril, o jagunço traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais.

Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem - bárbaro, impetuoso, abrupto.

Caindo inopinadamente numa emboscada, ao atravessarem uma garganta estreita ou um capão de mato, os batalhões sentem a morte rarear-lhes as fileiras e não veem o inimigo - fulminando-os do recesso das brenhas ou abrigados pelos imensos blocos de granito que dão a certos trechos daquelas paragens uma feição pitoresca e bizarra, amontoado no alto dos serros alcantilados, como formas evanescentes de antigas fortalezas derruídas.

Compreendem-se as dificuldades da luta nesse solo impraticável quase.

A Espanha não o teve melhor para abalar o exército napoleônico que nela se exauriu depois de atravessar numa marcha triunfal quase que a Europa inteira; não o tem mais apropriado a ilha de Cuba, hoje, revivendo, um século depois, numa inversão completa de papéis, contra a Espanha, o mesmo processo de guerra perigosíssimo e formidável.

Ora, a estes obstáculos de ordem física aliam-se outros igualmente sérios.

O jagunço é uma tradução justalinear quase do iluminado da Idade Média. O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo.

Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias.

Por outro lado, as próprias armas inferiores que usam, na maioria, constituem um recurso extraordinário: não lhes falta nunca a munição para os becamartes grosseiros ou para as rudes as pingardas de pederneira. A natureza que lhes alevantou trincheiras na movimentação irregular do solo - estranhos baluartes para cuja expugnação Vauban não traçou regras - fornece-lhes ainda a carga para as armas: as cavernas numerosas que se abrem nas camadas calcárias dão-lhes o salitre para a composição da pólvora e os leitos dos córregos, lastrados de grãos de quartzo duríssimos e rolados, são depósitos inexauríveis de balas.

A marcha do exército nacional, a partir de Jeremoabo e Monte Santo até Canudos, já constitui por isto um fato proeminente na nossa história militar.

É uma página vibrante de abnegação e heroísmo.

E se considerarmos que, a partir daqueles pontos, convergindo para o objetivo da campanha, as colunas, nesse investir impávido para o desconhecido, como se levassem a certeza de uma vitória infalível e pronta, não se ligaram por intermédio de pontos geográficos estratégicos à longínqua base de operações em Monte Santo, deixando, portanto, que entre elas e esta última se interpusesse extensa região crivada de inimigos, somo forçados a admitir que a arte, esta sombria arte da guerra que obedece a leis inexoráveis, foi ofuscada num admirável lance de coragem.

As suas regras, entretanto, devem prevalecer.

Um exército não pode dispensar uma linha de operações, segura e francamente praticável, ligando-o à base principal

afastada, através de pontos de refúgio intermediários ou bases de operações secundárias, para as quais refluem as forças em caso de revés ou seguem facilmente os recursos que se tornam necessários.

A viagem recente, de Canudos a Monte Santo das forças sob o comando do coronel Medeiros é um exemplo frisante.

Toda a campanha ficou em função daquela força expedicionária; a sorte de um exército ficou entregue a uma brigada diminuta. Entretanto tal não sucederia se a linha de operações tivesse como pontos determinantes duas ou três posições estratégicas, aonde forças em número relativamente diminuto se firmem, auxiliando eficazmente as comunicações entre a base de operações e o exército.

As forças auxiliares que partem hoje do Rio de Janeiro irão, certo, anunciar estas medidas urgentes, corrigindo uma situação anormalíssima.

Não basta garantir Monte Santo - é indispensável ligá-lo o mais estreitamente possível ao exército, cujo eixo de operações alevanta-se neste momento, em frente de Canudos.

Tomadas estas providências, a campanha que pode terminar amanhã repentinamente por um golpe de audácia, mas que pode também prolongar-se ainda, será inevitavelmente coroada de sucesso.

A morosidade das operações é inevitável, pelos motivos rapidamente expostos.

As tropas da República seguem lentamente, mas com segurança, para a vitória. Fora um absurdo exigir-lhes mais presteza.

Quem, ainda hoje, observa essas monumentais estradas romanas, largas e sólidas, inacessíveis à ação do tempo,

lembrando ainda a época gloriosa em que sobre elas ressoava a marcha das legiões invencíveis, irradiando pelos quatro pontos do horizonte, para a Gália, para a Ibéria, para a Germânia, compreende a tática fulminante de César...

Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões baianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas estreitas por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação - os soldados da República.

III.1.9 - O Brasil Mental⁵⁶

I

Aí está um livro de combate.

O seu autor, Bruno (José Pereira Sampaio), constituiu-se afinal uma exceção entre os escritores portugueses que se ocupam de nossa terra.

Teve, ao menos, uma lúcida intuição do seu papel de crítico e, procurando atirar para um lado todas as maravilhas estéreis, detalhes exíguos que por tanto tempo alimentaram a ironia finamente rendilhada de Eça de Queirós e o envenenado humorismo de C[amilo] C[astelo] Branco, tentou traçar um largo plano de análise séria de nossa mentalidade.

De há muito, conscientemente, afirmamos uma autonomia que progride numa continuidade perfeita da formação étnica à situação política, às minudências últimas de linguagem.

Ora, num plano superior, essa independência, os braços fortes da integridade da raça, espelham-se com maior realce nas correntes filosóficas e tendências artísticas que acaso nos impulsionam.

O escritor português intenta analisá-las: não há tentativa mais atraente e racional. Se, de fato, somos já uma nacionalidade, não há subordiná-la a uma prova mais robusta.

⁵⁶ Ensaio crítico ao livro de José Pereira de Sampaio, que utilizava o pseudônimo Bruno. O ensaio, cujo título era o mesmo do livro de Sampaio, foi publicado nos primeiros dias do mês de julho de 1888 na imprensa de São José do Rio Pardo. Nos dias 10, 11 e 12 de julho do mesmo ano, o jornal *O Estado de São Paulo* realizou nova publicação da crítica de Euclides da Cunha.

Porque, como um reagente informe determinando reações variáveis, a filosofia tem, nas próprias leis gerais que enfeixa, uma plasticidade admirável para amoldar-se a todos os aspectos de uma civilização particular. O rumo das pesquisas científicas, todas as manifestações da arte e, como um corolário, os ideais políticos, variando segundo as linhas das fronteiras, refletem-na, modificada, através do temperamento dos povos.

Seria longo exemplificar.

Nessa órbita elevada da luta pela existência entre as nações, desdobra-se o mesmo processo que preside à evolução geral da vida. É como uma cópia ampliada, numa escala maior, que faz resultar novos acidentes, novos esforços, exigências mais imperiosas. O determinismo, porém, é semelhante.

E quando uma raça se unifica - autônoma, forte, original - o que se observa, de golpe, é um complexo de ideias firmando um modo de agir, patenteando pelas criações intelectuais as qualidades que a aparelham para adaptar-se ao ambiente da civilização geral.

Há por isto, às vezes, no historiador, alguma coisa de paleontólogo - e nas quedas e ascensões das raças as mesmas vicissitudes que assaltam os organismos inferiores ante as variações do meio cosmológico.

Diante da Grécia atual, para revivermos o século de Péricles, quase que podemos lançar mão do mesmo método que permite ao materialista reconstruir, com os talos de uma capilária, o majestoso feto arborescente de idade carbonífera. Num e noutro caso, na profecia retrospectiva que revive um *facies* da terra ou da história, o que se evidencia é uma adaptação cada vez mais imperfeita ao meio, uma exaustão lenta da vida que é um recuo lento ante concorrentes mais fortes. E estes últimos, novas espécies ou novas raças

emergentes, caracterizam-se identicamente como um fato de seleção natural, por um acordo permanente com as condições gerais da vida, em torno.

Ora, estas são muito complexas para as novas nacionalidades que se formam, compartilhando uma civilização em que não colaboraram.

É o nosso caso - agravado o fato social ainda pela intercorrência do período agudo da fusão de fatores étnicos diversos - pela preliminar forçada de uma sub-raça de tipo ainda indistinto.

Desse modo, estudar as nossas tendências filosóficas e artísticas, isto é, verificar se realmente evoluímos, respirando livremente em ambiente superior, autônomos, não absorvendo parasitariamente o resultado de esforços estranhos, mas transformando-os em nossa economia íntima, e reagindo por nossa vez sobre o progresso geral imprimindo-lhe um traço de originalidade qualquer - é certa, a melhor maneira de definir uma feição nacional.

O *Brasil Mental* é, por isto, o título de uma tese amplíssima.

Infelizmente, é o título apenas. O seu autor não foi além desta intenção louvável. Ficou na primeira folha ou antes ficou na capa do livro que, aureolado pelo título, desponta à frente das suas quatrocentas e tantas páginas, como uma fachada grega rematando uma construção pesada.

Contorna apenas o tema escolhido e ostentando desordenadamente uma erudição luxuosa e surpreendedora, perde-se sempre em divagações contra as quais raro há rastrear-se qualquer coisa que nos diga respeito.

Parece temer o assunto: flanqueia-o, aborda-o de revés, medrosamente; evita-o e foge perdendo-se na trama

cerrada de um estilo vigoroso mas impenetrável, trançado de incidentes intermináveis, riçado de arcaísmos e ao mesmo tempo moderno, bizarro e original - lembrando um quinhentista que se fizesse nefelibata - num desenrolar de períodos interessantes em que o léxico extinto do primeiro se acolcheta às extravagâncias inovadoras do último.

É esta a primeira impressão que cria. Não insistiremos, explanando-a.

Fora pouco generoso - embora traduzisse o lado mais pitoresco da crítica. Não vale, porém, a pena abreviar as vistas num respigar odioso, enumerando extensa lista de incorreções - francesismos que em muitas páginas *ricanam* estrepitosamente do catonismo gramatical de Bruno (tão pronto a chamar a bolos sobre o fato os escritores brasileiros), ou a falsa colocação dos pronomes, ou ainda o que é mais sério, a tendência singular para a deformação pecaminosa da língua numa "consciencização tipicamente contraditória e hesitante" da sua índole e leis invioláveis.

Além disto, ele revela à página 63 do livro o modo vertiginoso pelo qual surgem naquelas regiões iluminadas de além-mar, hoje, os livros modernos. Conhecíamos o fato. Albat indicou-o recentemente, diagnosticado - a moléstia de escrever.

O pensamento humano perde em força de concepção o que ganha em movimento para a expressão. É uma faina estonteadora. O escritor, como um empreiteiro de ideias, agita-se adoidadamente reagindo à concorrência cerrada. E os livros irrompem como os jornais, feitos da noite para o dia, instantaneamente, na lufa-lufa tipográfica que não permite sequer a paragem das revisões.

É uma nevrose. Bruno pinta-a incisivamente.

“Não relida sequer, inexoravelmente, o Sr. diretor da oficina demanda a tira mal acabada de escrever para logo a projetar às fauces sebentas de dedadas de tinta do minotauro dos caixotins.”

Aí está uma frase expressiva: tem a eloquência da própria incorreção.

Como imprimir altitude ao estilo, ou impedir que ele se derranque, ou impedir que a ideia se grave confusa numa página apenas esboçada, como um *silhouete*, ante tal prepotência de diretores de oficinas? Demandemos por isto questões mais sérias, já que nos é lícito admitir que aquela tirania não se alça ao ponto de culminar sobre o pensamento do escritor.

Numa introdução preparatória que, para ser lógica, devia erigir-se como um resumo de nossos antecedentes, preparando-lhe a estrada no assunto, Bruno divaga brilhantemente sobre detalhes que deviam antes ser eliminados como elementos perturbadores. Ora, a própria natureza daquele impunha outro método.

Se para o estudo incomparavelmente mais simples dos movimentos da matéria, firma-se a hipótese da inércia ante a qual se apagam as energias imanentes aos corpos, à luz de um critério mais sólido, ela identicamente se impõe ao pensador que indaga sobre a movimentação complexa de uma sociedade.

Tem que a considerar sobre o império de suas energias reais, de forças definidas condenadas na resultante de uma civilização característica, e afastar todas as que se erigem efêmeras e dispersivas emergindo do fanatismo das escolas ou caprichos literários.

Assim, diante do belo título daquele livro, o que esperávamos nas primeiras linhas era a definição da nossa

fisiologia especial em função do meio e dos componentes étnicos que convergem na constituição da raça, e logo depois, numa escala ascensional, o traço mais vivo da nossa feição histórica sobre que reagem aqueles, atenuados pelo influxo inevitável da civilização geral.

Depois disto, compreende-se que abordasse afinal a nossa psicologia - o que somos, o que temos feito na ciência e nas artes, resumindo umas e outras as escolas filosóficas que adotamos: - o Brasil mental, em suma.

Era o único traçado a adotar.

E ao definir, numa resenha expressiva, a ignorância em que têm até hoje vivido os escritores portugueses acerca do tipo exato do brasileiro, Bruno parece a princípio inclinado a trilhá-lo. Insurge-se contra o brasileiro achamboado, extravagante e falso que por lá tem andado, pela região dos grotescos, atravessando - lastimavelmente, triunfantemente - os boulevards parisienses, “de guarda-sol azul em rolo e chapéu à nuca”, e formula a necessidade de riscar-se esse debuxo falso, substituindo-o por uma fisionomia real. Não vai, porém, ainda desta vez, além de uma intenção generosa.

Descamba logo, incidindo no velho vício da discórdia literária entre os dois povos (que tem significação mais alta), acirrando-a esterilmente - investindo, desabrido, com Tobias Barreto e, mais adiante, numa admiração esparsa em frases que recordam ditirambos sem rima, rebatendo os críticos do último livro de Junqueiro.

É um desafoço em estilo candente, sulcado de frases rudemente vibradas como apóstrofes, mas no qual a combatividade do polemista anula a serenidade do crítico, e cai em exageros inopinados.

Assim combatendo a apreciação severa do pensador brasileiro sobre o trabalho notável de A. Herculano, no trecho em que, visando diminuir a capacidade historiográfica deste, lhe frisa a carência de retratos, a inaptidão para delinear os grandes tipos históricos em que primaram Huther e Carlyle, diz, de um modo dogmático, Bruno:

“Aqui há dois erros - o primeiro e fundamental consiste em despedir a competência de um historiador porque ele não seja em certo gênero historiador.”

E conclui, mais adiante, apontando o segundo erro:

“Ora, onde tinha Herculano para no mármore sagrado lhes talhar estátuas, os Luteros e os Carnots?”

Diante dele, afirma, só desfilavam figuras exíguas de principículos medianais e solarengos anônimos.

Aqui, há dois erros. O primeiro - e fundamental - está neste modo absoluto de discriminar gêneros de historiadores, hoje que a história, calcada em leis inflexíveis, não é mais uma arte peada ao subjetivismo dos que a escrevem. As diferenças entre verdadeiros historiadores são tão secundárias que não criam gêneros distintos, do mesmo modo que o fato fisiológico, definido pela equação pessoal, em astronomia, não basta para criar gêneros de astrônomos. A concepção dramática de Carlyle, na apreciação dos acontecimentos, a despeito das modalidades da forma, deve atingir as mesmas conclusões positivas que o gênio profundo de Guizot.

Não há gêneros de historiadores, como não há gêneros de astrônomos como não há gêneros de geômetras, ainda quando se confronte o diletantismo científico de Flammarion com a sólida organização mental de Faye ou as loucuras geniais de Wronski com o critério incomparável de Lagrange.

Além disto, considerando agora o segundo erro notado, não faltavam absolutamente ao grande historiador figuras excepcionais que lhe animassem o estilo admirável.

Mömmesen diante de Sila - um boêmio trágico, extravagante e feliz que escandalizou toda a antiguidade clássica - certo não tinha um mais impressionador modelo do que quem distinguisse irrompendo varonil, às arrancadas com o castelhano, essa prodigiosa e comovedora figura do Condestável, que resume todo o heroísmo da cavalaria portuguesa na Idade Média.

Mas há ainda um erro - o erro permanente de todo o livro.

Bruno generaliza logo esta divergência, que pode ser um caso particular de um fato mais geral, mas que não erradica do Brasil mental a admiração pelos grandes homens da sua terra - e encerra a questão numa objurgatória quase:

“O que importa é que fique bem estabelecido que ao nome de Herculano não quadra o acatamento das novas gerações brasileiras.”

Bate a mesma nota mais adiante em extenso comentário sobre a *Pátria*, de G. Junqueiro, para o qual encontra uma frase notavelmente sintética - os Lusíadas da decadência.

Aí expande um lirismo em prosa que se mede pela fantasia ousada do poeta.

É um livro de tal altitude aquele, decreta

que não existe em literatura alguma

paralelo que se lhe compare quanto menos que

se lhe avantaje.

Ali, estão, ao lado uns dos outros, estudos de caracteres que são do melhor Molière e dramas psicológicos como os que soem vibrar nas páginas formidolosas de Shakespeare.

Como poema satírico é único no gênero: Juvenal está muito abaixo em suas invectivas rítmicas, e Victor Hugo não suporta um confronto em que pese a orquestração poderosa dos Châtiments “de trechos desconexos”, trabalho confinado a uma catástrofe de onde surge a fisionomia baça de Napoleão III. Ainda mais, a Pátria

“demarca um instante fundamental na evolução morfológica do intelecto português”,

termo brilhante de um longo período reconstrutivo que a transfigura, levando-a da indigência concepcional antiga mal disfarçada em epopeias chochas como os Lusíadas, “um cronicão rítmico”, as faculdades criadoras que o extremarão na categoria intelectual das raças arianas.

E não é só um livro, é um manancial de livros, porque

“nas rubricas em prosa que intermeiam os versos há matéria para ampliações de inúmeros poematos.”

De sorte que, diante de tudo isto, a *Pátria* é, em síntese, a via-láctea fulgurante desdobrada no firmamento intelectual do mundo.

E o lírico polemista desenrola períodos ferventes para demonstrar que a sua significação profunda escapou aos críticos brasileiros que, imponderavelmente, deram efusão à animadversão invencível.

Mas isto não é exato. O que é certo é que para uma obra de arte tão elevada como a que Bruno idealizou, não há mesmo lá uma renovação social determinante.

Melhor do que a nós, a convivência com Teófilo Braga deve ter-lhe ensinado que se as formas novas da civilização marcham em paralelismo estreito com as novas modalidades artísticas, ao ponto de serem aquelas muitas vezes reconstruídas através dos tumultos da história pela

significação superior das últimas, nem por isto a idealização estética deixa de ser um efeito e nunca uma causa.

Ninguém melhor do que o positivista português patenteia essa subordinação da poesia ao conjunto do saber humano e às fases sociais derivadas, da primeira grande obra de arte à última, através de todas as idades, desde o poema de Lucrecio, calcado na concepção atomística do Epicuro à feição profundamente artística de Schiller, alentada pelo criticismo de Kant. Para que surjam os gênios nacionais é preciso que antes despontem ou se transfigurem as nacionalidades.

Ora, ao mesmo tempo que nos fala num processo reconstitutivo da sua terra, o escritor caracteriza o alcance social e histórico do livro, que o deslumbra, afirmando que ele marca o último estágio

“de um processo de desagregação da alma coletiva desprendendo-se dos sentimentos tradicionais e abandonando enfim as suas velhas crenças.”

Se assim é, a sociedade portuguesa, a pique ainda dos abalos determinados pelo negativismo demolidor que a decompôs, inicia, apenas, agora, a fase reconstrutora; não tem ainda sinergia para a gestação de um gênio.

E a *Pátria*, “último termo de um trabalho revolucionário” desprendendo-se dos sentimentos tradicionais, viola flagrantemente o destino da poesia moderna que, ao realizar o grau máximo da idealização na consideração dos fatos sociais - antes de tudo a fórmula mais alta e mais expressiva da solidariedade humana.



II

Graças a uma lógica torturada, o escritor enfeixa afinal as considerações, que expende sobre as divergências literárias apontadas numa conclusão única: o Brasil nada quer de Portugal - por isto, cedendo ao vício hereditário transmitido por este, foi buscar à França alentos para a sua renovação espiritual.

E da França veio, então, o positivismo: o positivismo sem o depuramento das rebeldias de Littré, positivismo empolgante com o seu dogma inteiriço - a sua liturgia complexa, a sua ortodoxia inviolável.

Apesar disto, dedicando a este cerca da metade do livro, bem poucas vezes faz referência à ação daquela filosofia em nossa terra.

Combate-a sob todos os aspectos, longamente, e uma ou outra vez apenas, de modo breve e acidental, dentre as amplas considerações teóricas que expende, resulta fugaz e nem sempre exato, como observaremos, um exemplo inexpressivo. E mesmo assim procedendo, enfrentando uma questão geral de há muito ventilada em torno da qual as controvérsias têm assumido todas as modalidades, das observações respeitadas de Stuart Mil à brutalidade fulminante de Huxley, mesmo assim, claudica: abrem-se-lhe a todo o instante na argumentação aviventada por estilo vibrátil, frinchas desafiando o assalto da crítica mais despiada.

Exemplifiquemos.

O polemista enfrenta logo a lei dos três estados - e nega-a, afirmando que nem sempre as concepções literárias, históricas e artísticas têm passado pelas fases sucessivas indicadas por A. Comte, dando-se pelo contrário, muitas

vezes, a simultaneidade daquelas. Reedita, então, uma observação de Pelarin: o espírito humano ocupou-se sempre simultaneamente de Deus (fase teológica), de abstrações (fase metafísica) e de conhecimentos reais (fase positiva). Aponta antigos exemplos revelando o fato geral das diversas manifestações da consciência individual: Newton, Pascal, Cancy e tantos outros, inegavelmente positivistas em ciência, eram teólogos.

Ao mesmo tempo - lealmente - transcreve um trecho de Comte em que este é o primeiro a frisar a coexistência dos três estados no mesmo espírito, explicando-a pela significação da própria hierarquia sistemática das ciências, que, ascendendo segundo a especialidade crescente, faz não raro com que uma inteligência emancipada na matemática se possa conservar metafísica na biologia, etc. tornando-se a dificuldade insanável apenas num caso inverso, isto é, se a positividade de uma ciência superior coincidissem com o estudo teológico da inferior ou se um mesmo espírito positivo na química se revelasse metafísico na mecânica.

Nada mais claro - e o pensador indicando o segundo caso nega por completo a sua existência.

Bruno, porém, afirma-a; e afirma coisas assombrosas.

Diz, por exemplo, que na ciência social existem seções inteiras governadas por um método rigorosamente positivo ao passo que a ciência da vida ainda se embaraça com entidades filhas da mais extrema abstração.

Esta afirmação só se justifica pela pressa com que são feitos os livros na Europa...

É absolutamente impossível que o escritor português desconheça que a fisiologia, mais do que qualquer outra ciência, receba, com destaque, a ascensão contínua do espírito humano.

Desde Aristóteles, espelhando todas as cambiantes da vida - equação do universo - de Boudach -, ao princípio interior de ação - de Kant, através dos exageros do vitalismo animista, ela tem-se despedido a pouco e pouco da tendência à pesquisa inútil das causas finais para afinal, hoje, em plena positividade, considerar somente as condições e relações dos fenômenos, adstrita à sua causalidade imediata. E porque um ou outro contemporâneo de Paracelsus, desgarrado no século XIX, ainda procura na vida a ação do sobrenatural difundida na matéria inerte e obediente, devemos afirmar que a biologia ainda joga com abstrações?

O espírito humano não espera por estes retardatários; deixa-os perdidos na miragem das próprias fantasias.

Admitamos, porém, visando uma demonstração ad *absurdum*, a estranha afirmativa.

Bruno desdobra a objeção formidável. Assim, enquanto a biologia se embaraça com entidades fictícias apelando não raro para o método teológico, pela intervenção providencial, seções inteiras da ciência social estão em plena positividade.

E pergunta, e responde:

“A arte das construções e a estratégia são departamentos positivos da ciência social? São, naturalmente.”

Podíamos limitar-nos à transcrição - que é por si mesma notavelmente expressiva. Mas, prossigamos.

O crítico português afinal desconhece que todas as ciências, pelo seu caráter utilitário, espelham-se nas artes correspondentes, como departamentos da ciência social.

E em tal caso, por que só a arte das construções? A física, a química e a biologia industriais, como a mecânica, como a astronomia, à luz do mesmo critério e por idênticas razões, cabem no mesmo quadro.

O escritor, porém, deslumbra-se ante Vitruvius: vê a harmonia retilínea das fachadas gregas contrastando as voltas suavíssimas das volutas e, certo, não acreditará em quem lhe disser que se todo o progresso humano parasse, estacionasse, paralisado, na academia de Platão, nem por isto deixaríamos de possuir as regras gerais da arte que aprontou. Para que Vitruvius aparecesse foi preciso pouca coisa: breves noções de geometria, que a quadra em que viveu lhe deu de sobra. Indicá-lo, nominalmente, como um cultor emancipado da ciência social avultando já, completo e corretíssimo, no passado, enquanto Barther no século XVIII embora, ainda tateava a nebulosa do vitalismo procurando o archês ou o princípio vital, é revelar singularíssima educação filosófica.

E isto não foi um descuido passageiro. Logo adiante manifesta-se a mesma violação de noções rudimentares.

Bruno insiste, golpeando em falso.

Refere-se aos trabalhos dos alquimistas e deixando propositalmente de dizer que as descobertas positivas destes apareceram ocasionalmente, como acidentes fortuitos, no fundo das retortas em que procuravam o precipitado de pedra filosofal, interpreta à vontade o proceder de Berthelot demonstrando o quanto devem os processos de análise química àqueles colaboradores inconscientes.

Não diz, porém, que o grande químico, no próprio livro em que desenvolve o assunto, é o primeiro a afirmar que o método positivo da ciência é, entretanto, muito moderno, datando dos fins do século passado; não diz isto e conclui:

“Assim a química punha à nossa disposição métodos positivos de estudos e fatos reais explicados enquanto a física ainda andava em bolandas com o horror ao vácuo para a ascensão da água nas bombas.”

Ora, o que está demonstrado, e Berthelot afirma, é que a química só apresentou métodos positivos depois de Lavoisier - e muito antes deste os absurdos apontados já haviam desaparecido da física.

Mas ainda quando resquícios de antigos erros persistissem nada provariam. A lei da inércia amplia-se, extremando-se até à psicologia. O erro geocêntrico abalado na antiguidade por Pitágoras, abalado por Copérnico muito depois, amparada a concepção deste firmemente, nas demonstrações inatacáveis de Galileu, o velho erro teve, entretanto, guarida no cérebro possante de Bossuet e só foi varrido definitivamente da astronomia depois que a concepção mecânica de Newton se constituiu a contraprova luminosa da admirável elaboração geométrica de Kepler.

O escritor português, porém, que parece, nesse impugnar exagerado, seguir, abordando-se exclusivamente no frágil Pelarin já citado, não quer ver a significação superior da filosofia positiva nas indagações da ciência. Se quisesse veria então, talvez, o que de fato não lobrigou sequer - que a influência do pensador francês na mentalidade brasileira foi fecunda por isto mesmo que, limitada pelos tomos da "Filosofia", não foi além, não jungiu aquela a uma ortodoxia escravizadora e exclusivista.

Não perderia, além disto, tantas páginas brilhantes num divagar estéril como quando tenta demonstrar que o positivismo pelo fato de renunciar à descoberta da essência das coisas e das causas primárias se incompatibiliza com as tendências do espírito civilizado e com as descobertas modernas.

Vai ao ponto de apresentar vitoriosamente o princípio de Youle sobre a equivalência do trabalho mecânico e o calor como um exemplo frisante - como se a grande descoberta,

cujas consequências se resumem na correlação, hoje inegável, das forças físicas, não houvesse despontado como um resultado da experiência, sem que o seu autor cogitasse sobre a essência do calor.

Aponta, entretanto, o caso, e diz:

“Eis-nos adiante de Fourier. Eis-nos ganhando como nos importarmos de saber se o calor consistiria nas vibrações de um éter universal.”

Entretanto devia achar extraordinário e inexplicável que depois disto a notável aplicação do cálculo infinitesimal aos fenômenos do calor, feita por Fourier sem que este se houvesse importado com aquelas vibrações, persistisse sempre exata, considerada sempre a mais alta das aplicações da matemática - e que nem uma fórmula se houvesse de modificar em seu livro admirável.

Mais longe, forçando o sentido de uma frase de Littré, que em defesa do método em questão refere-se à carência de meios para remontarem ao princípio e fim das coisas, Bruno, amparado sempre pelo resignado Pelarin, nega o conceito do filósofo. Refere-se então a

“muitos intermédios que passam imenso para lá dos limites da existência da humanidade.”

E dá-nos logo a novidade velha - velha dos tempos de Hiparcus - resumida na possibilidade de fixar-se, graças à precessão dos equinócios, à posição da terra no espaço numa época qualquer, que ultrapasse inteiramente a existência humana. Francamente, ninguém compreenderá a importância, para o caso, do exemplo citado. Não acreditamos que o talentoso escritor desconheça o fato rudimentar de poder cada ciência realizar a precisão no campo dos fenômenos que estuda.

O mesmo pode-se dizer acerca do exemplo mais adiante apontado, das passagens de Vênus e Mercúrio pelo disco solar, citado como uma nova prova em contrário ao afirmado por Litré, como um novo “intermédio”, mais uma estaca apumada nesse alinhamento fantástico para o infinito, para a origem e fim das coisas.

De sorte que uma previsão, que se traduz como um caso particular da teoria matemática dos eclipses, amplia-se ante o seu olhar inexperto como uma coisa transcendental, aparecendo fora do círculo intransponível em que o filósofo inscreveu o espírito humano.

Cita ainda de modo contraproducente o fato de Le Verrier descobrir um planeta pelo cálculo e embora confesse que o astrônomo tinha o motivo experimental das perturbações do movimento de Urano, conclui ainda contra o postulado positivista, porque a descoberta revela que é lícito assentar existências pelo raciocínio.

Ora, ninguém verá nisto uma objeção séria. O grande descobrimento mesmo operou-se dentro do sistema solar, em que Comte tranca todas as investigações astronômicas, afastando-se da ideia vaga e indefinida de - Universo.

Não prossigamos.

Frisemos apenas uma observação. Nesse desenrolar de exemplos dúbios, Bruno parece ter caprichado em afastar sistematicamente os que se erigem incisivos, inatacáveis.

Indiquemos um único: as descobertas da análise espectral estas sim, eloquentíssimas e indiscutíveis, parecendo traduzir uma ampliação tal da inteligência humana que a distende para fora do nosso sistema planetário, permitindo-lhe indagar sobre a constituição dos mundos.



III

Para o escritor português nós absorvemos o positivismo todo - o seu culto, o seu sacerdócio, o seu grande fetiche, as suas grandes utopias, as suas procissões solenes, a sua aristocracia de sábios e a sua oligarquia de banqueiros. Aceitamos todas as conclusões da “Política” e todos os sacramentos do “Catecismo” que deletreamos com a unção religiosa de brâmanes ante os versículos do Rig-Veda.

Lá está escrito:

“No Brasil engoliu-se tudo, inteiramente e de pancada. Absorveu-se tudo, liturgia com o resto.”

Ora, a verdade é que a grande maioria da atual geração brasileira, que remodelou o espírito sob o influxo tonificador do notável critério científico do pensador francês, não ultrapassou as páginas da “Filosofia Positiva”, da “Geometria Analítica” e da “Síntese Subjetiva”.

Felizmente.

Uma minoria diminutíssima aceitou todas as conclusões do pontífice. A maioria permaneceu autônoma. É escusado demonstrar. Basta a afirmativa incontestável de que em nossas indagações científicas preponderam, exclusivos em toda a linha, o monismo germânico e o evolucionismo inglês.

Mas o escritor não nos considerou sob este aspecto: no Brasil Mental não há senão breves alusões ao que temos sido ou feito nas ciências.

Alcandorado na região superior do tema sociológico pareceu-lhe, talvez, que em outros ramos de conhecimentos temos sido de uma esterilidade completa.

Entretanto, daqui têm partido para as ciências naturais em geral, da geologia à arqueologia, contribuições notáveis.

É impossível inseri-las num resumo breve.

Apontemos apenas essa lacuna séria.

Mais uma vez, desviado da rota preestabelecida. Bruno, arrebatado na caudal de divagações intermináveis, que derivam na corrente de um estilo exuberante e folgado, ficou, diante do assunto que não aborda nunca - irredutivelmente literato.

É o seu defeito essencial; é todo o defeito de um livro cuja leitura não fatiga, revelando erudição fora do comum, mas sem unidade é altamente prejudicado, em que pese as cem páginas brilhantes, por observações incompletas, imperfeitíssimas, quando não inteiramente falsas.

Revela-as aquela monótona e fatigante discussão sobre o positivismo, mesmo quando a constringe nas considerações particulares acerca da sua influência entre nós. Surgem então erros de detalhes, denunciadores de um conhecimento imperfeito da questão.

Assim fala-nos, muito seriamente, no

“exagerado ortodoxismo lafitista de Teixeira Mendes”.

desconhecendo que para este, de há muito, Pierre Laffite é simplesmente um cismático, é simplesmente o indisciplinado sofista do Colégio de França.

Noutro ponto, ainda, registrando as sensatas restrições que ultimamente têm atenuado o nosso nativismo incipiente, aponta, predominante nesse movimento generoso da opinião nacional, por obediência doutrinária, o positivismo.

Foi este, declara explicitamente, que levou o Dr. Luís P. Barreto, nas suas *Soluções Positivas da Política Brasileira*, a propugnar pela grande naturalização.

Ignora, assim, que esta lei está no nosso código orgânico (como muitas outras) contra a vontade manifesta e unânime dos sectários da nova religião. Para estes ela é uma aberração criminosa, em virtude da qual a nossa pátria deixa de ser um ente real para transmudar-se num agrupamento convencional de indivíduos. Ainda mais - sob um ponto de vista mais geral -, ela afigura-se-lhes um trambolho obstrucionista para a solução do problema moderno da incorporação do proletariado à sociedade - porque afrouxa e dispersa as forças dos partidos operários da Europa, rareando-lhes as fileiras precisamente na época em que, arregimentados e fortes, devem impor a solução da questão formidável à burguesia assustada. Desse modo, é claro que o positivismo não inspirou - como Bruno supõe - a solução indicada acima pelo nosso notável patrício. Combatem-na, antes, e afervoradamente, os seus adeptos, assim como combatem a maior parte das leis definidoras das nossas instituições, assim como combatem em grande parte a orientação impressa em nossos estudos experimentais e quase todo o nosso movimento literário e artístico - que não inspiravam, que não inspiram, que não podiam inspirar.

Tudo isto está muito longe do açodamento com que - segundo a afirmativa precipitada anteriormente expressa - aceitamos todos os postulados firmados pelo grande pensador.

* * *

Terminamos, volvendo a uma questão inicial.

Insistindo sobre as divergências literárias entre os dois países, faltou ao escritor serenidade para, com uma sobrançeria mais dominadora do que todas as frases que nervosamente traça, explicar a animadversão quase

espontânea e instintiva que vê sempre despontando por parte dos escritores brasileiros. Se a tivesse, retomaria talvez, e talvez não abandonasse mais, o verdadeiro rumo que deveria dar ao desenvolvimento do livro.

Ao invés de resumir aquela disparidade de vistas em antagonismos pessoais e caprichosos, deveria considerá-la sob uma feição geral, de onde decorressem por fim, logicamente deduzidas, como corolários, todas as cambiantes que apontou, como exemplos frisantes.

Veria então que esse antagonismo, que é um estimulante salutar, tem origens mais profundas.

É lógico e era inevitável.

Ainda quando não nos houvessem atingido aquelas maravilhosas descalçadelas do Cancioneiro Alegre, a oposição indicada surgiria do mesmo modo, irresistivelmente.

Bruno ilude-se dando-lhe fontes tão escassas. Não é uma reação, como acredita - é a ação de causas superiores. Reivindicamos prioridade da discórdia. Era fatal - e traduz um sintoma lisonjeiro da nossa organização intelectual.

Se ele não se verifica entre escritores norte-americanos e ingleses - perfeitamente uniformes até mesmo nos últimos detalhes da linguagem de tal modo que se pode, sem transição apreciável, passar das páginas de Washington Irving para as de Dickens -, tanto pior para os primeiros. A nossa vaidade nacional, ao contrário do que supõe, nada sofre absolutamente num paralelo com a grande República. A formação da nacionalidade ali realizou-se de golpe. A sociedade inglesa, transplantada para a América do Norte, ali chegou intacta e, excluídas as variações secundárias do meio físico, ali permaneceu, incólume, sem se comprometer na mestiçagem, graças ao individualismo característico do

saxônio, que o impeliu ao esmagamento do pele-vermelha e ao isolamento sistemático do negro.

Entre nós houve o contrário.

A nossa história é, por isto, incomparavelmente mais interessante e instrutiva.

Foi pena que a não considerasse um momento o inteligente polemista.

Observaria então que o brasileiro, como o bôer, tipos étnicos emergentes do cruzamento de raças mui diversas, resumem hoje exemplos frisantes para muitas conclusões dos antropologistas e sociólogos modernos.

Sobretudo para as dos últimos.

Porque o que os dois povos revelam, de modo iniludível, é a função, já agora sobranceira a controvérsias, da luta das raças no advento das nacionalidades e na marcha geral das civilizações.

Gumpovicz - que é como que uma transfiguração de Hobbes refundido à luz do darwinismo - enfaixando, com uma lucidez surpreendedora, as deduções mais seguras da filosofia da história, desde as tentativas de Hegel aos princípios do evolucionismo - definir modernamente, na tendência imanente a todo o elemento forte para subordinar a seus desígnios os mais fracos com que enfrenta, a fórmula que traduz o processo natural da civilização humana.

E a nossa história nacional tem sido a sua aplicação inegável.

Seguindo paralelamente o pensamento do escritor germânico, que, entretanto, ao delinear-lo, não cogitava do Brasil, podemos caracterizar o nosso movimento evolutivo como um resultado da ação de raças heterogêneas que

se acham entre si numa relação de subordinação ou de predomínio, ou num equilíbrio mais ou menos estável, obtido à custa de compromissos políticos, determinando uma superposição de classes que se erige na ordem política como - a seleção natural das raças.

Esta luta formidável que é a força motriz da história, assume, de um modo contínuo, todos os aspectos, das razias selvagens das tribos até à forma pacífica e jurídica refletida na organização do Poder e do Estado.

E quando, atingida esta última fase, se constituiu afinal uma unidade étnica, a raça recém-formada, que é antes de tudo um produto histórico, obedece de modo ainda mais acentuado ao mesmo determinismo, percorrendo com o mesmo ritmo o ciclo da sua existência indefinida. Conserva a tendência combatente volvendo-a sempre, de modo notável, para o elemento mais forte da sua formação.

A uniformidade da linguagem, transmitida pelo último, é então um instrumento incomparável para realçar o contraste das tendências naturalmente diversas.

Daí esse antagonismo expressivo, sem exceção na história, que faz com que as colônias emancipadas deixem às vezes antes da dependência política a tutela cultural das metrópoles.

Fora longo enredarmo-nos em considerações acerca do estádio provável do complicado caldeamento de raças de que surgimos. De qualquer modo tendemos para um tipo etnológico e, conseqüentemente, para um tipo histórico definido e naturalmente diverso de cada um de seus fatores isolados.

Fatalmente - havemos de dissentir. Essa divergência não tem, porém, as causas mínimas de incidentes mínimos que Bruno agita longamente.

A discórdia que lobriga é um aspecto secundário e inapreciável de fato mais elevado resumido numa inevitável diversidade de estímulos, numa compreensão fatalmente diversa da vida, e numa disparidade irremediável de destinos com o povo que nos legar, entretanto, a forma superior ao nosso espírito.

Seria ao menos inexplicável que ela promanasse do humorismo inócuo de meia dúzia de literatos.

Garantimo-los: o brasileiro errado que surge do português certo e castiço de A. Garret, distrai-nos, como a toda a gente, é uma fantasia - não ofende; aceitamo-lo com o mesmo entusiasmo ruidoso, jovial e forte com que os yankees aplaudiram o Uuncle Sant de Sardou...

O que é lastimável é não haver reciprocidade no considerar de tal modo a questão e que não veja o escritor nessa rivalidade dos dois povos afins, mas distintos, um fato nobilitador para ambos e incapaz de originar irrupção de ódios que os incompatibilizem ou façam estremecer sequer velhas relações históricas que - para nós pelo menos - são um compromisso com o passado.

III.1.10 - As secas do Norte⁵⁷

I

O nosso país é um meio sem uniformidade. Temos climas que se extremam, díspares, ao ponto de imporem adaptação penosa aos próprios filhos do território e, se exagerássemos o conceito mesológico de Buckle, prefiguraríamos na nossa terra a existência futura de muitas nacionalidades diversas. Porque a pressão barométrica, a temperatura e os ventos predominantes, seguindo o litoral extenso ou vingando as bordas dos planaltos, não se entrelaçam num regime único. Entretanto, o fato não decorre, como à primeira vista se poderia imaginar, de um vasto desdobramento em latitude, avassalando diferentes zonas. É uma resultante imediata da estrutura geognóstica do maciço continental completada pela orientação e relevo variáveis do majestoso antemural de cordilheiras que o precintam e alteiam sobre os mares.

Abeiradas do litoral, sobre que se aprumam às vezes, acompanhando-lhe as inflexões, aqueles, consoante os rumos variáveis dos eixos principais, reagem diversamente sobre o regime das terras interiores. E tão vivamente que transcorridos alguns graus além do trópico, na direção do norte, quando as cadeias se alongam perpendiculares ao alísio, observa-se, de pronto, inesperada anomalia climática entre a faixa de terras que lhes demoram a leste e as regiões sertanejas, desdobradas para o poente.

Dali por diante o clima, contraposto à sua definição teórica, começa a definir-se, anormalmente, pelas longitudes.

⁵⁷ Artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, nos dias 29 e 30 de outubro e 1º de novembro de 1900.

É um fato elucidado. Em todo o trato de terrenos, da Bahia à Paraíba, se notam transições mais acentuadas acompanhando os paralelos, para oeste, que os meridianos, demandando o norte.

A variedade nos aspectos naturais que na última direção só se apercebe depois de longa travessia, patenteia-se, de golpe, na primeira. Distendida até às paragens setentrionais extremas, a mesma natureza exuberante estadeia-se uniforme, sem variantes, nas matas que debruam a costa, iludindo a observação superficial do forasteiro.

Entretanto, logo a partir do 12° paralelo, escondem vastos territórios estéreis retratando nos plainos desnudos e ásperos os rigores máximos do clima.

Revela-o breve viagem para o ocidente.

Quebra-se o encanto de uma ilusão belíssima; a terra empobrece-se, de improviso; despe-se da flora incomparável; abdica o fastígio das montanhas; erma-se e deprime-se; e transmuda-se nos sertões exsicados e brutos mal recortados de rios efêmeros ou desatados em chapadas nuas que se sucedem, indefinidas, formando o palco assombrador das secas.

O contraste é empolgante.

A menos de cinquenta léguas um do outro, veem-se lugares de todo opostos criando opostas condições à vida.

Cai-se, de surpresa, no deserto. Ora, esta anomalia, derivada de causas secundárias facilmente apercebidas, conduz a um problema insolúvel, o problema formidável das secas do Norte, que, interessando a um quinto da nossa gente, não tem e não terá por muito tempo ainda, na sua fórmula complexa, todas as variáveis que o caracterizam.

Indeterminado e dúbio, permite um agitar exaustivo de hipóteses, de sorte que as soluções até hoje aventuradas têm, todas, um caráter frisante: esclarece-nos por uma das faces aumentando a obscuridade de outras.

Assim é que se o contraste acima apontado entre os litorais do Sul e do Norte, relativamente à transição para o interior, pode ser explicado por Emílio Liais como oriundo da aspiração dos planaltos insolados, ao ponto de exercerem sobre o alísio de sudeste torção vigorosa, que o arrebatam pelos terrenos menos acidentados do último, sem que se precipitem, em chuvas, os vapores acarretados, tal fato, adstrito a circunstâncias locais, não explica absolutamente a larga expansão do regime inclemente que não raro, depois de assolar os Estados que se sucedem da Bahia ao Piauí, dilata-se pelos mares, refletindo-se em Fernando de Noronha, longamente afastada.

O Professor Hann, por sua vez, a cuja inegável competência faltou a base da observação direta, inspirado numa analogia inegável com a Austrália, procura a gênese das secas do Ceará à Paraíba, no paralelismo existente entre o litoral e o alísio. Tal explicação, porém, além de se contrapor à irrupção do flagelo no oriente, desde a Paraíba à Bahia, é de algum modo incompatível com a própria conformação geográfica de um território, cuja expansão triangular, extremada pelo cabo de São Roque, favorece singularmente a entrada no interior das terras do vento do quadrante indicado.

Se nos amparamos às lúcidas considerações de Fred Draenert apontando, no fato, a influência inegável das montanhas e mostrando-as orientadas, de um modo geral, perpendicularmente ao alísio, como barreiras prejudiciais, vemos que, sobre não bastar, esse elemento único insurge-se contra outras circunstâncias climáticas.

Verificam-se, claros, alguns fatos isolados; o conjunto da questão, porém, engravesce.

Realmente, as serras dos Cariris, Borborema e Garanhuns antepostas às rajadas do sul e sudeste e absorvendo-lhes nas vertentes orientais toda a umidade, fazem com que, no transmontá-las, aquelas progridam exsicadas para o centro de Pernambuco e Ceará, de modo a contribuírem para as secas que ali aparecem; as da Chapada, Itiúba, Itabaiana e Dois Irmãos, antagônicas às mesmas correntes na Bahia e Sergipe, justificam da mesma sorte as que assolam os territórios adjacentes ao médio e baixo São Francisco.

Porém, a ação isolada desse argumento é insustentável.

A demonstração é simples.

De fato, aceito tal modo de julgar, as secas relativamente insignificantes do Piauí seriam inexplicáveis, porque a preponderância daquele motivo devia torná-las, entre outras, as mais duradouras e inclementes.

Indica-o um lance de vistas sobre um mapa.

Vê-se, então, que os restos escassos de vapores escapos à passagem das serranias, ao chegarem às raias daquele Estado, se deporiam nas encostas orientais das serras de Dois Irmãos e Ibiapaba, que os ventos transporiam por fim mais ásperos que no Ceará, tornando aqueles sertões os mais estéreis e brutos da nossa terra.

Sendo, porém, as secas do Piauí equiparadas às da Bahia e Pernambuco, de muito inferiores às do Ceará, é forçoso convir em que não reside nos entraves apontados à propulsão das correntes uma causa dominadora, senão mais um fator nesse entrelaçamento de agentes para a gestação de uma situação que, atingindo o período tormentoso nas terras cearenses, se alarga atenuado para as convizinhas.

A questão é plenamente geral; repele o influxo de causas isoladas.

Tem, entretanto, à primeira vista, a máxima simplicidade. Porque os ciclos das secas se abrem e se encerram com um ritmo tão notável que recordam a marcha inflexível de uma lei natural, ignorada, mas pouco complexa.

Revelou-o pela primeira vez o Senador Tomás Pompeu, traçando um quadro por si mesmo bastante eloquente em que o aparecimento daquelas nos séculos passado e atual se defrontam em paralelismo singular, sendo de presumir que ligeiras discrepâncias indiquem defeitos de observação ou desvios na tradição oral que as registrou.

De qualquer modo, ressalta à simples contemplação uma coincidência repetida bastante para que se remova a intrusão do acaso.

Assim, para citarmos apenas as maiores, às secas de (1710-1711), (1723-1727), (1736-1737), (1744-1745), (1777-1778), do século XVIII, justapõem-se as de (1808-1809), (1824-1825), (1835-1837), (1844-1845), (1877-1879), do atual.

Esta coincidência, espelhando-se quase invariável como se surgisse do decalque de uma quadra sobre outra, acentua-se ainda na identidade das quadras remansadas e longas que em ambas atreguaram a progressão dos estragos.

De fato, sendo, no século passado, o maior interregno, de 32 anos (1745-1777), houve no nosso outro absolutamente igual e, o que é sobremaneira notável, com a correspondência exatíssima das datas (1845-1877).

Continuando num exame mais íntimo do quadro, destacam-se novos dados fixos e positivos, aparecendo com um rigorismo de incógnitas que se desvendam.

Observa-se, então, uma cadência raro perturbada na marcha do flagelo, intercortado de intervalos pouco díspares, entre 9 e 12 anos, sucedendo-se de maneira a permitirem previsões seguras sobre a sua irrupção.

Entretanto, apesar dessa simplicidade extrema nos resultados imediatos, o problema, que se pode traduzir na fórmula aritmética mais simples, permanece inabordável.

Impressionado pela razão dessa progressão raro alterada, e fixando-a um tanto forçadamente em onze anos, um naturalista, o Barão de Capanema, teve o pensamento de rastrear nos fatos extraterrestres, tão característicos pelos períodos invioláveis em que se sucedem, a sua origem remota. E encontrou, na regularidade com que repontam e se extinguem intermitentemente as manchas da fotosfera solar, um símile completo.

De fato, aqueles núcleos obscuros, alguns mais vastos que a terra, negrejando dentro da cercadura fulgurante das fâculas, lentamente derivando à feição da rotação do Sol, têm, entre o máximo e o mínimo da intensidade, um período que pode variar de nove a doze anos. E como de há muito, a intuição genial de Herschel descobrira-lhes o influxo apreciável na dosagem de calor emitido para a Terra, a correlação surgia inabalável nesse estear-se em dados geométricos e físicos acolchetando-se um efeito único.

Restava equiparar o mínimo de manchas, anteparos e irradiação do grande astro, ao fastígio das secas no Planeta torturado - de modo a patentear, cômpanes, os períodos de uma e outras.

Falhou neste ponto, em que pese a sua forma atraentíssima, a teoria planeada: raramente coincidem as datas do paroxismo estival, no Norte, com as daquele.

O malogro desta tentativa, entretanto, denuncia menos a desvalia de uma aproximação imposta rigorosamente por circunstâncias tão notáveis do que o exclusivismo de atentar-se para uma causa única. Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se além de preferência a razões secundárias mais próximas e enérgicas e estas, em modalidades progredindo, contínuas, da natureza do solo à disposição geográfica, só serão definitivamente sistematizadas quando extensa série de observações permitir, do mesmo passo, a definição dos agentes preponderantes do clima sertanejo e, além disto, talvez mais séria a influência mediata sobre ele do regime noutras regiões do continente.

Esta última condição figura-se-nos de importância extrema.

Apontemos um caso único.



II

Está hoje descoberta - ainda que imperfeitamente delimitada - no âmagu continental da América do Sul, enorme superfície abrangendo parte do Mato Grosso e da Bolívia, sobre a qual, alternadamente, se estabelecem, segundo o jogar das estações, pressões e depressões barométricas tão intensas que se vão exercitar sobre os mais longínquos tratos de território.

Dali irradiam, de abril a novembro, e se espalham, fortes correntes dilatando-se pelos quadrantes e estendendo-se sobre demarcadas áreas: o noroeste que rola pelos altos chapadões do Paraná e São Paulo até Minas Gerais e daí para o litoral, onde imobiliza e não raro repele o alísio, de sudeste;

o vento sul enregelado, que rompe pela atmosfera adurente do Amazonas, levando até ao Equador, nos dias inaturáveis da friagem em que os peixes morrem de frio nas águas dos grandes rios, os ares das altas latitudes; ou o sudoeste vivo, que se alonga pelas lindes setentrionais de Goiás, até ao planalto do Parnaíba.

De novembro a março, à medida que se acentua, no mesmo centro dos maciços, um mínimo dominante de pressão, esboçam-se situações contrárias: o sudeste varre, então, livremente, os litorais do Sul, e, ao avantajar-se para o Norte vai sendo cada vez mais atraído pela mínima indicada, até torcer inteiramente o rumo, substituído pela monção de nordeste, que, de dezembro a março, entra perpendicularmente pelas costas setentrionais; ao passo que das altas latitudes, soprando contrapostos, penetram remoinhando, em rodeios, até ao Mato Grosso, os haustos impetuosos do pampeiro...

Ora, se aquela área central influi por tal forma sobre lugares tão distantes, mercê daqueles agentes essenciais à dinâmica dos climas - que formam as súbitas tempestades de noroeste, em São Paulo e Minas, ou o inverno efêmero e paradoxal do Amazonas -, pode-se conjecturar que também reaja sobre a climatologia dos sertões do Norte, sobretudo se considerarmos que para isto se lhe alia o faties orográfico da região.

Realmente, considerando-se a disposição deste último e o sentido dos ventos que ali reinam no estio, evidencia-se o mais perfeito paralelismo.

Todas as principais serranias - dos últimos rebentos da serra Geral às do Piauí, Dois Irmãos e Cariris -, desenrolando-se uniformemente para nordeste, resulta que a monção reinante, embora repleta de vapores colhidos na travessia dos mares, entra-lhes pelos vales canalizada, sem deparar obstáculos

que a alteiem provocando-lhe a condensação, e avançam, intactas, para o interior remoto.

Falta-lhes, como se vê, o anteparo de uma serra originando-lhes a ascensão e o resfriamento, a *dinamic colding*, segundo um dizer expressivo. As lufadas passam velozmente sobre aqueles sertões, cujo ambiente abrasado alevanta-lhes ainda mais o ponto de saturação, diminuindo as probabilidades de chuvas, e vão condensar-se nos recessos do continente sobre os mananciais da opulenta rede hidrográfica que o recorta irradiando para as costas.

Nesse caso não surgem objeções idênticas às que anulam o raciocínio dos que lobrigam a gênese das secas no antagonismo permanente entre o alísio e as montanhas. Estas tornam-se prejudiciais não pelo se alongarem perpendicularmente à direção daquele senão pela circunstância oposta, pelo acompanharem, paralelas, o traçado do Nordeste.

Compreende-se, então, limpidamente, que possam, as secas, alastrar-se até o litoral da Bahia e dali para os Estados próximos com o fastígio abrasado no Ceará.

As modalidades climáticas, neste caso, reforçam, ao invés de contrabater este modo de pensar.

Assim é que uma única serra, orientada em discordância com a tendência geral das outras, a de Ibiapaba, nos limites ocidentais do estado flagelado, traduz-se como argumento valioso no justificar o abrandamento do regime no Piauí, que lhe demora no ocidente.

Do mesmo modo que a do Araripe, correndo em ampla curvatura de leste para oeste, explica a formação da paragem remansada que centraliza e para onde afluem, muitas vezes, os retirantes dos Estados próximos.

Além disto, volvendo a encarar o assunto sob o aspecto geral, o aparecimento das chuvas sobre os sertões queimados, realiza-se, sempre, entre duas datas, fixadas de há muito pela prática dos sertanejos, de 12 de dezembro a 19 de março. Fora de tais limites não há um exemplo único de extinção de secas, que, se os atravessam, prolongam-se fatalmente por todo o decorrer do ano, até que se reabra outra vez aquela quadra.

E sendo assim e lembrando-nos que é precisamente dentro deste intervalo que a longa faixa das calmas equatoriais, no seu lento oscilar em torno do equador, paira no zênite daqueles Estados, levando a borda até as extremas da Bahia, não poderemos considerá-la, para o caso, com a função de uma montanha ideal que, correndo de leste a oeste e corrigindo momentaneamente lastimável disposição orográfica, se anteponha à monção e provoque-lhe a parada, a ascensão das correntes e o resfriamento subsequente e a condensação imediata nos aguaceiros diluvianos que tombam, então, de súbito, sobre os sertões?

Este desfiar de conjeturas tem o valor único de indicar quantos fatores remotos podem incidir numa questão que duplamente nos interessa, pelo seu traço superior, na ciência, e pelo seu significado mais íntimo no envolver o destino de extenso trato do nosso país. Remove, por isto, a segundo plano o influxo até hoje inutilmente agitado dos alísios, e é de alguma sorte fortalecido pela intuição do próprio sertanejo para quem a persistência do nordeste - o vento da seca, como o batiza expressivamente - equivale à permanência de uma situação irremediável e crudelíssima.

Como quer que seja, o penoso regime dos Estados do Norte está em função de agentes desordenados e fugitivos sem leis ainda definidas - sujeitos às perturbações locais derivadas da

natureza da terra e a reações mais amplas promanadas das disposições geográficas. Daí um clima instável e revoltoso como as correntes aéreas que o desequilibram e variam.

As quadras benéficas chegam de improviso.

Depois de dois ou três anos, como de 1877-1879, em que a insolação rescalda violentamente as chapadas desnudas, a sua própria intensidade origina um reagente inevitável. Decai, afinal, por toda a parte, de modo considerável, a pressão atmosférica e apruma-se maior e mais bem definida a barreira das correntes ascensionais dos ares aquecidos antepostas às que entram pelo litoral. E entrechocadas num desencadear de tufões violentos, confundidas as lufadas, alteiam-se, retalhadas de raios, nublando em minutos o firmamento todo, desfazendo-se logo depois em aguaceiros fortes sobre os desertos recrestados.

Então parece tornar-se visível o anteparo das colunas ascendentes que determinam o fenômeno na colisão formidável com o nordeste.

Segundo numerosos testemunhos dos que o presenciaram, as primeiras bátegas despenhadas da altura não atingem a terra; a meio caminho evaporam-se entre as camadas referventes, que sobem, e volvem, repulsadas, às nuvens para outra vez condensadas precipitarem-se de novo e novamente reflúem -, até tocarem o solo que, a princípio, não umedecem, tornando ainda aos espaços, com rapidez maior, numa vaporização quase, como se houvessem caído sobre chapas incandescentes -, para mais uma vez descerem, numa permuta rápida e contínua - até que se formem afinal os primeiros fios de água derivando pelas pedras, as primeiras torrentes em despenhos pelas encostas, afluindo em regatos já avolumados entre as quebradas, concentrando-se tumultuariamente em ribeiros encachoeirados; adensando-se estes, em rios barrentos,

traçados ao acaso, à feição dos declives, em cujas correntezas passa velozmente a galhada das árvores arrancadas - rolando todos e arrebetando na mesma onda, no mesmo caos de águas revoltas e escuras.

Se ao assalto subitâneo sucedem-se as chuvas regulares, transmudam-se os sertões, revivescendo. Passam, porém, não raro, num giro célere, de ciclone.

A drenagem rápida do terreno e a evaporação que se estabelece mais viva, tornam-nos, outra vez, desolados e áridos. Penetrando-lhes a atmosfera ardente, os ventos duplicam a capacidade higrométrica, e vão, dia a dia, absorvendo a umidade exígua da terra - reabrindo o ciclo inflexível das secas...

Estas, assombradoras e inelutáveis, derivando na intercadência do ritmo que apontamos, sucedem-se inacessíveis até hoje a explicações rigorosas, como vimos.

Poderá a atividade humana, tão bem aparelhada agora pelos recursos da indústria moderna, senão destruí-las, atenuar-lhes os efeitos?



III

Quem atravessa as planícies elevadas da Tunísia, entre Beja e Bizerta, à ourela das primeiras estepes marginais do Saara, encontra ainda no desembocar dos vales, atravessando normalmente o curso caprichoso e em torcicolos dos *oueds*, restos de antigas construções romanas.

Velhos muradais derruídos, embrechados de silhares e blocos rolados, assoberbados em parte pelos detritos de enxurradas de vinte séculos, aqueles legados dos grandes

colonizadores delatam-lhes a um tempo a atividade inteligente e o desleixo bárbaro dos árabes que os substituíram.

Os romanos depois da tarefa da destruição de Cartago tinham posto ombro à empresa incomparavelmente mais séria de vencer a natureza antagonista.

E ali deixaram belíssimo traço de sua expansão histórica.

Perceberam com segurança o vício original da região - estéril menos pela escassez das chuvas que pela sua péssima distribuição adstrita, aos relevos topográficos. Corrigiram-no.

O regime torrencial que ali aparece, intensíssimo em certas quadras, determinando alturas pluviométricas maiores que a de outros países férteis e exuberantes, era, como nos sertões do Norte do nosso país, além de inútil, nefasto. Caía sobre a terra desabrigada, desarraigando a vegetação mal presa a um solo endurecido; turbilhonava por algumas semanas nos regatos transbordantes alagando as planícies e desaparecia logo derivando em escarpamentos, pelo norte e pelo levante, no Mediterrâneo, deixando o solo, depois de uma revivescência transitória, mais desnudo e estéril.

E o deserto ao sul parecia avançar dominando a paragem toda, vingando-lhe os últimos acidentes, que não tolhiam a propulsão do simum.

Os romanos fizeram-no recuar. Encadearam as torrentes; tolheram as correntezas fortes, e aquele regime brutal, tenazmente combatido e bloqueado, cedeu, dominado inteiramente, numa rede de barragens.

Excluído o alvitre de irrigações sistemáticas difíceis, conseguiram que as águas permanecessem mais longo tempo sobre a terra. As ravinas recortadas em gânglios estagnados dividiram-se em açudes abarrecidos pelas

muralhas que trancavam os vales, e os oueds, parando, intumesciam-se entre os morros, conservando largo tempo as grandes massas líquidas até então perdidas, ou levando-as, no transbordarem, em canais laterais aos lugares próximos mais baixos, abrindo-se em sangradouros e levadas, irradiando por toda a parte e embebendo o solo. De sorte que este sistema de represas, além de outras vantagens, criava um esboço de irrigação geral. Ademais, todas aquelas superfícies líquidas, esparsas em grande número e não resumidas a um Quixadá único - monumental e inútil -, expostas à evaporação, acabaram reagindo sobre o clima, melhorando-o.

Por fim a Tunísia, onde haviam aproado os filhos prediletos dos fenícios, mas que até então se reduzira a um litoral povoado de traficantes ou númeras erradias, com suas tendas de tetos curvos branqueando nos areais como quilhas encalhadas - fez-se, transfigurada, a terra clássica da agricultura antiga. Foi o celeiro da Itália; a fornecedora, quase exclusiva, de trigo, dos romanos.

Os franceses, hoje, copiam-lhes em grande parte os processos adotados, sem necessitarem alevantar muramentos monumentais e dispendiosos.

Represam por estacadas entre muros de pedras secas e terras, à maneira de palancas, os oueds mais apropriados e talhando-lhes pelo alto das bordas, por toda a longura das serranias que os ladeiam, condutos derivando para os terrenos circunjacentes, por onde entram, subdividindo-se em redes irrigadoras.

Desse modo as águas selvagens estacam, remansam-se, sem adquirir a força acumulada das inundações violentas, disseminando-se, afinal, estas, amortecidas em milhares de válvulas, pelas derivações cruzadas.

E a histórica paragem, liberta da apatia do muslim inerte, transmuda-se volvendo, de novo, à fisionomia antiga. A França salva os restos de opulenta herança da civilização romana, depois desse declino de séculos.

* * *

Ora, quando se traçar, sem grande precisão embora, a carta hipsométrica dos sertões do Norte, ver-se-á que eles se apropriam a uma tentativa idêntica, de resultados igualmente seguros.

A ideia não é nova. Sugeriu-a de há muito, em memoráveis sessões do Instituto Politécnico do Rio, em 1877, o belo espírito do conselheiro Beaurepaire Rohan, talvez sugestionado pelo mesmo símile que acima apontamos.

Das discussões então travadas, em que se enterreiraram os melhores cientistas do tempo -, da sólida experiência de Capanema à mentalidade rara de André Rebouças - foi a única coisa prática, factível, verdadeiramente útil que ficou.

Idearam-se, naquela ocasião, luxuosas cisternas de alvenaria; miríades de poços artesianos perfurando as chapadas; depósitos colossais ou armazéns desmedidos para as reservas acumuladas nos dias de abastança: açudes vastos feito Cáspios artificiais; e, por fim, como para caracterizar bem o desbarate completo da engenharia ante a enormidade do problema, estupendos alambiques destinados à destilação das águas do Atlântico...

O alvitre mais modesto, porém, resultado imediato de um ensinamento histórico, calcado no mais elementar dos exemplos, suplanta-os. Porque é, além de prático, evidentemente o mais lógico.

Realmente, entre os agentes determinantes da seca se intercalam, de modo apreciável, a estrutura e a conformação

do solo. Qualquer que seja a intensidade das causas complexas e mais remotas que anteriormente esboçamos, a influência daqueles é manifesta desde que se considere que a capacidade absorvente e emissiva dos terrenos expostos, a inclinação dos estratos que os retalham e a rudeza dos relevos topográficos, agravam, do mesmo passo, a crestadura dos estios e a degradação intensiva das torrentes. De modo que, saindo das insolações demoradas para as inundações subitâneas, a terra mal protegida por uma vegetação decídua, que as primeiras requeimam e as segundas erradicam, deixa-se, a pouco e pouco, invadir pelo regime francamente desértico.

As fortes tempestades que apagam o incêndio surdo das secas, em que pese à revivescência que acarretam, preparam de algum modo a região para maiores vicissitudes. Desnudam-na rudemente, expondo-a cada vez mais desabrigada aos verões seguintes; sulcam-na numa molduragem de contornos ásperos; golpeiam-na e esterilizam-na; e ao desaparecerem deixam-na mais bem aparelhada à adustão dos sóis. O regime decorre num intermitir deplorável que lembra um círculo vicioso de catástrofes.

Desse modo a medida única a adotar-se deve consistir num corretivo a essas disposições naturais. Pondo de lado os fatores determinantes do flagelo, oriundos da fatalidade de leis astronômicas ou geográficas, inacessíveis à intervenção humana, são, aquelas, as únicas passíveis de modificações apreciáveis.

O processo que indicamos em breve recordação histórica, pela sua simplicidade mesmo, dispensa inúteis pormenores técnicos. A França copia-o hoje, sem variantes, revivendo o traçado de construções velhíssimas.

Abarreirados os vales, inteligentemente escolhidos, em pontos pouco intervalados, por toda a extensão do território sertanejo, três consequências inevitáveis decorrem: atenua-se de modo considerável a drenagem violenta do solo com as suas consequências lastimáveis; criam-se-lhes à ourela, inscritas na rede das derivações, fecundas áreas de cultura; e forma-se uma situação de equilíbrio para a instabilidade do clima, porque os numerosos e pequenos açudes, uniformemente distribuídos e constituindo dilatada superfície de evaporação, terão naturalmente a influência moderadora de um mar interior, de importância extrema.

Não há alvitrar-se outro recurso.

As cisternas, poços artesianos e raros ou longamente espaça dos lagos, como o de Quixadá, têm um valor local inapreciável.

Visam, de um modo geral, atenuar a última das consequências da seca - a sede; e o que há a combater e debelar no Ceará e Estados limítrofes é o deserto.

O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida.

Nasce do martírio secular da terra...



III.2 – Programa de “O Proletário” e Mensagem aos trabalhadores⁵⁸

I. Proibição do trabalho das crianças de qualquer dos sexos até a idade de 14 ou 15 anos;

II. Escolas gratuitas, com o ensino leigo e obrigatório para todas as crianças, sem distinção de sexo, de cor e de nacionalidade, tendo as crianças pobres todo o necessário para frequentar as escolas: roupa, comida, cuidados médicos, farmácias, etc;

III. Estabelecimentos apropriados para recolher os inválidos, pobres, velhos e defeituosos, dando-lhes com abundância roupa, comida, médico, farmácia, etc, para não irem morrer nas enxergas dos hospitais e nos adros das igrejas, ou na calçada das ruas, implorando aviltadora caridade, ministrada pelos ricos, e remédios;

IV. Emancipação da mulher, reconhecendo-se-lhes iguais direitos e iguais deveres aos do homem, inclusive o de votar e ser votadas;

V. Impostos diretos e pesadíssimos sobre a renda;

VI. Substituição das forças armadas pelo povo armado;

VII. Organização do trabalho por ser o único fator da riqueza;

VIII. Estabelecimento de bolsas do trabalho;

⁵⁸ O jornal “O Proletário”, que circulou em São José do Rio Pardo (SP), foi órgão do Clube Democrático Internacional “Filhos do Trabalho”. Em seu primeiro número de 1º de maio de 1899, o “programa” passou a circular. Segundo alguns autores a “Mensagem” só foi publicada em 1º de maio de 1901 (igualmente em comemoração do Dia do Trabalho).

- IX.** Proporcionar a preços módicos a cada família uma casa confortável para sua residência;
- X.** Fornecer água e luz grátis a todos em geral;
- XI.** Tribunais arbitrais obrigatórios para as questões internacionais;
- XII.** Justiça gratuita para todos;
- XIII.** Supressão dos empréstimos internos e externos;
- XIV.** Tribunais arbitrais para decidir as questões entre patrões e operários;
- XV.** Decretar leis de 8 horas de trabalho e a proibição do trabalho à noite para os assalariados;
- XVI.** Leis repressivas contra os usurários, estabelecendo uma só taxa de juros para todos os negócios;
- XVII.** Nacionalização do crédito;
- XVIII.** Leis reguladoras da venda de bebidas, para acabar com o alcoolismo;
- XIX.** Leis que estabeleçam o divórcio, dando à mulher as mesmas garantias que ao homem;
- XX.** Pensão aos inválidos do trabalho;
- XXI.** Reivindicação dos bens do clero para a comunhão social.

III.3 – Discurso de posse⁵⁹

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Sr. presidente. Senhores membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Acudindo ao vosso chamado, venho ocupar o lugar que me designastes e agradecer-vos-lo, assegurando-vos ao mesmo tempo a ufania que me causa esta investidura, embora ela envolva grandes responsabilidades, e me obrigue, de ora avante, a acomodar uma visão restrita e frágil às mais dilatadas perspectivas de vosso tirocínio histórico.

Felizmente, mau grado tanta desvalia, chego ainda a tempo de aproveitar mais utilmente, no vosso convívio, uns restos da mocidade. Forrei-me ao domínio de alguns preconceitos sem sentido; reconheci a inaniidade de não sei quantas fórmulas vãs, que os doutrinadores do momento - agitantes no vácuo de uma metafísica tacanha - remasçam, ruminam e remoem, na mesma inconsciência com que certos brâmanes murmuram durante a vida inteira, sem os entenderem, os versículos do *Rig-Veda*; e rompendo as malhas de um ingênuo fetichismo político, ao mesmo passo que deixaram de atrair-me as aventuras de antigo caçador de miragens - posso vir placidamente, para o vosso meio, trazendo uma qualidade única e irredutível, mas que por si supre por outras, e que no momento atual, para ter algum valor, deve ser isolada - a qualidade de brasileiro.

⁵⁹ Discurso de Posse como Sócio Correspondente Pronunciado em Sessão de 20 de novembro de 1903, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Não é oportuno, e de algum modo fora arremeter com as praxes adotadas, o tentar demonstrar-vos que semelhante título não-no-lo pode dar, na sua estrutura complexa, o fortuito do nascimento numa quadra do chão, ou os atributos artificiais de uma Constituição parodiada - senão um intenso esforço consciente, diria melhor, uma espécie de aclimação histórica - aparelhando-nos a compreender os destinos de um povo que, nascendo em condições especialíssimas, quando surgia a Renascença - em pleno transfigurar das sociedades já constituídas - deparou na própria marcha crescentemente acelerada do progresso geral, sérios estorvos, impossibilitando-lhe uma situação de parada, indispensável ao perfeito caldeamento de suas raças constituintes - e chegou ainda incharacterístico à fase integradora do Império, que foi o órgão proeminente da sua unidade nacional. Infelizmente, me escasseiam competência e valor para congraçar numa síntese rigorosa, com as suas recíprocas influências, as grandes fatalidades que perturbaram ou demoraram a nossa evolução, desde as condições físicas desfavoráveis do território amplíssimo e quase impenetrável, em virtude da sua própria estrutura geognóstica, aos impeços e perturbações de ordem moral, em grande parte oriundos da circunstância de termos sido obrigados a efetuar simultaneamente a nossa formação étnica e a nossa formação política, dando traçados paralelos a fenômenos naturalmente sucessivos.

Então as notáveis vicissitudes da nossa existência coletiva, com os seus desvios, com os seus recuos, com os seus descompassados arrosos seguidos de subitâneos desfalecimentos; e com as suas grandes curvas quase fechadas, que fazem do Brasil exemplo único a estear a fantasia filosófica de Viço, porque trouxeram a nossa Idade Média até ao nosso tempo, irmanando o feudalismo retrógrado dos donatários, que os alvarás nomeavam, com o feudalismo anárquico dos

governadores, que as eleições não elegem - tudo isto, toda essa agitação tumultuária, onde raro se destaca o caráter social dos acontecimentos, nos revelaria que aquele título não é uma coisa que se recebe, senão uma posição que se conquista, e acarreta deveres tão sérios que quem a merece não sabe distinguir os compatriotas de boa vontade pelas fórmulas inexpressivas e artificiosas dos partidos. Revelaria isto a mais ligeira análise da situação presente. Não a farei, porém. Evito pormenorizar um assunto em que o funambulesco se conchava ao trágico, num dualismo abominável; o mesmo Tácito, neste lance, cederia muito a seu bom grado uma tal empresa ao mimógrafo Batilus...

Prefiro não deixar a atitude de curioso contemplativo, protegido pela obscuridade enobrecedora, mercê da qual passo por aí perfeitamente desconhecido, como um grego antigo transviado nas ruas de Bizâncio...

Ademais, para ser útil, basta-me o cingir-me ao vosso bellissimo programa. De feito, estas estantes iludem miraculosamente o encerro das paredes que nos cercam: têm a transparência ideal, e cheia de esplendores dos próprios livros que as atestam; e dão aos escassos metros quadrados desta sala uma amplitude de quatro séculos, sem que se estranhe a falta de homogeneidade de uma tal comparação, porque a mesma realidade tangível nos ensina que, ao pisarmos as velhas tábuas desta casa, andamos sobre um trecho da terra misteriosa e sagrada do passado.

Aqui se conjugam, sem o emperramento de irritantes atritos, sem o dispersivo das paixões, e sem que os apequene a lógica caturra destes tempos, os efeitos máximos dos quatrocentos anos da nossa vida; passa intacta e intangível, sobranceira a um tempo ao livre arbítrio dos homens e aos caprichos da Providência, a diretriz do nosso futuro

garantido pelo seu determinismo inflexível, nesse eterno equilíbrio dinâmico das tendências psíquicas individuais e dos motivos - *perpetuam mobile* onde os nossos impulsos pessoais se corrigem, se retificam e se ampliam, sob a disciplina austera da influência acumulada das gerações que passaram.

E mesmo para os mais desalentados, salteados de assombro ante a situação presente, para os que prefiguraram todos os desastres rompentes desta crise, mesmo para esses há neste recinto, no esplêndido isolamento deste cordão sanitário de milhares de livros, um admirável e consolador exílio, um degredo que lhes permite ligar a vida objetiva transitória à grande vida imortal da Pátria, sem que percam a contemplação de seus aspectos físicos formosíssimos dela, um belo ostracismo que escapou a todas as tiranias porque é um prêmio: um exílio no tempo.

E eu aqui virei, sempre que mo permitirem as breves folgas da minha carreira fatigante, trazer-vos a minha boa vontade, que deve ser muito grande para nivelar-me, tão desaperecebido de outros requisitos, à incomparável superioridade dos vossos intentos e dos vossos esforços.

III.4 – Obra “Contrastes e Confrontos”

III.4.1 - O Marechal de Ferro⁶⁰

No meio em que surgiu, o marechal Floriano Peixoto sobressaía pelo contraste. Era um impassível, um desconfiado e um cético, entre entusiastas ardentes e efêmeros, no inconsistente de uma época volvida a todos os ideais, e na credulidade quase infantil com que consideramos os homens e as coisas. Este antagonismo deu-lhe o destaque de uma glória excepcionalíssima. Mais tarde o historiador não poderá explicá-la.

O herói, que foi um enigma para os seus contemporâneos pela circunstância claríssima de ser um excêntrico entre eles, será para a posteridade um problema insolúvel pela inópia completa de atos que justifiquem tão elevado renome. É um dos raros casos de grande homem que não subiu, pelo condensar no âmbito estreito da vida pessoal as energias dispersas de um povo. Na nossa translação acelerada para o novo regime ele não foi uma resultante de forças, foi uma componente nova e inesperada que torceu por algum tempo os nossos destinos.

⁶⁰ Texto integrante da obra *Contrastes e Confrontos*, que reuniu artigos e breves ensaios, publicada em 1907.

Assim considerado, é expressivo. Traduz de modo admirável, ao invés da sua robustez, a nossa fraqueza.

O seu valor absoluto e individual reflete na história a anomalia algébrica das quantidades negativas: cresceu, prodigiosamente, à medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar - porque se lhe operara em torno uma depressão profunda. Destacou-se à frente de um país, sem avançar - porque era o Brasil quem recuava, abandonando o traçado superior das suas tradições...

Diante da sua figura insolúvel e dúbia, os revolucionários apreensivos traçavam na tarde de 14 de novembro o ponto de interrogação das dúvidas mais cruéis, e ao meio-dia de 15 de novembro os pontos de admiração dos máximos entusiasmos. Não se conhece transformação, ao mesmo passo, tão repentina e tão explicável.

Sobretudo explicável. O seu prestígio nascera paradoxalmente antes da revolução. Sabia-se, ou conjecturava-se, que sobre o regime condenado velava, imperceptível, aquela astúcia silenciosa, formidável e cauta, contraminando talvez dentro do próprio exército o traço subterrâneo da revolta; ou acompanhando-o talvez, linha por linha, ponto por ponto, num paralelismo assombroso, e no prodígio de conspirar contra a conspiração, ajustando soturnamente o rigorismo da lei ao lado clã rebeldia incauta, de modo que, ao estalar, tivesse de improviso, em cima, irrompendo da sombra, a mão possante que a jugularia.

Esta dúvida, ou dolorosíssima suspeita - sabem-no todos os revolucionários, embora muitos a negassem depois - era a mais inibitória incerteza entre tantas outras que nos manietavam.

Revela-o um incidente inapreciável como muitos outros, porque o 15 de novembro foi uma glorificação exagerada de minúcias:

Na véspera daquele dia, às 10 horas da noite, toda a segunda brigada, em plena revolta, estava em forma e pronta para a marcha. Mas antes de a realizar sucedeu o fato ilógico e inverossímil de seguir um capitão mandado pelos chefes revolucionários, a participar o acontecimento ao próprio ajudante general de exército, ao marechal Floriano. Por um impulso idêntico ao do criminoso que segue, num automatismo doentio, a confessar o crime ao juiz que o apavora, a conspiração denunciava-se. Atirava aquela cartada arriscadíssima; iludia o temor do adversário procurando-o; trocava a expectativa do perigo pelo perigo franco.

Mas nada conseguiu. Diante do oficial rebelde que viera de S. Cristóvão a procurá-lo, encontrando-o na única sala que se destacava iluminada no vasto quartel do campo de Santana imerso na mais profunda treva - o marechal Floriano apareceu ainda mais indecifrável. Determinou com a palavra indiferente de quem dá a mais desvaliosa ordem a uma ordenança, que se desarmasse a brigada sediciosa. Mas não fez a recriminação mais breve, ou traiu o mais fugitivo espanto; e não prendeu o parlamentar indisciplinado que ao sair adivinhou adensados no escuro, dentro, no vasto pátio interno, todos os batalhões de infantaria, com as espingardas em descanso, e de baionetas caladas onde se joeirava salteadamente, em súbitos reflexos, o brilho das estrelas...

A consulta à esfinge complicara o enigma. Como interpretar-se aquela ordem apenas balbuciada pela primeira autoridade militar rodeada da parte mais numerosa da guarnição que os regimentos levantados iriam encontrar vigilante e firme nas formaturas rigorosas?...

A revolta desencadeou-se nesta indecisão angustiosa, e foi quase um arremesso fatalista para a derrota.

Porque a vitória foi uma surpresa; e desfechara-a precisamente o homem singular que equilibrara até o último minuto a energia governamental e a onda revolucionária - até transmutar a própria infidelidade no fiel único da situação, de súbito inclinado para a última.

Este golpe teatral, deu-o com a impassibilidade costumeira; mas foi empolgante. Minutos depois, quando diante do ministério vencido o marechal Deodoro alteava a palavra imperativa da revolução, não era sobre ele que convergiam os olhares, nem sobre Benjamin Constant, nem sobre os vencidos - mas sobre alguém que a um lado deselegantemente revestido de uma sobrecasaca militar folgada, cingida de um talim frouxo de onde pendia tristemente uma espada, olhava para tudo aquilo com uma serenidade imperturbável. E quando, algum tempo depois, os triunfadores, ansiando pelo aplauso de uma plateia que não assistira ao drama, saíram pelas ruas principais do Rio - quem quer que se retardasse no quartel-general veria sair de um dos repartimentos, no ângulo esquerdo do velho casarão, o mesmo homem, vestido à paisana, passo tranquilo e tardo, apertando entre o médio e índice um charuto consumido a meio, e seguindo isolado para outros rumos, impassível, indiferente, esquivo...

E foi assim - esquivo, indiferente e impassível - que ele penetrou na História.

* * *

Vimo-lo depois, de perto, na conspiração contra o golpe de estado de 3 de novembro.

A sua casa no Rio Comprido era o centro principal da resistência. Ia-se para lá de dia, em plena luz: nenhuns

resguardos, nenhuma dessas cautelas, e ânsias, ou sobressaltos, como os quais numa conspiração se romanceiam os perigos. Os conspiradores iam, prosaicamente, de bonde; saltavam num portão, à direita; galgavam uma escada lateral, de pedra; e viam-se a breve trecho num salão modesto, com a mobília exclusiva de um sofá, algumas cadeiras e dois aparadores vazios. Lá dentro, janelas largamente abertas, como se se tratasse da reunião mais lícita, rabeava ferozmente a rebeldia: gisavam-se planos de combate; balanceavam-se elementos, ou recursos; pesavam-se incidentes mínimos; trocavam-se alvitres, denunciavam-se trânsfugas, enumeravam-se adeptos, e nas palestras esparsas em grupos febricitantes vibrava longamente este entusiasmo despedaçado de temores que trabalha as almas revolucionárias.

De repente, uma ducha enregelada: aparecia o marechal Floriano com o seu aspecto característico de eterno convalescente e o seu olhar perdido caindo sobre todos sem se fitar em ninguém. Sentava-se, vagarosamente; e no silêncio, que se formava de súbito, lançava uma longa e pormenorizada resenha dos achaques que o vitimavam. Era desalentador.

Passado, porém, aquele sobressalto invertido, aquela quietude alarmante e aquela calma impertinente, mais cruciante do que a ansiedade anterior, renovava-se a agitação - e no gisarem-se planos, no balancearem-se recursos, no pesarem-se todos os incidentes, no contraposto, no revolto, no desordenado, nos diálogos esparsos; ou cruzando-se, ou afinal fundidos na palavra única de alguém que atirava, de golpe, entre os grupos, uma notícia emocionante, naquele tumulto, o homem que era a nossa esperança mais alta lançava avaramente um monossílabo, um *não* apagado, um *sim* imperceptível no balanço fugitivo da cabeça, ou abria a encruzilhada de um *talvez*...

Saía-se jurando que estava na sala um traidor, impossibilitando-lhe o livre curso das ideias. Porque, isoladamente, a cada um dos que lá iam, ele se manifestava com a sua lucidez incomparável.

Aceitava-se um a um; repelia-nos unidos. E a pouco e pouco naquele retrair-se cauteloso, naquele escorregar precavido sobre todas as questões que se lhe propunham na reunião revolucionária, tão diferente do firme, do definido e do claro de pensar, que, parceladamente, manifestava a cada um dos que a constituíam, ele foi infiltrando na conspiração a sua índole retrátil e precatada. Por fim - confiava-se no melhor companheiro da véspera... desconfiando.

É natural que a trama sediciosa se alastrasse durante vinte dias, inteiramente às claras e imperceptível; e que ao irromper a 23 de novembro o movimento da Armada - simples remate teatral da mais artística das conspirações - o marechal Floriano, imutável na sua placabilidade temerosa, seguisse triunfal e tranquilo para tomar o governo, "obedecendo" a um chamado do Itamarati, espantosamente disciplinado no fastígio da rebeldia que alevantara - e indo depor o marechal Deodoro vencido, com um abraço, um longo e carinhoso abraço, fraternal e calmo.

* * *

Conta-se que ao estalar a revolução de 6 de setembro, no meio do espanto, e do alarma, e do delírio de adesões e entusiasmos, que para logo repontaram de todos os lados, gerando aquela angustiosíssima comoção nacional culminada pela loucura trágica de Aristides Lobo - conta-se que o marechal Floriano requintara na proditória quietude.

Impassível naquele estonteamento, superpôs ao tumulto o seu meio sorriso mecânico e o seu impressionador mutismo.

Num dado momento, porém, abeirou-se de uma das janelas do palácio abertas na direção aproximada do mar; e ali ficou um minuto, meditativo, na atitude habitual da sua apatia, enganosa e falsa...

Depois levantou vagarosamente a mão direita, espalmada, vertical e de chapa para o ponto onde se adivinhavam os navios revoltosos, no gesto trivial e dúbio de quem atira longe uma esperança ou uma ameaça... Traçou naquele momento o molde da sua estátua. Nenhum escultor de gênio o imaginará melhor, a um tempo ameaçador e plácido, sem expansões violentas e sem um tremor no rosto impenetrável, desdobrando silenciosamente, diante do assalto das paixões tumultuárias e ruidosas, a sua tenacidade incoercível, tranquila e formidável.

**ESBOÇO
GEOLOGICO**



- Terreno Paleoceno (Siluriano Sup. ou Devoniano)
- Terreno Terciário
- Terreno Cretáceo
- Terreno Metamórfico (greis, etc.)

- Antares
- Ta. Scarpas
- Spiz e Martins
- Harit
- Derly
- Gardner
- Barion
- Balfeld
- Baldon
- Allen
- Ayres do Casal
- Príncipe de Brazil
- Wells
- Balthes
- Bailga
- Lopes Mendiz

III.4.2 – Anchieta ⁶¹

O grande missionário reconcilia-nos com a Companhia de Jesus.

É o seu maior milagre.

Votada em parte é antipatia de uma forte corrente de sábios e pensadores, como um elemento dispersivo na solidariedade moral dos povos, a instituição, para eles irrevogavelmente condenada, tem, na história, na feição de José de Anchieta, talvez a sua feição mais atraente.

Combatente, na Europa, como centro de resistência do catolicismo ante a irrupção impetuosa da Reforma, combatente no Extremo Oriente ante as regiões seculares do paganismo, ela, ante as tribos ingênuas da América, foi humana, persuasiva, evangelizadora. Incoerente e sombria, pregando no século XVI, exageradamente, através da justificação singular da estranha teoria do regicídio de Mariana, a soberania do povo, e combatendo, aliada aos tronos, essa mesma soberania quando surgia triunfante no século XVIII; precipitando ora os reis sobre os povos, ora os povos sobre os reis; traçando, através da agitação de três longos séculos atumultuados, os meandros de espantosas intrigas - ela foi, na América, coerente na missão civilizadora e pacífica, seguindo a trajetória retilínea do bem, heroica e resignada, difundindo nas almas virgens dos selvagens os grandes ensinamentos do Evangelho. Não dispersou, uniu.

⁶¹ Texto integrante da obra *Contrastes e Confrontos*, que reuniu artigos e breves ensaios, publicada em 1907.

Ligou à humanidade, emergente da agitação fecunda da Idade Média, um povo inteiro – espíritos jungidos a um fetichismo deprimente, forças perdidas nas correrias guerreiras dos sertões...

E para esta empresa imensa teve entre nós uma alma simples, sem violentos ímpetos de heroicidade – amplíssima e casta – iluminada pela irradiação serena do ideal.

Daí todo o encanto que ressalta à simples contemplação da bela figura de Anchieta, entregue hoje à existência subjetiva da história, e cujo nome tem na nossa terra a propriedade de fundir todas as crenças e opiniões numa veneração comum.

E que em virtude de causas múltiplas, em que preponderam de um lado as condições do meio e de outro o próprio sentimento dos missionários, a Companhia de Jesus perdeu, no novo mundo, a feição batalhadora.

Longe das controvérsias irritantes que circulavam a dissolução do regime católico-feudal, os apóstolos que agiram fora da convulsão que abalava a Europa, com S. Francisco Xavier nas Índias e com Anchieta e Nóbrega no Ocidente, ao desdobrarem, diante do gentio deslumbrado, a significação divina da vida, num Candido misticismo, souberam fazer da humildade a forma mais nobre do heroísmo e venceram pelo incutir nas almas obscuras dos bárbaros todo o fulgor que lhes esclarecia as próprias almas.

E foram além na missão evangelizadora.

A nossa história o diz: depois do combate incruento à idolatria, depois da catequese das tribos, através de esforços que lembram os primeiros séculos da igreja, animou-os a preocupação capital de salvá-las da escravidão. A ambição extraordinária de audazes

aventureiros exigia a força inconsciente do selvagem para as longas pesquisas nos sertões.

A história dolorosa das reduções jesuíticas terminada pelo sombrio epílogo de Guaíra, patenteia uma inversão singular de papéis: o missionário reagia à frente dos bárbaros arrancados às selvas, contra os bárbaros oriundos das terras civilizadas.

Desse conflito resulta, em muitos pontos, a feição verdadeiramente heroica do nosso passado.

Ora, os que arcavam, no Brasil, com esta missão múltipla e elevada, definem-se admiravelmente em Anchieta – um nome que é a síntese de uma época.

Grande homem, segundo a definição profunda de Carlyle, a sua história abrange um largo trecho da nossa própria história nacional.

Desde 1554, ao criar o terceiro colégio regular no Brasil, erigindo Piratininga, graças ao estabelecimento de um melhor sistema de proselitismo, esse centro diretor da larga movimentação das missões brasileiras, até 1597, ao expirar em Reritibá, rodeado pelos discípulos e pelas tribos catequizadas, a sua existência, dia por dia, hora por hora, constante no devotamento à mais sagrada das causas, irradia sobre uma época tumultuosa como uma apoteose luminosa e vasta.

Soberanamente tranquilo sobre a revolta das paixões, nada o perturbou – nem mesmo quando, colaborando diretamente para a organização futura da nossa nacionalidade, ele ligou a palavra ardente de apóstolos ao cintilar da espada heroica de Estácio de Sá ou impelindo ao combate os guaianases leais, repelia as hordas ferozes dos tamoios que investiam contra S. Paulo.

Preso entre esses últimos, sob a ameaça persistente do martírio e da morte, a sua alma religiosa expande-se em poema belíssimo no qual a dicção aprimorada se alia à erudição notável. Seguindo ásperos itinerários nos sertões em busca do aimoré bravio, à amplitude do seu espírito não escapa a nossa natureza deslumbrante acerca da qual faz estudos, lidos mais tarde com surpresa por todos os naturalistas, que o proclamaram, pela pena de Auguste Saint-Hilaire, um dos homens mais extraordinários do século XVI. Por toda a parte, em todas as situações de uma carreira longa e brilhante, como simples irmão ou no fastígio do provincialado, enfeixando nas mãos poderes extraordinários, não há um salto, um hiato, um acidente ligeiro perturbando a continuidade da sua existência privilegiada de grande homem – útil, sincero e bom.

Fora longo e difícilimo traçá-la, palidamente embora.

Mais alto e com mais eloquência do que nós, fala este sentimento sagrado de veneração que pressentimos em torno, amplo, forte e generoso, inacessível às diversidades de crenças e sob cujo influxo se opera em nosso tempo a ressurreição do grande morto de há três séculos.

III.4.3 – Garimpeiros⁶²

O forasteiro que no último quartel do século XVIII demandasse os povoados de Minas Gerais, ereto da noite para o dia na extensa zona do distrito Diamantino, sentia a breve trecho o mais completo contraste entre a aparência singela daqueles modestos vilarejos e as gentes que neles assistiam.

Entrava pelas ruas tortuosas e estreitas, ora marginando as lezírias dos córregos em torcicolos, ora envesgando, clivosas, pelo viés dos pendores, ladeadas de casas deprimidas de beirais desgraçados e saídos; percorria-as calcando um áspero calçamento de pedras malgradadas; desembocava num largo irregular onde avultava a picota do pelourinho, ameaçadora e solitária; deparava mais longe duas ou três pesadas igrejas de taipa; e, certo, sentiria crescer a desoladora saudade do torrão nativo se naquele curto trajeto não se lhe antolhassem singularíssimos quadros.

Surpreendiam-no, empolgantes, o excesso de vida daqueles recantos sertanejos e o espetáculo original da Fortuna domiciliada em pardieiros.

E se conseguisse abarcar de um lance a multidão doudejante e inquieta, que atestava as vielas e torvelinhava nas praças, teria a imagem estranha de uma sociedade artificial, feita de elementos díspares transplantados de outros climas e mal unidos sobre a base instável, dia a dia destruída, ruindo solapada pela vertigem mineradora - da própria terra em que pisavam.

⁶² Texto integrante da obra *Contrastes e Confrontos*, que reuniu artigos e breves ensaios, publicada em 1907.

Acampado nos cerros, o povo errante levava para aqueles rincões - escalas transitórias ocupadas à ventura - todos os hábitos avoengos que não afeiçoavam ao novo meio. E estadeava todos os seus elementos incompatíveis fortuitamente reunidos, mas repelindo-se pelo contraste das punições e das raças: - dos congos tatuados que moirejavam nas lavras, com a rija envergadura mal velada pelas tangas estreitas ou rebrilhando, escura, entre os rasgos das roupas de algodão; aos contratadores ávidos e opulentos, passando por ali como se andassem nas cidades do reino, entrajando as casacas de veludo, de portinholas e canhões dobrados, abertas para que se visse o colete bordado de lantejoulas, descidas sobre os calções de seda de Macau atacados com fivelas de ouro. A grenha inestricável do africano chucro contrastava com a cabeleira de rabicho, empoadada e em volta de um cadarço de gorgorão rematando numa laçada, do peralvilho rico; a alpercata de couro cru estalava rudemente junto do sapato fino, pontiagudo, cravejado de pérolas, do reinol casquilho, graciosamente bamboleante com o andar que ensinavam os “mestres de civilidade”; o cacete de guarda-costas vibrava próximo do bastão de biqueira de ouro, finamente encastado; e o facão de cabo de chifre, do mateiro, fazia que ressaltassem, mais artísticos, os brincos de ourivesaria dos floretes de guarnições luxuosas dos fidalgos recém-vindos.

Ia-se de um salto de uma camada social a outra.

Parecia não haver intermédios àquela simbiose da Escravidão com o Ouro, porque não havia encontrá-los mesmo no agrupamento incaracterístico, e mais separador que unificador, dos solertes capitães-do-mato, dos meirinhos odientos, dos bravateadores oficiais de dragões, dos guarda-mores, dos escrivães, dos pedestres e dos exatores, açulados pelas ruas, farejando as estradas e as

picadas, perquirindo os córregos e os desmontes, em busca do escravo; filando-se às pernas ágeis dos contrabandistas; colados no rastro dos contraventores; e espavorindo os faiscaidores pobres, inquirindo, indagando, prendendo, intimando e, quase sempre, matando...

Sobre tudo isto dois tremendos fiscais que a Corte longínqua despachara apercebidos de faculdades discricionárias: o Ouvidor da comarca e o Intendente dos diamantes.

Tinham a tarefa fácil de uma justiça que por seu turno se exercitava entre extremos, monstruosa e simples, mal variando nos “termos de prisão, hábito e tonsura”; oscilando em mesmices torturantes, da devassa ao pelourinho, do confisco à morte, dos troncos das cadeias aos dez anos de degredo em Angola.

E que a terra farta, desentranhando-se nos minérios anelados, não era um lar, senão um campo de exploração predestinado a próximo abandono quando as grupiarias ricas se transmudassem nas restingas safaras, e fossem avultando, maiores, mais solenes e impressionadoras, sobre a pequenez dos povoados decaídos, as *Catas* silenciosas e grandes montões de argila revolvidos tumultuando nos ermos à maneira de ruínas babilônicas...

Mas fora da mineração legal adscrita na impertinência bárbara dos alvarás e cartas régias; trabalhada de fintas, alternativamente agravada pelo quinto e pela captação exaurida a princípio pelos contratadores e depois pela extração real, estendera-se intangível, e livre, e criminosa, irradiante pelos mil tentáculos dos ribeirões e dos rios, desdobrando-se pelos tabuleiros, ou remontando às serras, a faina revolucionária e atrevida dos *garimpos*.

Despejados dos arraiais; esquivos pelas matas que varavam premunidos de cautelas porque não raro no glauco das paisagens coruscavam, de golpe, os talins dourados e os terçados dos dragões girando em sobre-rondas céleres; caçados como feras - os garimpeiros, incorrigíveis devassadores das demarcações interditas, davam o único traço varonil que enobrece aquela quadra.

Vinham de um tirocínio bruto de perigos e trabalhos, nas velhas minerações; e, únicos elementos fixos numa sociedade móvel, de imigrantes, iam capitalizando as energias despendidas naqueles assaltos ferocíssimos contra a terra.

Desde as primitivas buscas pelos leitões dos córregos, dos caldeirões e das itaipavas, com o almocrafe curvo ou a bateia africana, na atividade errante das faisqueiras; aos trabalhos nos tabuleiros, arcando sob os carumbés refertos ou vibrando as cavadeiras chatas até aos lastros ásperos dos nódulos de hematita das tapanhuacangas; às catas mais sérias, às explorações intensas das *grupiaras* pelos recostos dos morros que broqueados de cavas circulares e sarjados pelas linhas retilíneas e paralelas das levadas, desmantelados e desnudos, tornavam maiores as tristezas do ermo; e, por fim, à abertura das primeiras galerias acompanhando os veios quartzosos, mas sem os resguardos atuais, tendo sobre as cabeças o peso ameaçador de toda a massa das montanhas - eles percorreram todas as escalas da escola formidável da força e da coragem.

Vibraram contra a natureza recursos estupendos.

Abriram canais de léguas ajustados às linhas das cumiadas altas; e adunando a centenas de metros de altura, em vastos reservatórios, as águas captadas, rompiam-nos. Ouviam-se sons das trompas e buzinas prevenindo os eitos de

escravos derramados nas encostas, para se desviarem; e logo após uma vibração de terremoto, um como desabamento da montanha, a avalanche artificial desencadeada pelos pendores, tempesteando e rolando - troncos e galhadas, fraguados e graieiros, confundidos, embaralhados, remoendo-se, triturando-se, descendo vertiginosamente e batendo embaixo dentro dos amplos mundéus onde acachoaava o fervor da vasa avermelhada lampejante das palhetas apeteçadas...

Desviavam os rios; invertiam-lhes as nascentes, ou torciam-nos cercando-os; e, por vezes, alevantavam-nos, inteiros, sobre os mesmos leitos. Todo o Jequitinhonha, adrede contido e alteado por uma barragem, derivou certa vez por um bicamente colossal, de grossas pranchas presas de gastalhos, deixando em seco, poucos metros abaixo, o cascalho sobre que fluía há milênios...

E ali embaixo, centenares de titãs tranquilos, compassando as modinhas dolentes com o soar dos almocrafes e alavancas, labutavam, cantando descuidados, tendo por cima o dilúvio canalizado...

Assim foram crescendo...

De sorte que quando a metrópole, exagerando a antiga avidez ante a fama dos novos “descobertos”, se demasiou em rigores e prepotências para tornar efetivo o monopólio da extração, isolando aquela zona de todo o resto do mundo, dificultando as licenças de entrada e os passaportes, multiplicando registros e barreiras, extinguindo os correios, e tentando mesmo circunvalar as demarcações, não lhe bastando o permanente giro das esquadras de pedestres, baldaram-se-lhe em parte os esforços ante os rudes caçadores furtivos da fortuna, inatingíveis às fintas, às multas, às tomadias, aos confiscos, às denúncias, às

derramas; e que aliados aos pechilingueiros vivos, aos tropeiros ardilosos passando entre as patrulhas com o contrabando precioso metido entre os forros das cangalhas, aos comboieiros que enchiam os cabos ocos das facas com as pedras inconcessas, ou aos mascates aventureiros intercalando-as nos remontes dos coturnos grosseiros - estendiam por toda a banda, até ao litoral, a agitação clandestina, heroica e formidável.

“Desaforados escaladores da terra!...” investivavam as ríspidas cartas régias, delatando o desapontamento da Corte remota ao pressentir escoarem-se-lhe as riquezas pelos infinitos golpes que lhe davam nos regimentos aqueles adversários.

E armou contra eles exércitos.

Bateram longamente os caminhos as patas entaloadas dos corpos de dragões.

Adensaram-se em batalhões as patrulhas errantes e dispersas dos pedestres; e avançaram ao acaso pelas matas em busca dos adversários invisíveis.

Os garimpeiros remontavam às serras: espalhavam-se em atalaias; grupavam-se em guerrilhas diminutas; e por vezes os graves intendentes confessavam aos conselhos de ultramar a “vitória de uma emboscada de salteadores”.

Finalmente se planearam batalhas.

Rijos capitães-generais, enduredos nas refregas da Índia, largaram dos povoados ao ressoar das preces propiciatórias e sermões, chefiando os terços aguerridos, e arrastando penosamente pelos desfrequentados desvios as colubrinhas longas e os pedreiros brutos.

Mas ronçaram, inutilmente, pelos ermos.

Enquanto à roda, desafiando-os, alcandorados nos itambés a prumo; relampeando no súbito fulgir das descargas, das tocaias; derivando em escaramuças pelos telhados dos montes; arrebentando à boca das velhas minas em abandono, de repente escancaradas numa explosão de tiros - os “desaforados escaladores da terra”, os anônimos conquistadores de uma pátria, zombavam triunfalmente daqueles aparatos guerreiros, espetaculosos e inofensivos.

III.4.4 - Solidariedade sul-americana

A República tirou-nos do remanso isolador do império para a perigosa solidariedade sul-americana: caímos dentro do campo da visão, nem sempre lúcida, do estrangeiro, insistentemente fixa sobre os povos, os *governos* e os “governos” (ironicamente sublinhados ou farpeados de aspas) da América do Sul.

O imperador, em que pese à sua educação imperfeita e às suas sensíveis falhas de estadistas, era o grande plenipotenciário do nosso bom senso equilibrado e da nossa seriedade. A sua bela meia ciência, toda ornada de excertos hebraicos e das estrelas da astronomia doméstica de Flammarion, mas ansiosamente atraída para o convívio dos sábios e costumaz frequentadora de institutos, era a nossa mesma ânsia, talvez precipitada, mas nobilíssima, de acertar, e a sua bonomia, os seus hábitos modestos e simples, os mesmos hábitos modestos, certo sem brilhos, mas em todo o caso decentes, com que andávamos na história.

Tinha a força sugestiva e dominadora dos símbolos, ou das imagens. Era, para a civilização tão distraída por infinitos assuntos mais urgentes e mais sérios, um índice abreviado onde ela aprendia de um lance os aspectos capitais da nossa vida: o epítome vivo do Brasil.

Talvez não fosse bem certo e carecesse de uma mondanura severa, ou revisão acurada, mas tinha a vantagem de nos determinar uma consideração à parte. Na atividade revolucionária e dispersiva da política sul-americana,

⁶³ Texto integrante da obra *Contrastes e Confrontos*, que reuniu artigos e breves ensaios, publicada em 1907.

apisoada e revolta pelas gauchadas dos caudilhos, a nossa placidez, a nossa quietude, digamos de uma vez, o nosso marasmo, delatavam ao olhar inexperto do estrangeiro o progresso dos que ficam parados quando outros velozmente recuam. E, dada a complexidade étnica e o apenas esboçado de uma sub-raça onde ainda se caldeiam tantos sangues, aquela placabilidade e aquele marasmo recordavam-lhe na ordem social e política a imprescindível tranquilidade de ambiente que, por vezes, se exige, na física, para que se completem as cristalizações iniciadas...

Hoje, não. Sem aquele ponto de referência, a opinião geral desvaira; derranca-se em absurdos e em erros; estonteia num agitar sem sentido, de maravilhas inúteis; confunde-nos nas desordens tradicionais de caudilhagem; mistura os nossos quatorze anos de regime novo a mais de um século de pronunciamentos; e como, durante esta crise de crescimento, nos saltaram e saltam desastres - que só podem ser atribuídos à República por quem atribuía ao firmamento as tempestades que no-lo escondem - já não nos distingue nos mesmos conceitos. E que conceitos...

Deletreiem-se as revistas norte-americanas, para não citarmos outras, e vejam-se o desabrido da palavra, o cruciante dos assertos e até o temerário de futuros planos de absorção, sempre que acontece tratar-se das *sister republics*, curioso eufemismo com que se designa vulgarmente o vasto e apetecido *res nullius*, desatado do Panamá ao cabo Horn.

Para os rígidos estadistas que não nos conhecem, e a quem justamente admiramos, as Repúblicas latinas - "as que se dizem Repúblicas" no dizer dolorosíssimo de James Bryce, patenteiam, impressionadoramente, o espetáculo assombroso de algumas sociedades que estão morrendo. Aplicando à vida superorgânica as conclusões positivas do

transformismo, esta filosofia caracteristicamente saxônia, e exercitando crítica formidável a que não escapam os mínimos sintomas mórbidos de uma política agitada, expressa no triunfo das mediocridades e na preferência dos atributos inferiores, já de exagerado mando, já de subserviência revoltante, o que eles lobrigam nas gentes sul-americanas é uma seleção natural invertida: a sobrevivência dos menos aptos, a evolução retrógrada dos aleijões, a extinção em toda a linha das belas qualidades do caráter, transmudadas numa incompatibilidade à vida, e a vitória estrepitosa dos fracos sobre os fortes incompreendidos...

Imaginai o darwinismo pelo avesso aplicado à história...

Ora, precisamos anular estes conceitos lastimáveis, que às vezes nos marcam situações bem pouco lisonjeiras. Porque, ainda os há que excetuem o México disciplinado por Porfirio Díaz e enriquecido por José Ignez, embora abrangido de todo pela órbita comercial e industrial da Norte-América; e o Chile com a sua rígida estrutura aristocrática; e a Argentina, que poucos anos de paz vão transfigurando, sob o permanente influxo do grande espírito de Mitre - um homem que é o poder espiritual de um povo.

Nós ficamos alinhados com o Paraguai, convalescente; com a Bolívia, dilacerada pelos motins e pelas guerras; com a Colômbia e a abortícia república que há meses lhe saiu dos flancos; com o Uruguai, a esta hora abalado pelas cavalarias gaúchas e com o Peru.

Não exageramos. Poderíamos fazer numerosas e até monótonas citações, recentes todas, espalhadas em livros e em revistas, onde se move esta extravagante e crudelíssima guerrilha de descrédito.

Aqui, um secretário de legação - poupemos o seu nome - que na *North-American Review* patenteia um adorável ciúme ante a expansão teutônica em Santa Catarina e bate alarmadamente a afinadíssima tecla do princípio de Monroe; e demasia-se depois no excesso de zelo de denunciar a nossa apatia de filhos de uma terra onde é sempre de tarde - *a land where it is always afternoon!* - e a nossa miopia patriótica que não percebe em Von den Stein, em Hermann Meyer, em Landerberg os caixeiros sábios de Hansa, os batedores sem armas do germanismo; além do pretenso sociólogo - deixemos também em paz o seu nome e o seu livro, que ambos não valem a escolta dos mais desarranjados adjetivos - que pontificando dogmaticamente, genialmente canhestro, acerca do imperfeito da instrução japonesa, aponta-a como inferior a das Repúblicas sul-americanas, "exceto o Paraguai e o Brasil", recusando-nos, nesta parceria, a mesma procedência alfabética...

Realmente, o que surpreende em tais artigos não é o extravagante das afirmativas; é faltar-lhes, subscrevendo-os, a assinatura de Marc Twain, o mestre encantador da risonha gravidade da ironia ianque.

* * *

Ora esta campanha iminente com o Peru pode ser um magnífico combate contra essas guerrilhas extravagantes.

Fizemos tudo por evitá-la, sobrepondo à fraqueza belicosa da nação vizinha o generoso programa da nossa política exterior no últimos tempos, tão elevada no sacrificar interesses transitórios aos intuitos mais dignos de seguirmos à frente das nações sul-americanas como os mais fortes, os mais liberais e os mais pacíficos. O recente tratado de Petrópolis - resolvido há quarenta anos, quase pormenorizado

por Tavares Bastos e Pimenta Bueno - todo ele resultado de uma inegável continuidade histórica - é o melhor atestado dessa antiga irradiação superior do nosso espírito, destruindo ou dispensando sempre o brilho e a fragilidade das espadas. Nada exprime melhor a nossa atitude desinteressada e originalíssima, de povo cavaleiro-andante, imaginando na América do Sul, robustecida pela fraternidade republicana, a garantia suprema e talvez única de toda a raça latina diante da concorrência formidável de outros povos.

Mas não a compreendeu nunca a opinião estrangeira, que um excesso de objetivismo leva à contemplação exclusiva do quadro material das nossas desditas, à análise despiedada de tudo quanto temos de mau, à indiferença sistemática por tudo quanto temos de bom: e interpretam-na talvez como um sintoma de fraqueza as próprias nações irmãs do continente.

Desiludamo-las.

Aceitemos tranquilamente a luta com que nos ameaçam, e que não podemos temer.

Não será o primeiro caso de uma guerra reconstrutora. Mesmo quando rematam aparentes desastres, estes conflitos vitais entre os povos, se os não impelem apenas os caprichos dinásticos ou diplomáticos, traduzem-se em grandes e inesperadas vantagens até para os vencidos. A França talvez não monopolizasse hoje as simpatias da Europa sem a catástrofe de 70, que fez a dolorosa glorificação do seu espírito e o ponto de partida de uma regeneração incomparável, toda esteada numa experiência duríssima. Entram muito na glória imortal de Gambeta os planos estratégicos de Moltke.

Tão certo é que as artificiosas combinações políticas, afeiçoadas ao egoísmo dos grupos, se despedaçam nos

largos movimentos coletivos, que não abrangem. E nós, afinal, precisamos de uma forte arregimentação de vontade e de uma sólida convergência de esforços, para grandes transformações indispensáveis.

Se essa solidariedade sul-americana é um belíssimo ideal absolutamente irrealizável, com o efeito único de nos prender às desordens tradicionais de dois ou três povos irremediavelmente perdidos, pelo se incompatibilizarem às exigências severas do verdadeiro progresso - deixemo-la.

Sigamos - no nosso antigo e esplêndido isolamento - para o futuro; e, conscientes da nossa robustez, para a desafronta e para a defesa da Amazônia, onde a visão profética de Humboldt nos revelou o mais amplo cenário de toda a civilização da terra.

III.4.5 - O ideal americano⁶⁴

Roosevelt⁶⁵ é um estilista medíocre. A frase adelgaça-se-lhe no distendido de uns períodos oratórios cheios de incidentes intermináveis e rematados pela simulcadência inatural das mesmas ideias repisadas, volvidas e revolvidas sob todas as faces, com o sacrifício absoluto da forma à clareza, ou à exposição desatada em pormenores e minúcias exemplificadoras. Não escreve, leciona. Não doutrina, demonstra. Não generaliza, não sintetiza e não se compraz com os aspectos brilhantes de uma teoria: analisa, dissecar, induz friamente, ensina.

Mas isto sem o aprumo pretensioso de um lente que pontifica, senão com a modéstia fecunda de um adjunto que rediz, experimenta e mostra.

E o grande repetidor da filosofia contemporânea. Nada diz de novo.

Diz tudo de útil.

O seu último livro, o *Ideal Americano*, é uma sistematização de truísmos, para adotarmos o anglicismo indispensável às coisas sabidíssimas e claras. E no primeiro momento, deletreadas as primeiras páginas, imaginamo-nos às voltas com um excêntrico rival de Marc Twain, abalançando-se a ressuscitar velharia e a demonstrar axiomas.

No entanto, a pouco e pouco ele nos domina e absorve. Há um encanto irresistível naquela rudeza de *rough rider* e

⁶⁴ Texto integrante da obra *Contrastes e Confrontos*, que reuniu artigos e breves ensaios, publicada em 1907.

⁶⁵ Refere-se a Theodore Roosevelt, intelectual, historiador e naturalista, que assumiu a presidência dos Estados Unidos no período 1901-1909

de *quaker*; e o paladino rejuvenescido de coisas tão antigas - a energia, a ocupação aparente dos destinos de seu país, vai, realmente, traçando todas as condições imprescindíveis à vida de todos os países.

Para nós, sobretudo, a sua leitura é imperiosa e urgente.

Copiamos, numa quase agitação reflexa, com o cérebro inerte, a Constituição norte-americana, arremetendo com as mais elementares noções do nosso tirocínio histórico e da nossa formação, violando do mesmo passo as nossas tradições e a nossa índole; é natural e obrigatório que lhe vejamos, a par da grandeza, os males, sobretudo quando eles entendem especialmente com a nossa situação presente e o nosso caráter nacional.

De fato, Roosevelt, ao delatar os “perigos excepcionais” que ameaçam a grande República, antepõe-lhes por vezes de relance, mas insistentemente, feito uma contraprova expressiva, o quadro da anarquia sul-americana; “rusguento grupo de Estados, premidos pelas revoluções, onde um único senão destaca mesmo como nação de segunda”.

Deste modo, enquanto recuamos espavoridos imaginando o espantinho do perigo ianque, o estrênuo professor de energia põe, na frente da opinião ianque, o espantinho do perigo sul-americano. Temos medo daquela força; e, no entanto, ela é quem se assusta e foge apavorada da nossa fraqueza.

Ora, infelizmente para nós, a covardia paradoxal do colosso é mais compreensível que a infantilidade dos nossos receios.

Folheiem-se ao acaso as primeiras folhas do *Ideal Americano*. Depara-se-nos para logo uma novidade: o homem tão representativo do absorvente utilitarismo e do triunfo

industrial da América do Norte é um idealista, um sonhador, um poeta incomparável de virtudes heroicas.

Para ele, as garantias de sucesso da sua terra estão menos nos prodígios da atividade e no assombro de uma riqueza material sem par, do que nas belíssimas tradições de honra, e eficiência, traduzidas na ordem política pelos nomes que se inserem entre os de Washington e Lincoln, e na ordem social pelo repontar ininterrupto dessas emoções generosas, que propelem aos verdadeiros estadistas e sem as quais as nações se transmudam “em trambolhos obstrutivos de alguns tratos da superfície terrestre”. Não lhe bastam as virtudes da economia e do trabalho; superpõe-lhes a glorificação permanente da honra nacional, da coragem e da persistência, do altruísmo, da lealdade e das grandes tradições provindas das façanhas passadas, formando a capacidade crescente para as empresas maiores do futuro...

Traçado este rumo, é inflexível. Caem-lhe sob o passo de carga de uma lógica inteiriça, confundidos, embolados e ruídos no mesmo esmagamento: - o político tortuoso e solerte que, malignado pelo oblíquo incurável da visão moral, faz da política um meio de existência e supre com a esperteza criminosa a superioridade de pensar; o doutrinador estéril que não transforma a vida numa força ativa e combatente; o indiferente que resmoneia, agressivo, contra a corrupção política ou administrativa, e não intervém num protesto vigoroso e alto, definido por atos decisivos; o jornalista que não exercita uma crítica intrépida dos homens e dos partidos, ou se desfaz em lisonjarias indecorosas... e sobre todos eles, os que formam a plateia louvaminheira, não só para lhes explorar as ações como para lhas divinizar e aplaudir, garantindo-lhes no mesmo lance a impunidade dos crimes e a recompensa das males perpetrados

Ao lermos estas páginas impiedosas, pressentimos o dardo de uma alusão ferina. Ali está, latente, um comentário interlinear, de onde ressalta o pior da nossa desalentadora psicologia.

Mas prossigamos. Há identidades mais empolgantes. O impávido moralista repisa logo adiante uma outra novidade velha: firma de modo inflexível a necessidade de um largo americanismo, um forte sentimento nacional contraposto a um localismo deprimente e dispersivo. Combate às claras - numa lúcida compreensão, que não possuímos, do verdadeiro regime federal - o maligno espírito de paróquia e esse estreito patriotismo de campanário provincial ou estadual, que subordina a nacionalidade ao bairrismo e retrata, em nosso tempo, o federalismo incoerente da antiguidade grega, das Repúblicas medievais da Itália, e dos retrógrados Estados da Alemanha antes de Bismarck.

Neste lance, aponta ainda uma vez os fatos “abjetos e sangrentos” da América do Sul. E tão desanimador se lhe afigura este vício do regime, que se apressa em lhe denunciar a quase extinção na América do Norte, graças a uma evolução inegável e positiva, porque significa, ali, a passagem de uma forma incoerente e dispersiva a uma forma mais coerente e definida, consoante o preceito elementar do maior pensador da sua raça.

Trata-se como se vê, de um mal que lá está em plena decadência, próximo a extinguir-se, mas que ainda atemoriza; ao passo que entre nós ele surge vigoroso, e se desenvolve e irradia para toda a banda, delineando umas fronteiras ridículas, ou ostentando irritantemente umas questões de limites inclassificáveis, e deixa-nos impassíveis...

Completa-o um outro.

Ao patriotismo diferenciado alia-se, pior, o cosmopolitismo - essa espécie de regime colonial do espírito que transforma o filho de um país num emigrado virtual vivendo, estéril, no ambiente fictício de uma civilização de empréstimo. Mas não há explicar-se a insistência do escritor neste ponto. O americano do norte é um absorvente e um dominador de civilizações. Suplanta-as, transfigura-as, afeiçoa-as ao seu individualismo robusto e ao seu bom senso incomparável; americaniza-as.

Para nós, sim, é que parecem feitas aquelas páginas severas riçadas de repentinos e vivos golpes de ironia - porque entre nós é que se faz mister repetir longamente, e monotonamente mesmo, *“que mais vale ser um original do que uma cópia, embora esta valha mais do que aquele”* e que o ser brasileiro de primeira mão, simplesmente brasileiro, malgrado a modéstia do título, *“vale cinquenta vezes mais do que ser a cópia de 2ª classe, ou servil oleografia, de um francês ou de um inglês”*.

Parafraseando, diríamos: os nossos melhores estadistas, guerreiros, pensadores e dominadores da terra, os que engenharam as melhores leis e as cumpriram, os homens de energia ativa e de coração, que definiram com mais brilho a nossa robustez e o nosso espírito - todos sentiram, pensaram e agiram principalmente como brasileiros; destacam-se, como no passado, de todo destoantes da fisionomia moral de uma época onde o mesmo esboço de um irrequeto e frágil nativismo foi pedir à história do estrangeiro o próprio nome do batismo.

O Ideal Americano não é um livro para os Estados Unidos, é um livro para o Brasil.

Os nossos homens públicos devem - com diurna e noturna mão - versá-lo e decorar-lhe as linhas mais incisivas,

como os arquitetos decoram as fórmulas empíricas da resistência dos materiais.

É um compêndio de virilidade social e de honra política incomparável. Traçou-o o homem que é o melhor discípulo de Hobbes e de Gunplowicz - um fanático da força, um tenaz propagandista do valor sobre todos os aspectos, que vai da simples coragem física ao estoicismo mais complexo.

Daí a sua utilidade, não nos iludamos. Na pressão atual da vida contemporânea, a expansão irresistível das nacionalidades deriva-se, como a de todas as forças naturais, segundo as linhas de menor resistência. A absorção de Marrocos ou do Egito, ou de qualquer uma outra raça incompetente, é antes de tudo um fenômeno natural, e, diante dele, conforme insinua a ironia aterradora de Mahan, o falar-se no Direito é extravagância idêntica à de quem procura discutir ou indagar sobre a moralidade de um terremoto.

É o darwinismo rudemente aplicado à vida das nações.

Roosevelt compara de modo pinturesco essa concorrência formidável a um vasto e estupendo *football on the green*: o jogo deve ser claro, franco, enérgico e decisivo; nada de desvios, nada de tortuosidades, nada de receios, porque o triunfo é obrigatoriamente do lutador que *hits the line hard!*

Aprendamos, enquanto é tempo, esta admirável lição de mestre.

III.4.6 - A esfinge⁶⁶

(De um Diário da Revolta)

...Determinação inesperada destacou-me para erigir uma fortificação ligeira ao lado do edifício das Docas Nacionais.

Aindabem. Deixei, afinal, aquele tristonho morro da Saúde⁶⁷, que há dois meses retalho, e mino, e terrapleno, rasgando-lhe em degraus as encostas, taludando-o e artilhando-o, numa azáfama guerreira de que sou o primeiro a me surpreender. Lucro com a mudança. É uma variante ao menos. Livra-me do quadro demasiado visto daquele recanto comercial que a Revolta paralisou - circulado de trapiches desertos, atulhado pelo ciscalho bruto da ferragem velha da Mortona, e banhado pelas águas mortas de uma reentrância da baía, onde boiam, apodrecendo, velhos pontões demastreados e inúteis.

Dei, por isto, para logo, rápidas ordens de partida, e os sapadores abalaram em turmas - incorretos pelotões armados de picaretas e enxadas.

Acompanhei-os; e não esqueci um adorável companheiro e mestre, Thomaz Carlyle, em cujas páginas nobremente revolucionárias me penitencio do uso desta espada inútil, deste heroísmo à força e desta engenharia malestreada...

Cheguei, em pouco, ao local indicado, encontrando novos trabalhadores. Um apontador da diretoria de obras militares,

⁶⁶ Texto integrante da obra *Contrastes e Confrontos*, que reuniu artigos e breves ensaios, publicada em 1907.

⁶⁷ Na cidade do Rio de Janeiro.

armado de ordem terminante do comandante da linha, e seguido de meia dúzia de praças, já havia percorrido as tavernas e vivendas pobres das cercanias, à cata de operários como quem busca criminosos. Avezado àquelas caçadas, não se demorara. Em breve, algumas dezenas de estivadores, de várias nacionalidades - patriotas sob a sugestão irresistível dos rifles desembainhados e pranchadas iminentes - reforçaram as turmas desfalcadas.

Havia braços de sobra. Podia-se abordar a empresa da construção de mais uma Humaitá de sacos de areia, idêntica às que vêm hoje, debruando todo o litoral, desde o Flamengo à Gamboa.

A que se projetava, porém, requeria avantajadas proporções. Destinava-se a um Withworth 70⁶⁸, desentranhado da Armação (onde jazia desde a questão Christie) e vindo por terra, em longo rodeio, até aqui.

Pesado e desgracioso, alongando por sobre o reparo sólido, à maneira de um animal fantástico, o pescoço denegrido e áspero, ele parecia aguardar, ao lado, que lhe preparassem o estrado onde pudesse ser conteirado à vontade, rugindo, temeroso, sobre a rebeldia impenitente...

É o que sucederia, talvez, dentro de poucas horas.

Surdo boato, dos que por aí irrompem e se alastram, sem que se saiba de onde partem, lançara nas fileiras legais, comovidas, a nova de próximo embarque - toda a maruja revoltosa em terra, desencadeada em lances de desespero e ousadias.

Urgia por mãos à tarefa. Certo não desfaleceria da minha banda a defesa da *Legalidade* - belo eufemismo destes tempos sem leis.

⁶⁸ Refere-se a um canhão.

Foi atacado o trabalho. Cento e tantos homens, agitantes sobre as ordens ríspidas, arcados sob os sacos cheios de areia ou arrastando-os, arrumando-os, superpostos, como grandes adobes de um muramento ciclópico, bracejavam durante o dia todo...

De sorte que ao chegar a noite, brusca e varada de chuvisqueiros intermitentes e frios, pude contemplar o meu prodígio de baluarte chinês, uma duna ensacada, erguida em poucas horas sobre a crista do cais, dominante e desafiando assaltos.

Protegidos por ela, e apagados, para maior resguardo, os lampiões de gás, da vizinhança, os carpinteiros principiaram a ajeitar os pranchões aparelhados, madeirando a plataforma.

Era a fase mais perigosa da empresa. Aquela agitação, que se realizara até ali sem ruídos, ia transmudar-se, pela ação estrepitosa dos martelos, precisamente na hora das surpresas, das repentinas visitas das torpedeiras traidoras.

Sustive-a, por isto, um momento, indeciso.

Considerarei em torno...

Aquele trecho da Prainha, espécie de *White-Cheapel* em miniatura, enredado de bitesgas tortuosas e estreitas, onde mourejava população ativa, parecia abandonado. Nem uma voz. Nem uma luz.

Em frente, no mar inteiramente calmo, avultavam, mal percebidos, os navios de guerra estrangeiros, destacando-se melhor os couraçados brancos da esquadra americana. Ao fundo, um cordão de pontos luminosos - Niterói. Adivinhavam-se ainda uns perfis de ilhas, as da Conceição e Mocanguê, vagos, numa difusão de sombras; e a silhueta apagada do *Tamandaré* junto à última, imóvel, calada a artilharia formidável, mudo na solidão das águas... Depois, para a direita, algumas

lanternas bruxoleantes, asfixiadas nas brumas: a do forte de Gragoatá, a de Santa Cruz, mais longe, e a da fortaleza da Lage, intermitindo em cintilações longínquas, chofradas pelas ventanias ríspidas da barra.

Nada mais na tela obscurecida...

O cenário quadrava bem a um episódio habitual e dramático, que embora diuturnamente reproduzido não perde o traço emocionante e bárbaro.

Atravessando em silêncio a baía, o *Vulcano*, a *Lucy* ou qualquer outro sócio de catástrofes - caldeiras surdas, fogos abafados, avançando em deslizamentos velozes - abeira-se do litoral. Não o percebem as sentinelas, vigilantes no alto dos parapeitos...

De repente, arrebenta-lhes adiante, nas águas, a explosão de uma cratera. Desencadeia-se o alarma. Correm os soldados surpreendidos. Baqueiam alguns, baleados. A maioria alinha-se nas trincheiras, carabinas estendidas sobre o plano de fogo. Deflagram na treva os fulgores das descargas. Espingardeia-se por cinco minutos, o vácuo... e reinam de novo o silêncio e as sombras, enquanto o rebocador, atacante, banhado nos últimos clarões do tiroteio, se afasta como uma salamandra enorme, intangível, engolfando-se na noite.

Ora, o trabalho a iniciar-se ia atrair, sem dúvida, um desses recontros rápidos e ferozes. Era, porém, improrrogável.

Um carpinteiro arriscou a primeira pancada, medrosa, vacilando. Depois outra, mais firme - um estalo dilacerador na mudez absoluta. Sucederam-se outras; e em breve, sem cadência, sacudidos pelos punhos trêmulos, vibrando na psicose convulsiva do medo mal refreado, estrepitavam os martelos sobre as tábuas.

Tirei o relógio. Uma hora da madrugada. Ia acordar o Rio de Janeiro todo com aquele despertador estranho que desandava, de chofre, à sua cabeceira.

Alguém, porém, fê-lo parar. As marteladas chegaram, alarmantes, ao escritório do Loyd, onde aquartelava o comandante da linha, e este veio em pessoa interrompê-las.

O bravo coronel - orgulho de Piauí - chegou dentro do seu dólmã vistoso e do estado maior alarmado. Traía no afogo da respiração a caminhada feita e a emoção sagrada dos perigos. Ponderou a inconveniência daquela matinada heroica àquelas horas. Proibiu-a. E voltou marcialmente, seguido do estado maior brilhante num grande estrépito de espadas novas, batendo nas calçadas.

A medida era, afinal, prudente. Evitava-se que os revoltosos viessem, por sua vez, inquirir de tal ruído, com as habituais arrancadas e sacrifícios inúteis de inofensivos operários.

Suspensa a tarefa, estes se amontoaram por perto, abrigados pelo beiral saído de velho armazém acaçapado, mudos, tiritando sobre a calçada resvaladia e úmida.

E o silêncio desceu de novo, deixando distinguir-se, ao longo, o crepitar do tiroteio escasso duma sortida qualquer, insignificante, como tantas outras que se fazem todos os dias, pela tendência destruidora apenas, avultando, somadas, na crônica sombria da Revolta...

Atravessando, como dardos, à noite, os feixes de luz do refletor elétrico do morro da Glória destacavam-se no espaço, divergente e longos, fazendo surgir no giro amplíssimo - de súbito aclarados e logo desaparecendo - além, os navios de guerra numa passividade traidora; mais à frente Niterói, adormecida; a Armação, sinistra e deserta; e todas as angras,

todas as angusturas, todas as ilhas, uma por uma, repontando e extinguindo-se, no volver da paisagem móvel e fantástica; distendo, a súbitas, num coruscar repentino de areias claras, a fita de uma praia remota; resvalando, logo depois, devagar, pelos pendores dos cerros; estirando-se, por fim, em distensão máxima, ate Magé, ao fundo da baía. E dali voltando, lentos, perquirindo, na marcha fulgurante, um por um todos os pontos fortificados; demorando-se um instante sobre a ilha das Cobras, e mostrando uma visão de Acrópole, meio derruída, naquela ponta de granito arremessada fora das ondas; deixando-a, e pondo uma nesga de luar errante sobre o convés revoltado da *Guanabara*; deslizando dali para o costado arrombado da *Trajano*; e passando a outros pontos, banhando-os um a um no fulgor tranquilo e forte - feito um olhar olímpico da Lei, insistente e fixo, sobre os combatentes..

Admirável quadro. Curvei-me sobre a canhoneira recém-construída. Contemplei-a e dei largas a fantasia caprichosa...

Imaginei-me, então, obscuríssimo comparsa numa dessas tragédias da antiguidade clássica, de um realismo estupendo, com os seus palcos desmedidos, sem telão e sem coberturas, com os seus bastidores de verdadeiras montanhas em que se despenhavam os heróis de Esquilo, ou o proscênio de um braço de mar, onde uma plateia de cem mil espectadores pudesse contemplar, singrantes, as frotas dos fenícios.

A ilusão é completa.

Vai para quatro meses que não fazemos outra coisa senão representar um drama da nossa história, de desenlace imprevisto e peripécias que dia a dia se complicam, neste raro cenário que nos rodeia.

A civilização, espectadora incorruptível, observa-nos, dentro de camarotes cautelosamente blindados: a França, na *Arethuse* veloz; a Inglaterra, entre as amuradas da *Beagle*

veleira, cujos passeios diários fora da barra dão tanto que pensar; e a Alemanha, e os Estados Unidos, e o próprio Portugal sobre o convés pequeno da *Mindelo*...

Aplaudem-nos?

É duvidoso. Representamos desastrosamente. Baralhamos os papéis da peça que deriva num jogar de antíteses. Infelizes, entre senadores armados até aos dentes, brigando como soldados, e militares platônicos bradando pela paz - diante de uma legalidade que vence pela suspensão das leis e uma constituição que estrangulam abraços demasiados apertados dos que a adoram.

Daí as antinomias que aparecem. Neste enredo de Eurípedes, há um contra-regra - Sardou. Os heróis desmandam-se em bufonarias trágicas. Morrem, alguns, com um cômico terrível nesta epopeia pelo avesso. Sublimam-se e acalcanham-se. Se há por aí Aquiles, não é difícil descobrir-lhes no frêmito da voz imperativa a casquinada hilar de Trimalcíão.

E a Esfinge...

Mas interrompi este desfiar de conjecturas.

Aproximavam-se dois vultos. Nada tinham de alarmantes, porque a guarda, velando à entrada da rua, lhes permitira a passagem. Vinham à paisana. Chegaram até à borda da plataforma, onde uma lanterna clareava o estrado num raio de dois metros; e pararam.

Aproximei-me, saudando-os.

Um (reformado do Paraguai que a República retirou de um cartório de tabelião para o fazer senador e general), com aprumo varonil a despeito da idade, correspondeu-me britanicamente, corretíssimo e firme. O outro, murchou-lhe a mão num cumprimento frio...

À meia penumbra da claridade em bruxoleios, lobriguei um rosto imóvel, rígido e embaciado, de bronze: o olhar sem brilho e fixo, coando serenidade tremenda, e a boca ligeiramente refogada num rictus indefinível - um busto de duende em relevo na imprimidura da noite, e diluindo-se no escuro feito a visão de um pesadelo.

Reconheci-o e emudeci, respeitando-lhe o incógnito.

Vi-o logo depois abeirar-se da trincheira; e debruçar-se sobre o plano de fogo, e ali ficar meio minuto, pensativo, a vista cravada entre a afumadura das brumas, na outra banda da baía.

- Estão tranquilos... murmurou.

Fez um gesto breve, despedindo-se, e seguiu acompanhado do companheiro desempenado e vivo, desaparecendo ambos a breve trecho - duas silhuetas agitando-se um momento, ao longe, ao brilho escasso de um lampião distante e embebendo-se depois, inteiramente, na noite...

Curvei-me, então, de novo, sobre a canhoneira recém-construída e reatei o meu sonhar acordado no ponto em que o interrompera: ...e a Esfinge, quebrando a imobilidade da pedra, veste um paletó burguês e vem - desconfiadamente confiante - rondar os lutadores...

III.4.7 - Nativismo provisório⁶⁹

O nosso antilocalismo frisa pela parcialidade. Não há aplausos que nos bastem aos forasteiros disciplinados que nos últimos tempos transfiguraram as nossas culturas e se vincularam aos nossos destinos, nobilitando o trabalho e facilitando a maior reforma social do nosso tempo.

Somos adversários do nativismo sentimental e irritante, que é um erro, uma fraqueza e uma velharia contraposta ao espírito liberal da política contemporânea. A este pseudopatriotismo, para o qual Spencer, na sua velhice melancólica e desiludida, criou a palavra “diabolismo”, deve antepor-se um lúcido nacionalismo, em que o mínimo desquerer ao estrangeiro, que nos estende a sua mão experimentada, se harmonize com os máximos resguardos pela conservação dos atributos essenciais da nossa raça e dos traços definidores da nossa gens complexa, tão vacilantes, ou rarascentes na instabilidade de uma formação etnológica não ultimada e longa. E ainda quando nos turbasse um esmaniado jacobinismo, todo ele ruiria ao defrontar o quadro da imigração do Brasil: homens de outros climas que aqui se nacionalizam consorciados com a terra pelos vínculos fecundos das culturas.

Mesmo sob o aspecto estritamente econômico, pensamos como Louis Couty - este belo espírito a um tempo imaginoso e prático que com tão largo descortino prefigurou o nosso desenvolvimento: não podemos ainda dispensar a energia europeia mais ativa e apta, para que se desencadeiem as

⁶⁹ Texto integrante da obra *Contrastes e Confrontos*, que reuniu artigos e breves ensaios, publicada em 1907.

nossas energias naturais. O colono, entre nós, é o primeiro, senão o único fator econômico, e, pelo destaque vivíssimo entre a sua perícia infatigável e a nossa atividade tateante, ele reponta, transformando a biologia industrial num capítulo interessantíssimo de psicologia social.

Deste modo, a simpatia pelo estrangeiro, baseamo-la, até movidos pelo egoísmo, nos nossos interesses imediatos e mais urgentes.

Podemos apreciar com segurança o lado sombrio deste assunto.

De fato, esta imigração que desejamos, não já pelo concurso mecânico do braço que trabalha, senão também porque carecemos da colaboração artística e do adiantamento dos outros povos, aparece diante do vacilante da nossa estrutura política e da nossa formação histórica incompleta como um problema, que não podemos afastar, que não queremos e não devemos afastar, mas que devemos resolver com infinitas cautelas. Não podemos encará-lo com o ânimo folgado nem com o moderantismo com que o enfrentam os naturais de um país onde o forasteiro, parta de onde partir, depare, a par de um intenso individualismo de raça constituída, a atmosfera virtual de uma civilização onde ele para viver tenha que se adaptar. A nossa situação não é ainda esta. O forasteiro de um modo geral - à parte naturalmente o rebotalho das levas imigrantes - aqui depara um meio intelectual e moral facilmente completível, senão inferior àquele onde nasceu; a pouco e pouco vai trazendo-nos o seu ambiente moral, destruindo pelo contínuo implante dos seus costumes o próprio exílio que procurou e criando-nos ao cabo, graças ao nosso desapego às tradições, ao cosmopolitismo instintivo e à insegurança dos nossos estímulos próprios, um quase exílio paradoxal dentro da nossa própria terra.

É nestacircunstânciaúnicaque seesboçaminconvenientes capazes das mais exageradas susceptibilidades patrióticas esclarecidas pelas mais sólidas inferências positivas.

Falta-nos integridade étnica que nos aparelhe de resistência diante dos caracteres de outros povos.

O Brasil não é como os Estados Unidos ou a Austrália, onde o inglês, o alemão ou o francês alteram e cambiam as qualidades nativas ou as refundem e refinam, originando um tipo novo e mais elevado do que os elementos formadores. Está numa situação provisória de fraqueza, na franca instabilidade de uma combinação incompleta de efeitos ainda imprevisos, em que a variedade dos sangues, que se caldeiam, implica o dispersivo das tendências díspares, que se entrelaçam.

Eisto numa quadra excepcional em que parecem perdidas todas as esperanças no influxo nivelador do pensamento moderno, cuja circulação poderosa, contravindo a todos os prognósticos, não refundiu, não misturou e não unificou os atributos primitivos dos povos, nem destruiu, num desafogado internacionalismo, a cláusula das fronteiras.

As últimas páginas de H. Spencer são um diluente do esplêndido rigorismo das suas mais sólidas teorias. O filósofo que se abalançou a traduzir o desdobramento evolutivo das sociedades numa fórmula tão concisa e fulgurante quanto a fórmula analítica em que Lagrange fundiu toda a mecânica racional - acabou num lastimável desalento. A seu parecer, a civilização desfecha na barbaria.

Depois de presidir ao triunfo das ciências e de caracterizar os seus reflexos criadores nas maiores maravilhas das indústrias - assombrou-o à última hora, salteando-o de

espantos, o sombrio alvorecer crepuscular do novo século. E contemplando em toda a parte, de par com a desorientação científica, um extravagante renascimento da atividade militar e um imperialismo que denuncia a tendência das nacionalidades robustas a firmarem a hegemonia política - rematou uma vida que toda ela foi um hino ao progresso, confessando que assistia à decadência universal.

Exagerou.

Mas há um fato incontestável: o pendor atual e irresistível das raças fortes para o domínio, não pela espada, efêmeras vitórias ou conquistas territoriais - mas pela infiltração poderosa do seu gênio e da sua atividade.

Para este conflito é que devemos preparar-nos, formulando todas as medidas, de caráter provisório embora, que nos permitam enfrentar sem temores as energias dominadoras da vida civilizada, aproveitando-as; cautelosamente, sem abdicarmos a originalidade das nossas tendências, garantidoras exclusivas da nossa autonomia entre as nações. Está visto o significado superior desse anelo quase instintivo de uma revisão constitucional que tanto vai generalizando-se e em breve será a plataforma única de um partido, o primeiro digno de tal nome a formar-se neste regime. Reconhece-se, afinal, que o nosso código orgânico não enfeixa as condições naturais do progresso; e que andamos há quinze anos no convívio das nações com a aparência pouco apresentável de quem, meão na altura, se revestiu desastrosamente com as vestes de um colosso.

Daí, a maioria dos males.

Fora absurdo atribuí-los à República, numa época em que a preexcelência das formas de governo é assunto relegado aos donaires da palavra e à brilhante frivolidade

dos torneios acadêmicos. Atribuímo-los ao artificialismo de um aparelho governamental feito de afogadilho e sem a medida preliminar dos elementos próprios da nossa vida. Um código orgânico, como qualquer outra construção intelectual, surge naturalmente da observação consciente dos materiais objetivos do meio que ele procura definir - e para o caso especial do Brasil exige ainda medidas que contrapesem, ou equilibrem, a nossa evidente fragilidade de raça ainda incompleta, com a integridade absorvente das raças já constituídas.

A tarefa dos futuros legisladores será mais social do que política e inçada de dificuldades, talvez insuperáveis.

Realmente, este velar pela originalidade ainda vacilante de um povo - numa fase histórica em que se universalizam tendências e ideais, e em que fora absurdo inclassificável o sequestro do Paraguai de há cinquenta anos, equivale quase a apropriar-nos ao ritmo acelerado da civilização geral...

* * *

Mas se não podemos engenhar medidas que nos salvaguardem, ou amparem nesta pressão formidável imposta pelo convívio necessário, civilizador e útil dos demais países, devemos pelo menos evitar as que de qualquer modo facilitem, ou estimulem, ou abram a mais estreita frincha à intervenção triunfante do estrangeiro na esfera superior dos nossos destinos.

É o que sucede, para citarmos um exemplo, com o projeto de reforma constitucional que neste momento se discute no Congresso paulista.

Lá está um artigo a talho das considerações que alinhamos.

É o que firma a elegibilidade do estrangeiro, dotado com um exíguo quinquênio de vida estadual, para o cargo de presidente do Estado. A reforma, neste ponto, não altera o estatuto antigo.

Renova-a. O naturalizado, revestido de direitos políticos de pronto adquiridos na franquia escancarada da grande naturalização, poderá dirigir amanhã os destinos do Estado mais próspero do Brasil.

Assim, ao plagiar a estrutura política dos ianques, mal cepilhando-lhe as rebarbas, vamos repeli-la e repudiá-la precisamente no lance onde ela ostenta um magnífico ciúme nativista, rodeando de tantas exigências, de tantos impeços e de condições tão severas, até para os mesmos filhos do país, o conseguimento de um cargo, que é a mais alta concretização da vontade popular, e que se destina a imprimir uma unidade inteiriça entre os demais órgãos do governo.

Todas as linhas anteriores nos dispensam o comentário mais breve desta disposição legislativa que irá atrair para o ponto mais alto das agitações eleitorais a arregimentação vigorosa dos que têm a solidariedade espontânea e firme determinada pelo próprio afastamento da verdadeira pátria. E se considerarmos bem o quadro desanimador da nossa atual existência política, praticamente definida pela mais completa indiferença e em que o abstencionismo se erigiu em protesto único e contraproducente a defrontar os estigmas que debilitam a organização dos poderes constituídos - o artigo renovado na Constituição do Estado mais cosmopolita do Brasil não é apenas um erro.

É até uma imprudência.

III.5 - Castro Alves e seu tempo⁷⁰

Meus jovens compatriotas.

No cativante ofício que me dirigistes convidando-me a realizar esta conferência sobre Castro Alves, trai-se a feição preeminente do vosso culto pelo poeta.

“Insigne e extraordinário condoreiro da Bahia”, dissestes; e transfigurastes, na fórmula gloriosa de uma consagração, um título não raro irônico, ou derivado dos escrúpulos assombradiços da crítica literária ante o misticismo anômalo do cantor. Por isso mesmo deliberei acompanhar-vos neste rumo; não já por ajustar-me ao vosso nobilíssimo entusiasmo, senão também por facilitar, simplificando-a, a tarefa que me cometestes. Mas observei para logo que a facilidade prefigurada, como efeito do restringimento da tese, era ilusória.

O sonhador, contemplado na fisionomia particular que lhe imprimiu o seu lirismo revolucionário de propagandista fervente das ideias e sentimentos de seu tempo, apareceu-me maior do que abrangido na universalidade dos motivos determinantes das emoções estéticas.

À restrição da sua figura literária correspondeu um alargamento na história.

O fantasista imaginoso transmudou-se.

Revedo-o, vi o aparecimento, quase inesperado, de uma fase nova na evolução da nossa sociedade.

⁷⁰ Conferência realizada em São Paulo, no Centro Onze de Agosto. Imprensa Nacional, 1907.

Mas, para isto, fechei os meus olhos modernos e evitei a traiçoeira ilusão da personalidade, que está no projetar-se o nosso critério atual sobre as tendências, por vezes tão outras, das gentes que passaram.

Fui, deste modo, muito ao arrepio das ideias correntes, fortalecidas ainda há pouco por Guilherme Ferrero, na sua tentativa de deslocar para o estudo da humanidade o princípio das causas atuais, que o gênio de Lyel instituiu para explicar-se o desenvolvimento evolutivo da terra. E não me arrependo de o ter feito. Tenho que é impossível conjugar-se a simplicidade das leis físicas com o intrincadíssimo dos fatos morais, submetendo-se à mesma norma de pesquisas o maior e mais simples dos inorganismos e o maior e mais complexo dos organismos. Isto pode determinar curiosas surpresas: por exemplo, a reabilitação de Tibério... Nada mais, porém, além deste triunfo literário; tão flagrantemente ilógico é o transplante de um método inspirado em causas que se eternizam na passividade da matéria, para o *perpetuum mobile* do sentimento, ou do espírito, sempre a mudar, ou a renascer, sempre mais novo à medida que avulta em séculos, e sempre a transformar-se, ao ponto de se inverterem os impulsos mais enérgicos que presidiram os seus diferentes estádios.

Não preciso mostrar-vo-lo. À parte o quadro do nosso regime industrial, ou artístico, bastaria referir-me às mudanças profundas da própria ordem moral, que Th. Buckle supôs tão imutável no meio do desenvolvimento das inteligências. E recordar-vos, percorrendo a escala dos móveis de nossos atos, quão díspares eles são, hoje, do que foram: desde as manifestações mais gloriosas das nossas energias às mais tocantes da nossa bondade; - desde o nosso heroísmo, que era ontem a forma mais fácil da coragem a desprender-se da larva da atividade militar, e agora se aparelha a lutas menos

ruidosas e mais sérias, até a nossa piedade, que nasceu do íntimo sentimento da nossa fraqueza e vai-se transformando no aspecto mais encantador da nossa força.

Não me delongarei, porém. Tenho um fim neste exórdio imperfeito: prevenir-vos que entre o avaliar os homens e as coisas do passado, como objetos artísticos, através do nosso temperamento, e o vê-los, tanto quanto possível, forros das nossas tendências diversas, prefiro o último caso. Entre o considerá-los, como um geólogo, aplicando as suas regrinhas stratigráficas, indiferentemente, a uma velhíssima camada siluriana e a um estrato recente, prefiro - já que está em moda a canhestra filosofia do adaptarem-se as normas das ciências inferiores às superiores - considerá-los como o astrônomo, respeitando todas as consequências da distância e dos meios interpostos. Assim, quando observamos o sol, sabemos que ele não está no ponto em que o vemos: deslocam-no-lo muitas circunstâncias intermédias. O próprio raio vertical de uma estrela no zênite, que as elimina, é falso: chega-nos no desvio em que se compõe a velocidade do grande observatório telúrico com a da luz. Destarte, a própria visão material nos é errônea. Envolve-nos uma ilusão tangível. E todo o trabalho das observações mais simples está em eliminarem-se as aparências enganadoras da realidade, por maneira que, ao fim de longos cálculos, possamos ver o que os nossos olhos não mostraram.

Acontece o mesmo contemplando-se o passado. A nossa visão interior alongando-se no tempo, como a exterior ao desatar-se no espaço, é sempre falsa quando se atém só ao que divisa e não atende aos erros oriundos menos do objeto observado que da nossa posição e do meio que nos circula.

Ora, o grande poeta, motivo essencial desta assembleia, apesar da diminuta distância que no-lo separa, mais do que nenhum outro retrata, na sua nomeada variável, o contraste dos dois critérios históricos rapidamente bosquejados.

De fato, o seu renome é excepcional e curiosíssimo: todos nós o admiramos até aos vinte e poucos anos; depois o esquecemos. Esquecemo-lo, ou repudiamos-lo. É uma glória que intermite no ritmo das gerações sucessivas. Tem este traço expressivo: adormenta-se, ou restringe-se, no breve curso da nossa vida individual, e prolonga-se sem fim, restaurada de ano a ano, sempre maior, nascendo, ressurgindo e avultando, no nascer, no ressurgir e no avultar na própria sociedade. É como a luz, perpetuamente moça. Não dura a vida de um homem, e é eterna. Exige almas ardentes e a intrepidez varonil da quadra triunfal, em que andamos pela vida na garbosa atitude de quem oferece o molde de sua própria estátua, como obscuros e antecipados grandes homens, vivendo no futuro, para onde nos leva o arrebatamento de todas as esperanças. Não a comporta a alma esmorecida dos velhos, ou o juízo retilíneo do homem feito. Quando não a sentimos mais, imaginamos que ela se extinguiu, como se a noite fosse o apagamento do sol; e não fomos nós que mergulhássemos, como a terra, na nossa própria sombra, inscientes dos resplandores que na mesma hora estão caindo sobre as outras zonas e sobre as novas gentes. Desta maneira ela vai passando, feita a herança sagrada das juventudes que se acabam; e, perenemente imóvel no oriente da vida nacional, a refulgir nos mesmos cérebros juvenis, nos mesmos olhos recém-abertos à existência, nos mesmos sonhos ardentes dos homens de uma mesma idade, é, de fato, imortal, porque diante dela se verifica uma espécie de imobilidade no tempo...

São compreensíveis os contrastes. De um lado, na quadra em que toda a irreflexão desponta do muito refletirmos o que nos cerca - está uma larga expansibilidade de sentimento, e, de par com ela, uma simpatia avassaladora, que corrigem em grande parte os desvios da nossa inexperiência, ampliando-nos a vida, ao ponto de podermos compreender, sem que careçamos discuti-las, as sínteses maravilhosas dos sonhadores. De

outro, a nossa inteligência, mais e mais sobrecarregada das impressões que nos rodeiam de perto e chumbando-nos cada vez mais à base objetiva das cousas. Turva-se-nos, então, a limpidez espiritual para espelharmos as figuras anômalas desses predestinados, que não podem ser como nós somos, na imensa complexidade que os transforma, por vezes, em índices abreviados de uma época. O nosso culto decai. Distinguimos-lhes defeitos que não notáramos. Vemo-los diminuídos, e temos a ilusão de que eles vão passando e desaparecendo... o vulgaríssimo engano de quem, num trem de ferro, sente-se parado e vê fugirem, disparadas, desaparecendo, as grandes árvores que se aprumam, enraizadas e imóveis, à margem do caminho. Porque não é o poeta que se apequena e passa; é a nossa vida que se desencanta. Estonteia-nos nessa quadra a pior das nossas ilusões: a ilusão de que somos melhores, mais lúcidos, mais práticos, mais sábios. Os quadros da existência já não nos dominam. Dominamo-los nós. Submetemo-los a uma crítica permanente e cerrada, com as máximas exigências daquilo que chamamos, garbosamente, a nossa personalidade. Sentimo-nos emancipados. Princípios a construir a ficção de um nome. E não percebemos que algumas vezes, nessa pletora da individualidade, se nos reduz o tipo social, até desaparecer encouchado e comprimido no âmbito estreitíssimo do nosso euzinho, que imaginamos enorme. E lá nos vamos, impando os nossos triunfos e as nossas convicções muito firmes, muito enriçadas, muito duras, en vaidando-se de calçarem os pobres coturnos rasos de uma meia ciência pretenciosa.

Então esse Castro Alves, o “condoreiro”, que nos arrebatou aos maiores lances da nossa fantasia, surge-nos monstruoso, paradoxal, quimérico...

É que nos andamos tão jungidos às tendências adquiridas, que não logramos mais sequer balancear os efeitos das

simples diferenças de datas para vermos a imagem do poeta corrigindo o nosso descortino das causas perturbadoras que no-la desviam. E, desdobrando o nosso critério atual sobre um tempo de que nos separam os quarenta anos mais intensos de nossa história, sobressalteiam-nos, por força, grandes desapontamentos.

É compreensível. A sua fantasia exagerada contrasta demais com o mundo em que vivemos. Na esteira infernal, que o Navio Negreiro abriu sobre o abismo, com a singradura fantástica,

. . . abrindo as velas,

Ao quente arfar das virações marinhas,

navegam hoje os pacíficos transatlânticos, onde se apinham os emigrantes tranquilos, que reclamamos para as lavouras do Oeste. O recife imenso de pedra, “que rasga o peito do mar”, está em boa hora submetido aos cálculos e aos desenhos rigorosos de alguns projectos engenheiros a projetarem os melhoramentos do porto de Pernambuco...

E a própria cachoeira de Paulo Afonso

. . . a cachoeira! o abismo!

A briga colossal dos elementos!

.....

Aguentando o ranger (espanto! assombro!)

O rio inteiro, que lhe cai ao ombro!

... a cachoeira de Paulo Afonso em breve terá a sua potência formidável aritmeticamente reduzida a não sei quantos milhares de cavalos vapor; e se transformará em luz para aclarar as cidades; em movimento, abreviando as distâncias,

avizinhando os povos e acordando o deserto com os silvos das locomotivas; em fluxo vital para os territórios renascidos, transfundindo-se na inervação vibrátil dos telégrafos; em força inteligente, fazendo descansar um pouco mais o braço proletário; e fazendo-nos sentir o espetáculo de uma mecânica ideal, de efeitos a se estenderem pelos mais íntimos recessos da sociedade, no másculo lirismo da humanização de uma cega energia da natureza...

Vede, por aí, como se contrabatem os estímulos modernos e aquele misticismo maravilhoso.

Além disto, o aparecimento de Castro Alves, certo oportuno, como o de todo grande homem, é, em grande parte, inexplicável. Ele não teve precursores na sua maneira predominante. Os grandes pensamentos, sociais ou políticos, que agitou não lhe advieram, como em geral sucede, de longas ou bem acentuadas correntes nos agrupamentos que o rodeavam. Pertenciam, plenamente generalizados, à sua época. Nasceram do patrimônio comum das conquistas morais da humanidade. A sua grandeza está nisto: ele os viu antes e melhor do que os seus contemporâneos. Compreende-se que o estranhassem. Sem dúvida, devera ser anômalo, e, ao parecer, desorado, o vidente que surgia, de improviso, num estonteamento de miragens, e a proclamar uma nascença ainda remota, ou a descrever a era nova, que poucos adivinhavam, numa linguagem onde, naturalmente, os mais belos lances de seu lirismo incomparável teriam de golpear-se do abstruso e do impressionismo transcendental das profecias...

A este propósito lembram-me alguns conceitos que se exaram numa das conferências de Renan. Li-os cheio de espanto. O adorável pensador pareceu-me, ao primeiro lance, desviado do seu inalterável senso não comum, do seu ceticismo suavíssimo e da sua ironia tranquila. A

seu parecer, dizia sem rodeios aos que o escutavam, uma raça dá os seus melhores frutos quando desperta de uma dilatada sonolência. As mais belas revelações intelectuais têm sempre um enorme lastro de inconsciência, ou, como acentuava, de vastos reservatórios de ignorância.

E ia por diante na aventureosa tese tão chocante, ou contravinda, às mais vulgares noções da continuidade do progresso, afirmando temer pela humanidade no dia em que a luz atravessasse todas as suas camadas. Por que - inquiria - de onde viriam, então, os sentimentos instintivos, o heroísmo, que é tão essencialmente hereditário, o amor nobre das cousas, que nada tem com os nossos juízos, e todos esses pensamentos inconscientes de si próprios, que estão em nós sem nós e formam a melhor parte do apanágio de uma nacionalidade inteira? Por derradeiro - rematava -, de onde viria o gênio, que é quase sempre o resultado de um longo sono anterior das raças?

É, como vedes, paradoxal e inaceitável.

Entretanto, defrontados o nosso poeta e a sociedade de seu tempo, e vendo-o aparecer quando ela, de feito, se afigura despertar de um demorado sono, afeiçãoamo-nos, irresistivelmente, à metafísica imaginosa do notável pensador.

É o que nos demonstrará, de maneira evidente, um breve lance de vistas sobre o passado.

Com efeito, não sei de nenhuma raça que, como a nossa, despertasse nestes tempos, depois de um mais profundo sono, aparelhando-se, à carreira, para alcançar a marcha progressista de outros povos. Baste considerar-se que somos o único fato de uma nacionalidade feita por uma teoria política.

Fora longo desviar-me patenteando os elementos originários da afirmativa. Não há prodígios de síntese que nos digam, em poucas palavras, o contraposto da nossa formação étnica, ainda incompleta e em pleno caldeamento de três fatores diversos, e a unidade política estendida em vastíssimas terras, numa inversão flagrante da ordem lógica dos fatos, fazendo que a evolução social passasse adiante da evolução biológica.

Aparecemos quando se cerrava o período medievo, lançando-se os fundamentos reconstruintes de outras sociedades; naquela ocasião tínhamos três cores e falávamos três línguas, definíamos três estádios evolutivos. Destarte, sem o mesmo tirocínio secular, prendemo-nos à rota de outras gentes mais experimentadas; e sofremos para logo as consequências da temeridade. Sem uma idade antiga, nem média, fomos compartilhar as primícias da idade moderna; o efeito foi que as nossas idades antiga, média e moderna confundiram-se, interserindo-se dentro das mesmas datas. Há um livro que é simples historiúncula desse drama obscuro. A luta de 1897, nos sertões baianos, a despeito de sua data recente, foi um refluxo do passado; o choque da nossa pré-história e da nossa modernidade; uma sociedade a abrir-se nas linhas de menor resistência, e mostrando, em plena luz, as suas camadas profundas irrompendo devastadoramente, a exemplo das massas candentes de diábase que irrompem e se derramam por vezes sobre os terrenos modernos, extinguindo a vida e incinerando os primores da flora exuberante.

E foi em nossos dias... Calcule-se como estariam ainda mais desquitados entre si, em 1822, os três grandes agrupamentos...

No entanto, fizemos uma constituição política; isto é, fizemos o que é sempre uma resultante histórica de componentes seculares, acumuladas no evoluir das ideias

e dos costumes; o que é um passo para o futuro, garantido pela força conservadora do passado; o que é essencialmente tradicional; e o que menos se faz do que se descobre no conciliar de novas aspirações e novas necessidades com os esforços, nunca perdidos, das gerações que nos precedem. Tanto importa dizer que fizemos uma teoria com materiais estranhos, a ressaltar do esforço artístico, ou subjetivo, de uma minoria de eruditos. E assim nascemos sob o hibridismo da monarquia constitucional representativa - quase abstratamente, ou patenteando, pelo menos, o maior exemplo de política experimental tateante que se conhece.

No entanto, realizamos duas conquistas capazes por si sós de constituírem o programa de uma nacionalidade. Fizemos a Abolição e a República. Mas, ainda neste lance, o historiador futuro não encontrará pontos determinantes que lhe bastem ao diagrama de uma evolução.

Realmente, o ideal democrático, bem que o favorecesse a falta de tradições dinásticas, jazeu largo tempo com o único e longínquo ponto de partida da Inconfidência mineira, alimentando-se da lembrança dolorosa do heroísmo inútil de meia dúzia de poetas e de um soldado. Em 1822 sopeou-o, assim como à ideia abolicionista, apesar da lucidez genial de José Bonifácio, o pensamento preponderante da autonomia política; e no decênio que vai até 1831, nos tumultos que o sulcaram, nota-se mais o antagonismo nativista que o entrebater das correntes republicana e monárquica contrapostas.

Como quer que fosse, o liberalismo triunfante no 7 de abril perdeu as honras da vitória. Entre ele e os reacionários absolutistas, vencidos e desnorteados pela renúncia do primeiro Imperador, interpôs-se um partido que não lutara e chamava-se, curiosamente, liberal-monarquista. Fortalecia-o

o caráter neutral entre adversários ainda combalidos do reencontro; e harmonizando as conquistas dos triunfadores da véspera com as tendências conservadoras dos vencidos, pôde repelir-lhes por igual os objetivos extremados, anulando, do mesmo passo, com a república prematura o absolutismo revivente. E institui-se a Regência. Não a condenemos. Ela foi o único regulador capaz de uniformizar tantas energias revoltas de tendências disparatadas. A figura de Diogo Feijó, que a domina, sobranceia todo o nosso passado. Tem linhas esculturais, que ainda não se reproduziram em nossos homens públicos. Que outros admirem os marechais dominadores de rebeldias dentro do círculo de aço dos batalhões fiéis; eu prefiro admirar aquele padre estupendo que com as mãos inermes quebrava as espadas dos regimentos sublevados. Ninguém mais do que ele nobilitou a lei, restaurou a autoridade e dignificou o governo. Mas, embatendo na sua alma antiga, quebrou-se, totalmente, a vaga de uma revolução. E ele fez o remanso largo do segundo Império...

Na realidade, daí por diante, num período de trinta anos, é escusado perquirir-se o curso da corrente republicana, ou da abolicionista, nos abalos sociais que houve: no extremo sul, a luta separatista desenrolou-se durante dez anos, toda ela local, diante da impassibilidade do resto do país; no extremo norte, as selvaticezas da “cabanagem” nada mais foram que um sintoma da heterogeneidade étnica há pouco referida. Um outro refluxo do passado. Ao “cabano” sucederiam, no correr dos tempos: o “balaio” no Maranhão; o “cangaceiro” em Pernambuco; o “chimango” no Ceará; nomes diversos de uma diátese social única, que chegaria até hoje projetando nas claridades da República o perfil apavorante do “jagunço”.

Nos demais tumultos, o exame torna-se até contraproducente: nos de 42, em S. Paulo e Minas, e nos de

48, em Pernambuco, os rebeldes, timbrosos em conclamar a adesão ao trono, arremetem com as tropas imperiais saudando a realeza.

Assim fomos, até que se infiltrasse de todo em nosso organismo político o marasmo monárquico, desenhando-se a época “sem fisionomia”, sem emoções e sem crenças” a que se referiu Sales Torres-Homem, na qual esteve tão adormecido o sentimento nacional que não despertou o próprio brio apisoado quando a civilização nos atirou o insolente *ultimatum do bil de Aberdeen* e nos rodeou de um verdadeiro cordão sanitário, mandando que os cruzeiros ingleses rondassem as nossas costas, numa azáfama inquieta de patrulhas à roda de um ajuntamento ilícito.

Por fim, se conciliaram as únicas tendências políticas definidas, que agiram em tão largo período, resumindo-se nas divergências desvaliosas dos dois partidos constitucionais - ocupando todo o horizonte político o Marquês do Paraná, simbolizando a plenitude do Império...

Mas o grande estadista separou duas épocas. A própria data, 1859, da sua saída do Governo é expressiva. É a média entre 1831 e 1888-1889. O império e a oligarquia escravocrata, em que ele se esteiara, imprudentemente, iriam gastar, apeando-se de seu fastígio, o mesmo número de anos que haviam despendido para adquiri-lo.

Porque em 1860 houve o primeiro estalo naquela estrutura artificial. O ideal democrático apareceu, de golpe rejuvenescido, depois de um curso subterrâneo e misterioso. Nas eleições daquele ano o partido liberal levantou três nomes, que se completavam na variabilidade de seus destinos: Francisco Otaviano, um mulato ateniense, romântico e idealista, cantava a volta triunfal das utopias; Teófilo Otoni, impulsivo e rude, seria o detonador das

expansões populares adormidas; e, maior do que ambos, Saldanha Marinho destinava-se a um longo itinerário. Eram os batedores da era nova que chegava. O ideal irradiava. Nas Câmaras, um novo partido, com o nome sugestivo de “progressista”, entalhava a ortodoxia monárquica, a despeito do caráter sacratíssimo que lhe dava a santíssima trindade conservadora de Eusébio de Queirós, Itaboraí e Uruguai. Na imprensa, a *Atualidade*, de Pedro Luís, Flávio Farnese e desse Lafaiete Rodrigues Pereira, que ainda refulge no cimo de uma velhice majestosa, agitava um ultraliberalismo visando a corolários extremos. No próprio Senado, Nabuco - um nome que é um patrimônio nacional - aproveitava a cerimônia inaugural da estátua de D. Pedro I para afirmar que ela traduzia antes a paga de serviços prestados do que a glorificação de um reinado. E na ordem estética, até então ocupada pela grandeza castiça e impecável de Gonçalves Dias, ou pela musa espartilhada de Maciel Monteiro, passaram, abalando-a, num longo ruído de terremoto longínquo, os alexandrinos da Mentira de bronze... Por fim, nas praças, o espírito público desatava-se em rebeldias desde muito deslembadas, a propósito dos mínimos incidentes.

Foi o que sucedeu em 1863, por ocasião dos tumultos originados pelos salvados da barca Prince of Wales, e subsecutivas represálias da fragata inglesa Forth.

Amotinou-se a multidão no Rio. Tomou-lhe a frente Teófilo Otoni. Um protesto violento arrebentou junto do trono: e o Ministério daquele Marquês de Olinda, que era, de fato, uma espécie de vice-imperador, o “ministério dos velhos”, num triste apagamento de sombras, as últimas sombras do passado, extinguiu-se, sulcado pela palavra de fogo de um tribuno...

Ora, por aquele mesmo tempo, no mesmo ano, uma voz mais alta, mais nova e mais dominadora se alevantou ao norte. E tinha um ritmo, como o têm todas as forças criadoras da natureza. As energias sociais emergentes, nos vários aspectos que iam da ideia republicana ao sentimento abolicionista, desvendavam-se, afinal, como soem sempre aparecer as grandes aspirações sociais: imaginosas e vastas, a nascerem do vago e do impreciso das utopias - que recordam na ordem espiritual o vago e o amorfo das nebulosas de onde nascem os mundos - vibrando nas rimas soberanas de um poeta. A revivescência do espírito nacional completava-se, consoante a norma lobrigada pela intuição do filósofo: depois de um longo, de um profundo sono. Aparecia o homem que mais que todos lhe imprimiria o impulso inicial das emoções estéticas, sempre indispensáveis aos grandes acometimentos. Porque naquela palavra nova, por um milagre de síntese que a nossa afetividade às vezes efetua, suplantando as maiores generalizações científicas, conchavaram-se, de súbito, as grandes esperanças do futuro e os graves compromissos do passado. Refundiram-se os elos partidos e esparsos das nossas tradições: o cantor do *Livro e a América* seria o mesmo idealista das *Vozes d'África*, que eram a própria voz de uma raça inteira condenada, ressurgindo e ressoando nestes tempos, depois de três longos séculos silenciosos...

Não nos retardemos em palavras dilatórias armadas a mostrarem que nenhum dos nossos poetas foi, tanto quanto Castro Alves, ainda mais oportuno, nascendo com o renascimento da sua terra. Os sucessos sumariados dizem-no-lo por si mesmos. Está nesta circunstância a sua maior grandeza.

O que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual, compondo-a com as forças infinitas da humanidade; e não sei de quem,

como ele, entre nós, naquele tempo, tanto se identificasse com o sentimento coletivo, revivente, estimulando-o e aformoseando-o.

Se prolongássemos a pálida resenha histórica anteriormente delineada, veríamos que aquele decênio de 1860-1870, em que tivemos até o diversivo espetaculoso de uma guerra externa, foi, entre todos, o mais decisivo para os nossos destinos. E quando chegássemos ao ministério do Visconde do Rio Branco, que lhe prolongou as novas tendências renascidas até 1875 e, virtualmente, até quase a estes dias, constituindo-se o mais longo e fecundo dos governos parciais do império, não nos maravilharíamos que o lúcido estadista houvesse de ser, a um tempo, demolidor e reconstrutor: de um lado, dirigindo o primeiro assalto contra a escravidão; entalhando, fundo, a ortodoxia católica e eliminando a justiça reacionária do código russo de 1841; de outro lado, normalizando as atividades; aviventando o desenvolvimento econômico; nivelando-nos à ciência contemporânea com a reforma das escolas; golpeando o deserto com as estradas de ferro de penetração e dando à unificação de nossas ideias, tão enfraquecida pelo espalharem-se em território vastíssimo, a base prática dos telégrafos, que irradiaram pelas províncias, enfeixando-se no Rio de Janeiro, onde, em 1874, o primeiro cabo submarino, atravessando o Atlântico, nos permitiu contar os mesmos minutos que a civilização.

Porém, desviar-nos-íamos sobremaneira firmando o travamento complicado, que prende às fantasias, tão na aparência subjetivas, de um poeta essas admiráveis transformações, que se lhe figuram tão estranhas ou contrapostas.

Nem direi de sua influência na plêiade de moços, seus contemporâneos, que ele transfigurou e dirigiu, libertando-a das prosaicas epopeias caboclas de Magalhães, ou Porto

Alegre, do Candido erotismo do Amor e medo, ou do esplêndido romantismo exótico de Álvares de Azevedo e seus epígonos.

Prefiro, adstrito à observação pessoal, apontar-vos o seu influxo na minha geração, que está envelhecendo, já pelos anos, já porque nenhuma mocidade foi, como ela, tão brutalmente jogada de uma academia para os planos de fogo das trincheiras, sofrendo as consequências das loucuras de alguns velhos.

Falo por mim. Eu fui um obscuro e pertinaz estudante de matemática. Quer dizer: precisamente quando mais adorável se nos mostra o quadro desta vida, e o seu vigor desponta da mesma ansiedade de viver, tive que contemplar o universo vazio e parado - apagadas todas as luzes, extintos todos os ruídos, desaparecidas todas as coisas, desaparecida a própria matéria - de sorte que nessa abstração, a aproximar-nos do caos, permaneçam, como atrativos únicos, a forma, nos seus aspectos irreduzíveis, e o número e sinais completamente inexpressivos. Pois bem; folheando, há pouco, os meus velhos cadernos de cálculo transcendente, onde se traçam as integrais secas e recurvas ao modo de caricaturas malfeitas, de esfinges, e onde o infinito, tão arrebatador no seu significado imaginoso, ou metafísico, se desenha, secamente, com um oito deitado, um número que se abate, desenhando, de uma maneira visível, a fraqueza da nossa inteligência, a girar e a regirar numa tortura de encarcerada, pelas voltas sem princípio e sem fim daquele triste símbolo decaído - deletreando aquelas páginas, salteiam-me singularíssimas surpresas.

Aqui, num breve espaço em branco, na trama dos riscos de uma cousa que se chama equações binômias, e nunca mais vemos na vida prática, fulgura, iluminando a folha toda:

República! voo ousado

Do homem feito condor...

além, enleada de sigmas, de alfas e de gamas cabalísticos,
divisa-se

A catapulta humana - a voz de Mirabeau!

mais longe, seguindo um ramo de parábola, no seu
arremesso eterno para o infinito, estira-se

O trilho que Colombo abriu nas águas

Como um íris no pélago profundo!

Assim nos andávamos nós naqueles bons tempos: pela
positividade em fora, e a tatear no sonho...

É que Castro Alves não era apenas o batedor avantajado
dos pensamentos de seu tempo. Há no seu gênio muita coisa
do gênio obscuro da nossa raça.

Os que lhe denunciam nos versos a autoridade
preponderante de Victor Hugo esquece-lhes sempre que
ela existiu sobretudo por uma identidade de estímulos.
Não foi o velho genial quem nos ensinou a metáfora, o
estiramento das hipérboles, o vulcanismo da imagem e
todos os exageros da palavra a espelharem, entre nós, uma
impulsividade e um desencadeamento de paixões que são
essencialmente nativos.

Somos uma raça em ser. Estamos ainda na instabilidade
característica das combinações incompletas.

E nesses desequilíbrios inevitáveis, o que desponta na
nossa palavra - irresistivelmente ampliada - parece-me, às
vezes, ser o instinto, ou a intuição subconsciente, de uma
grandeza futura incomparável.

Eu poderia recitar-vos um sem-conto de trovas sertanejas, onde as metáforas e as alegorias, e até as antíteses, se acumulam, alguma vez belíssimas, e detonam e fulguram, sempre a delatarem uma amplificação, o eterno aspirar por um engrandecimento e uma afetividade indefinidamente avassaladora e crescente.

E não já nas quadras, em que os bardos roceiros têm o estimulante dos desafios recíprocos, senão na trivialidade do falar comum, exprimindo os atos mais vulgares, desde o nosso caipira, que, ao procurar em qualquer cômodo exíguo um objeto, nos diz, num largo gesto, que está campeando, como se o rodeassem os sem-fins dos horizontes vastos; até ao cabra destabocado do norte, que, ao relatar o incidente costumeiro da dispersão de uma ponta de gado na caatinga, brada, estrepitosamente, que o

boiadaõ estourou num despotismo ribombando no mundo...

A par disto, o refluxo natural das apatias, inventando-se a modinha para embalar a tristeza e a preguiça dos matutos. Não vo-las descreverei, redizendo-me. Fora enlearmo-nos todos, sem efeito compensador, na trama inextricável das raízes gregas dos presuntuosos neologismos etnológicos. Exponho-vos o que coligi de observações diretas. Por uma felicidade rara, calcei, há muito, umas velozes “botas de sete léguas” que me tornaram arredio das cidades, perdido, esquivo e errante no meio dos nossos simples patrícios ignorados. Conheço-os de perto. Vi-os na quietitude de suas vidas primitivas. Vi-os na batalha. Atravessei com eles belos dias de lutas heroicas e sem glória nas campanhas formidáveis e obscuras do deserto. E sempre os vi num oscilar enorme, entre as suas tendências discordes, exageradas todas.

E quando releio o lírico suavíssimo da *Volta da Primavera*, da *Adormecida*, desse surpreendente poema de duas páginas, *O Hóspede*, e dos *Murmúrios da tarde*, ou do *Gondoleiro do Amor* - que é o próprio vidente arrebatado da *Ode ao Dous de Julho*, das décimas que imortalizaram *Pedro Ivo*, da *Deusa Incruenta*, ou do *Coup d'étrier*, e vou, de um salto, das páginas por onde os versos vão derivando, docemente,

como as plantas que arrasta a correnteza,

para as rimas furiosas, que se entrebatem e estalam e estrepitam

com o estampido estupendo das queimadas!

estou em que Castro Alves foi também altamente representativo da nossa raça.

Por isso mesmo não teve medida, consoante nos ensinaria qualquer crítico reportado e sabedor...

E não podia tê-la, porque nunca se isolou de seu meio. De ordinário, quando se trata da vida exterior de Castro Alves, episódiam-se, longamente, os seus triunfos nos salões, ou nos teatros da época, onde lhe prefulgia a beleza varonil realçada pela glória nascente. Ou então a rivalidade boêmia com aquele extraordinário Tobias Barreto, que, sendo mestiço, se tornaria mais brasileiro do que o poeta baiano se a sua veemente alma tropical não resfriasse sob as duchas enregeladas de quatro ou cinco filosofias da Alemanha.

E agitam-se, a propósito, algumas anedotas inexpressivas e graciosas, em que se entrouxam as saias de Eugênia Câmara e a túnica da mulher de Putifar. Não nos percamos por aí.

Há outras mais acomodadas ao nosso intento. Conta-no-las o Dr. Regueira Costa - que para felicidade

minha acertei de encontrar numa das escalas desta carreira errante, quando passei em Recife, e cujo belíssimo coração é todo ele um relicário guardando a memória saudosa do poeta, de quem foi extremosíssimo amigo. A ele ouvi eu que Castro Alves não engenhava o melhor de suas apóstrofes revolucionárias na placidez de um gabinete de trabalho. Agia com todo o ardor de que é capaz um propagandista. Assim, foi o presidente de uma das primeiras sociedades abolicionistas que houve no Brasil, reunindo, em 1866, na cidade do Recife, em torno do programa libertador, a maioria dos estudantes da Faculdade de Direito, onde se destacavam Augusto Guimarães, Plínio de Lima e um predestinado, Rui Barbosa.

As décimas fulminantes nem sempre as concebia no cauteloso encerro de certos demiurgos, que abalam tronos, desconjuntam sólios, aluem instituições, viram sociedades pelo avesso, alarmam a polícia e põem o Universo em polvorosa, manipulando os raios de seus pontos de admiração e o sombrio cariz de suas tempestades de sílabas, muito pacificamente engrimponados num tamborete alto, de braços na secretária bem arrumada. Saltaram-lhe, muita vez, de improviso, num ângulo de esquina, num centro de praça, num camarote de teatro, ou no balcão de uma janela repentinamente aberta, enquadrando-lhe de improviso a formosa figura de girondino diante da multidão revolta e fascinada. E na grande maioria se perderam. Apaziguado o tumulto, os que lhas haviam escutado e aplaudido mal conservavam raros versos, os mais impressionantes, longamente esparsos com estilhas de granadas.

Observe-se, contudo, esta circunstância: recolhiam-se e rememoravam-se os mais vivos, digamos melhor, os mais gongóricos, ou “condoreiros”, vibrados com ímpeto tal que os estampasse para sempre na própria rudeza do espírito popular.

Assim, no final de uma conferência republicana que houve, por volta de 1867, na capital de Pernambuco, quando o povo se espalhava, desparzido a patas de cavalo, o poeta procurou sobrestar as cargas policiais vibrando rimas violentas, que principiavam:

A praça, a praça é do povo

Como o céu é do condor!

Vede como aí o revolucionário sacrificou o lírico. Tais versos fá-los-ia um qualquer improvisador sertanejo, qualquer dos nossos caipiras, ou piraquara do litoral, ou capixaba espírito-santense, ou tabaréu baiano, ou guasca largado do Rio Grande, com o só excluir-se daquele condor, que nenhum deles viu, nem verá.

Entretanto, embora não se encontrem nos livros do poeta, ficaram.

Porque a ele não lhe bastava o haver deslocado para a sua pátria os elevados pensamentos políticos do tempo; senão que os apresentava com um fino tato de propagandista, por maneira a gravá-los, incisivamente, para sempre, na alma da multidão.

E aquele abnegar-se a si próprio, aquele abdicar de si todas as vantagens de um cômodo isolamento para ir sofrer de perto o contágio da índole ainda revolta, ou desequilibrada, da sua raça; aquele tornar-se, porque assim o digamos, intérprete, entre os maiores ideais de toda a cultura humana e a consciência nascente de seu país - contribuíram, notavelmente, a que se criasse a nota exagerativa dos versos formadores de seu maior renome, apagando-se, ou empalidecendo, a maioria de outras criações, porventura mais valiosas, de um lirismo admirável.

É que somos, ainda, sobre todos os outros, o povo das esplêndidas frases golpeantes, das imagens e dos símbolos.

Relato, como exemplo, este incidente expressivo: Há dois anos, num entardecer de julho, eu chegava, com os restos de uma comissão exploradora, à foz do Cavaljani, último esgalho do Purus, distante 3200 quilômetros da confluência deste último no Amazonas; e tão perdido naquelas solidões empantanadas que nenhuma carta o revelava.

Éramos nove apenas: eu, um auxiliar dedicadíssimo o Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, um sargento, um soldado e cinco representantes de todas as cores reunidos, ao acaso, em Manaus.

E ali chegáramos absolutamente sucumbidos. A nossa comissão dispersara-se, coagida pelas circunstâncias: naufragáramos em caminho; e os salvados da catástrofe mal bastariam àquele reduzido grupo de temerários. De sorte que ao atingirmos aquela estância remota já nos íamos, há dias, num terrível quarto de ração, de restos de carne seca e restos de farinha, que eram o nosso desespero e a nossa única salvação, sem nenhum outro gênero atenuando-nos a dieta inaturável.

Para maior desdita os empecilhos à marcha cresciam com o avançamento; maiores à medida que diminuía os recursos. O rio, cada vez mais raso, quase estagnado nos estirões areentos, ou acachoando em corredeiras intermináveis, requeria trabalhos crescentes e verdadeiros sacrifícios.

Já não se navegava: as duas pesadas canoas de itaúba iam num arrastamento a pulso, como se fossem por terra; e os remos, ou os varejões transformavam-se em alavancas, numerosíssimas vezes, para a travessia dos trechos mais difíceis. Ao descer das noites, os homens, que labutavam todo

o dia, metidos n'água, sem um trago de aguardente, ou de café, que lhes mitigasse aquele regímen bruto, acampavam soturnamente. Mal se armavam as barracas. Na antemanhã seguinte, cambaleantes e trôpegos - porque as areias do rio navalhando-lhes a epiderme punham-lhes os pés em chagas - retravavam, desesperadamente, a luta da subida do rio que não se acabava mais, tão extenso, tão monótono, tão sempre o mesmo, na invariabilidade de suas margens, que tínhamos a ilusão de andarmos numa viagem circular; abarracávamos; decampávamos; e ao fim de dez horas de castigo parecíamos voltar à mesma praia, de onde partíramos, numa penitência interminável e rude...

Contrastando com esta desventura, a comissão peruana, que acompanhávamos, estava íntegra, bem abastecida, robusta. Não sofrera o transe de um naufrágio. Eram vinte e três homens válidos, dirigidos por um chefe de excepcional valor.

Assim, todas as noites, naquelas praias longínquas, havia este contraste: de um lado, um abarracamento minúsculo e mudo, todo afogado na treva; de outro, afastado apenas cinquenta metros, um acampamento iluminado e ruidoso, onde ressoavam os cantos dos desempenados *cholos* loretanos.

A separação entre os dois era completa. As relações quase nulas; a altanería castelhana, herdada pelos nossos galhardos vizinhos, surpreendia-se ante uma outra, mais heroica, do exíguo agrupamento miserando, altivamente retraído na sua penúria, e timbroso em ultimar a sua empresa, como a efetuou, sem dever o mínimo, ou mais justificável auxílio, ao estrangeiro que se lhe associara.

Mas ao chegar naquela tarde à foz do Cavaljani, considerei a empresa perdida. Palavras soltas, de irreprímível desânimo, e até apóstrofes mal contidas, de desesperados, fizeram-me compreender que ao outro dia só haveria um

movimento, o da volta vertiginosa, rolando pelos estirões e cachoeiras que tanto nos custaram vencer, acabando-se os nossos esforços numa fuga.

Os meus bravos companheiros rendiam-se aos reveses. Atravessei, em claro, a noite.

Na manhã seguinte procurei-os na tentativa impossível de os convencer de mais um sacrifício.

Acocoravam-se à roda de uma fogueira meio extinta; e receberam-me sem se levantarem, com a imunidade de seu próprio infortúnio.

Dois tiritavam de febre.

Falei-lhes. A honra, o dever, a pátria e outras magníficas palavras, ressoaram longamente, monotonamente.

Inúteis. Permaneceram impassíveis.

Quedei-me, inerte, em uma tristeza exasperada.

E como a aumentá-la, notei, dali mesmo, voltando-me para a direita, que os peruanos se aprestavam à partida.

Desarmavam-se as barracas; reconduziam-se para as ubás ligeiras os fardos retirados na véspera. Em pouco, os remos e as *tanganas* compridas, alteados pelos remeiros, fisgavam vivamente os ares...

E atravessando pelos grupos agitados, um sargento - passo grave e solene, como se estivesse em uma praça pública à frente de uma formatura - cortou perpendicularmente a praia, em rumo à canoa do chefe, tendo ao braço direito, perfilada a bandeira peruana, que deveria içar-se à popa da embarcação.

De fato, em chegando, hasteou-a. Passava um sudoeste rijo. O belo pavilhão vermelho e branco desenrolou-se logo, todo estirado, ruflando. . .

E acudiu-me a ideia de apontar aquele contraste aos companheiros abatidos. Mas ao voltar-me não os reconheci. Todos de pé. A simples imagem do estandarte estrangeiro, erguido triunfal, como a desafiá-los, galvanizara-os. Num lance, sem uma ordem, precipitaram-se os aprestos da partida. Em segundos, a nossa bandeira, que jazia, enrolada, em terra, aprumou-se por seu turno em uma das canoas, patenteando-nos aos olhos.

As promessas divinas da esperança!

E partimos, retravando, desesperadamente, o duelo formidável com o deserto...

Não indaguemos se isto é um bem ou um mal. Talvez um mal.

Há um lance de grave substância, em que se irmanam o espírito apercebido das maiores generalizações e o senso mais comum e terra-a-terra. Nele se dão os braços o filósofo complicado e o burguês simplesmente cauteloso e solerte: Augusto Comte e Simão de Mântua. É o que nos diz que, nesta vida, em qualquer dos rumos percorridos, quer nas pesquisas da ciência, quer na contemplação artística, quer nos inumeráveis aspectos da ordem prática, devemos submeter a nossa imaginação à nossa observação, porém de modo que esta não anule aquela: isto é, que os fatos, reunidos pela ciência, não se agreguem numa pesada e árida erudição, e só nos tenham a valia que se derive de suas leis; que os modelos ou objetos do nosso descortino artístico não se submetam em tanto extremo à ordem material que nos extingam o sentimento profundo da natureza, apequenando-nos num raso realismo; e que as exigências utilitárias da vida prática, o ansiar pelo sucesso, a nobre vontade de vencer com os recursos que crescem, a subir,

desde a riqueza até ao talento, não rematem fechando-nos o coração e exsicando-nos o espírito, deixando-no-los sem as fontes inspiradoras da afetividade e das nossas fantasias.

Nem místicos, nem empíricos...

Ora, das palavras anteriores pode inferir-se o conceito de que nos andamos ainda muito abeirados do misticismo, fora da mediana norteadora entre a existência especulativa e a existência ativa. A emoção espontânea ainda nos suplanta o juízo refletido. Somos uma raça romântica. Mas romântica no melhor sentido desta palavra proteiforme, que é definida de mil modos e ajusta-se às incontáveis nuances do sentir humano, de sorte a passar-se dos lenços encharcados de lágrimas, de não sei quantos deliquescentes prantivos, para a ironia lampejante das páginas de Henrique Heine.

Romântica no significado heroico de uma crença exagerada em nossas faculdades criadoras, a despontar da consciência instintiva de nosso gênio, que nos arrebatava sobre as barreiras da razão teórica, fazendo que falsifiquemos a realidade para torná-la maior, glorificando-a.

E, sendo assim, o que seria um mal, como forma definitiva do caráter, pode ser um bem na fase transitória que estamos ultimando.

Porque desta guiza nasceram e se embalaram nos primeiros dias todas as nações estáveis, com uma missão definida no destino geral da humanidade.

O romantismo, no sentido superiormente filosófico, traduzindo as máximas temeridades dos espíritos no afeiçoarem o próprio mundo exterior a um vasto subjetivismo -nasceu na Alemanha. Ora, a Alemanha é hoje o modelo impecável de uma nação prática e fecunda, utilitária e mais que todas aparelhada de lúcido discernimento dos melhores

recursos que nos oferece a ordem objetiva: o seu comércio bate nesta hora nos mares o primado tradicional do comércio inglês; e a sua indústria, desde a rude indústria das minas à indústria química e às maravilhas da eletricidade, abriu à força, arrombando-as, as portas de todos os mercados.

Pois bem, esta Alemanha, que nos assusta mais com as suas usinas que com as suas casernas, nasceu de um sonho.

Há na história um homem que reduz Bismarck: é Fichte.

O rígido e ríspido chanceler, irrompendo, retardatário, nestes dias; com o seu tremendo tradicionalismo feudal e as suas fórmulas governamentais curtas, secas e rijas como pranchadas; e a sua irritante glorificação da força física; e a sua pasmosa curteza intelectual, tão restrita que nunca logrou resolver um só dos árduos problemas que se lhe antolharam sem o confiar à fortuna traiçoeira das batalhas - era diminuto demais para construir um povo.

Acima da unidade política germânica, desenhada, a tira-linhas e a régua, nas cartas do estado-maior prussiano, existe uma cousa mais alta - a unidade moral da Alemanha. E esta, certo, não a encontrareis nas sangueiras de Sadowa e de Sedan. Vem de mais longe. Desponta toda ela de uma expressão dúbia, cheia de mistérios, que se chamou "idealismo transcendente", e era a elaboração imaginosa e estranha de uma filosofia natural sem a natureza, a harmonia do consciente e do inconsciente, o desatar-se indefinido dos espíritos ante a emoção vaga e maravilhosa do Infinito...

Por aqueles tempos aparecia um homem a propagar um exagero que negacearia o riso ao mais rombo crítico de agora: a soberania absoluta da arte. Era Frederico Schlegel. Para ele, a inspiração romântica era sem termos: nada poderia existir acima da fantasia arbitrária do poeta.

E foi à luz desse idealizar incomparável que se eliminou o pernicioso cosmopolitismo de um país até aquela quadra sem fisionomia, feito um acervo incoerente de ducados - orientando-se a correntes tradicionalistas e erigindo-se, com o patriotismo, um espírito nacional.

Não vo-lo direi como. Nem há quem no-lo explique bem.

Na própria matéria, tão mais simples, tão passiva às nossas experiências, tão a toda hora sujeita aos nossos arbítrios, por maneira que até no bronze podemos estampar para sempre um pouco da nossa alma, ou um traço imperecível dos nossos erros, na própria matéria nos sobressalteia o mistério. O mais frio, o mais arguto, o químico mais pertinaz, ao cabo de cinquenta anos de laboratório, entre reativos e retortas, não nos explica o que ele chama força catalítica; nem nos diz por que motivo vários corpos, que permanecem sempre indiferentes uns aos outros, por mais que se misturem e sobre eles reajam todos os agentes físicos mais demorados e fixos - só se combinam, de pancada, explodindo, à passagem instantânea de um simples raio de luz...

Assim vai passando, talvez, pelas camadas humanas a irradiação miraculosa da alma dos poetas; assim passou, talvez, pelas camadas profundas da nossa gens complexa a idealização transfiguradora do nosso extraordinário sonhador.

Senhores. Temos mudado muito. Partiu-se nos últimos tempos o sequestro secular, que nos tornava apenas espectadores da civilização. A nossa política exterior conjugou-se com a internacional. O descortino dilatado de um estadista, depois de engrandecer-nos no espaço, engrandeceu-nos no tempo. Na última conferência de Haia

o Velho Mundo escutou, surpreendido, uma palavra de excepcional altitude.

Penso que seremos em breve uma componente nova entre as forças cansadas da humanidade.

E, se isto suceder, se não for uma miragem esta visão do futuro; se chegarem, de fato, os novos tempos que se anunciam, em que nos tornaremos mais solidários com a evolução geral, dando-lhe o melhor da nossa afetividade originária e a fortaleza vivificante do nosso idealismo nativo - então a modestíssima “herma”, alevantada ao mais intrépido dos nossos pioneiros do ideal, germinará estátuas: há de avultar, maior, no rejuvenescimento da nossa terra, como avulta nas vossas almas de moços a figura escultural do poeta, que deveis admirar sempre, como hoje o admirais, quaisquer que sejam os vossos desapontamentos futuros inevitáveis, ou os rigorismos da vossa existência prática, porque esta admiração exige se conservem despertos todos os alentos que, em geral, se nos vão a pouco e pouco amortecendo no fundo do nosso espírito trabalhado; e é quase um meio de enganar-se o tempo e manter-se, longamente, a mocidade.

III.6 – Obra “À Margem da História”

III.6.1 – “Brasileiros”⁷¹

O Peru tem duas histórias fundamentalmente distintas. Uma, a do comum dos livros, teatral e ruidosa, reduz-se ao romance rocambolesco dos marechais instantâneos dos pronunciamentos. A outra é obscura e fecunda. Desdobra-se no deserto. É mais comovente; é mais grave; é mais ampla. Prolonga, noutros cenários, as tradições gloriosas das lutas da Independência; e veio até aos nossos dias tão impartível e sem hiatos, apesar de seus aspectos variáveis, que pode acapitular-se sob o título único, geralmente adotado pelos melhores publicistas daquela República: *El problema del Oriente*.

A designação é perfeita. Trata-se de assunto rigorosamente positivo a resolver.

Ao peruano não lho impuseram maciços argumentos de sociólogos ou a intuição feliz de um estadista, senão o próprio empuxo material do meio. Constrangida numa fita de terrenos adustos entre as cordilheiras e o mar, onde acampara durante três séculos iludida pelo fausto

⁷¹ Texto que integra a obra *À Margem da História*. A obra está dividida em 4 partes. O texto “Brasileiros” encontra-se na parte 1, denominada *Amazônia: Terra sem História*. Os textos escritos em 1908 só foram publicados após a morte de Euclides da Cunha pela Livraria Chardon, de Portugal.

dos conquistadores e dos vice-reis, a nacionalidade, maior herdeira das virtudes e dos vícios por igual notáveis da Espanha cavaleiresca e decaída do século XVII, compreendeu afinal, pelo simples instinto da defesa, a necessidade imperiosa de abandonar a clausura isolante que a sequestrava de todo o resto da Terra.

E começou a transmontar os Andes...

Fora longo recontar a sua hégira para o levante, nas investidas sucessivas por cinco penosíssimas estradas desesperadoramente retorcidas no boleado das serras, empinando-se em ladeiras altas de milhares de metros, e unindo os portos do litoral entre Molendo e Paita às paragens apetecidas da *montaña* na extrema orla amazônica expandida do pongo de Manseriche às hurmanas acachoantes do Urubamba.

Baste-nos notar que depois de transposta a última cordilheira do Oriente e atingida a bacia do Ucayáli, pôs-se de manifesto aos seus mais incuriosos pioneiros, a par da exuberância do vale maravilhoso capaz de regenerar-lhes a nacionalidade exausta, uma anomalia física oriunda dos relevos orográficos ali predominantes: a melhor porção do país entre os que mais se afiguram ribeirinhos do Pacífico tem como único e verdadeiro mar, capaz de consorciá-la pelo intercâmbio comercial à civilização longínque, o Atlântico, que se lhe prende graças aos três longos sulcos desimpedidos do Purus, do Juruá e do Ucayáli.

Nenhum milagre de engenharia lhes substituirá com vantagem. A linha férrea de Oroya e as que se lhe emparelham nas ousadias do traçado – tornejando escarpas a pique, enfiando em túneis afogados nas nuvens, e correndo em viadutos alcandorados nos abismos – não criarão sistemas de comunicações mais práticas e seguras.

As suas condições técnicas excepcionais, industrialmente desastrosas, tornam-nas para sempre impropriadas a transportarem, sem fretes excessivos, os produtos do Oriente, ainda quando a abertura do Canal de Panamá dispense, mais tarde, a longa travessia contorneante do Cabo Horn.

Assim, a saída para o Atlântico, pelo Amazonas e seus tributários de sudoeste, se tornou a primeira solução claríssima do problema. E nas paragens novas, erigidas administrativamente no atual Departamento de Loreto, começou para logo um intensivo trabalho de domínio, que persiste, crescente, em nossos dias.

Abriram-se caminhos demandando a opulenta zona fluvial; planejaram-se, a despeito de sucessivos malogros, colônias militares e agrícolas, reatou-se, na revivescência das missões apostólicas, a tradição admirável dos jesuítas de Maynas; engenhou-se uma vasta regulamentação de terras; construiu-se o Porto de Iquitos, e, para aviventar-se o povoamento, aboliram-se todos os impostos, agindo o homem aforradamente na terra feracíssima. Ao mesmo tempo as expedições geográficas, iniciadas em 1834 por P. Beltran e W. Smith, em que tanto se ilustraram depois F. de Castelnau, Faustino Maldonado, A. Raimondi, John Tucker e hoje G. Stiglich, rumaram a todos os quadrantes, ininterruptas e pertinazes, na tarefa complexa que era uma espécie de levantamento expedito de uma nova pátria.

Aos caudilhos irrequietos contrapuseram-se os exploradores tranquilos. No litoral revoltado pelas sedições e guerrilhas sistematizava-se a incapacidade crônica dos governos revolucionários, e, derrancados os melhores estímulos da recente campanha pela liberdade, os bravos salteadores do poder desmandavam-se num militarismo pernicioso que ali, como em toda parte, era a fraqueza irritável da nação enferma. Nos desertos floridos da *montaña* ao

arrepio ou à feição dos rios ignorados, remoinhando nos giros estonteantes das *muyunas*, canoas despedidas, de frecha, nas *correntadas* céleres dos pongos, ou embatendo nas travancas abruptas das cachoeiras – os geógrafos, os prefeitos e os missionários demarcavam novos cenários à pátria regenerada e, apurando em tirocínio de perigos os mais nobres atributos da sua raça, reconstruíram o caráter nacional que se abatera, e davam àqueles rumos, secamente definidos por traçados geométricos, um prolongamento inesperado na História.

Porque o problema do Oriente, afinal, incluía nas suas numerosas incógnitas os destinos do Peru inteiro.

Reconheciam-nos os próprios caudilhos esmaniados. Não raro no estavanado e vacilante de seus atos, entre dois fuzilamentos ou entre dois combates, acertavam de considerar por momentos as paragens insistentemente aneladas, e muito deles, de golpe, transfiguravam-se patenteando lúcidos descortinos de estadistas.

A este propósito poderiam citar-se numerosos casos delatadores da política bifronte, do mesmo passo reconstituente e demolidora, que com o rigorismo de um decalque retrata na ordem moral do Peru o contraste físico entre o Ocidente obscurecido, onde as energias se quebrantam malignadas pela história emocional epidêmica dos pronunciamentos – e o Levante resplandecente, onde alvorecem as esperanças renascidas.

Aponte-se um exemplo.

Em 1841 a República estava a pique das maiores catástrofes. Imperava D. Agustín Gamarra. Aquele zambo cesariano refletia nos atos tumultuários os desequilíbrios de seu temperamento instável, de mestiço, ferrotado dos temores e das impaciências de um prestígio improvisado, à ventura, nos sobressaltos das guerrilhas.

O seu governo - governo de quem inaugurou no Peru o regime das deposições apeando o virtuoso La Mar - foi naturalmente agitadíssimo. O restaurador imposto pelas armas dos chilenos, de Bulnes, sobre os destroços da efêmera confederação peru-boliviana, assediado pelas ambições contrariadas, pelas exigências dos condutícios incontestáveis e pelas ameaças dos conspiradores recidivos, tonteava na vertigem daquela eminência, onde chegara desprendendo-se da parceria dos cholos e pisoando todos os melindres aristocráticos da terra que sobre todas herdara a sobrançeria tradicional da Espanha. Nas conjunturas prementes dependeu-lhe, por vezes, a fortuna, até do gesto de uma mulher - a sua própria esposa, amazona gentilmente heroica, que não raro travando de uma espada e precipitando-se, à espora feita, a cavalo, pelo campo das manobras ou no mais aceso dos combates, ia eletrizar com a presença encantadora os coronéis embevecidos e os regimentos vacilantes...

Assim não se poderiam exigir à vida em tanta maneira perturbada e romântica, daquele presidente, ponderosas medidas administrativas. Acompanhamo-la apenas com o interesse artístico de quem segue a urdidura de imaginosa novela sulcada de episódios alarmantes, ou dramáticos, até desfechar no sacrifício, inútil e glorioso, do protagonista, sucumbindo sob uma carga furiosa dos lanceiros bolivianos nas esplanadas de Viacho...

Mas no volver de uma das páginas salteia-nos esta surpresa:

“El ciudadano Agustín Gamarra - Gran mariscal restaurador del Perú, benemérito a la patria in grado heroico y eminente, etc.

“Considerando que para promover la navegación por vapor en el rio de Amazonas y sus confluente es necessário

proporcionar facilidades y ventajas que indemnizen a los empresários...

“Decreta: 1º Se concede al ciudadano brasileiro D. Antonio Marcelino Pereira Ribeiro el privilegio exclusivo de navegar por buques de vapor en el rio Amazonas, en la parte que corresponde al Perú e todos sus afluentes.

“... 3º Los buques de vapor llevarón el pabelón brasileiro...”

“Dada en la casa de Gobierno de Lima a 6 de Julio de 1841.”

Este decreto, extratado nos trechos principais, inculca ao mesmo tempo o caudilho, no recacho presuntuoso que lhe emprestam aqueles adjetivos e substantivos constrangidos a escoltarem-lhe o nome, e o governante, que primeiro traçou aos seus patrícios a marcha regeneradora para o Oriente. Mas não o reproduzimos apenas para realce dos aspectos contrariantes da História Peruana; senão também para destacar aquela figura de brasileiro, que seria inexpressiva se não constituísse o primeiro termo de uma série de compatriotas obscuros, erradios dos nossos fastos e elegendo-se por atos memoráveis entre os melhores servidores da nação vizinha.

De fato, à medida que se rastreia a marcha peruana para o levante, exposta em todos os seus pormenores, miudeada em regulamentos, em decretos, em circulares e em ofícios - porque é a suprema preocupação política, militar e administrativa do Peru - observa-se nas referências obrigatórias e incisivas ao elemento brasileiro, o intercurso de uma outra avançada obscura, mas vigorosa, e contrapondo-se-lhe numa expansão tão enérgica, para o ocidente, que com os seus efeitos a despontarem de longe em longe,

precisamente nos períodos mais decisivos da primeira, se restauraria todo um capítulo da nossa História, que se perdeu ou se fracionou despercebido à visão embotada dos cronistas, para ressurgir agora, esparso em fragmentos surpreendentes, nas entrelinhas da História de outro povo.

É o que demonstram outros casos, entre nós inéditos. Apontemo-los de relance.

No período abrangido pelos governos do austero Marechal Castila, as explorações prosseguiram. Castelnau desceu das cabeceiras do Urubamba às ribas do Amazonas; Maldonado imortalizou-se descobrindo, numa excursão temerária, a nova estrada para o Atlântico ajustada ao sulco desmedido do Madre de Diós; e Raimondi desvendou os tesouros da mesopotâmia de 16.000 léguas quadradas de terras exuberantes, interferidas pelos cursos do Hualaga e do Ucayáli. Por fim Montferrir calculou, rigorosamente, as riquezas da Canaã vastíssima: 50.000.000 de hectares, valendo o mínimo de meio bilhão de pesos.

A aritmética tornava-se quase lírica nesta dilatação de números maravilhosos.

As medidas governamentais do grande Marechal tiveram para logo o alento dos mais enérgicos estímulos patrióticos, a par do anseio de fortuna dos mais desassombrados aventureiros.

Os peruanos, iludidos durante largo tempo no litoral estéril, viam pela primeira vez o novo mundo. E a conquista da terra, numa de suas fases mais agudas, desenrolou-se em toda a plenitude.

Então, contravindo a tantas esperanças sob o amparo das mais lúcidas resoluções governativas - leis, regulamentos e decretos enfeixando-se num volumoso compêndio de

administração fecunda e militante - principiou uma fase desalentadora de brilhantes tentativas abortícias.

As colônias planeadas, e para logo erigidas, espelhavam por algum tempo naqueles rincões solitários a fantasmagoria de um progresso artificial; e extinguíam-se prestes. Já em 1854 o governador de Loreto, pueblo obscuro cujo nome irradia hoje abrangendo aqueles lugares, ao informar do estado de duas colonizações sucessivas que ali se estabeleceram, centralizadas em Cabalo-Cocha, próximas à fronteira do Brasil, indicava-as completamente extintas. E idênticos malogros generalizavam-se por toda a banda.

Eram naturais. As vagas humanas nas paragens virgens não se aquietam de súbito. Caracteriza-as nos primeiros estádios a instabilidade inevitável imposta pela própria força viva adquirida no movimento da marcha. Precedendo ao equilíbrio das culturas, surge a pesquisa dos frutos ou das riquezas imediatas, como a permitir aos recém-vindos, na vida errante das colheitas, dos garimpos, dos pastoreios ou das caçadas, um reconhecimento imprescindível do seu novo habitat, antes da escolha de uma situação de descanso.

É a eterna função social do nomadismo, que mesmo no Peru já se manifestara na azáfama devastadora dos *cascarileros*, desvendando as paragens ignotas que vão dos cerros de Carabaya às vertentes mais afastadas do Beni.

Este incentivo, porém, ali, estava extinto.

Por aquele tempo, uma tenaz explorador, Marckam, comissionado pelo governo inglês, andava nas regiões da *quina calisaya*; e conseguira transplantar tão prontamente para as Índias aquele elemento da fortuna peruana que, já em 1862, mais de quatro milhões de árvores, em Darjeeling,

com a produção extraordinária de 370 toneladas de quinino, iniciavam uma concorrência triunfante no primeiro assalto. Deste modo, as paragens tão ansiosamente apeteçadas mostravam-se, ante os novos povoadores, desnudas desses recursos que em toda a parte se figuram adrede predispostos a que não se desenfluam as esperanças sempre exageradas dos que emigram.

Não lhes bastariam, certo, as *bombonajes* para os chapéus de palha oriundos da indústria graciosa das mulheres do Moyobamba, ou os cascalhos auríferos das vertentes do Pastaza guardadas pelos huambizas ferocíssimos.

Assim, todos os atos, e magníficos decretos, e lúcidos regulamentos, e generosas concessões de terras, do último governo de Castila, desfechariam nos mais lastimáveis insucessos se, precisamente na derradeira quadra da sua presidência, e no mesmo ano (1862) em que a cultura indiana da quina arrebatava daqueles desertos o seu maior atrativo – um anônimo, um outro imortal humílimo evadido da nossa História, não aparecesse, eclipsando de golpe os mais imponentes lances administrativos e oferecendo aos peruanos o reagente enérgico que os alentaria até aos nossos dias na rota da Amazônia.

Um brasileiro descobriu o caucho; ou, pelo menos, instituiu ali a indústria extrativa correspondente.

No reconstruir este trecho da nossa História, que versado mais tarde por um historiador merecerá o título de “Expansão Brasileira na Amazônia”, não vamos desacompanhados.

Diz-nos um narrador sincero:

“Antes do ano de 1862, não tinha ainda sido explorada a incalculável riqueza da goma elástica... Depois da entrada de alguns brasileiros para o território do Departamento,

principalmente do laborioso José Joaquim Ribeiro, começou este rico produto a figurar no catálogo dos que o Departamento exporta para o Brasil. A primeira quantidade exportada foi de 2.088 quilogramas, produto dos ensaios daquele brasileiro que muito teria contribuído para o desenvolvimento dessa indústria, se ao iniciá-la não encontrasse contrariedades nascidas do cupidismo de alguns agentes subalternos que contra ele exerceram todos os ardis...”

Não comentemos o desquerer das autoridades peruanas. Era antigo. Desde 1811 o reportado D. Manoel Ijurra denunciava

“los Brazileros más próximos al Perú que tienen la bárbara costumbre de armar expediciones militares con objeto de hacer correrías sobre los índios Maynas, atropelando muchas veces las autoridades...”;

ou apresentava-os como *“absolutos monopolizadores del comercio de importación o exportación.”*

Cinco anos depois, em ofício alarmante, o Subprefeito de Maynas solicitava providências urgentíssimas *“al intuito de que los Brazileros moradores de Cabalo-Cocha, salgan fuera de esta provincia, se buenamente no quieren, por la fuerza”;* e pintava-os laivando-os dos mais denegridos estigmas. Por fim o Governador-Geral das Missões (1849) determinou se exigissem passaportes de todos os brasileiros que lá entrassem, gaguejando num castelhano emperrado esta razão curiosíssima:

“que no se experimentaba provecho alguno en estos negociantes del Brazil; ni menos hay bayonetas con que poder conterlos; hacen lo que quieren metiendo-se por los rios, extraendo zarza, manteca, salado e otras especies...”

Não prossigamos.

Adivinha-se nestas linhas, que poderiam ser prolongadas, a invasão formidável que se alastrava avassaladora para o ocidente, desafiando os ódios do estrangeiro; espraiando-se pelo vale do grande rio, por Loreto, Cabalo-Cocha, Moremote, Perenate, Iquitos, até Nauta, na embocadura do Ucayáli; subindo pelo Ucayáli em fora até além do Pachitea: deixando nos mais vários pontos, nos sítios numerosos, nas trilhas coleantes do deserto, e até nos costumes ainda persistentes, os traços indeléveis da passagem.

Se a historiássemos contraporíamos às verrinas oficiais dos subprefeitos apavorados, cujos dizeres se pejoravam à medida que progredia aquela surda conquista do solo, os próprios conceitos de Antonio Raimondi. Mas aquele belo tipo de Joaquim Ribeiro, que em 1868 o maior naturalista peruano foi encontrar nas margens do Itaya possuindo as melhores fazendas do Departamento, concretiza uma réplica irrefragável. Não o pearam tão pequeninos empeços. Criada a indústria extrativa, a exportação da borracha a partir de 1871 erigiu-se preeminente entre as dos demais produtos de Loreto. E as turmas dos extratores, sem nenhuns amparos oficiais, rompendo espontâneos de toda a parte e arremetantes com as mais desfrequentadas espessuras, ultimaram em pouco tempo a empresa quase secular tantas vezes cindida de reveses.

Desvendou-se todo o Oriente.

Mas há um reverso no quadro.

A exploração do caucho como a praticam os peruanos, derribando as árvores, e passando sempre à cata de novas “manchas” de castiloas ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos recontros inevitáveis com os aborígenes

- acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da força. Por fim, um bárbaro individualismo. Há uma involução lastimável no homem perpetuamente arredio dos povoados, errante de rio em rio, de espessura em espessura, sempre em busca de uma mata virgem onde se oculte ou se homizie como um foragido da civilização.

A sua passagem foi nefasta. Ao cabo de 30 anos de povoamento, as margens do Ucayáli, tão nobilitadas outrora pela abnegação dos missionários de Sarayaco, patenteiam, hoje, nos seus vilarejos diminutos, uma decadência moral indescritível.

O Coronel Pedro Portilo, atual Prefeito de Loreto, que as visitou em 1899, denunciou-a, indignado: *“Ali no hay leyes... El más fuerte que tiene más rifles, es el dueño de la justicia”*. Verberou depois o tráfico escandaloso de escravos. E, afinados pelo mesmo tom, um sem-número de outros excursionistas, que fora longo citar, delatam, em narrativas expressivas, o regime de tropelias que se normalizou naquelas terras - e se amplia seguindo os rastros do homem que passa pelo deserto com o só efeito de barbarizar a própria barbaria.

Ora, na presciência dos inconvenientes desta exploração, que, entretanto, determinou o pleno desdobramento de seu domínio no Oriente, o governo peruano nunca renunciou ao seu primitivo propósito de uma colonização intensiva. E para ao mesmo tempo garantir o tráfego do melhor caminho para o Amazonas, pelo Ucayáli, que vai da estação *terminus* de Oroya aos tributários principais do Pachitea, estabeleceu em 1857, à

margem de um deles, o Rio Pozuzo, a colônia alemã, que sobre todas lhe monopolizou os cuidados e uma solicitude nunca interrompida.

Realmente, a situação era admirável. À média distância de Iquitos, próxima aos afluentes navegáveis do Ucayáli e num solo exuberante, o núcleo estabelecido era, militar e administrativamente, o mais firme ponto estratégico daquele combate com o deserto, justificando-se os esforços e extraordinárias despesas que se fizeram para um rápido desenvolvimento, que as melhores condições naturais favoreciam.

Mas não lhe vingou o plano. A exemplo do que acontecera em Loreto, os novos povoadores, embora mais persistentes, anulavam-se, estéreis. A colônia paralisara-se, tolhiça, entre os esplendores da floresta. Reduziu-se a culturas rudimentares que mal lhe satisfaziam o consumo. E o progresso demográfico, quase insensível, retratava-se numa prole linfática, em que o rijo arcabouço prussiano se engelhava na envergadura esmirrada do quíchua. Ao visitá-la, em 1870, o Prefeito de Huanuco, Coronel Vizcarra, quedou atônito e comovido: os colonos apresentaram-se-lhe andrajosos e famintos, pedindo-lhe pão e vestes para velarem a nudez. O romântico D. Manoel Pinzás, que descreveu a viagem, pinta-nos em longos períodos soluçantes os lances daquele *cuadro desgarrador!*, suspendendo-o em dois rijos pontos de admiração.

Viu-o ainda, passado um lustro, com as mesmas cores sombrias, o Dr. Santiago Tavera, ao descrever a primeira viagem do Almirante Tucker.

Por fim, transcorridos trinta anos, o Coronel P. Portilo na sua rota do Ucayáli teve notícias certas do núcleo povoador: era uma Tebaida aterradora. Lá dentro os primitivos colonos

e os seus rebentos degenerados agitavam-se vítimas de um fanatismo irremediável, na mandria dolorosa das penitências, a rezarem, a desfiarem rosários e a entoarem umas ladainhas intermináveis numa concorrência escandalosa com os guaribas da floresta.

Ora, o excursionista, que é hoje um dos mais lúcidos políticos peruanos, para agravar-se-lhe o desapontamento ante este malogro completo da colônia predileta da sua terra, tivera dias antes, ao passar em Puerto Victoria, na confluência do Pichis e do Palcazu, formadores do Pachitea, um espetáculo completamente diverso. De fato, Puerto Victoria surgira e desenvolvera-se, tornando-se a estância mais animada e opulenta daquela redondeza, sem que o governo peruano soubesse ao menos do seu aparecimento.

Jamais cogitara em povoar aquele trecho.

A paragem era malsinada. Rodeavam-na os mais bravios entre os selvagens sul-americanos: os *campas* do Pajonal, ao sul, e ao norte os *cashibos* indomáveis, que em 1866 haviam trucidado em *Chonta-Isla*, que lhe demora a jusante, os oficiais de marinha Tavera e West. O Prefeito Benito Arana, que ali andara naquele mesmo ano, fôra, em som de guerra, com dois vapores e uma lancha artilhada, em revide àquela afronta sanguinolenta. Saltou em terra; meteu-se pela mata; travou pequeninos recontros em formidáveis tiroteios;olveu num triunfo singularíssimo, encaçado de perto pelos selvagens, que o frechavam; embarcou no tumulto da sua gente vitoriosa, e fugindo; canhoneou furiosamente as barrancas;olveu, precipite, águas abaixo, deixando na *Playa del Castigo* um traço romanesco da sua empresa tormentosa...

E durante três decênios a região sinistra permaneceu no isolamento que lhe criavam as gente apavoradas...

Até que, provindos do ocidente e vencendo à voga arrancada, nas ubás esguias, as correntezas fortes do Pachitea, atravessaram-na de extremo a extremo e foram abordar na confluência do Pichis alguns aventureiros destemerosos.

Eram uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura seca e poderosa. Não eram caucheiros. A palavra remorada não lhes vibrava na fanfarrice ruidosa. Ao invés de um *tambo*, improvisaram um tejuapar mal arranjado. Não se armaram do *cuchilo*, misto de punhal e de navalha. Pendiam-lhes à cintura as facas de arrasto, longas como as espadas.

Aperceberam-se sem ruídos para a empresa e penetraram, vagarosamente, na floresta...

Não se conhecem as peripécias da entrada temerária, que foram sem dúvida excepcionalmente dramáticas. Os *cashibos* têm no próprio nome a legenda da sua ferocidade. *Cashi*, morcego; *bo*, semelhante. Figuradamente: sugadores de sangue. Ainda nos seus raros momentos de jovialidade aqueles bárbaros assustam, quando o riso lhes descobre os dentes retintos do sumo negro da palmeira chonta; ou estiram-se de bruços, acaroados com o chão, as bocas junto à terra, ululando longamente as notas demoradas de uma melopeia selvagem.

Atravessaram, indenes na bruteza, trezentos anos de catequese; e são ainda a tribo mais bravia do vale do Ucayáli.

Mas ao que se figura não pulsearam com vantagem o vigor nos novos pioneiros.

É que o bárbaro sanguinário tinha pela frente, enterreirando-o, um adversário mais temeroso, o jagunço.

Os recém-vindos eram brasileiros do Norte; e o seu patrão, Pedro C. de Oliveira, mais um modelo de lidador obscuro aparecendo em lances de fecundas iniciativas entre

os acontecimentos de uma história estranha. Para aquilatar-se-lhe a valia, observemos de relance que em janeiro de 1900 foi nomeado, apesar da sua nacionalidade, governador de toda a zona que o seu barracão centralizava.

O Coronel Portilo, que ali deparou agasalhado sincero sem o pregão de rasgados oferecimentos, tão característico da nossa gens obscura, trai em todos os conceitos que emitiu no seu relatório - desde o primeiro dia até despedir-se da *“muy estimable familia del señor Olivera”*, o encanto que lhe causou a estância animadíssima no centro de suas culturas fartas, e inteligentemente locada com as numerosas vivendas circulantes no alto da barranca, a prumo sobre a margem esquerda do rio, que se alcançava subindo uma longa escadaria resistente e tosca. Cativaram-no, sobretudo, os valentes tranquilos que se lhe mostraram modestísimos em pleno triunfo sobre a barbaria e a terra. Por fim, à sua visão esclarecida não escapou que aquele forasteiro, sem um decreto e sem uma subvenção, resolvera o problema colimado pelo governo de seu país, fundando no lugar mais conveniente a estação garantidora da “via central” demandando a Amazônia. Disse-o nuamente: Porto Vitória era o lugar mais apropriado para a guarnição militar e alfândega que protegessem a importação e exportação da colônia de Chanchamayo, norte de Pajonal, Tarma e *montañas* do Palcazu, Matro e Pozuzo.

Concluiu:

“La casa de Olivera debe ser tomada por el Supremo Gobierno como la más aparente para las oficinas de la capitania, aduana e comandancia militar.”!

Foi aceito o alvitre. Um decreto do Presidente Pierola ordenou a demarcação de Puerto Victoria para estabelecer-se a *comissaria* destinada a proteger os colonizadores daquelas terras; e num grande ciúme da situação vantajosa adquirida

revelou o intento de uma posse exclusiva *“no consentiendo, ali, en el radio de un quilómetro, poblador alguno”*.

O Peru conseguira realmente uma estação fluvial admirável. E os brasileiros retiraram-se.

Passaram cinco anos.

Em 1905 um touriste parisiense, J. Delebecque, desceu o Pachitea, em viagem para o Amazonas, e não notaria a estância outrora florescente se não o acompanhassem alguns índios mansos conhecedores dos lugares.

No alto da barranca, que os enxurros solapavam, viam-se apenas alguns tetos abatidos e restos de culturas afogadas num carrascal bravio.

O Porto era uma ruína.

O viajante ali permaneceu por algumas horas a fim de secar as suas roupas encharcadas ao calor de uma fogueira feita com as portas desquiciadas e ombreiras vacilantes das vivendas, consoante praticam todos os que por ali passam na travessia de Iquitos; e considerou, melancolicamente, que daquele jeito Puerto Victoria seria em breve apenas uma recordação.

Depois abalou rio abaixo, a toda a voga, fugindo da paragem que se ermana no mais completo abandono...



III.6.2 - Viação sul-americana⁷²

Em 1907 contrapunham-se 20.814 quilômetros de vias férreas, argentinas, e 17.242, brasileiras; e a diferença resultante sugeriu comentários que nos são abertamente desfavoráveis. A nossa subalternidade econômica, ou prática, ao parecer dos que os fazem, assim se expõe sem atavios, às escâncaras, em números. É uma causa que se vê, se numera e se mede numa escala. Não há iludir-se a simples proporção capaz de alcandorar-se em fórmula apavorante do nosso atraso, admitindo-se como termos os povoamentos dos dois países e as linhas que um e outro percorrem para o domínio da terra. Escrevem-na:

$$6.000.000 : 20.000.000 :: 20.814 : x$$

$$x = 69.269$$

e concluem que para lograrmos a vida intensa daquele país, devêramos possuir cerca de 70.000 km de caminhos de ferro. Não há aí boletim rebarbativo, crespo de algarismos, ou inaturável revista mercantil em que este monótono paralelo não se haja inserido a dilatar o critério maciço dos guarda-livros filósofos, permitindo-se estabelecer, à ventura, entre duas sociedades, relação tão simples.

Não a discutiremos, delongando-nos. As marchas dos dois povos são demasiado diversas para se compararem tão de pronto.

Ainda atendo-nos a este seco assunto, ou aperreando-nos naquela expressão numérica, não seria difícil demonstrar que

⁷² Texto que integra a obra *À Margem da História*. A obra está dividida em 4 partes. O texto *Viação sul-americana* encontra-se na parte 2, denominada *Vários Estudos*. Os textos escritos em 1908 só foram publicados após a morte de Euclides da Cunha pela Livraria Chardon, de Portugal.

é para os argentinos uma causa o que é para nós um efeito; o progresso atual advém-lhes, antes de tudo, de suas estradas de ferro; as nossas estradas de ferro resultam, antes de tudo, do nosso progresso.

Atentos os empenhos naturais, que a dois passos da costa nos repeliam, era-nos impossível o avançar pelos sertões em fora, levando a civilização no limpa-trilhos. Para vencermos a terra havemos que formar até o homem capaz de a combater - criando-se à imagem dela, com as suas rudezas e as suas energias revoltas - por maneira a talhar-se no tipo mestiço e, inteiramente novo, do “bandeirante”, a figura excepcional do homem que se fez bárbaro para estradar o deserto, abrindo as primeiras trilhas ao progresso. As nossas maiores linhas de penetração - desde a *Mogiana* seguindo para Goiás sobre os velhos rastros do Anhanguera, até à *Sorocabana*, ajustando-se aos primeiros lances do longo itinerário de Antônio Raposo e dos conquistadores de Guaíra - têm reconhecimentos que duraram dois séculos; e se os historiássemos, veríamos que esta matéria esmarrida e árida pode transfigurar-se, relacionando-se aos episódios mais dramáticos do nosso passado, de modo que o seu próprio significado econômico só nos resulta bem compreensível, hoje, feito um caso particular, ou corolário, da evolução geral.

Ao passo que na Argentina o processo se inverteu. A civilização transplantada àquelas terras não carecia ter, como aqui, um período de estacionamento obrigatório, para o adaptar-se das raças que se transformam, ou se apuram, criando-se novos atributos de resistência, uma nova alma, e até um novo organismo para viverem em um novo meio. Mudou de hemisfério, sem mudar de latitudes. Deixou o solo nativo, sem deixar o clima. Poderia prolongar as qualidades avitas dentro de uma natureza protetora. E ser um desdobramento

apenas: a cultura europeia estirando-se pelo nível dos mares, e prosseguindo, sem tropeçar num cerro, pelo complanado das pampas. E como a terra se lhe submeteu desde os primeiros passos, sem a repulsa desafiadora dos píncaros arremessados e brutos, entregando-se-lhe quase toda, humilhada no rebaixamento das planuras, a expansibilidade territorial tornou-se-lhe em tanta maneira preponderante entre quaisquer outros aspectos de sua existência, que se erigiu em norma preexcelente não só de desenvolvimento industrial ou agrícola, como do próprio desenvolvimento social ou político.

Leia-se a história da Confederação Argentina, depois da fase tumultuária da Independência e ressaltará, em nítido relevo, este contraste com a nossa: nós tivemos que formar num longo esforço, até de seleção telúrica, o homem, para vencermos a terra: ela teve que transformar e aviventar a terra, para vencer o homem.

Domingos Sarmiento, ao cerrar as páginas comovidas da *Civilización y Barbarie* - páginas admiráveis de um dos maiores livros sulamericanos, ressoantes ao tropear das cavalarias disparadas dos Quirogas e dos Chachos - prognosticou o declínio inevitável da tirania revolucionária dos caudilhos sem aventar puxados raciocínios, de grave substância, de sociólogo. O desfecho da tremenda crise social de sua terra desvendava-se-lhe com esta evidência quase gráfica e singularmente prosaica ao fim da selvagem epopeia dos gaúchos:

El ferrocarril negará en tiempo para estorbar que venga a reproducirse la lucha del desierto...".

E, de feito, a civilização platina alastrou-se logo depois sobre as planícies, com o só estirar-se de seus *rieles* paralelos, por cima dos rastros das *montoneras*. Os ideais de seus maiores estadistas, da escola de Rivadávia, têm, hoje, urna realidade tangível, mensurável até em

quilômetros. E rodeada de circunstâncias tão propícias, que lhe permitiram aumentar o patrimônio das conquistas morais com o próprio aumento da riqueza, a unidade nacional, definida pelo ascendente dia a dia maior de Buenos Aires sobre as províncias, vai-se firmando, não já em teorias ou controversos programas, senão visivelmente, com os vínculos de aço que irradiam e se reticulam em todos os sentidos, fazendo-nos assistir em cada estação que se inaugura a uma vitória definitiva daqueles *salvajes unitarios*, que tanto acirravam o ânimo retrincado de Rosas, e hoje nos aparecem, triunfantes e sem atrevidos desgarres, no aspecto modestíssimo de alguns engenheiros fleumáticos, quase todos ingleses.

Este triunfo, onde concorrem os mais favoráveis agentes físicos e o estímulo de imperiosas necessidades políticas, não nos desaire. Aplaudimo-lo. As 21 estradas argentinas, transfigurando em vinte anos todo o país, da Patagônia ao Grão Chaco, de La Plata aos Andes, são uma glória de todo o continente. Não importa que nesse alastramento de *rails*, a influência da nação ativa se estenda às terras estremenhas das demais repúblicas, e lhas atravesse, senhoreando-as comercialmente. Numa rede ferroviária, que em pouco tempo se tornou a décima do mundo, é natural a quantidade de movimento que a dilata até romper em quatro pontos longamente espaçados a cercadura das fronteiras: com a *Buenos Ayres and Pacific Railway* ligando-se em Mendoza à *Andine Railway*, estendendo-se a Valparaíso, unindo os dois oceanos e desviando o comércio exterior do Chile; com a *Entre-Rios R.* indo buscar o Uruguai em Concórdia, entroncando com a *North Eastern* dirigida à extremadura das Missões ao encontro da *Central Paraguay*, de modo a colocar dentro de pouco tempo Asunción a 36 horas do mar; e com a

Central Norte, prolongando a *Buenos Ayres and Rosario*, envesgando pelos acidentes de Jujuí e dirigindo-se para o norte, em busca da Bolívia.

A última, sobretudo, é a diretriz mais expressiva dessa expansão maravilhosa.

Consideremo-la, de perto.

Há cerca de dois meses inaugurou-se, com efeito, a estação de La Quiaca nas extremas da Bolívia, realizando-se a primeira ligação ferroviária, ininterrupta, entre dois países sul-americanos, e estabelecendo-se dilatado trecho da *Pan American Railway*, sugerida na conferência de Washington.

A nova linha segue para N. N. O.; atravessa treze graus de latitude com o desenvolvimento total de 1.941 km desde Buenos Aires até aquela estância remota, e embora torneje e vingue, à cremalheira, os cerros de Jujui, talvez não tenha grande valia técnica.

Nela, porém, o essencial está menos nos elementos do traçado do que na sua direção dominante. Considerando-se um mapa, verifica-se que a Argentina, adita ao empenho de curar-se *del mal de la extensión*, acaba de efetuar a mais notável de suas operações; e figuram-se de tal porte os seus efeitos, que é escusado o inquirir se ela entrou na República contermina sobre uma via permanente impecável, ou inquinada dos vícios de um primeiro estabelecimento vertiginoso. Todo o ponto está em que ela chega à Bolívia. Por imperfeita que seja a tração de uma linha, onde às vezes se chegou escandalosamente ao assentamento de dois km de trilhos e dormentes por dia, e embora se lhe dê a velocidade escassa de 35 km por hora, o resultado final é este: vai-se, hoje, de Buenos Aires às terras bolivianas em dois dias e meio. Quer dizer: o vasto *hinterland* que, pouco há, mal se desafogava para o N., em demanda do Pará, através de 4.650 km vencidos nas trabalhosas navegações do Beni e do Madeira; 20

para O., por um tráfego incômodo, de baldeações, em busca do péssimo porto de Molendo; para S. O., ronceiramente, depois de percorrida a caretera de La Paz a Oruro, pelos 924 km constrictos na bitolinha de 0,75m, da precária estrada de Antofagasta; para L. e S. E., por Santa Cruz de la Sierra e Puerto Suarez, descendo depois o Paraguai, percorrendo 3.250 km de itinerário contorneante, fluvial e terrestre para o sul aproxima-se, de golpe, do Atlântico, de que o afastam somente 55 horas de viagem.

Os números são claros; a conclusão inflexível: a vida econômica da Bolívia caíra na órbita avassaladora do país que lhe faculta semelhante desafogo.

Além disto, ela vai, de há muito, ao encontro daquela influência. De fato, um dos grandes efeitos do Tratado de Petrópolis foi a revivescência da Bolívia. A nacionalidade malignada pelo encerro geográfico, e pelas vicissitudes políticas que lho engraveceram, afastando-a definitivamente do mar, foi amparada pelo nosso liberalismo, que sobre a desoprimir franqueando-lhe o Paraguai e o Madeira, aparelhou-a de recursos para enfrentar os problemas econômicos mais urgentes. A sua política interna entrou para logonumafaseprogressista destoante das funestas discórdias, que tanto a malsinavam, estimulando os interessículos dos caudilhos. E como a dominasse desde muito o intento de corrigir por meio de rápidas linhas de transportes os prejuízos oriundos de seu sequestro mediterrâneo, o Governo do General Montes contratou um brilhante *staff* de engenheiros norte-americanos, que perlustraram o país de extremo a extremo, elaborando ao cabo surpreendente relatório onde os quadros das riquezas naturais e o seu futuro desenvolvimento desafiavam a maior credibilidade e só se aceitam definidos, como foram, pelas curvas de rigorosos diagramas. Não o analisaremos - forrando-nos aos encantos que levaram rígido correspondente yankee a caracterizar

o sisudo trabalho, referto de desenhos e de cálculos, a *poesy of railways*... Ao nosso intento, baste considerar-se que o sentido de maior destaque nos caminhos propostos, revivendo antigo convênio argentino-boliviano, de 1894, segue a prender-se em Tupiza com o prolongamento da *Central Norte*, que neste momento se efetua a partir de La Quiaca sobre terrenos completamente estudados.

| | |
|---|-----------------|
| 20 De La Paz a Riberalta (Beni)..... | 1.554 Km |
| De Riberalta a Vila Bela (Madeira)..... | 83 Km |
| De Vila Bela a Santo Antônio (Madeira)..... | 316 Km |
| De Santo Antônio à Foz do Madeira | 1.034 Km |
| Da Foz do Madeira ao Pará..... | 1.504 Km |
| TOTAL | 4.651 km |

| | |
|-----------------------------------|-------------------|
| 1.ª seção: La Linaca - Mojo..... | 35.450 Km |
| 2.ª seção: Mojo - Yuruma..... | 15.143 Km |
| 3ª seção: Yuruma - Chuquiago..... | 29.430 Km |
| 4.ª seção: Chuquiago Tupiza..... | 20.100 Km |
| TOTAL | 100.129 km |

De sorte que no contrato celebrado em 1900 com o Banco Nacional de Nova Iorque para a construção de 863 milhas de caminhos de ferro destinados a ultimar-se em 1912, 495 cabem, exclusivamente, aos diversos trechos que se ligam, visando unir a capital boliviana a Tupiza, assim discriminados.

| | | |
|-------------------------|------|-------------|
| De Viacha (La Paz)..... | 215" | \$4.000.000 |
| Oruro a Potosi..... | 331" | \$8.000.000 |
| Potosi a Tupiza..... | 250" | \$5.600.000 |

Estando em andamento a construção dos 100 km entre Tupiza e La Quiaca, vê-se, não mais ideada, ou planeada, senão reconhecida, projetada, orçada, contratada, a grande linha continental solidária com os sistemas peruano e argentino, que dentro de um quinquênio formará mais de dois terços da *Pan American Railway*.

Lima, La Paz e Buenos Aires vincular-se-ão por meio de 3.020 km de trilhos, percorridos em três dias.

É uma dedução clara. O capital norte-americano, noviciando na indústria ferroviária da América do Sul, não se malestreará cedendo ao peso de uma quantia que não deitará mais de dezoito milhões de *dolars*, o máximo requerido pelos trabalhos.

Como quer que seja, a viação internacional argentina expande-se naquele rumo e reage sobre o continente. Completam-na, noutros, estas empresas notáveis; a *Buenos Ayres and Pacific*, que ao terminar, neste ano, o túnel de La Cumbre, nos Andes, fará em 48 horas a viagem de Valparaíso ao Prata; a *Argentina NorthEastern*, que estirando-se por Monte Caseros até São Tomé, chegará em 1909 a Posadas, nas divisas paraguaias, onde lhe restarão apenas 97 km para alcançar, em Pirapó, a *Central Paraguay*, que vem de Asunción e Vila Rica; e, mais interessante para nós, o ramal que partindo de Perico, próximo de Jujuí, completará a ação da *Central Norte*, seguindo por Ledesma e Oran a atravessar os chacos de Yacuiba no rumo de Santa Cruz de La Sierra - de modo a subordinar ao tráfico platino toda a Bolívia Oriental até às terras meridionais de Chuquisaca.

Ora, balanceados estes elementos claros, adrede expostos sem exageros de frases, deve-se convir em que Buenos Aires parece restaurar a sua antiga fisionomia histórica de quase capital hispano-americana. E não maravilha que

muito recentemente, D. Ignacio Calderón, Ministro Boliviano, dirigindo-se à Sociedade Geográfica de Washington, arremettesse com todas as reservas do seu cargo diplomático, e friamente, professoralmente, agitasse a hipótese da formação do que lhe aprouve chamar - Estados Unidos da América do Sul - ou seja a confederação política do Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai... O que há dois decênios seria imaginoso raptado de ideólogo a debater-se dentro da miragem do antigo Vice-Reinado, é hoje, numa época em que cada vez menos se estremam interesses econômicos e políticos, uma proposição positiva.

Dizemo-lo sem apreensões patrióticas; sobretudo atendendo em que a Argentina tem um reverso sombrio nesse quadro admirável.

Poderosas circunstâncias, alheias e antepostas ao progresso irrealizável da grande república, influirão para reduzir-lhe o prestígio internacional precisamente na hora em que ele se torna mais dominante.

Coincidindo com o remate do sistema boliviano, completando a viação argentina em um lance de trezentos miriâmetros, a abertura do istmo de Panamá lhe sobrestará o progresso, reduzindo-lhe o tráfego e despojando-a de toda a importância nas relações exteriores. O afastamento dos portos peruanos à Europa se encurtará até a metade do atual, passando de 12.000 a 6.000 milhas. Calao e Buenos Aires ficarão à mesma distância de Southampton e de Hamburgo. Todo o movimento mercantil do Peru se desviará para o norte. Acompanhá-lo-á o do Chile, atentas as vantagens intuitivas de um só transporte marítimo, de 8.100 milhas, em contraste com o tráfego misto pela Cordilheira e Atlântico Meridional. E os próprios departamentos ocidentais da Bolívia, ligados ao litoral não já por Antofagasta, mas pela estrada de Arica, ora

em construção com auxílio do Chile, preferirão um itinerário incomparavelmente mais expedito, pelo Pacífico.

A Argentina sofrerá mais que todos os países os efeitos da vindoura rota marítima destinada a alterar profundamente o giro dos escambos internacionais. É uma causa universal; um abalo que é o da própria civilização, expandindo-se no último e maior dos cenários que se lhe descerram. Não há gênio de estadista que atenuie à avantajada nação efeitos tão prejudiciais nascidos da própria fatalidade geográfica. Além disto, outras causas concorrerão no diminuir-lhe um predomínio que a própria ordem física em começo propiciou ou favoreceu. E estas surgem exatamente deste mal compreendido sistema ferroviário brasileiro, que por aí se obriga aos paralelos mais garrados do bom-senso, e jazeu longos decênios tolhiço, esparsos em traçados indecisos, ou vacilantes, a pulsar o antagonismo da terra - até ganhar em força o que perdeu em velocidade e dispor-se para a conquista definitiva dos planaltos.

Realmente, é de simples intuição que a E. F. Madeira - Mamoré tornará desde já todo o departamento do Beni tributário do porto do Pará; e mais tarde, construído o caminho de ferro projetado de La Paz a Puerto Pando, metade da Bolívia.

Volvendo ao Sul, não seria penoso deduzir que o ramal de Iguaçu, da E. F. S. Paulo - Rio Grande, desde que se construa e efetue, por meio de um convênio com o Governo paraguaio, o seu prolongamento natural até Vila Rica, erigirá a baía de São Francisco, quase no mesmo paralelo de Assunción, em melhor porto do Paraguai.

Dado, entretanto, que se não verifiquem tais conjeturas - que a *Madeira - Mamoré* mais uma vez se malogre, ou que o porto catarinense ainda a construir-se tão cedo não se apreste

àquele elevado destino -, o antagonismo brasileiro, predisposto a contrapesar imperialismo ferroviário argentino - extinguindo ao mesmo tempo a influência tradicional do “bósforo” de águas doces, do Prata - delinea-se neste momento numa estrada de ferro, que se não desviará de uma diretriz intorcível e será a seção mais dilatada das transcontinentais sul-americanas.

É a *Noroeste* do Brasil.

A sua história sumária bem os estorvos que sempre encontramos para a entrada nos sertões.

Quando o Clube de Engenharia deliberou, em outubro de 1904, indicar ao Governo, “como problema nacional inadiável”, o traçado de um caminho de ferro que partindo de S. Paulo dos Agudos (ou de Bauru), transpondo o Paraná e o Urubupungá, se dirigisse a um ponto do rio Paraguai adequado a encaminhar para o Brasil o comércio do sudeste boliviano e norte paraguaio, permitindo ao mesmo tempo rápidas comunicações do litoral com o Mato Grosso, independentes de percurso em território estrangeiro - resumiu dezenas de projetos cerrando um velhíssimo debate que se agitara desde 1852 pela voz do deputado Paula Candido, e chegara aos nossos dias refletindo, intacto, o pensamento dos mais remotos governos coloniais no empenho de destruírem com os sulcos das estradas a impenetrabilidade de um território, que com ser tão fisicamente unido se tornara o principal agente da desunião de seus povoadores. Mas esta ideia elementar, complicaram-na a tal ponto os diversíssimos meios expostos para a sua efetividade, que já em 1876 notável comissão de cinco de nossos maiores engenheiros, presidida pelo Visconde de Rio Branco, se debateu às voltas com dezesseis projetos, tão discordes que, malgrado a valia

de juizes daquele porte, o controvertido tema não teve decisivo desfecho e chegou ao nosso tempo disparatando em trinta pareceres - obscurecendo-se e complicando-se à medida que se apinhavam centenares de folhetos visando simplificá-lo e esclarecê-lo. É inútil indicá-los. Advirta-se apenas que, a parte as mais singulares fantasias, laivadas de números traiçoeiros, que ainda se engenharam em matéria tão grave - e firmando-se em boa hora a preliminar de um ponto de partida invariável, imposto pela preponderância geográfica, histórica e econômica de São Paulo - as mais aceitáveis indicações se ordenaram segundo dois destinos dominantes: a um lado, os que atendo-se de algum modo às marchas tradicionais das “bandeiras” davam às linhas planeadas uma feição exclusivamente nacional, predeterminando-lhes os objetivos obrigatórios das capitais de Goiás e Mato Grosso; ao outro, os que, longe daquelas escalas históricas, ou tornando-as simples pontos forçados de uma rota mais longa, lhes davam um caráter internacional, não só projetando-as até à faixa de 1.080 milhas das nossas fronteiras perlongadas pelo Paraguai, como orientando-as à feição de vindouro entroncamento com os sistemas bolivianos capazes de nos conduzirem ao Pacífico.

Prevalecendo o último juízo, restaram ainda numerosas variantes acerca dos rumos do desmedido percurso. Alinharam-se uma banda os projetos calcados sobre o avançamento da *Mogiana*, a partir de Araguari, com escalas sucessivas em Goiás e Cuiabá, indo alcançar a extremadura boliviana, por São Luís de Cáceres - ou os definidos pelo prolongamento da *Paulista* com o ponto obrigado de Santa Ana do Paranaíba, deixando Goiás de lado e indo por Cuiabá em busca do mesmo objetivo; e de outro lado, os que abandonavam, definitivamente, as duas

capitais longínquas, e seguiam rumo direto do Paraguai, lançando a *Sorocabana* pelos chapadões meridionais do Mato Grosso.

Reduzida à simplicidade destas diretrizes - à parte um sem-número de outras, onde discrepam até os pontos de partida em toda a orla costeira do Rio a Paranaguá -, a primeira solução do problema inferiu-se do rápido confronto daqueles itinerários.

Aceito o modelo mais geral da *Mogiana*, desenvolvida na distensa arqueadura de Goiás e Cuiabá - a distância total a percorrer-se até à fronteira subia a 3.020 km. Admitido o mais breve dos traçados planeados com a só escala de Cuiabá, atingia a 2.493 km. - Considerando, finalmente, a derrota direta do prolongamento da *Sorocabana*, distendida para Oeste, depois de transpor o Paraná, seguindo mais ou menos pelo 20º paralelo, pormenorizavam-se estas distâncias

| | |
|---|----------|
| De Santos a São Paulo dos Agudos..... | 492 Km |
| De São Pedro dos Agudos a Itapura..... | 468 Km |
| De Itapura a Miranda..... | 671 Km |
| De Miranda ao Forte Coimbra..... | 172 Km |
| Total de Santos à Fronteira boliviana:..... | 1.803 km |

Assim se coligia, de pronto, e de um modo geral, a preexcelência do último traçado, desde que o primitivo programa da conquista dos sertões se ampliara com o escopo de um enlace internacional imposto pela pressão dos acontecimentos e devendo executar-se pelo caminho mais curto, no menor prazo possível.

E foi este o resultado atingido em 1903 - um ano antes da resolução do Clube de Engenharia - pelo engenheiro Emílio Schnoor⁷³, num trabalho admirável, onde os confrontos mal esboçados nestas linhas se estendem a todos os projetos dignos de nota, contrastando-lhes o valor e os direitos, decotando-lhes os exageros - até firmar-se a preferência daquele traçado em argumentos firmes, estendendo-se das condições técnicas mais vulgares às econômicas ou políticas imanentes ao progresso das zonas percorridas, ou estratégicas relativas à garantia vindoura de extenso trato de fronteiras.

O experimentado profissional - um mestre, uma existência ativa e gloriosamente modesta, que se mede com 2.000 e tantos km de estradas de ferro construídas - não se limitou, com efeito, no sugerir aquele avançamento pela Sorocabana, ligeiramente alterado no projeto atual, a patentear o valor imediato, deduzido do menor dispêndio de dinheiro e tempo, de uma linha incomparavelmente mais curta que a menor das que se haviam proposto tocando em Goiás ou Cuiabá. Prefigurou-lhe vantagens de mais alta importância - e teve a fortuna de as contraprovar logo depois, ao realizar, de agosto do ano passado a janeiro deste, o reconhecimento completo dos lugares atravessados; de modo que, seguindo em seus lances principais os apontamentos, cuja leitura nos permitiu, podemos desde já definir todo o desenvolvimento ulterior da grande estrada.

* * *

A E. F. Noroeste do Brasil parte de uma cidade paulista fundada há menos de quinze anos, Bauru (22°, 19' 22", lat. S., 5°, 5' long. O. do Rio), distante 438 km da capital de São Paulo, 517 de Santos e 934 do Rio de Janeiro: e segue

⁷³ SCHOONER, Emílio. *Memória do Projeto da Estrada de Ferro Mato Grosso e Fronteira da Bolívia*. Rio de Janeiro, 1903.

logo pelo *divortium aquarum* do Aguapeí e Tietê, até além dos campos do Avanhandava, por onde já se alongam hoje, com as estações recém-inauguradas, 202 km em tráfego, em 246 de linha construída. À medida que prossegue, aproxima-se da margem esquerda do Tietê. Atingi-la-á no “Canal do Inferno”, 96 km além da atual ponta dos trilhos. Dali, passando a margem direita, sobre uma ponte de 280 metros, acompanhará a histórica vereda fluvial até ao seu último salto, Itapura (km 459); e logo adiante chegará ao rio Paraná (km 455) no trecho em que a Ilha Grande de Urubupungá, larga de três mil metros, o reparte em dois canais, de 75m e 540m, que serão transpostos por duas pontes: unia de um só lance, de 94,50m, e outra dividida em quatro vãos de 94,50m, além de uma central, de 126,50m.

Está-se, então, em Mato Grosso, na borda direita do Paraná (km 453,500).

Progredindo no rumo de L. O., o eixo da linha oscila aos lados do 20° paralelo, interferindo os vales do Sucuriú, Verde, Pardo, Inhanduí e vai alcançar a 462 km do Paraná, em Campo Grande (km 915) o centro tradicional do comércio de gado do sul mato-grossense, de onde abalam, intermitentemente, as numerosas manadas de 2 a 3.000 bois, cada uma, pelas desmedidas veredas contorneantes de Sant’Ana do Parnaíba e Uberaba, a abastecerem São Paulo e Rio, depois de fatigantes derrotas de seis meses.

A estrada atravessará sem nenhuma dificuldade a região admirável dos largos chapadões, a cerca de 600 metros sobre o nível do mar, a expandirem-se pelos quadrantes no ondear de sucessivas colinas, cobertas de fartas pastagens naturais recortadas pelas tiras de floresta à ourela de numerosos cursos de água perenes. São 150.000 km² de um compáscuo único, sem divisas, abarcando em parte os campos da Vacaria onde se sucedem os latifúndios

das vastas fazendas de gado, sem nenhum título de propriedade, além da posse nominal de seus arrojados povoadores. Nesta enorme superfície, além dos campos nativos, de criação, valorizados pelas salinas inexauríveis e gratuitas dos “barreiros”, que os tornam superiores aos do Uruguai e da Argentina, o Dr. Schnoor avaliou uma área de 6 milhões de hectares de terra roxa igual à do oeste paulista, de fertilidade consagrada. Atravessando-a a Noroeste desvendará à colonização estrangeira, numa área em que caberiam cinco Bélgicas, um dos mais opulentos recantos do Brasil.

Deixando-a, entra logo na bacia do Paraguai; deriva ao viés das encostas ocidentais da serra de Maracaiú; e prossegue até à vila de Aquidauana (km 1.066).

Está então à beira da imensa baixada dos “pantanais”. É, um ponto crítico de seu traçado.

Os “pantanais”, ou Xarayes, são uma das nossas mais curiosas anomalias fisiográficas. Contemplando-os, salteiamos a ideia de um mar evanescente, ou restos apanhados daquele Mediterrâneo mediodevênico que Fred. Katzer nos revelou, abrindo nos seus capítulos severos uma página de Milton. Os raciocínios do geólogo rematam em prodígio, e, abrindo-nos à fantasia um passado milenário, restauram-nos a imagem retrospectiva da imensa massa de águas, que se adunavam sobre Mato Grosso e Bolívia, estendendo-se para o Norte, ilhando o Brasil inteiro, das ribas de Goiás para o levante. E, com efeito, quando na estação chuvosa, de março a agosto, se alagam numa extensão de 500 km de norte a sul a 350 de este a oeste, aquelas solidões, que se marulham às ríspidas lufadas do sudoeste e só se navegam com auxílio da bússola e do sextante como o pleno oceano - é perfeita a revivescência de todas as linhas apagadas no quadro de uma

geografia morta... Mas outros naturalistas, esteando-se em outros argumentos, dão-lhes gênese diversa. Para Herbert Smith, o mediterrâneo paleozóico expandia-se a partir da foz atual do Prata, no máximo até ao centro do Paraguai, onde um estreito, de que é último vestígio o rio atual, o ligava, atravessando o oriente boliviano, aos mares amazônicos. Então os planaltos brasileiros estendiam-se sobre a área presente dos “pantanaís” até às serras de Dourados, Albuquerque e Coimbra; e todo aquele enorme volume de terras, de 400 km de comprimento, outros tantos de largo e quinhentos metros de altura, foi desbastado ulteriormente pelas águas. O rio Paraguai foi o principal agente desse desaterro, arrastando os enxurros de argilas e areias desagregadas para construir os territórios a jusante. “Assim, deste bloco roubado ao Brasil se formou grande parte das planícies do Grã-Chaco e Pampas Argentinos”; gerando-se os “pantanaís” não em terras cobertas outrora pelo antigo Mediterrâneo, mas no espaço vazio da zona onde o planalto se destorrou para aterrar aquele mesmo mar...

De lado, porém, a fascinante tese, notemos que os “pantanaís”, onde nas cheias se perdem ou se confundem as correntes do Jauru, Paraguai, Taquari, São Lourenço, Cuiabá, Aquidauana e Miranda, ao mesmo passo que contribuíram para o aplainamento do território platino, tão propício às suas estradas, foram sempre o pior obstáculo para as nossas, que no se projetarem para o Mato Grosso estavam adscritas, como o vimos, aos mais divergentes rumos, exageradamente, já para o norte, já para o sul, de modo a evitarem a grande depressão continental distendida, segundo a meridiana, do 16° ao 21 paralelo.

A *Estrada de Ferro Noroeste*, porém, e neste lance está a maior valia técnica de seu traçado, evitou-o em grande parte. De Aquidauana a Miranda (km 1.150) o seu *grade* assentará

em terrenos estáveis contorneando os contrafortes da serra de Maracaju; e da última cidade ao rio Paraguai - isto é, no trecho denunciado por todos os geógrafos como intransponível em uma longura de 160 km - o Dr. E. Schnoor, esclarecido por uma lúcida observação de F. Castelnau, logrou reduzir as dificuldades, verificando a existência do maciço calcáreo da serra de Bodoquena, que se orienta a partir de Miranda no sentido das sublevações da mesma estrutura de Corumbá e Albuquerque. De fato, ajustando-se às suas faldas, a linha terá um leito, longo, de 121 km, todo ele a cavaleiro das maiores inundações, restando-lhe apenas seis léguas de baixada periodicamente inundável para chegar à borda esquerda do Paraguai, na fazenda Esperança (km 1.314). Destarte se restringirá a 36 km de aterros, com a altura média de três metros, a seção mais trabalhosa da travessia para Mato Grosso. Segue-se-lhe a passagem do Paraguai exigindo uma ponte giratória e algumas centenas de metros correntes, de viadutos - para alcançar-se, afinal, a margem direita do grande rio e, transcorridos 92.500, a estação *terminus* de Corumbá (km 1 403,5).

Apreciadas estas distâncias, que a locação definitiva não alterará sensivelmente, resulta-nos o seguinte quadro:

| | |
|--|------------|
| De Corumbá ao rio Paraná..... | 953 Km |
| De Corumbá a Bauru (correspondentes a 57% sobre a reta)..... | 1.403,5 Km |
| De Corumbá a São Paulo | 1.845 Km |
| De Corumbá a Santos..... | 1.924 Km |
| De Corumbá ao Rio de Janeiro..... | 2.311 Km |

isto é, poderá realizar-se em dois dias e meio, com a velocidade de 40 km por hora, a viagem do Rio de Janeiro até Corumbá - que se efetua hoje num mês.

Ora, à parte as considerações econômicas e estratégicas para logo depreendidas do simples exame destes elementos, e sem deixarmos o objetivo destas notas, observemos desde já que aos 1.403 km da Noroeste se aditarão, gratuitos, ou sem nenhum dispêndio apreciável, mais de dois mil de navegação fluvial com a simples passagem dos trilhos sobre a vindoura e majestosa ponte do Urubupungá.

Com efeito (seguindo à letra os apontamentos do Dr. Schnoor), o salto que ali existe é a divisa natural de dois grandes trechos navegáveis do rio Paraná, de 100 km a montante dele e 500 a jusante até à cachoeira das Sete Quedas, que com os cursos praticáveis dos respectivos tributários ampliarão consideravelmente naquela zona a nossa imperfeita navegação interior.

Além disso, como observa o Dr. Hermilo Alves na sua notável monografia (*Problema da Viação Férrea Para Mato Grosso*), os terrenos compreendidos entre as duas quedas, Urubuputá no Paraná e Itapura no Tietê, distantes uma légua, são a base vindoura do *mais importante dos centros industriais da América do Sul*, dispondo da energia mecânica incalculável daquelas catadupas, que somando-se à derivada do salto de Avandava, e transformando-se em energia elétrica, não só satisfará a todos os misteres das indústrias como à tração das estradas de ferro que por ali passarem.

Assim se loca, idealmente, mas com previsão segura, naqueles lugares desfrequentados, onde mal se distinguem, hoje, afogadas em carrascal bravo, as ruínas de malograda colônia militar - uma cidade opulentíssima do futuro.

Sobretudo se advertirmos que ela será uma das mais concorridas escalas do maior tráfico interoceânico deste continente.

Porque o destino intercontinental da *Noroeste* é inevitável e extraordinário.

De fato, aos *ferrocarriles* bolivianos, que vimos, de relance, há pouco, projetando-se para o sul a entroncarem com os argentinos segundo os ramais de La Quiaca a Ledesma, de modo a submeter-se a Buenos Aires toda a exportação da Bolívia austral - contrapõe-se, de há muito, os que se projetam para o levante, visando unir Cochabamba e Santa Cruz de la Sierra à margem direita do Paraguai. Mesmo antes do Tratado de Petrópolis, a só história da sociedade belga “L’Africaine”, concessionária da construção “de um porto na Baía Negra e de um ferrocarril dali a Santa Cruz”, é muito eloquente no delatar o antigo propósito do Governo boliviano de impelir àquele rumo as transações de suas terras orientais. E é tão constante este empenho que, malgrado os estorvos oriundos das pretensões paraguaias, em um pleito de limites ainda não resolvido, e do fracasso da primitiva companhia - a estrada de Santa Cruz de la Sierra a Puerto Suarez (lagoa de Cáceres) autorizada pelo Congresso há dois anos e contratada pelo sindicato *Fomento del oriente boliviano*, chegou já a iniciar os seus trabalhos, transportando-se muitas toneladas de materiais pelo Prata; sendo de presumir que, passados os primeiros desfalecimentos, ela prossiga, sobretudo considerando-se, como o revelaram os estudos feitos, que no longo percurso não se lhe oporão insuperáveis obstáculos

“por ser terreno plano y sin mas inconveniente que el paso del Rio Grande,”

consoante a própria linguagem do Governo da República⁷⁴.

⁷⁴ *Memoria que presenta el Ministro del Fomento, etc. al Congreso Ordinario de 1913.* La Paz, 1903.

Tudo concorre, destarte, para um entrelaçamento; e se, a exemplo dos Argentinos e Chilenos, firmarmos com a Bolívia os convênios indispensáveis a regulamentá-lo, ter-se-á assegurado à Noroeste do Brasil uma missão internacional que os melhores elementos propiciam.

Realmente, articulando-se aos caminhos bolivianos que partam de Corumbá, ou de suas cercanias na faixa ribeirinha até a lagoa Gaíba, ela se destina a ligar a Bolívia e o Chile ao Atlântico, ao mesmo passo que seguindo por Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba, transpondo as cabeceiras navegáveis do Guaporé e Chimaré, prosseguindo para Oruro, ponto forçado da Pan American Railway, e para La Paz, de onde derivará pela estrada de Anca, o Brasil se aproximará consideravelmente do Pacífico.

A longa travessia especifica-se em dados rigorosos, conforme os estudos já feitos nos países percorridos:

Brasil

| | |
|----------------------|----------|
| Santos - Bauru..... | 521 Km |
| Bauru - Corumbá..... | 1.403 Km |
| TOTAL no Brasil..... | 1.924 Km |

Bolívia:

| | |
|--|----------|
| Corumbá - Santa Cruz de la Sierra (582 + 20%)..... | 698 Km |
| Santa Cruz de la Sierra - Cochabamba..... | 466 Km |
| Cochabamba - Oruro | 213 Km |
| Oruro - La Paz..... | 215 Km |
| La Paz - Fronteira do Chile..... | 236 Km |
| TOTAL na Bolívia..... | 1.828 Km |

Chile:

| | |
|----------------------------------|--------|
| Fronteira da Bolívia - Anca..... | 202 Km |
| TOTAL no Chile..... | 202 Km |

TOTAL de Santos a Anca.....3.954 Km

- realizando-se a viagem transcontinental de Santos a Anca em cinco dias e meio, com a reduzida velocidade de 30 km por hora.

Dados por igual seguros, traçariam os quadros das comunicações de Buenos Aires ao mesmo ponto segundo os dois rumos, de La Quiaca e Ledesma; e considerado apenas o último, mais digno de interesse por dirigir-se ao oriente boliviano, parcelam-se estas distâncias:

Argentina:

| | |
|-----------------------------|----------|
| Buenos Aires - Rosário..... | 304 Km |
| Rosário - Tucumán..... | 852 Km |
| Tucuman - Perico..... | 470 Km |
| Perico - Ledesma..... | 82 Km |
| Ledesma - Oran..... | 91 Km |
| Oran - Yucuiba..... | 196 Km |
| TOTAL na Argentina..... | 1.995 Km |

Bolívia:

| | |
|---|-----------|
| Yucuiba - Santa Cruz de la Sierra (500 + 40%)..... | 700 Km |
| Buenos Aires a Santa Cruz de la Sierra..... | 2.695 Km |
| Santa Cruz - Anca (calculada)..... | 1.332 Km |
| TOTAL | |
| Buenos Aires - Anca (Via Santa Cruz de la Sierra).... | 4 .027 Km |

Ora, dentre as numerosas deduções resultantes destes números, uma se destaca suprimindo pelas mais interessantes que se fizessem. O porto de Santos, mais próximo da Europa que o de Buenos Aires, de cerca de mil milhas náuticas, é o porto natural da Bolívia, no Atlântico; e terá, além disto, na luta que se travar entre os sistemas ferroviários argentino e brasileiro para a conquista dos mercados do oriente boliviano, as vantagens decorrentes de um traçado menor do que o dirigido à capital platina.

Revela-se, assim, de maneira gráfica, iniludível, a concorrência formidável desta estrada mato-grossense que vai aproximar-se do Pacífico, seguindo, paralelamente, o próprio deslocamento da civilização geral.

III.7 – A última entrevista⁷⁵

É ali, em Copacabana, ao rumor das ondas numa casa batida pelo vento do mar e de janelas abertas para o azul do oceano, que Euclides da Cunha vive a sua existência extraordinária, do mais completo e do mais artista historiador brasileiro.

Uma tarde, em que à Rua do Ouvidor, falávamos de livros e de arte, ele me bateu amigavelmente nos ombros:

- Vai um domingo lá em casa, que diabo! Conversamos, almoçamos e depois sairemos descalços, a passear na praia.

Desde as primeiras páginas de *Os Sertões* que eu comecei a ter pelo historiador de Canudos a mais cega e comovida admiração. Não era admiração apenas, era mais - adoração - adoração por aquele escritor, que, imprevisivelmente, surgia onipotente e supremo, para o espanto de uma língua e de uma raça, por aquele narrador de guerra que de tão alto se punha para historiar todos os problemas da luta, pelo artista ruidoso e formidável, que abria uns novos painéis de arte robusta e essencialmente nossa, pelo paisagista incomparável, evocador, como nenhum outro, gigantesco resplandecente, como ninguém.

Foi num domingo que lá estive. Era sol e era azul. A casa estava com as janelas abertas para o vento do mar, rumorejante da alegria das ondas, que, na areia se esfarelavam toda lavada do sol daquele domingo álcere.

⁷⁵ Concedida pelo autor, na sua residência de Copacabana, a Viriato Correia, e por este publicada na *Ilustração Brasileira*, 15 agosto de 1909, justamente na mesma data em que Euclides da Cunha fora assassinado. CUNHA, Euclides. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1966. v. 1. p.471-476.

Euclides é um simples como nunca vi assim. Quem o encontra na rua, magro, o rosto carregado, numa profunda concentração não acredita o que pode haver de alegre, carinhoso e desprendido naquela alma. Quem devora as páginas rutilantes de Os Sertões imagina que ali está um escritor de sossego e método e que a obra foi feita com o maior dos métodos e o mais regular dos sossegos.

Nada disso. Nem uma coisa nem outra. Euclides nunca “se assentou”. A sua vida tem sido uma vida errante, ora aqui, ora ali, numa comissão, noutra, as malas sempre prontas, os livros dentro das malas. Ora em Minas, em São Paulo, no Amazonas, no Acre, em Canudos; de lápis na mão, enchendo de algarismos os livrinhos de notas, como engenheiro.

Ao que ele conta, desde estudante que o seu sonho é pousar; ter uma vida pacata, a sua casa, tudo em ordem, os seus livros arrumadinhos, a hora certa de começar o trabalho, a hora certa de terminá-lo, e hora certa de dormir. E nunca teve. A sua existência tem sido revolta, sem assento em lugar nenhum, irregular, imprevista, incerta, nômade, uma hora aqui, outra onde o diabo perdeu as botas, sempre carregado de trabalho, trabalhando noites além, um dia no costado de um cavalo, percorrendo sertões, outro medindo terras, outro suando, entre o fragor dos martelos, numa ponte que ele constrói. Um horror!

- Continuo a ser o estudante que era. Tudo à revelia.

Ao entrar-se em casa de Euclides, a gente fica à vontade. Não parece que se está em frente de um dos máximos prosadores de uma língua, mas sim de um rapaz amigo, de um velho camarada com quem se viveu larga quadra, de um companheiro que nos fala de suas coisas como se fossem nossas, uma dessas criaturas que vão, logo à primeira vista, espavorindo a cerimônia, e a quem a gente se sente mal de dar até o tratamento de “senhor”.

E o que é curioso, o que mais ressalta e o que mais comove, é a profunda modéstia de Euclides. Isso dele ser o mais completo dos nossos historiadores, o artista extraordinário, o escritor surpreendente, o paisagista formidável, isso, somos nós aqui fora que o dizemos. Ele, ele é que não está convencido disso. A sua modéstia é orgânica. *Os Sertões* para ele nada tem de extraordinário. É um livro como outro qualquer.

Aquelas páginas assombrosas cheias daquele fragor e daquela comburência de frase, daqueles painéis faustosos, que nos fazem vibrar e arder de entusiasmo e de orgulho para ele são páginas rasteiras, cobertas de defeitos. De defeitos!

- De defeitos, sim! - confirma Euclides, muito espantado de ninguém ter dado por isso. - Aqui estão eles. Na nova edição de *Os Sertões* fiz seis mil emendas. Não se diga que sejam erros de revisão, são defeitos meus, só meus. E mostrou-nos o livro, onde em cada página aparecem pelo menos três remendos. Hei de consertar isto por toda a vida. Até já nem abro *Os Sertões* porque fico sempre atormentado, a encontrar imperfeições a cada passo.

É ao almoço, numa sala para o mar, enquanto o vento da praia agita os guardanapos, que Euclides me conta como escreveu *Os Sertões*.

Estava por esse tempo em São José do Rio Pardo, reconstruindo uma ponte. Era um trabalhar sem conta, noite e dia, ele ali a dirigir as obras, sempre à frente, no tumulto dos operários.

A ponte construída por outros engenheiros havia uma noite desabado desastrosamente e o governo de São Paulo convidara-o a reconstruí-la.

A obra era da mais alta responsabilidade, principalmente depois do desastre. Euclides, por amor-próprio, em respeito

à sua carta de engenheiro, estava sempre à tase de tudo. Morava numa casinha a dois passos das obras e passava os dias, em cálculos, a lutar com os XX da matemática. Foi aí que veio a ideia de escrever *Os Sertões*.

Um livro daquele peso toda gente tem a impressão de que o seu autor escreveu-o cercado de volumes para consultar. Não foi assim. Euclides não tinha um livro consigo, nem um volume de geologia. Nada.

Mas assim mesmo atirou-se. A todo o momento tinha que levantar-se, para vir ver a marcha do trabalho da ponte, que se ia erguendo, quando estava num trecho, desses com que os escritores se torturam e dão um pedaço de vida para acabá-lo, eis que um operário vinha chamá-lo para resolver uma dificuldade. Apesar disso *Os Sertões* iam caminhando. À tarde o juiz de direito, o presidente da Câmara Municipal, mais duas ou três pessoas de Rio Pardo, reuniam-se à casinha de Euclides, para ouvir o *folhetim*.

Ele lia então as tiras que havia escrito durante o dia. Dentre as pessoas que vinham ouvi-lo, havia um paulista conhecedor dos sertões; um desses talentos fulgurantes, estupendos que nunca são coisa alguma porque nunca entraram numa escola. Esse homem tinha cócegas de escritor. Tinha lá os seus versos, as suas tiras de papel cheias de rascunhos literários. Euclides da Cunha falou que ia descrever o estouro de boiada, dos quadros mais épicos e mais sinistros dos campos e matas brasileiros.

Nunca havia visto o estouro; sabia-o apenas por informação, por ouvir contar. O paulista vira diversos, estava “cansado de ver”, dizia ele.

- E se seu doutor quiser, seu doutor escreve, eu escrevo também e vamos ver quem é que faz mais perfeito.

Euclides teve, deveras, medo daquela proposta. Atirou-se à descrição, receoso de ser derrotado. No outro dia, à tarde, o matuto apresentou-se corajosamente, com as suas tiras de papel. O juiz de direito, o presidente da Câmara, as duas ou três pessoas do Rio Pardo esperavam o duelo.

- Leia!

- Leia o doutor primeiro!

Euclides leu. Leu aquela descrição incomparável, assombrosa, que nós todos conhecemos *n'Os Sertões*. E ao terminar voltou-se para o homem.

- Leia!

- Qual, nada seu doutor. Olhe ali.

No chão, as tiras do pobre homem estavam aos pedacinhos, esfrangalhadas.

- Eu vou então ler alguma coisa depois disso?! Não é possível, não é possível, que o senhor não tenha visto pelo menos cem “estouros de boiada”.

E no meio da barunhada infernal dos martelos, das travas de ferro, dos foles, *Os Sertões* caminhavam. Quando a ponte ficou concluída, o livro estava concluído também. Ninguém sabia nesse tempo que Euclides era escritor. Ele apenas se havia mostrado em *O Estado de São Paulo*, numas crônicas, ligeiras, com as iniciais. Tinha medo da publicidade. Mas resolveu a publicá-lo. O juiz de direito, o presidente da Câmara do Rio Pardo, o matuto do “estouro” haviam-lhe dito que o livro era bom. Foi a São Paulo e levou-o ao *Estado*, para publicá-lo em folhetins. O maço de tiras era enorme. Isso parece que espantou. Seis meses depois, ao voltar a São Paulo e ao subir à redação do *Estado*, lá encontrou, num canto, o seu embrulho de tiras, empoeirado. Pô-lo debaixo do

braço, e veio ao Rio de Janeiro. Não conhecia aqui nenhum escritor, a não ser Lúcio de Mendonça. Lúcio de Mendonça procurou-lhe editor. O escritor era desconhecido e o volume de tiras assustava. Os editores torciam o nariz.

O *Jornal do Commercio* não quis a obra para folhetins. Afinal, o velho Masson da casa Laemmert, depois de muito pensar e de muito vacilar, disse que ficava com o rodo de tiras. Entra o livro no prelo. Meses depois Euclides, que por essa feita estava em Lorena, ao chegar à Companhia Tipográfica, à Rua dos Inválidos, abrindo ao acaso um volume, lá encontrava um a com uma crase intrusa, adiante uma vírgula de mais, etc., etc. Ele estava nesse tempo atacado de uma neurastenia profunda. Aquela crase, aquela vírgula, aqueles outros erros, pareceram-lhe grandes blocos de pedra, que vinham atacar o seu nome. Que horror! E a ponta de canivete (parece mentira, mas verdade), em dois mil volumes, Euclides raspou oitenta erros. Foram cento e sessenta mil emendas! Levou dias e dias nessa trabalhadeira gigantesca. Os operários da tipografia estavam assombrados com aquilo. Ele passava os dias, as noites curvado sobre os volumes, a raspar com a pontinha do canivete. Só acabou na véspera da chegada do Barão do Rio Branco, em dezembro de 1902. O livro ia ser posto à venda no dia seguinte. Um estranho pavor se apoderou de Euclides. Tinha certeza de que a obra ia ser um desastre. E pediu ao editor que retardasse a venda para daí a três ou quatro dias. E tocou-se para Lorena.

O seu pavor tinha crescido estupendamente, tanto que, chegado a Lorena à meia-noite, às três da manhã estava de viagem. Para onde? Sabia lá! O que ele queria era fugir, esconder-se no fim do mundo, não ver mais ninguém, rasgar o livro, não ter notícias do *desastre*. E andou oito dias a cavalo pelo interior de São Paulo, sem destino. O que

lhe passava pelo espírito era curioso: via-se inteiramente achatado, a sua reputação de engenheiro por terra, o seu nome espatifado nas crônicas dos jornais.

- Para que me fui meter eu nisso, senhores!

Ao chegar aos pousos do sertão, onde os sertanejos vinham recebê-lo ao terreiro, para hospedá-lo, as reflexões que lhe acudiam eram interessantes.

- Ora veja, dizia, esses homens me tinham em tão boa conta!

Ao fim de oito dias sentiu saudade da família. Do livro não tinha a mais vaga notícia. Mas via-se servindo de troça nas rodas literárias da Rua do Ouvidor, o editor desesperado com a *bucha*, a mandá-lo para o inferno. Chegou a Taubaté, de volta, empoeirado, à tarde. Depois da chegada do trem do Rio, seguia um expresso para Lorena. Enquanto esperava o expresso, foi comer alguma coisa, no restaurante da estação. Chega o trem do Rio. Uma multidão de passageiros salta e corre para o restaurante. Entre eles um homem alto, barbado, de guarda-pó e um livro debaixo do braço. Euclides tem um sacolejão. Se não se enganava tinha visto *Os Sertões*, sob o braço do homem. Parece que foi alguma mola que o fez levantar-se. Chegou-se ao tipo, sacudido de emoção:

- O senhor pode deixar-me ver esse livro?

O senhor fitou-o, mediu-o e sério, desconfiado da má vontade, estendeu-lhe mudamente o livro, sem largá-lo. Era *Os Sertões*.

- Obrigado.

O seu desejo foi atirar-se ao sujeito e abraçá-lo. Mas voltou para a sua mesa e pôs-se a pensar e repensar. O livro estaria fazendo sucesso? Teria sido bem sucedido? Os jornais o que estariam dizendo. E a figura do passageiro de guarda-

pó surgia-lhe à imaginação. Aquele sujeito não tinha cara de gostar de ler. Se estava lendo seu livro é porque estava gostando. Quem sabia se aquilo não era apenas ostentação, vaidade de mostrar-se aos outros passageiros do trem como leitor de um livro grosso! Poderia ser! Mas como foi que ele comprou o livro? O volume custava dez mil-réis. Só se dão dez mil-réis por um livro, quando se sabe, ou se ouve dizer, que esse livro é bom. Se aquele homem comprou, é porque ouviu dizer, ou por um amigo ou pelos jornais. Mas podia ser que aquilo fosse um presente. Podia. E o sujeito estaria gostando? Se ele não estivesse, ao saltar do trem para tomar um refresco na estação, deixaria o volume no seu banco. Se o trouxe debaixo do braço era porque o livro lhe era precioso. Mas também podia ser que fizesse aquilo para que não lho roubassem. Mas um livro ninguém se importa que carreguem com ele.

E nesse torturar de espírito, Euclides chegou a Lorena. Esperavam-lhe jornais e cartas. Cartas do editor. Do editor havia duas. Abriu uma por acaso, por felicidade era a segunda! Nessa carta, o editor dizia que estava assombrado com a venda do livro e que em oito dias estava quase esgotado um milheiro; contava-lhe do sucesso, das críticas dos jornais, do barulho que a obra estava fazendo. A outra carta, a primeira, era esmagadora. O editor confessava-se-lhe redondamente arrependido de tê-lo editado, dizia que não havia vendido um único volume e mais: que, sendo cada volume pelo preço de dez mil-réis, mandara oferecer aos “sebos” da Rua de São José por cinco e nem um só aceitara.

- Se eu tivesse lido essa carta em primeiro lugar, parece que morreria, conclui Euclides, sorrindo.

É essa a história da obra máxima da nossa literatura. A profunda modéstia de Euclides é orgânica. Com a publicação

de Os Sertões, quem mais se espantou foi ele. Nós nos espantamos de ver que a nossa raça já tinha um escritor, que atingira ao mais alto grau da perfeição. Ele se espantou ao saber que esse escritor era ele.

V.C.

Bibliografia

ABDAIL JUNIOR, Benjamin e Alexandre, Isabel M. M. (orgs.). Canudos: palavra de Deus, sonho da terra. São Paulo: Senac, Bomtempo, 1997.

ABREU, Modesto de. Estilo e personalidade de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

BELLO, José Maria. Euclides da Cunha. In: Inteligência do Brasil. São Paulo: Nacional, 1935.

BIBLIOTECA NACIONAL. Exposição comemorativa do centenário de nascimento de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1966.

BIBLIOTECA NACIONAL. Euclides da Cunha uma poética do espaço brasileiro. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional 2009 (catálogo da Exposição, 2009).

BRANDÃO, Roberto de O. O mito épico na ficção brasileira. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP-IEB, n. 34, p. 139-48, 1992

CUNHA, Euclides da. Canudos e Inéditos. Introdução Geral, seleção cronológica e apresentações finais de Olímpio de Souza Andrade. Estabelecimento do texto a cargo de Dermal de Camargo Monfrê. São Paulo: Melhoramentos, 1967. (Série Panorama da Literatura Brasileira).

CUNHA, Euclides da. Obras completas. Org. por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. 2 v.

CUNHA, Euclides da. Caderneta de Campo. Introdução, notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975.

CUNHA, Euclides da. Canudos (Diário de Uma Expedição). Introdução de Gilberto Freire. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1939. il. (Coleção Documentos Brasileiros, 16).

CUNHA, Euclides da. Castro Alves e Seu Tempo. Discurso proferido no Centro Acadêmico Onze de Agosto, de São Paulo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

CUNHA, Euclides da. Contrastes e Confrontos. Prefácio de José Pereira de Sampaio. Porto: Empresa Literária e Tipográfica, 1907.

CUNHA, Euclides da. O Rio Purus. Prefácio de Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960. il. (Coleção Pedro Teixeira, 3).

CUNHA, Euclides da. Peru Versus Bolívia. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Commercio, 1907.

CUNHA, Euclides da. Um Paraíso Perdido. Reunião de ensaios amazônicos, com seleção e coordenação de Hildon Rocha; introdução de Arthur Cezar Ferreira Reis. Petrópolis: Vozes, 1976. (Coleção Dimensões do Brasil, 1).

CUNHA, Euclides da. Os sertões. Campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902. 1ªed.

_____ Os sertões. Campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert, 1903. 2ª ed. corrig.

_____ Os sertões. Campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905. 3a ed. corrig

CUNHA, Euclides da. À Margem da História. Porto: Livr. Chardon de Lello & Irmão, 1909. Edição póstuma.

CUNHA, Euclides da. Contrastes e confrontos. Porto: Empresa Literária e Tipográfica Editora, 1907. Pref. de José Pereira de Sampaio (Bruno).

_____ Contrastes e confrontos. Porto: Chardon, 1923.

_____ Contrastes e confrontos. São Paulo, Brasília: Cultrix, 1975.

FREYRE, Gilberto. Perfil de Euclides e outros perfis. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1944. (Col. Documentos Brasileiros, vol.41).

LIMA, Oliveira. Peru versus Bolívia (estudo introdutório). In: CUNHA, Euclides da. Peru versus Bolívia. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939. 2 mapas. pp. vii-32. (Documentos Brasileiros, 17).

NOVAES, Adauto (org.). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

SCHÜLER, Donaldo. Os sertões – uma visão antitética da realidade. In: César, Guilhermino et al. Euclides da Cunha. Porto Alegre: Univ. Federal do Rio Grande do Sul, s.d.

SENA, Consuelo Pondé. Caminhos, vilas e cidades nos sertões de Euclides da Cunha. In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador: IGHB, 1972-5.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOUSA, José Galante de. Algumas fontes para o estudo de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: INL, 1959.

TOCANTINS, Leandro. Euclides da Cunha e o paraíso perdido. Rio de Janeiro: Record, 1968.

TRAVASSOS, Renato. Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Waissman Reis, 1931.

VELLOSO, Leão. Euclides da Cunha na Amazônia. Ensaio. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.

VENTURA, Roberto. A nossa Vendeia: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a constituição de identidade nacional-cultural no Brasil. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP-IEB. N.º.31 P:129-146

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha. Organizado por Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

VENTURA, Roberto. Cabeças cortadas em Canudos. In: Ciência Hoje. Rio de Janeiro: v. 8 (59): nov. 1989.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. In: Revista Canudos. Salvador: UNEB / CEEC, v. 1, 1: jul./dez. 1996.